JAVIER SIERRA

BEST SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

A CEIA SECRETA

Mais de 3 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo



Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A CEIA SECRETA

JAVIER SIERRA

A CEIA SECRETA

Tradução:
Sandra Martha Dolinsky

Planeta

Copyright: © Picatrix, S. L. 2013
Todos os direitos reservados
Título original: La Cena Secreta
Preparação do texto: Olga Sérvulo
Revisão: Maria Aiko Nishijima
Diagramação: S4 Editorial
Adaptação da capa do projeto original: SGuerra Design
Ilustração de capa: © 2011, Photo Scala, Florencia
Conversão eBook: Hondana

CIP BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S574c

Sierra, Javier
A ceia secreta/Javier Sierra; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2014.
il.

Tradução de: La cena secreta
ISBN 978-85-422-0327-1

1. Ficção espanhola. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

14-11535 CDD: 863
CDU: 821.134.2-3

2014
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 | 3º andar | cj. 32 B
Edifício New York | 05001 -100 | São Paulo -SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A Eva, que iluminou o caminho deste navegante,
oferecendo-lhe sempre seu santuário

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
POST SCRIPTUM: NOTA FINAL DO PADRE LEYRE
AGRADECIMENTOS
QUEM É QUEM EM A CEIA SECRETA

NINGUÉM PERCEBEU.

Nenhum dos vendedores, cambistas ou frades que deambulavam naquele fim de tarde pelos arredores da San Francesco, o Grande, reparou no sujeito sem graça e mal vestido que entrou apressado na igreja dos franciscanos. Era véspera de feriado, dia de compras, e os milaneses já tinham bastante trabalho para se abastecer de alimentos e utensílios para os dias de luto oficial que se avizinhavam. Em tais circunstâncias, era lógico que um vagabundo a mais ou a menos não atraísse sua atenção.

Mas aqueles ignorantes, contudo, enganaram-se mais uma vez. O mendigo que havia entrado na igreja de San Francesco não era um qualquer.

Sem tomar fôlego, o homem de roupa puída deixou para trás a dupla fila de bancos de madeira que flanqueava a nave principal e apertou o passo rumo ao altar-mor. Na igreja, não se via uma viva alma. Tanto melhor. Finalmente, ia conseguir ver uma pintura, *A virgem dos rochedos*, da qual poucos em Milão conheciam o verdadeiro nome: *La Maestà*.

Aproximou-se com cautela. Seu coração se acelerou. Ali, na solidão absoluta do templo, o peregrino estendeu a mão com certo medo, como se pretendesse se unir para sempre àquela cena divina. Mas, ao olhar de novo o insigne óleo, algo chamou sua atenção. Que estranho… Imediatamente, uma vertiginosa sensação de horror cresceu dentro dele. Alguém havia alterado *La Maestà*!

— Está duvidando, não é verdade?

O vagabundo não mexeu nem um só músculo. Ficou gelado ao escutar uma voz cavernosa e seca atrás de si. Não havia ouvido os rangidos das dobradiças da porta da igreja, de modo que o intruso devia estar havia um bom tempo observando-o.

— Eu sei que você é como os outros — murmurou a voz. — Por alguma razão obscura, vocês, os hereges, vêm às manadas à casa de

Deus. Vêm atraídos por sua luz, mas são incapazes de reconhecê-la.

Seu pulso estava acelerado. O falso mendigo sabia que havia chegado sua hora. Estava aturdido, furioso. Sentia-se frustrado por ter arriscado sua vida para se prostrar diante de uma fraude. O quadro que estava diante de seus olhos não era a *Opus Magnum*.

— Não pode ser… — murmurou.

O desconhecido riu.

— É muito fácil de entender. Eu lhes concederei a graça do conhecimento antes de enviá-los ao inferno. Não se dá conta de que Leonardo os traiu?

Traidor?

Era possível que o mestre Leonardo houvesse dado as costas a seus irmãos?

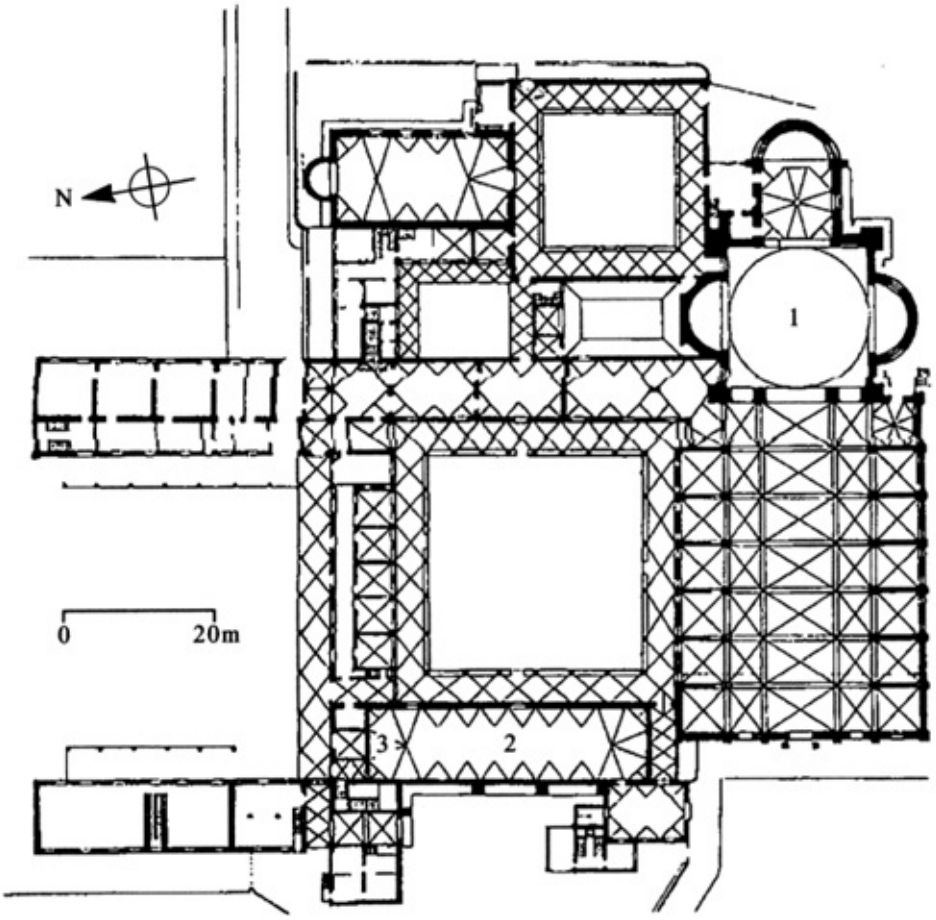
O peregrino notou que alguma coisa estava errada. Um assobio metálico, como o que faria uma espada ao sair de sua bainha, soou atrás de si.

— Também vai dar cabo de mim?

— O Áugure acabará com os imprudentes.

— O Áugure?

1. Tribuna
2. Refeitório
3. *A última ceia*, Leonardo da Vinci



Planta do convento e da igreja de Santa Maria delle Grazie atualmente. Milão.

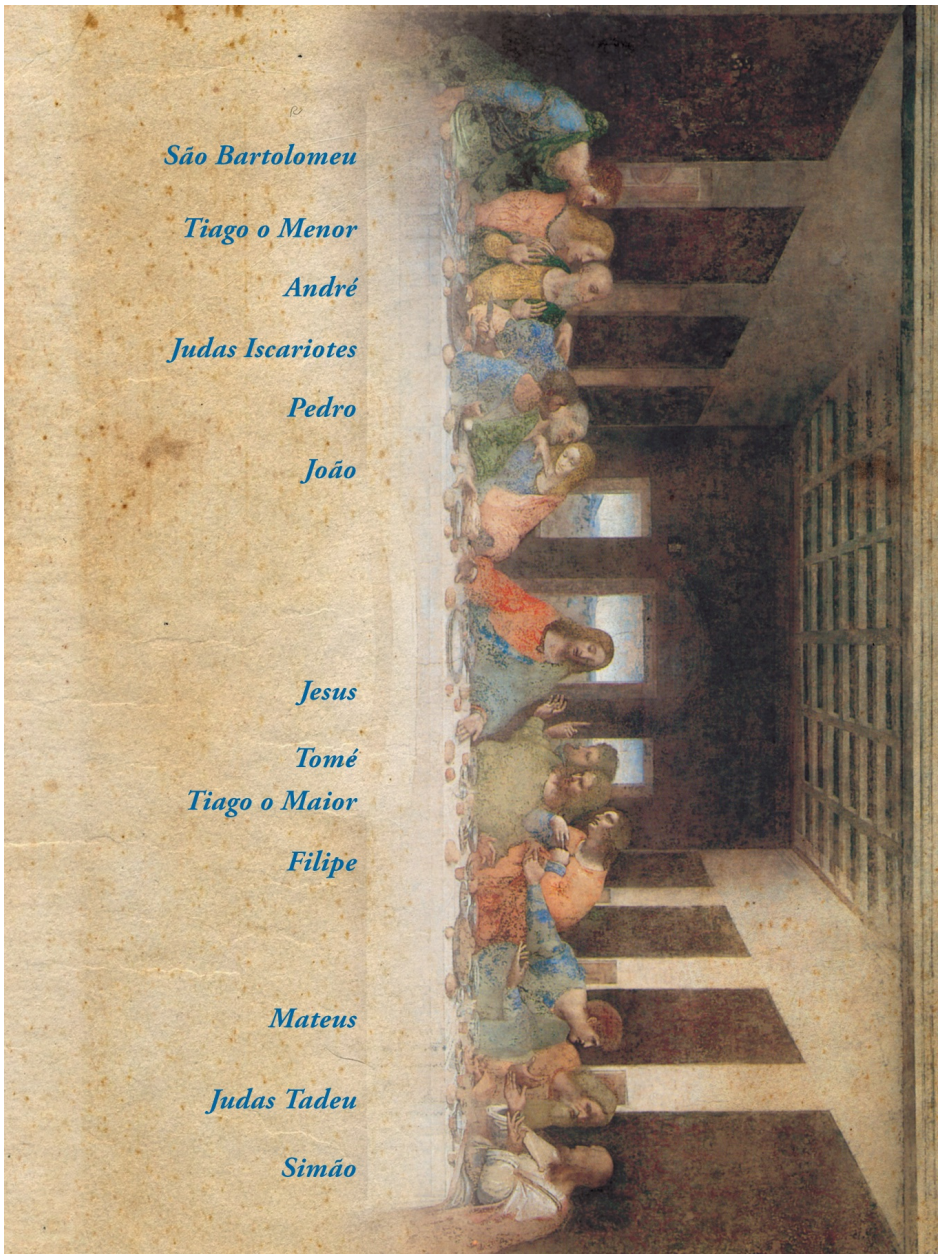
As biografias dos personagens deste romance podem ser consultadas na página 315 e seguintes.

EXORDIUM

Na Idade Média e no Renascimento, a Europa ainda conservava intacta sua capacidade de entender símbolos e ícones ancestrais. Sua gente sabia quando e como interpretar um capitel, um traço em um quadro ou um sinal no caminho, embora apenas uma minoria tivesse aprendido a ler e a escrever.

Com a chegada do racionalismo, aquela capacidade de interpretação se perdeu e com ela boa parte da riqueza que nos foi legada por nossos antepassados.

Este livro reúne muitos desses símbolos tal como foram concebidos. Também tenta nos devolver a capacidade de compreendê-los e de nos beneficiarmos de seu infinito saber.


São Bartolomeu
Tiago o Menor
André
Judas Iscariotes
Pedro
João
Jesus
Tomé
Tiago o Maior
Filipe
Mateus
Judas Tadeu
Simão

Mirabilis
Venustus
Temperator
Nefandus
Exosus
Mysticus
α
Litator
Oboediens
Sapiens
Navus
Occultator
Confector

1

NÃO ME LEMBRO DE ENIGMA MAIS ARREVESADO E PERIGOSO DO QUE AQUELE que me coube resolver naquele Ano-Novo de 1497, enquanto os Estados Pontifícios observavam como o ducado de Ludovico Sforza, o Mouro, estremecia de dor.

O mundo era então um lugar hostil, variável, um inferno de areias movediças no qual quinze séculos de cultura e fé ameaçavam desmoronar sob a avalanche de novas ideias importadas do Oriente. Da noite para o dia, a Grécia de Platão, o Egito de Cleópatra ou as extravagâncias da China explorada por Marco Polo mereciam mais aplausos que nossa própria história bíblica.

Aqueles foram dias turbulentos para a cristandade. Tínhamos um papa simoníaco — um diabo espanhol coroado sob o nome de Alexandre VI, que havia comprado com descaro sua tiara no último conclave —, uns príncipes subjugados pela beleza do pagão e uma maré de turcos armados até os dentes à espera de uma boa oportunidade para invadir o Mediterrâneo ocidental e converter todos nós ao islamismo. Poder-se-ia dizer que jamais nossa fé estivera tão indefesa em seus quase 1.500 anos de história.

E ali estava este servo de Deus que vos escreve. Assimilando um século de mudanças, uma época na qual o mundo estendia diariamente suas fronteiras e exigia de nós um esforço de adaptação sem precedentes. Era como se, a cada dia que passava, a Terra se tornasse cada vez maior, forçando-nos a uma atualização permanente de nossos conhecimentos geográficos. Nós, clérigos, já intuíamos que não íamos dar conta de pregar para um mundo povoado por milhões de almas que jamais haviam ouvido falar de Cristo, e os mais céticos vaticinavam um período de caos iminente, que seria trazido à Europa pela chegada de uma nova horda de pagãos.

Apesar de tudo, foram anos excitantes. Anos que contemplo com certa saudade na velhice, neste exílio que devora pouco a pouco minha

saúde e minhas lembranças. Minhas mãos já quase não me respondem, minha vista fraqueja, o sol cegante do sul do Egito turva minha mente e só nas horas que precedem o alvorecer sou capaz de ordenar meus pensamentos e refletir sobre o tipo de destino que me trouxe até aqui. Um destino que nem Platão, nem Alexandre VI, nem os pagãos desconhecem.

Mas, não vou antecipar os acontecimentos.

Basta dizer que agora, por fim, estou sozinho. Dos secretários que um dia tive não resta mais nenhum, e hoje só Abdul, um jovem que não fala meu idioma e que me julga um santarrão excêntrico que veio morrer em sua terra, atende a minhas necessidades mais elementares. Vivo isolado neste antigo túmulo escavado na rocha, cercado de pó e areia, ameaçado pelos escorpiões e quase inválido das duas pernas. Todos os dias o fiel Abdul traz até este cubículo um pão ázimo e o que sobra em sua casa. Ele é como o corvo que durante sessenta anos levou em seu bico meia onça de pão para Paulo, o Eremita, que morreu com mais de 100 anos nestas mesmas terras. Abdul, diferente daquele pássaro de bom augúrio, sorri quando me entrega a comida, sem saber muito bem que mais fazer. É suficiente. Para alguém que pecou tanto como eu, toda contemplação se transforma em um prêmio inesperado do Criador.

Mas, além da solidão, também o dó acabou corroendo minha alma. Lamento que Abdul nunca venha a saber o que me trouxe à sua aldeia. Eu não saberia lhe explicar por sinais. Também ele jamais poderá ler estas linhas, e, ainda no remoto caso de que as encontre após minha morte e as venda para algum cameleiro, duvido que sirvam para algo mais que atiçar uma fogueira nas frias noites do deserto. Ninguém aqui entende latim nem língua românica alguma. E cada vez que Abdul me encontra diante destas páginas dá de ombros, atônito, sabendo que está perdendo algo importante.

Essa ideia me tortura dia a dia. A certeza íntima de que nenhum cristão jamais chegará a ler estas páginas ataranta minha lucidez e enche meus olhos de lágrimas. Quando acabar de redigi-las, pedirei que as enterrem junto com meus despojos, esperando que o anjo da morte se lembre de recolhê-las e levá-las perante o Pai Eterno quando se celebrar o julgamento de minha alma. Triste é a história: os maiores segredos são os que nunca vêm à luz. Conseguirá o meu? Duvido.

Aqui, nas grutas que chamam de Yabal al-Tarif, a poucos passos

deste grande Nilo que abençoa com suas águas um deserto inóspito e vazio, só rogo a Deus que me dê tempo suficiente para justificar por escrito meus atos. Estou tão longe dos privilégios que um dia tive em Roma que, mesmo que o novo papa me perdoasse, sei que já não seria capaz de voltar ao rebanho de Deus. Eu não suportaria deixar de escutar os distantes lamentos dos muezins em seus minaretes, e a saudade desta terra que me acolheu com tanta generosidade torturaria meus últimos dias.

Meu consolo é ordenar aqueles acontecimentos tal como ocorreram. Alguns eu vivi em minha carne. De outros, porém, tive notícia muito tempo depois de ocorridos. Contudo, colocados um após o outro, vos darão, hipotético leitor, uma ideia da magnitude do enigma que alterou minha existência.

Não. Não posso mais dar as costas ao destino. E, agora que refleti sobre tudo o que meus olhos viram, vejo-me na obrigação de contar… ainda que não sirva a ninguém.

2

ESTE ENIGMA COMEÇA NA NOITE DE 2 DE JANEIRO DE 1497, LONGE, MUITO longe do Egito. Aquele inverno de quatro décadas atrás foi o mais frio de que se tem notícia. Havia nevado copiosamente e toda a Lombardia estava coberta por um grosso manto branco. Os conventos de Santo Ambrósio, São Lorenzo e Santo Eustórgio e, inclusive, os pináculos da catedral haviam desaparecido sob a névoa. As carroças de lenha eram a única coisa que se movia nas ruas, e metade de Milão cochilava envolvida em um silêncio que parecia estar instalado ali havia séculos.

Foi por volta das 11 da noite do segundo dia do ano. Um grito lancinante de mulher quebrou a gelada paz do castelo dos Sforza. Ao grito logo se seguiu um soluço, e a estes o agudo pranto das carpideiras do palácio. O último estertor da sereníssima Beatrice d'Este, uma jovem na flor da vida, a bela esposa do duque de Milão, havia destruído para sempre os sonhos de glória do reino. Santo Deus! A duquesa morreu de olhos arregalados. Furiosa. Amaldiçoando Cristo e todos os santos por levá-la tão cedo para junto d'Ele e agarrando com força o hábito de seu horrorizado confessor.

Sim. Definitivamente, foi aí que tudo começou.

Eu tinha 45 anos quando li pela primeira vez o informe do ocorrido naquele dia. Era um relato impressionante. Betânia, como era de hábito, o havia solicitado, por conduto *secretissimus,* ao capelão da corte do Mouro, e este, sem perder um só dia, enviara-o a Roma a toda velocidade. Os ouvidos e os olhos dos Estados Pontifícios funcionavam assim. Eram rápidos e eficazes como os de nenhum outro país. E, muito antes que o anúncio oficial da morte da princesa chegasse ao gabinete diplomático do Santo Padre, nossos irmãos já tinham todos os detalhes em seu poder.

Naquela época, minha responsabilidade dentro da complexa estrutura de Betânia era de *ad latere* [assistente] do prior geral da Ordem de São Domingos. Nossa organização sobrevivia dentro das estreitas

margens da confidencialidade. Em um tempo marcado por intrigas palacianas, envenenamentos e traições de família, a Igreja precisava de um serviço de informação que lhe permitisse saber onde podia pôr os pés. Éramos uma ordem secreta, fiel só ao papa e à cabeça visível dos dominicanos. Por isso, externamente, quase ninguém ouvira falar de nós. Escondíamo-nos atrás do amplo manto da Secretaria de Códigos dos Estados Pontifícios, um organismo neutro, marginal, de pouca presença pública e com competências muito limitadas. Contudo, das portas para dentro, funcionávamos como uma *congregatio* de informações. Uma espécie de comissão permanente para a análise de assuntos de governo que pudessem permitir ao Santo Padre se antecipar aos movimentos de seus muitos inimigos. Qualquer notícia, por menor que fosse, que pudesse afetar o *status quo* da Igreja passava imediatamente por nossas mãos, era avaliada e transmitida à autoridade pertinente. Essa era nossa única missão.

Nesse âmbito, tive acesso ao informe da morte de nossa adversária, *donna* Beatrice d'Este. Ainda posso ver o rosto dos irmãos celebrando a notícia. Ignorantes. Pensavam que a natureza havia nos poupado o trabalho de ter de matá-la. A mente deles era simples assim. Funcionava a golpe de cadafalso, de condenação do Santo Ofício ou de verdugo mercenário. Mas esse não era o meu caso. Diferente deles, eu não tinha tanta certeza de que a partida da duquesa de Milão significasse o final da longa cadeia de irregularidades, conspirações e ameaças contra a fé que pareciam se esconder na corte do Mouro e que havia meses alertavam nossa rede de informação.

De fato, bastava citar seu nome em alguma das assembleias gerais de Betânia para que os rumores dominassem o resto da reunião. Todos a conheciam. Todos sabiam de suas atividades pouco cristãs, mas ninguém jamais se atrevera a denunciá-la. Era tal o temor que *donna* Beatrice inspirava em Roma que nem sequer o informe que recebemos do capelão do duque, que era também fiel prior de nosso novo convento de Santa Maria delle Grazie, se pronunciava a respeito de suas andanças pouco ortodoxas. Coube a frei Vicenzo Bandello, reputado teólogo e sábio condutor dos dominicanos milaneses, descrever o sucedido, mantendo-se afastado de questões políticas que o pudessem comprometer.

Ninguém em Roma recriminou sua prudência.

Segundo o informe assinado pelo prior Bandello, tudo esteve em

ordem até as vésperas da tragédia. Até então, a jovem Beatrice tinha tudo: um marido poderoso, uma vitalidade exuberante e um bebê a caminho que logo perpetuaria o nobre sobrenome do pai. Ébria de felicidade, havia passado sua última tarde circulando de salão em salão, brincando com sua dama de companhia favorita no palácio Rochetta. A duquesa vivia alheia às preocupações comuns a qualquer mãe de seus territórios. Nem sequer amamentaria o bebê para não estragar seus seios pequenos e delicados; uma ama selecionada com cuidado se encarregaria de tutelar o crescimento da criança, de ensiná-la a caminhar, a comer, e madrugaria para acordá-la e limpá-la com água e panos quentes. Ambos — bebê e preceptora — viveriam em Rochetta, em um aposento que Beatrice havia decorado com interesse. Para ela, a maternidade era um jogo salutar e inesperado, isento de responsabilidades e incertezas.

Mas foi justamente ali, no pequeno paraíso que havia imaginado para seu rebento, que lhe sobreveio a desgraça. Segundo frei Vicenzo, antes do anoitecer de São Basílio, *donna* Beatrice caiu desmaiada sobre um dos leitos do aposento. Ao voltar a si, sentiu-se mal. Sua cabeça girava e ao mesmo tempo seu estômago lutava para se esvaziar entre engulhos longos e estéreis. Sem saber que tipo de mal a acometia, ao vômito logo se seguiram fortes contrações no baixo-ventre que anunciavam o pior. O filho do Mouro havia decidido antecipar sua chegada ao mundo sem que ninguém houvesse previsto essa contingência. Pela primeira vez, Beatrice se assustou.

Naquele dia, os médicos demoraram além da conta para chegar ao palácio. Foi necessário ir buscar a parteira extramuros da cidade, e quando a equipe necessária para auxiliar a princesa, finalmente, se reuniu a seu lado, já era tarde demais. O cordão umbilical que alimentava o futuro Leon Maria Sforza havia se enroscado em volta do frágil pescoço do bebê. Pouco a pouco, com a precisão de uma corda, foi apertando sua pequena garganta até asfixiá-lo. Beatrice logo notou que alguma coisa estava errada. Seu filho, que um segundo antes lutava com força para sair de suas entranhas, paralisou-se. Primeiro se agitou com violência e, a seguir, como se o esforço o houvesse murchado, languesceu até expirar. Percebendo isso, os médicos abriram de lado a lado a mãe, que se retorcia de dor e desespero, apertando um pano banhado em vinagre entre os dentes. Foi inútil. Desesperados, só encontraram um bebê azulado e morto, com seus olhinhos claros já

vidrados, enforcado no útero materno.

E foi assim que, arrasada de dor, sem tempo para aceitar o duro revés que a vida acabava de lhe dar, a própria Beatrice decidiu se extinguir horas mais tarde.

Em seu informe, o prior Bandello dizia que chegou a tempo de vê-la agonizar. Ensanguentada, com as entranhas expostas e banhada em uma pestilência insuportável, delirava de dor, pedindo aos gritos para se confessar e comungar. Mas, felizmente para nosso irmão, Beatrice d'Este morreu antes de receber qualquer sacramento.

E digo bem: felizmente.

A duquesa tinha apenas 22 anos quando deixou nosso mundo. Betânia sabia que ela havia levado uma vida pecaminosa. Desde os tempos de Inocêncio VIII, eu mesmo havia tido oportunidade de estudar e arquivar muitos documentos a esse respeito. Os mil olhos da Secretaria de Códigos dos Estados Pontifícios conheciam bem o tipo de pessoa que havia sido a filha do duque de Ferrara. Ali dentro, em nosso quartel-general do monte Aventino, podíamos nos orgulhar de que nenhum documento importante gerado nas cortes europeias escapava à nossa instituição. Na Casa da Verdade, dezenas de leitores examinavam diariamente textos em todos os idiomas, alguns codificados com as artimanhas mais impensáveis. Nós os decifrávamos, classificávamos por prioridades e os arquivávamos. Mas não todos. Os referentes a Beatrice d'Este havia tempo que ocupavam um lugar prioritário em nosso trabalho e eram armazenados em uma sala à qual poucos tinham acesso. Tão inequívocos documentos mostravam uma Beatrice possuída pelo demônio do ocultismo. E, o que era ainda pior, muitos aludiam a ela como a principal impulsora das artes da magia na corte do Mouro. Em uma terra tradicionalmente permeável às heresias mais sinistras, aquele dado deveria ter sido levado muito em conta. Mas ninguém o fez a tempo.

Os dominicanos de Milão — entre eles o padre Bandello — tiveram várias vezes a seu alcance provas de que tanto *donna* Beatrice quanto sua irmã Isabela, em Mântua, colecionavam amuletos e ídolos pagãos, e que ambas professavam veneração desmedida aos vaticínios de astrólogos e charlatães de toda espécie. E nunca fizeram nada. As influências recebidas por Beatrice foram tão nefastas que a pobre passou seus últimos dias convencida de que nossa Santa Madre Igreja se extinguiria

muito brevemente. Frequentemente, dizia que a cúria seria arrastada até o Juízo Final e que ali, entre arcanjos, santos e homens puros, o Pai Eterno condenaria todos nós sem piedade.

Ninguém em Roma conhecia melhor que eu as atividades da duquesa de Milão. Lendo os informes que chegavam sobre ela, aprendi quão sibilinas podem ser as mulheres, e descobri quanto *donna* Beatrice havia mudado os hábitos e objetivos de seu poderoso marido em apenas quatro anos de casamento. Sua personalidade chegou a me fascinar. Crédula, entregue a leituras profanas e seduzida por todas as ideias exóticas que circulavam por seu feudo, sua maior obsessão era transformar Milão na herdeira do antigo esplendor dos Medicis de Florença.

Acho que foi isso que me alertou. Embora a Igreja houvesse conseguido minar aos poucos os pilares de tão poderosa família florentina, debilitando o apoio que dera a pensadores e a artistas amigos do heterodoxo, o Vaticano não estava preparado para enfrentar um renascimento daquelas ideias na grande Milão do norte. As cidades com a marca dos Medicis, a recordação da academia fundada por Cosme, o Velho, para resgatar a sabedoria dos antigos gregos, ou sua proteção desmedida a arquitetos, pintores e escultores fecundaram tanto a fértil imaginação da princesa Beatrice quanto a minha. Mas ela as tomou como guias de sua fé e contagiou o duque com o veneno de seu fascínio.

Desde que Alexandre vi chegara ao trono de Pedro, em 1492, passei a enviar mensagens a meus superiores hierárquicos para preveni-los sobre o que ali poderia ocorrer. Ninguém me deu ouvidos. Milão, tão próxima à fronteira com a França e com uma tradição política tão rebelde em relação a Roma, era a candidata perfeita para abrigar uma cisão importante no seio da Igreja. Betânia também não acreditou em mim. E o papa, manso com os hereges — apenas um ano depois de ter assumido a tiara já havia pedido perdão pelo acossamento a cabalistas como Pico della Mirandola —, ignorou todas as minhas advertências.

— Esse frei Agustín Leyre — costumavam dizer de mim os irmãos da Secretaria de Códigos — dá muita atenção às mensagens do Áugure. Vai acabar tão maluco quanto ele.

3

O Áugure.

Essa é a peça que falta para montar este quebra-cabeça.

Sua presença merece uma explicação. É que, além de meus avisos ao santo padre e às mais altas instâncias da ordem dominicana sobre o rumo errático que tomava o ducado de Milão, existia outra fonte de informação que abundava em meus temores. Era uma testemunha anônima, bem documentada, que toda semana remetia a nossa Casa da Verdade cartas detalhadíssimas, denunciando a deflagração de uma gigantesca operação de magia nas terras do Mouro.

Suas missivas começaram a chegar no outono de 1496, quatro meses antes da morte de *donna* Beatrice. Eram enviadas à sede da ordem em Roma, no convento de Santa Maria sopra Minerva, onde eram lidas e guardadas como se fossem a obra de um pobre diabo obcecado com os pretensos desvios doutrinais da casa Sforza. E não os culpo. Vivíamos tempos loucos, e as cartas de um visionário não eram muito favoráveis a nossos padres superiores.

Ou a quase todos.

Foi o arquivista de Minerva que me falou dos escritos desse novo profeta na assembleia geral de Betânia.

— Deveria lê-las — disse. — Assim que as vi pensei em você.

— Verdade?

Lembro-me dos olhos de coruja do arquivista, pestanejando de emoção.

— É curioso: foram escritas por alguém com os mesmos temores que você, padre Leyre. Um profeta apocalíptico, culto, muito versado em gramática, como a cristandade não via desde os tempos de frei Tanchelmo de Antuérpia.

— Frei Tanchelmo?

— Oh… Um velho maluco do século XII, que denunciou a Igreja por ter se transformado em um bordel e acusava os sacerdotes de viver em

concubinato permanente. Nosso Áugure não chega a tanto, mas, pelo tom de suas cartas, não creio que tarde muito a chegar.

O arquivista, encurvado e resmungão, acrescentou algo mais:

— Sabe o que o faz diferente de outros loucos?

Balancei a cabeça negativamente.

— Que parece mais bem informado que qualquer um de nós. Esse Áugure é maníaco por precisão. Sabe de tudo!

Aquele frade tinha razão. Suas folhas de papel amarelado e fino, escritas com uma caligrafia impecável e amontoadas em uma caixa de madeira com o carimbo de "reservado", referiam-se com obsessiva insistência a um plano secreto para transformar Milão em uma nova Atenas. Algo assim era o que eu suspeitava já fazia tempo. O Mouro, como os Medicis antes dele, estava entre esses dirigentes supersticiosos que acreditavam que os antigos possuíam conhecimentos do mundo muito mais avançados que os nossos. Era uma velha ideia, essa. Segundo ela, antes de Deus castigar o mundo com o dilúvio, a humanidade havia desfrutado de uma Idade do Ouro próspera, que primeiro os florentinos e agora o duque de Milão queriam reinstaurar a todo custo. E, para isso, não hesitariam em deixar de lado a Bíblia e os preconceitos da Igreja, cientes de que, naquele tempo de glória, Deus ainda não havia criado uma instituição que o representasse.

Mas ainda havia mais: suas cartas insistiam em que a pedra angular daquele projeto estava sendo colocada debaixo do nosso nariz. Sendo certo o que dizia, a astúcia do Mouro era infinita. Seu plano para transformar seu feudo na capital do renascimento da filosofia e da ciência dos antigos se apoiaria sobre uma coluna desconcertante: nada menos que nosso novo convento em Milão.

O Áugure conseguiu me surpreender. Fosse quem fosse o homem que se escondia por trás dessas revelações, ele as havia levado mais longe do que eu jamais teria me atrevido. Como me advertiu o arquivista, parecia ter olhos em todos os lugares. Já não só em Milão, e sim na própria Roma, pois algumas de suas últimas cartas vinham encabeçadas por um "*Augur dixit*" que nos desconcertou. Que tipo de confidente estávamos enfrentando? Quem, senão alguém muito enfronhado na cúria, poderia saber como o designavam os escrivães de Betânia?

Nenhum de nós soube a quem apontar.

Naqueles dias, o convento a que se referia em suas mensagens, o de

Santa Maria delle Grazie, estava em obras. O duque de Milão havia designado os melhores arquitetos do momento para sua edificação: encomendou o púlpito da igreja a Bramante, os interiores a Cristoforo Solari, e não economizou uma moeda no pagamento dos melhores artistas para que decorassem cada uma de suas paredes. Queria transformar nosso templo no mausoléu de sua família, o lugar de repouso eterno, que imortalizaria sua memória pelos séculos dos séculos.

Contudo, o que para os dominicanos era um privilégio, para o autor daquelas cartas era uma terrível maldição. Anunciava grandes penalidades para o papa, se ninguém pusesse fim àquele projeto, e augurava uma época negra, fatal, para a Itália inteira. O anônimo remetente daquelas mensagens havia conquistado a pulso, de fato, o apelido de Áugure. Sua visão da cristandade não podia ser mais nefasta.

4

NINGUÉM DEU OUVIDOS ÀQUELE ANÔNIMO DIABO ATÉ A MANHÃ EM QUE chegou sua 15ª missiva.

Nesse dia, frei Giovanni Gozzoli, meu assistente em Betânia, irrompeu no *scriptorium* em grande alvoroço. Agitava no ar uma nova mensagem do Áugure, e, alheio aos olhares reprovadores dos irmãos que ali estudavam, dirigiu seus passos para minha mesa:

— Frei Agustín, deve ver isto! Deve lê-lo de imediato!

Eu nunca havia visto frei Giovanni tão alterado. O jovem frade passou a nova carta à frente dos meus olhos, e, com a voz muito afetada, sussurrou:

— É incrível, padre. In-crí-vel.

— O que é incrível, irmão?

Gozzoli respirou fundo:

— A carta. Esta carta… O Áugure… Mestre Torriani pediu que a lesse de imediato.

— O mestre?

O piedoso Gioacchino Torriani, 35º sucessor de São Domingos de Gusmão na Terra e principal responsável por nossa ordem, nunca havia levado a sério aquelas mensagens anônimas. Despachara-as com indiferença e, em algumas ocasiões, até me recriminara por lhes dedicar meu tempo. Por que havia mudado de atitude? Por que me enviava essa nova carta com o pedido de que a examinasse de imediato?

— O Áugure… — Gozzoli engoliu em seco.

— Sim?

— O Áugure descobriu em que consiste o plano.

— O plano?

A mão de frei Giovanni ainda segurava a mensagem. Tremia em razão do esforço. A carta, uma folha com o selo de lacre partido, pousou suavemente sobre minha mesa.

— O plano do Mouro — sussurrou meu secretário, como se deixasse

ali uma pesada carga. — Não entende, frei Agustín? Explica o que pretende realmente fazer em Santa Maria delle Grazie. Quer fazer magia!

— Magia? — eu estava atônito.

— Leia!

Dediquei-me à mensagem ali mesmo. Não havia dúvidas de que a carta havia sido escrita pela mesma pessoa que as anteriores: os mesmos cabeçalhos e caligrafia delatavam seu autor.

— Leia-a, irmão! — insistiu.

Logo compreendi tanta insistência. O Áugure revelava, mais uma vez, algo que ninguém esperava ouvir. Retrocedia quase sessenta anos, aos tempos do papa Eugênio IV, quando o patriarca de Florença, Cosme de Medici, chamado "o Velho", decidira financiar um concílio que poderia ter mudado para sempre o rumo da cristandade. Era uma velha história. Ao que parece, Cosme promovera um infrutífero encontro entre delegações diplomáticas muito díspares, que durara vários anos, com o qual pretendia conseguir a reunificação da Igreja oriental e a de Roma. Os turcos ameaçavam, então, estender sua influência sobre o Mediterrâneo e era preciso detê-los de qualquer maneira. O velho banqueiro tivera a estranha ideia de unir todos os cristãos sob uma mesma cabeça e enfrentar o inimigo comum com a força da fé. Mas seu plano fracassara.

Ou não.

O que o Áugure revelava naquela mensagem é que existiu uma agenda secreta por trás do concílio. Um objetivo mascarado, cujos efeitos ainda se faziam sentir seis décadas depois em Milão. Segundo ele, além das discussões políticas da época, Cosme de Medici empregou boa parte de seu tempo em negociar com as delegações provenientes da Grécia e de Constantinopla a compra de livros antigos, instrumentos ópticos e até manuscritos, atribuídos a Platão ou a Aristóteles, considerados perdidos. Mandou traduzir todos, sem exceção, e com eles aprendeu coisas surpreendentes. Assim, descobriu que já em Atenas acreditavam na imortalidade da alma e sabiam que os céus eram responsáveis por tudo o que se movia na Terra. Entendamos bem: os atenienses não acreditavam em Deus, e sim na influência dos corpos celestes. Segundo aqueles desprezíveis tratados, os astros influenciavam a matéria graças a um "calor espiritual" parecido ao que conecta corpo e alma nos seres humanos. Aristóteles falou disso depois de aprender nas

crônicas da Idade do Ouro, e Cosme ficou fascinado com suas lições.

Segundo o Áugure, o velho banqueiro fundou uma academia no estilo das antigas, só para ensinar esses segredos aos artistas. Por causa daquelas leituras, tinha certeza de que o desenho de obras de arte era uma ciência exata. Uma obra realizada de acordo com certos códigos sutis atuaria como reflexo das forças cósmicas e poderia ser utilizada para proteger ou destruir quem a possuísse.[1]

— Então? Já se deu conta, frei Agustín? — a pergunta de Gozzoli me tirou do aturdimento. — O Áugure diz que a arte pode ser empregada como arma!

De fato. Um parágrafo mais abaixo, a mensagem falava da força da geometria. O número, a harmonia, o som, eram elementos que podiam ser aplicados a uma obra de arte para que irradiasse influências benéficas à sua volta. Pitágoras, um dos gregos defensores da Idade do Ouro que deslumbrou Cosme de Medici, dizia que "os únicos deuses comprováveis são os números". O Áugure amaldiçoava todos.

— Uma arma — murmurei. — Uma arma que o Mouro pretende esconder em Santa Maria delle Grazie.

— Exato! — Gozzoli estava orgulhoso. — É exatamente o que diz. Não é incrível?

Eu estava começando a entender o repentino interesse de mestre Torriani por tudo isso. Anos atrás, nosso amado superior geral havia condenado os trabalhos do pintor Sandro Botticelli por causa de uma suspeita similar. Acusara-o de empregar imagens inspiradas em cultos pagãos para ilustrar obras da Igreja, mas sua denúncia encerrava algo mais. Graças aos informantes de Betânia, Torriani soube que Botticelli, em Villa di Castello, da família Medici, havia representado a chegada da primavera utilizando uma técnica "mágica". As ninfas que dançavam no quadro haviam sido dispostas como as peças de um gigantesco talismã. Mais tarde, Torriani descobriu que Lorenzo di Pierfrancesco, patrão de Botticelli, havia lhe pedido um amuleto contra o envelhecimento. O quadro era o remédio mágico solicitado. Na realidade, encerrava todo um tratado contra a passagem do tempo, que incluía metade das divindades do Olimpo dançando contra o avanço de Cronos. E pretendiam fazer passar por devota uma obra assim, propondo-a como decoração para uma capela florentina!

Nosso superior geral descobriu a infâmia a tempo. A chave foi dada

por uma das ninfas de *Primavera*, Chloris, pintada com um ramo de trepadeira saindo de sua boca. Era o símbolo inequívoco da "linguagem verde" dos alquimistas, desses buscadores da eterna juventude, embebidos de ideias espúrias que o Santo Ofício perseguia onde quer que despontassem. Embora em Betânia jamais tenhamos conseguido decifrar os detalhes dessa misteriosa linguagem, a suspeita bastou para que o quadro nunca fosse mostrado em uma igreja.

Mas agora, se o Áugure estivesse certo, essa história ameaçava se repetir em Milão.

— Diga-me, irmão Giovanni, sabe por que o mestre Torriani me pede que analise esta mensagem?

Meu assistente, que já havia se sentado a uma mesa contígua e se distraía olhando um livro de horas recentemente ilustrado, fez cara de quem não entendera a pergunta:

— Como? Não chegou ao fim da carta?

Tornei a fixar os olhos nela. No último parágrafo, o Áugure falava da morte de Beatrice d'Este e do quanto isso aceleraria a consecução do plano mágico do Mouro.

— Não vejo nada de particular, querido Giovannino — argumentei.

— Não lhe chama a atenção o fato de que cite a morte da duquesa em termos tão explícitos?

— E por que haveria de me chamar a atenção?

O padre Gozzoli bufou:

— Porque o Áugure datou e enviou esta carta em 30 de dezembro. Três dias antes do infausto parto de *donna* Beatrice.

5

— JURA, ENTÃO, QUE ESCONDEU UM SEGREDO NESTE MURO?

Marco d'Oggiono coçava o queixo, perplexo, enquanto olhava de novo o mural que o mestre pintava. Leonardo da Vinci se divertia com aqueles jogos. Quando estava de bom humor, e nesse dia estava, era difícil encontrar nele o afamado pintor, inventor, construtor de instrumentos musicais e engenheiro favorito do Mouro e aplaudido em metade da Itália. Naquela fria manhã, o mestre tinha um olhar de menino travesso. Mesmo ciente de que contrariava os frades, havia aproveitado a tensa calmaria que Milão vivia após a morte da princesa para inspecionar seu trabalho no refeitório dos padres dominicanos. Estava ali em cima, satisfeito entre apóstolos, montado em um andaime de seis metros de altura e pulando de tábua em tábua como um rapaz.

— Claro que há um segredo! — gritou.

Seu riso contagiante retumbou nas abóbadas vazias de Santa Maria delle Grazie.

— Só precisa olhar com atenção minha obra e considerar os números. Conta! Conta! — riu.

— Mas, mestre…

— Está bem — Leonardo balançou a cabeça condescendente, arrastando a última sílaba a título de protesto. — Vejo que será difícil ensiná-lo. Por que você não pega a Bíblia que está ali embaixo, junto à caixa de pincéis, e lê o capítulo 13 de João, a partir do versículo 21? Talvez assim você encontre a iluminação.

Marco, um dos jovens e belos discípulos do toscano, correu em busca do livro sagrado. Pegou-o do atril que estava no canto junto à porta e avaliou. Devia pesar vários quilos. Marco, com esforço, folheou aquele exemplar impresso em Veneza, de capa de couro negríssimo e entalhes de cobre, até que o Evangelho de João se abriu à sua frente. Era uma edição linda, com gravuras florais no cabeçalho, cheio de letras góticas grandes e pretas.

— “Dito isto” — começou a recitar —, “comoveu-se Jesus em espírito, e declarou: ‘Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me há de trair’. Os discípulos se entreolhavam, perplexos, sem saber de quem ele falava. Ora, achava-se reclinado sobre o peito de Jesus um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava. A esse, pois, fez Simão Pedro sinal, e lhe pediu: ‘Pergunta-lhe de quem é que fala’.”

— Muito bem! — trovejou Leonardo no andaime. — Olhe agora para cá e diz: ainda não entende meu segredo?

O discípulo negou com a cabeça. Marco já sabia que o mestre tinha preparado algum truque.

— Mestre Leonardo — sua recriminação veio com um tom de franca decepção —, eu sei que está trabalhando nessa passagem evangélica. Não me revela nada de novo me mandando ler a Bíblia. O que eu quero é saber a verdade.

— A verdade? Que verdade, Marco?

— Corre pela cidade o rumor de que o senhor demora tanto a terminar esta obra porque quer ocultar algo importante nela. Substituiu a técnica do afresco por outra, nova e mais demorada. Por quê? Eu vou lhe dizer: porque assim pode pensar melhor no que quer transmitir.

Leonardo não se alterou.

— As pessoas sabem de seu gosto pelos mistérios, mestre, e eu também quero conhecê-los todos! Três anos a seu lado, preparando misturas e auxiliando suas mãos com os esboços e os papelões, acho que deveriam me dar alguma vantagem sobre os outros, não?

— Sim, sim. Mas quem diz todas essas coisas, posso saber?

— Quem, mestre? Todos! Até os frades desta santa casa param com frequência seus discípulos e lhes perguntam!

— E o que comentam, Marco? — gritou novamente do alto, cada vez mais divertido.

— Que seus Doze não são, na verdade, retratos dos apóstolos, como os pintaria frei Filippo Lippi ou Crivelli; que eles representam as doze constelações do zodíaco, que o senhor escondeu nos gestos de suas mãos as notas de uma de suas partituras para o Mouro… Dizem de tudo, mestre.

— E você? Sim, sim, você. — Outro sorriso maroto tornou a iluminar o rosto de Leonardo. — Tendo-me tão perto, trabalhando todos os dias em um salão tão magnífico, a que conclusão você chegou?

Marco ergueu a vista para a pintura na qual o toscano dava alguns retoques com um pincel de cerdas finíssimas. A parede norte estampava a representação da Última Ceia mais extraordinária que Marco jamais vira. Ali estava Jesus, presente em carne e osso, no centro exato da composição. Tinha o olhar lânguido e os braços estendidos, como se estudasse de soslaio as reações de seus discípulos à revelação que acabava de lhes fazer. A seu lado estava João, o amado, que escutava Pedro sussurrar. Afinando os sentidos, quase se podia ver os lábios se moverem. Eram tão reais!

Mas João já não estava recostado sobre o mestre como dizia o Evangelho. Dava até a impressão de jamais ter estado. Do outro lado de Cristo, Filipe, o gigante, mantinha-se em pé afundando suas mãos no peito. Parecia interrogar o Messias: "Acaso sou eu o traidor, Senhor?". Ou Tiago, o Maior, que abria o peito qual guarda-costas, jurando-lhe lealdade eterna. "Ninguém lhe fará mal enquanto eu estiver por perto", fanfarronava.

— E então, Marco? Você ainda não me respondeu.

— Não sei, mestre — hesitou. — Esta sua obra tem algo que me desconcerta. É tão, tão…

— Tão?

— Tão próxima, tão humana, que me deixa sem palavras.

— Muito bem! — aplaudiu Leonardo, secando as mãos no avental. — Vê? Sem querer, você já está mais perto de meu segredo.

— Não o entendo, mestre.

— E talvez nunca o consiga — sorriu. — Mas escute o que vou lhe dizer: tudo na natureza guarda algum mistério. As aves nos escondem os segredos de seu voo, a água encerra com cuidado o porquê de sua extraordinária força. E, se conseguíssemos fazer com que a pintura fosse um reflexo dessa natureza, não seria justo incorporar nela essa mesma e enorme capacidade de guardar informação? Cada vez que você admirar uma pintura, lembre-se de que penetra na mais sublime das artes. Não fique nunca na superfície: penetre a cena, movimente-se entre seus elementos, descubra os ângulos inéditos, bisbilhote nos fundos, e assim alcançará seu verdadeiro significado. Mas eu lhe aviso: é preciso ter coragem para isso. Não poucas vezes, o que encontramos em um mural como este dista muito do que esperávamos achar. Tenho dito.

6

Frei Giovanni cumpriu sem hesitar a segunda parte da missão que lhe atribuiu o prior geral.

Depois de nossa conversa e de me mostrar a última carta do Áugure, voltou à sede da ordem e deixou Betânia antes do anoitecer. Torriani havia lhe ordenado que voltasse para informá-lo de minha reação. Queria, principalmente, saber qual a minha opinião sobre os rumores a respeito de graves anomalias nas obras de reforma da Santa Maria delle Grazie. Meu assistente devia lhe transmitir minha mensagem, clara e simples: se, finalmente, levassem em consideração meus velhos temores, e se somassem a eles, como prováveis, as revelações do Áugure, havia de localizar esse sujeito em Milão e saber dele, diretamente, o alcance dos projetos secretos que o duque tinha para aquele convento.

— Haveremos de examinar, especialmente, os trabalhos de Leonardo da Vinci — insisti com frei Giovanni. Em Betânia, já temos conhecimento de sua afeição por mascarar ideias heterodoxas em obras de aparência piedosa. Leonardo trabalhou muitos anos em Florença, manteve contato com os descendentes de Cosme, o Velho, e, entre todos os artistas que trabalham em Santa Maria, é o mais inclinado a partilhar das ideias do Mouro.

Gozzoli somou minha outra grande preocupação a seu relatório para o mestre Torriani: insisti na necessidade de abrir uma investigação sobre a morte de *donna* Beatrice. O vaticínio tão preciso do Áugure sugeria a existência de algum sinistro plano ocultista, talvez idealizado pelo duque Ludovico ou por seus pérfidos assessores, para implantar uma república pagã no coração da Itália. Embora não fizesse muito sentido que o duque mandasse assassinar sua esposa e seu filho nonato, a mente dos adeptos das ciências ocultas discorria muitas vezes por caminhos imprevisíveis. Não era a primeira vez que ouvia falar da necessidade de sacrificar uma vítima renomada antes de empreender uma grande obra. Os antigos, esses bárbaros da Idade do Ouro, faziam isso com frequência.

Suponho que minha determinação animou Torriani.

O prior geral avisou o irmão Gozzoli de suas intenções, e na manhã seguinte, com a geada ainda caindo sobre Roma, abandonou suas dependências no convento de Santa Maria sopra Minerva disposto a acabar definitivamente com aquele problema.

Desafiando os acessos nevados à Cidade Eterna, Torriani subiu de mula até o quartel de Betânia e solicitou que eu o recebesse com a maior brevidade. Ainda ignoro que termos empregou o irmão Gozzoli para informá-lo sobre minhas ideias, mas era evidente que o havia impressionado. Eu jamais vira nosso superior assim: duas bolsas roxas pendiam verticalmente sob seu olhar cinza, apagando-o; suas costas pareciam se vergar sob o peso de uma responsabilidade soturna, devorando pouco a pouco seu caráter alegre e afundando uns ombros que também languesciam cada vez mais. Torriani, mentor, guia e velho amigo, consumia o que lhe restava de vida com as marcas da decepção gravadas no rosto. Contudo, por trás do brilho de seus olhos se denotava uma sensação de urgência:

— Pode receber um pobre servo de Deus molhado e doente? — disse assim que me viu no átrio de Betânia.

Eu mentiria se jurasse que não me surpreendi ao encontrá-lo ali tão cedo. Havia subido até nosso posto sozinho, sem séquito, com uma manta sobre o hábito e as sandálias cobertas por peles de coelho. Se o superior da Ordem de São Domingos abandonava assim nossa sede e sua paróquia e atravessava a cidade em pleno temporal para se encontrar com o responsável por seu serviço de informação, o assunto devia ser gravíssimo. E, embora seu rosto sombrio convidasse a iniciar a conversa o quanto antes, não me atrevi a lhe perguntar nada. Aguardei até que tirasse seus andrajos e terminasse a taça de vinho quente que lhe ofereci. Subimos até meu pequeno estúdio, um recinto escuro lotado de caixas e manuscritos, de onde se dominava Roma inteira, e, mal a porta se fechou, padre Torriani confirmou meus temores:

— Claro que vim por causa dessas benditas cartas! — protestou arqueando suas sobrancelhas brancas. — E você me pergunta quem penso que é seu autor? Justo você, padre Leyre?

Torriani respirou fundo. Sua natureza doentia lutava para se aquecer enquanto o vinho o ia ruborizando aos poucos. Do lado de fora, a neve recrudescia sobre o vale.

— Minha impressão — prosseguiu — é que nosso homem tem de ser alguém do séquito do duque, ou algum irmão do novo convento de Santa Maria delle Grazie. Trata-se de uma pessoa que conhece bem nossos costumes e que sabe a quem está encaminhando suas cartas. Contudo…

— Contudo?

— Veja, padre Leyre: desde que li a carta que lhe dei a conhecer ontem, mal tenho pregado o olho. Ali fora há alguém que nos avisa de uma grave traição contra a Igreja. O assunto é muito sério, especialmente se, como receio, nosso informante proceder da comunidade de Santa Maria.

— Acredita que o Áugure é um dominicano, padre?

— Tenho quase certeza disso. Alguém de dentro, uma testemunha do avanço do Mouro, que não se atreve a denunciá-lo por medo de represálias.

— E suponho que já tenha pesquisado a vida desses frades em busca de seu candidato, estou enganado?

Torriani sorriu satisfeito:

— Todos. Sem exceção. E a maioria procede de boas famílias lombardas. São religiosos leais ao Mouro e à Igreja, homens pouco afeitos a fantasias ou conspirações. Bons dominicanos, em suma. Não posso imaginar quem deles pode ser o Áugure.

— Se é que seja algum deles.

— Evidente.

— Permita que lhe recorde, mestre Torriani, que a Lombardia sempre foi terra de hereges.

O prior geral da ordem, friorento, sufocou um espirro antes de responder:

— Isso foi há muito tempo, padre. Muito. Há mais de duzentos anos não resta mais nem rastro da heresia cátara na região. É verdade que aqueles malditos que inspiraram nosso amado São Domingos a criar a Santa Inquisição se refugiaram ali depois da cruzada albigense[2], mas todos morreram sem poder contagiar ninguém com suas ideias.

— Contudo, não se pode descartar que sua blasfêmia tenha penetrado a mentalidade dos milaneses. Senão, por que estes são tão abertos a ideias heterodoxas? Por que haveria o duque de aceitar crenças pagãs se ele mesmo não houvesse crescido em um ambiente predisposto a isso? E por que razão — prossegui — um dominicano fiel a Roma

haveria de se esconder por trás de mensagens anônimas, não fosse porque ele mesmo participa da heresia que agora denuncia?

— Besteira, padre Leyre! O Áugure não é um cátaro. Ao contrário: preocupa-se em manter a ortodoxia com mais zelo que o próprio inquisidor geral de Carcassonne.

— Esta manhã, antes de o senhor chegar, li outra vez todas as cartas desse indivíduo anônimo. E o Áugure tem clareza de seu objetivo desde a primeira que nos mandou: deseja que enviemos alguém para deter os planos do Mouro em Santa Maria delle Grazie. É como se o que o duque fez no restante de Milão — as praças, os canais para a navegação interna, as eclusas — não tivesse importância… E isso abona sua hipótese.

Torriani assentiu satisfeito.

— Mas, mestre — eu o contradisse —, antes de agir, deveríamos avaliar se seu pedido encerra alguma armadilha.

— Como? Você ainda pretende deixar o Áugure desamparado, apesar das provas que nos ofereceu? Mas se você mesmo, há tempos, vem denunciando os desvios doutrinais da falecida esposa do Mouro!

— Justamente. Essa família é astuta. Não será fácil encontrar argumentos contra eles. O que digo é que devemos extremar a prudência antes de dar um passo em falso.

— Não, padre. Nada disso. Esse homem, seja quem for, pede-nos ajuda, e já não lha podemos negar por mais tempo. Além disso, você sabe que, por meio do cardeal Ascânio, irmão do duque, comprovei até os mínimos detalhes que aparecem em seus informes. E acredite: todos são exatos.

— "Exatos" — repeti, enquanto tentava pôr em ordem minhas ideias. — Sabe de uma coisa? Creio que o que mais me surpreende neste assunto é sua mudança de atitude, mestre Torriani.

— Não há mudança — protestou. — Arquivei as cartas do Áugure enquanto não tinha provas sólidas que as respaldassem. Se não houvesse acreditado nelas, eu as teria destruído, não lhe parece?

— Então, mestre, se a nosso informante lhe assiste a verdade, se é um dominicano preocupado com o futuro de seu novo convento, por que o senhor acredita que ele esconde sua identidade quando lhe escreve?

Frei Gioacchino deu de ombros, devolvendo-me uma careta de perplexidade:

— Quem dera eu soubesse, padre Leyre. E isso me preocupa. Quanto mais tempo passo sem respostas, mais me incomoda este assunto. São muitas as frentes que nossa ordem mantém abertas nestes dias, e abrir mais uma ferida no seio da Igreja equivale a fazê-la se esvair em sangue irremediavelmente. Por isso, chegou a hora de agir. Não podemos permitir que se repita em Milão o que já ocorre em Florença. Seria um desastre!

"Mais uma ferida." Hesitei quanto a trazer o assunto à baila, mas o silêncio de Torriani não me deixou alternativa:

— Suponho que esteja se referindo ao padre Savonarola.

— E a quem mais? — O ancião inspirou antes de prosseguir. — A paciência do Santo Padre já acabou e já pensa em excomungá-lo. Seus sermões contra a opulência do papa crescem em acritude; ainda por cima, suas profecias sobre o fim da casa dos Medicis se cumpriram, e agora, seguido por uma multidão, anuncia grandes castigos do Senhor contra os Estados Pontifícios. Diz que Roma deve sofrer para purgar seus pecados, e o maldito se alegra por isso. O pior, sabe o que é? É que a cada dia tem mais seguidores. Se por um acaso o duque de Milão aderisse a essa ideia de desastre, ninguém poderia deter o descrédito de nossa instituição.

Confuso, eu me persignei diante do funesto panorama que o prior geral traçava.

Girolamo Savonarola era, como Roma inteira sabia, o grande problema de Torriani naquela época. Todo mundo falava dele. Persistente leitor do *Apocalipse*, esse dominicano de verbo brilhante e grande capacidade de sedução havia acabado de instaurar uma república teocrática em Florença, para preencher o vazio deixado pela fuga da família Medici. De seu novo púlpito, arremetia contra os excessos de Alexandre vi. Savonarola era um louco, ou ainda pior um temerário. Fazia ouvidos moucos às reprimendas que recebia de seus superiores e ignorava deliberadamente a legislação canônica. Os *Dictatus Papae,* que desde o século XI eximiam o pontífice e sua cúria da possibilidade de errar, não o preocupavam, e, desafiando inclusive sua 19ª sentença ("Ninguém pode julgar o papa"), gritava no altar que era preciso detê-lo em nome de Deus.

Nosso prior geral se desesperava. Não só havia sido incapaz de deter a sede de grandeza daquele exaltado, como também a atitude de

Savonarola comprometia toda a ordem perante Sua Santidade. O rebelde, orgulhoso como Sansão perante os filisteus, havia rejeitado o capelo cardinalício que lhe ofereceram para calar suas críticas, e havia inclusive recusado abandonar sua tribuna no convento florentino de San Marco, alegando que tinha uma missão divina mais importante a cumprir. Essa e não outra era a razão pela qual o padre Torriani não queria que a lealdade dos pregadores de São Domingos fosse questionada em Milão. Se o Áugure era um dominicano e tinha razão ao advertir acerca dos planos pagãos do Mouro em nossa nova casa na cidade, nossa ordem seria de novo questionada.

— Tomei uma decisão, irmão — sentenciou o prior geral, muito sério, depois de meditar um instante. — Temos de afastar qualquer sombra de dúvida sobre as obras de Santa Maria delle Grazie, recorrendo à força do Santo Ofício, se for preciso.

— *Pater*! Não está pensando em julgar o duque de Milão, não é? — perguntei alarmado.

— Somente se for necessário. Você sabe que nada apraz mais os príncipes seculares que descobrir as debilidades de nossa Igreja e usá-las contra nós. Por isso, somos obrigados a nos antecipar a seus movimentos. Outro escândalo como o de Savonarola e nossa casa ficaria muito mal perante os Estados Pontifícios, compreende?

— E como pretende, se é que posso perguntar, chegar até o Áugure, comprovar suas afirmações e reunir a informação necessária para julgá-lo sem levantar suas suspeitas?

— Pensei muito nisso, meu querido padre Agustín — conjecturou enigmático. — Você sabe melhor que eu que, se enviasse um dos nossos inquisidores, intempestivamente, o tribunal de Milão faria muitas perguntas e quebraria a discrição que o caso requer. E, se existir um complô de tanto alcance, todas as provas seriam ocultadas com celeridade pelos cúmplices do Mouro.

— E então?

Torriani abriu a porta do estúdio e desceu a escada até o portão de entrada, sem responder. Saiu ao pátio das cavalariças e procurou sua mula, dando por encerrada aquela reunião de urgência. A borrasca continuava recrudescendo com força lá fora.

— Diga-me, o que pretende fazer? — repeti.

— O Mouro previu que daqui a dez dias serão celebrados os funerais

oficiais pela duquesa — respondeu por fim. — Chegarão a Milão representações de todos os lugares, e então será fácil infiltrar-se em Santa Maria para fazer as averiguações pertinentes e localizar o Áugure. Não obstante — acrescentou —, não podemos enviar um religioso qualquer. Deve ser alguém criterioso, que entenda de leis, de heresias e de códigos secretos. Sua missão será encontrar o Áugure, confirmar uma por uma suas acusações e deter a heresia. E esse deve ser um homem desta casa. De Betânia.

O mestre olhou receoso para o caminho que estava prestes a empreender. Com sorte, levaria uma hora para percorrê-lo, e, se a mula não o derrubasse sobre alguma placa de gelo, chegaria a casa no calor do meio-dia.

— O homem que necessitamos — disse como se fosse anunciar algo importante — é você, padre Leyre. Nenhum outro resolveria com maior eficácia este assunto.

— Eu?

Aquilo me deixou perplexo. Ele havia pronunciado meu nome com mórbido deleite, enquanto procurava algo nos alforjes de sua montaria.

— Mas o senhor sabe que tenho trabalho aqui, obrigações…

— Nenhuma como esta!

E extraindo um grosso maço de papéis amarrados com seu selo pessoal, entregou-o a mim, com sua última ordem:

— Você partirá com presteza para Milão. Hoje mesmo, se possível. E, com isto — olhou o maço de documentos que eu já segurava nas mãos —, identificarás nosso informante, averiguará quanta verdade há por trás desse novo perigo e tratará de remediá-lo.

O mestre indicou o pergaminho que encabeçava aqueles papéis. Nele, em caracteres grandes escritos com tinta vermelha, lia-se o enigma que continha a assinatura de nosso informante. Eu o havia visto muitas vezes, fechava cada uma das cartas do Áugure; mas, até esse momento, não lhe havia dado atenção.

Minha vista quis se ofuscar ao pairar sobre aquelas sete linhas e sentir que haviam se transformado em meu principal problema.

Diziam:

Oculos ėjus ḋinumera,

ṡed noli voltum ȧdspicere.
In latere nominis
mei notam rinvenies.
Contemplari et contemplata
aliis ṫradere.
Veritas[3]

7

NATURALMENTE, OBEDECI. QUE OUTRA COISA PODIA FAZER?

Cheguei a Milão passada a noite dos Reis Magos. Era uma dessas manhãs de sábado nas quais o brilho da neve nos cega e o ar limpo esfria sem piedade nossas entranhas. Eu havia cavalgado sem descanso para chegar a meu destino, dormindo três a quatro horas em pousadas nauseabundas, intumescido e úmido em razão de uma viagem de três dias no meio do inverno mais cruel de que tinha lembrança. Mas nada disso importava. Milão, a capital da Lombardia, a sede de intrigas palacianas e disputas territoriais com a França e os condados vizinhos, sobre a qual eu tanto havia estudado, já descansava aos pés de minha montaria.

O lugar era impressionante. A cidade dos Sforza, a maior ao sul dos Alpes, ocupava o dobro da extensão de Roma; oito grandes portas flanqueavam uma muralha impenetrável que contornava uma urbe de planta redonda que, vista do céu, devia parecer o escudo de um guerreiro gigantesco. Contudo, não foram suas defesas que me impressionaram: aquele era um burgo novo, limpo, que transmitia uma intensa sensação de ordem. Os cidadãos não urinavam em cada esquina, como em Roma, nem as prostitutas assaltavam os transeuntes se oferecendo. Ali, cada canto, cada casa, cada edifício público parecia pensado para uma função suprema. Até sua orgulhosa catedral, de aspecto frágil e esquelético, oposta em tudo aos maciços edifícios do Sul italiano, derramava suas benéficas influências sobre o vale. Vista das colinas, Milão parecia o último canto do mundo onde pudessem se arraigar a desordem e o pecado.

Um trecho antes de chegar à Porta Ticinese, o mais nobre dos acessos desse burgo, um amável mercador se ofereceu para me acompanhar até a torre de Filarete, a entrada principal da fortaleza do Mouro. Situado em um dos extremos da urbe, o castelo dos Sforza parecia uma réplica em miniatura das enormes muralhas da cidade. O

mercador riu ao ver minha cara de espanto. Disse que era curtidor em Cremona, um bom católico, e que me acompanharia com prazer até o interior da fortaleza em troca de minha bênção para ele e sua família. Aceitei o acordo.

O bom homem me deixou diante do castelo do duque exatamente à hora nona. Aquele lugar era ainda mais magnífico do que eu havia imaginado. Bandeirolas com a terrível insígnia dos Sforza — uma espécie de serpente gigante devorando um pobre infeliz — pendiam das ameias. Fitas azuis ondulavam ao vento, ao passo que meia dúzia de enormes chaminés, cravadas em algum lugar do interior da fortaleza, exalavam grandes lufadas de uma fumaça negra e densa. A entrada de Filarete constava de uma ameaçadora ponte levadiça e duas comportas rebitadas de bronze, dobradas sobre si mesmas. Não menos de quinze homens a vigiavam, espetando com espadas os sacos de cereal que as carroças queriam desembarcar perto das cozinhas.

Um daqueles homens uniformizados me indicou o caminho. Devia me dirigir ao extremo oeste da torre, já dentro da fortaleza, e perguntar pela área de recepção de visitantes e o "gabinete de luto" que havia sido instalado para receber as delegações que viriam ao funeral de *donna* Beatrice. Meu cicerone de Cremona já me havia advertido de que toda a cidade pararia quando chegasse esse momento. E, de fato, a essa hora não havia muita atividade. Fiquei surpreso ao ver que o secretário do Mouro, um espigado cortesão de rosto inexpressivo, não demorou a me receber. O servidor se desculpou por não poder conduzir este servo de Deus até seu senhor. Ainda assim, examinou minha carta de apresentação com ar cético, comprovou que o selo pontifício era verdadeiro e a devolveu acompanhada de um gesto de desolação.

— Lamento, padre Leyre — Marchesino Stanga, assim se chamava, desmanchou-se em uma torrente de desculpas. — Deve entender que meu senhor não receba ninguém após a morte de sua esposa. Suponho que possa imaginar o difícil momento que atravessamos e a necessidade que tem o duque de ficar sozinho.

— Claro — assenti com fingida cortesia.

— Não obstante — acrescentou —, quando passar o luto, eu lhe transmitirei a notícia de sua presença na cidade.

Eu teria gostado de poder olhar nos olhos do Mouro e deduzir, como em tantos interrogatórios que havia presenciado, se ocultavam ou não as

sinistras sombras da heresia ou do crime. Mas aquele servidor com um adorno de cabeça grená guarnecido de peles e gibão de veludo, que falava com ares de mesquinha superioridade, estava decidido a me impedir:

— Também não podemos abrigá-lo, como é nosso costume — disse com secura. — O castelo está fechado e não recebemos hóspedes. Eu vos rogo, padre, que reze pela alma de *donna* Beatrice e que regresse passados os funerais. Então, nós o receberemos como o senhor merece.

— *Requiescat in pace* — murmurei enquanto me persignava. — Assim farei. Também rezarei por vocês.

Tive uma sensação estranha. Sem possibilidade de me acomodar perto do duque e sua família, frustrado em meu propósito de deambular com mais ou menos liberdade por seu castelo, minhas primeiras investigações tomariam mais tempo. Tinha de conseguir um alojamento discreto que me garantisse algum ambiente de estudo. Com os documentos de Torriani queimando em minha bolsa, precisaria de calma, três pratos de comida quente ao dia e uma boa dose de sorte para conseguir decifrar seu segredo. Não era sensato que um frade buscasse pousada entre os laicos, de modo que minhas opções logo se reduziram a duas: ou me instalava no veterano convento de Santo Eustórgio ou no novíssimo de Santa Maria delle Grazie, onde a possibilidade de cruzar com o Áugure excitava minha imaginação. Depois, com o teto resolvido, teria tempo de me dedicar ao enigma que o mestre Torriani havia me entregado em Betânia.

Reconheço que a Divina Providência fez um trabalho exemplar. Santo Eustórgio logo se revelou como a pior das opções. Situado muito perto da catedral, junto ao mercado, costumava estar cheio de curiosos que não tardariam a se perguntar que tipo de assunto mantinha ali um inquisidor romano. Embora sua localização pudesse me dar certa perspectiva sobre as atividades do Áugure, poupando-me do risco de encontrá-lo cara a cara sem saber de quem se tratava, também sabia que me oferecia mais inconvenientes que vantagens.

Quanto à outra opção, a de Santa Maria delle Grazie, além de ser o suposto refúgio de meu objetivo, só apresentava outro pequeno, mas superável, defeito: ali iam ser celebradas as multitudinárias exéquias de *donna* Beatrice. Sua igreja, reformada havia pouco tempo por Bramante, estava prestes a se transformar no foco de todos os olhares.

Por outro lado, Santa Maria dispunha de tudo de que eu podia necessitar. Sua bem abastecida biblioteca, situada no segundo andar de um dos edifícios que davam para o que ali chamavam de “claustro dos mortos”, abrigava obras de Suetônio, Filóstrato, Plotino, Xenofonte e até alguns dos livros do próprio Platão importados nos tempos de Cosme, o Velho. Ficava perto da fortaleza do duque e não muito longe da Porta Vercellina. Gozava de excelente cozinha, um extraordinário forno de confeitaria, poço, horta, alfaiataria e hospital. E como se não bastasse, todas aquelas vantagens empalideciam perante uma só: se o mestre Torriani não estava enganado, talvez o Áugure pudesse surgir à minha frente em seus corredores, sem que fosse necessário resolver nenhum enigma.

Fui um ingênuo.

Menos nesse aspecto específico, a Providência fez bem seu trabalho: em Santa Maria havia uma cela disponível, que me foi cedida de imediato. Tratava-se de um quartinho de três passos por dois, um catre de tábuas sem colchão e uma pequena mesa situada debaixo de uma simples janelinha que dava para a rua que chamavam de Magenta. Os frades não fizeram perguntas. Checaram minhas credenciais com o mesmo olhar de desconfiança do secretário Stanga, mas relaxaram quando lhes assegurei que havia ido a sua casa em busca de serenidade para meu atribulado espírito. “Até um inquisidor precisa de recolhimento”, expliquei. E entenderam.

Só me impuseram uma condição. O sacristão, um frade de olhos esbugalhados e sotaque estranho, advertiu-me severamente:

— Nunca entre sem permissão no refeitório. O mestre Leonardo não quer que ninguém interrompa seu trabalho e o prior deseja satisfazê-lo em tudo. Entendeu?

Assenti.

8

O primeiro lugar que visitei foi a biblioteca de Santa Maria. Sentia uma grande curiosidade. Situada sobre o polêmico e agora restrito refeitório que o Áugure havia transformado no foco de todo o mal, era um aposento amplo, de janelas retangulares, atravessado por uma dúzia de pequenas mesas de leitura e uma grande escrivaninha para o bibliotecário. Atrás desta, protegidos por um grosso portão com tranca, guardavam-se os livros. O que mais me chamou a atenção foi seu sistema de calefação: uma caldeira situada no andar inferior fornecia vapor de água a um encanamento de cobre que aquecia as lajotas do chão.

— Não é pelos leitores — apressou-se a me explicar o responsável pelo local, ao me ver observando com interesse aquele engenhoso dispositivo. — É pelos livros. Guardamos exemplares valiosos demais para permitir que o frio os estrague.

Acho que o padre Alessandro, guardião e custódio daquela sala, foi o primeiro frade que não me olhou com desconfiança, e sim com uma descarada curiosidade. Espigado, ossudo, de pele branquíssima e modos finos, parecia estar adorando ver uma cara nova em seus domínios.

— Não costuma vir muita gente por aqui — admitiu. — E muito menos de Roma!

— Ah… Já sabe que sou romano?

— As notícias voam, padre. Santa Maria ainda é uma comunidade pequena. Não creio que a esta altura haja alguém nela que não saiba da chegada de um inquisidor à nossa casa.

O frade piscou para mim em sinal de cumplicidade.

— Não estou aqui em missão oficial — menti. — O que me traz são assuntos pessoais.

— E o que importa? Os inquisidores são homens de letras, estudiosos. E aqui quase todos os frades têm dificuldades para ler ou escrever. Se ficar um tempo entre nós, creio que nos faremos boa companhia.

A seguir, acrescentou:

— É verdade que trabalha, em Roma, na Secretaria de Códigos?

— Sim… — hesitei.

— Magnífico, padre. Isso é magnífico. Vamos ter muito de que falar. Acho que escolheu o melhor lugar do mundo para passar uns dias.

Alessandro me pareceu simpático. Beirava os 50, ostentava sem complexos um nariz em forma de gancho e o queixo mais pronunciado que jamais vi. Seu pomo-de-adão lutava para sair da garganta. Tinha uns grossos óculos sobre a mesa, com os quais devia aumentar as letras dos livros, e as mangas de seu hábito exibiam umas enormes manchas de tinta. Não é que tenha me abrido com ele de imediato — de fato, tentava não olhar muito para ele para que não me hipnotizasse com aquele rosto estranho —, mas admito que uma corrente de sincero afeto circulou imediatamente entre nós. Foi ele quem insistiu em atender a minhas necessidades enquanto estivesse no convento. Ofereceu-se para me mostrar os recantos daquele maravilhoso lugar, onde tudo parecia novo, e me prometeu zelar por minha tranquilidade para que eu pudesse me concentrar.

— Se seu exemplo se espalhasse e viessem mais frades a esta casa para estudar — queixou-se, como se não pudesse conter a língua —, logo poderíamos transformá-la em um Estúdio Geral[4], como os de Roma, e quem sabe também em uma universidade…

— Não vêm frades estudar aqui?

— Muito poucos para o que este lugar pode lhes oferecer. Embora vos pareça modesta, esta biblioteca reúne uma das coleções de textos antigos mais importantes do ducado.

— É mesmo?

— Me perdoe se peco por falta de modéstia, mas trabalho nela há muito tempo. Talvez a um romano culto como o senhor, pareça pouca coisa perto da Biblioteca Vaticana, mas acredite quando lhe digo que aqui abrigamos textos que nem os bibliotecários do papa imaginam.

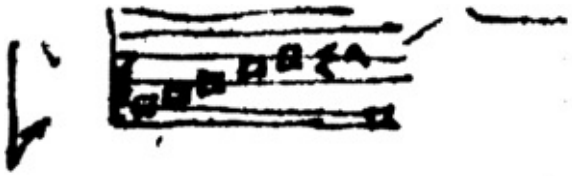
— Então — disse eu cortês —, será um privilégio poder consultá-los.

Frei Alessandro inclinou a cabeça como se aceitasse o elogio enquanto remexia em seus papéis procurando algo importante.

— Antes, preciso de um pequeno favor — riu entredentes. — Na realidade, o senhor me caiu do céu. Para alguém como o senhor, treinado para decifrar mensagens para a Secretaria de Códigos, um

enigma como este será brincadeira de criança.

O dominicano me entregou um pedaço de papel com algo rabiscado no verso. Era um desenho simples. Uma tosca escala musical interrompida por uma espécie de nota fora do lugar (*za*) e um anzol. Assim:



— E aí? — perguntou impaciente. — Entende? Estou há três dias tentando sem sucesso.

— E o que deveria encontrar aqui?

— Uma frase em língua românica.

Observei aquele enigma sem intuir seu significado. Era evidente que a chave devia estar naquele *za* fora do lugar. As coisas fora de lugar sempre tinham a resposta, mas, e o anzol? Organizei mentalmente aqueles elementos, começando pela leitura da escala, e sorri divertido.

— É uma frase, certo — disse eu por fim. — E muito simples.

— Simples?

— Basta saber ler, frei Alessandro. Veja: se começar pela tradução de anzol em românico, que é "amo", o resto do desenho adquire sentido imediato.

— Não entendo.

— É simples. Leia "amo" e, a seguir, as notas.

O frade, hesitante, passou os dedos pelo desenho:

— "L'amo… re… mi… fa… sol… la… *za*… re… *L'amore mi fa sollazare*![5]" — deu um pulo. — Esse Leonardo é um velhaco! Vai ver quando o encontrar! Brincar com as notas musicais… Maldito!

— Leonardo?

A simples menção daquele nome me devolveu à realidade. Eu havia ido à biblioteca em busca de refúgio para decifrar o enigma do Áugure. Uma chave que, se não estivéssemos enganados, estava muito relacionada com Leonardo, o refeitório proibido e a obra que nele estava executando.

— Ah! — exclamou o bibliotecário ainda eufórico por sua

descoberta. — Ainda não o conhece?

Neguei com a cabeça.

— É outro amante dos enigmas. Desafia os irmãos de Santa Maria toda semana com um. Este foi um dos mais difíceis.

— Leonardo da Vinci?

— E quem mais?

— Pensei — expressei com dúvida— que ele não falasse muito com os frades.

— Isso é só quando trabalha. Mas, como vive aqui perto, com frequência passa para supervisionar sua obra e brinca conosco nos claustros. Adora os duplos sentidos, os equívocos, e nos faz rir com suas tiradas.

"Os duplos sentidos…"

Aquilo, longe de me causar graça, deixou-me desassossegado. Eu estava ali para decifrar uma mensagem que havia burlado todos os analistas de Betânia. Um texto bem diferente daquela frase divertida disfarçada por Leonardo em um pentagrama, e de cuja resolução dependiam vários assuntos de Estado. Como podia perder tempo com aquela conversa fiada?

— Pelo menos — disse eu, secamente —, seu amigo Leonardo e eu temos algo em comum: gostamos de trabalhar a sós. Poderia me indicar uma mesa e cuidar para que ninguém me incomode?

Frei Alessandro entendeu que eu não estava lhe pedindo um favor. Apagou o sorriso de triunfo daquele rosto anguloso e assentiu obediente.

— Fique aqui. Ninguém interromperá seu estudo.

Naquela tarde, o bibliotecário cumpriu sua palavra. As horas que passei em frente aos sete versos que o mestre Torriani havia me entregado em Betânia foram algumas das mais solitárias que tive em Milão. Entendia que aquele trabalho as requeria como nenhum outro que eu houvesse enfrentado antes. Li de novo:

Oculos ėjus ḋinumera,
ṡed noli voltum ȧdspicere.
In latere nominis
mei notam rinvenies.
Contemplari et contemplata

aliis tradere.
Veritas

Tudo seria mérito da paciência.

Tal como aprendi nas oficinas de Betânia, apliquei àquela confusão de palavras as técnicas do admirável padre Leon Battista Alberti. O padre Alberti teria adorado meu desafio: não só devia desvelar uma mensagem oculta por trás de um texto vulgar, como também, provavelmente, esta me conduziria a uma obra de arte com um bom mistério encerrado. Ele foi o primeiro sábio a escrever sobre a perspectiva, era um amante da arte, poeta, filósofo; compôs uma canção fúnebre para seu cão e até desenhou a *fontana* de Trevi em Roma. Nosso admirável doutor, que Deus levou prematuramente à glória, dizia que, para resolver qualquer enigma, não importava seu tipo ou procedência, havia de ir do evidente ao latente. Isto é, discriminar primeiro o óbvio, o *za*, para buscar depois seu significado oculto. E enunciou outra lei útil: os enigmas se resolvem sempre sem pressa, dando atenção aos mínimos detalhes e deixando-os se sedimentarem em nossa memória.

Neste caso particular, o óbvio, e muito óbvio, era que os versos encerravam um nome. Torriani tinha certeza, e eu, quanto mais os lia, também. Ambos acreditávamos que o Áugure havia fornecido essa pista com a esperança de que a Secretaria de Códigos a decifrasse e pudesse se comunicar com ele, de modo que devia existir um procedimento de leitura que não deixasse dúvidas. Evidentemente, se nosso anônimo confidente era tão cauto quanto parecia, só os olhos de um bom observador o identificariam.

Outra coisa que chamou minha atenção naquele garrancho foi o número sete. Os números costumam ser importantes nesse tipo de enigma. O poema era formado por sete linhas. Sua estranha métrica, irregular, devia querer indicar algo. Algo assim como o anzol de Leonardo. E se esse "algo" era a identidade que eu buscava, o texto advertia que somente a alcançaria contando os olhos de alguém a quem não podia olhar no rosto. O paradoxo, não obstante, desarmou-me. Como podia contar os olhos de alguém sem olhar seu rosto?

O texto me escapava. O que significava a misteriosa alusão aos

olhos? Quem sabe, algo parecido aos sete olhos de Jeová descritos pelo profeta Zacarias[6], ou aos sete chifres e sete olhos do cordeiro degolado do *Apocalipse*?[7] E, sendo esse o caso, que tipo de nome poderia se encontrar após um número? A frase central era eloquente: "O número de meu nome acharás em seu flanco". O número? Que número? Um sete, talvez? Poderia estar se referindo a um numeral ordinal, a um sétimo? Como o antipapa Clemente VII de Avignon, por exemplo? Não tardei a descartar essa possibilidade. Não era provável que nosso anônimo escriba fosse merecedor de nenhum número após seu nome. Mas então, o quê? Como devia interpretar o estranho erro que descobri no quarto verso? Por que, em vez de *invenies*, o codificador da mensagem havia escrito *rinvenies*?

As estranhezas se acumulavam umas sobre outras.

Minha primeira jornada de trabalho em Santa Maria só me proporcionou uma certeza: as duas últimas frases da "assinatura" eram, com absoluta certeza, construções próprias de um dominicano. O instinto de Torriani não lhe falhou. "*Contemplari et contemplata aliis tradere*" era uma famosa sentença de São Tomé recolhida na *Suma teológica* e aceita como um dos lemas mais conhecidos de nossa ordem. Queria dizer "contemplar e dar aos outros o resultado de vossa contemplação". A outra, "*Veritas*", "Verdade", além de ser outro lema dominicano bastante comum, costumava ser empregada em nossos escudos. Certo é que eu nunca havia visto as duas frases juntas, mas, lidas assim, pareciam dizer que, para chegar à verdade, era preciso estar em atitude vigilante. No mínimo, era um bom conselho. O padre Alberti o teria aplaudido.

Mas, e as duas sentenças precedentes? Que tipo de nome ou mensagem encerravam?

9

— Você ouviu falar do novo hóspede do convento de Santa Maria?

Leonardo costumava consumir as últimas horas de luz na contemplação de sua *Última ceia*. O sol do ocaso transformava as figuras sentadas à mesa em sombras avermelhadas primeiro e em perfis escuros, sinistros, depois. Com frequência ia ao convento de Santa Maria só para contemplar sua obra favorita e se distrair de suas outras ocupações diárias. O duque o pressionava para que terminasse a colossal estátua equestre em homenagem a Francesco Sforza, um cavalo monumental que o obcecava durante o dia; contudo, até o Mouro tinha ciência de que a verdadeira paixão de Leonardo estava no refeitório de Santa Maria. Aqueles quase 5 metros por 9 de pintura a óleo eram a maior obra que jamais havia empreendido. Só Deus saberia quando a terminaria, mas esse detalhe pouco importava para o gênio. Tão absorto estava diante de sua mágica paisagem que Marco d'Oggiono, o mais curioso dos discípulos do toscano, teve de repetir sua pergunta.

— Não ouviu mesmo falar dele?

O mestre, absorto, negou com a cabeça. Marco o encontrou sentado sobre uma caixa de madeira no centro do refeitório, com sua cabeleira nevada solta, tal como costumava fazer ao terminar sua jornada de trabalho.

— Não… — hesitou. — É alguém interessante, caro?

— É inquisidor, mestre.

— Um ofício terrível, então.

— Acontece, mestre, que ele também parece muito interessado em seus segredos.

Leonardo desviou a vista do *Cenacolo*[8] e buscou o olhar azul de seu discípulo. Tinha o semblante grave, como se a proximidade de um membro do Santo Ofício houvesse despertado algum temor arcano em sua alma.

— Meus segredos? Outra vez você me perguntas isso, Marco? Estão

todos aqui. Já lhe disse ontem. À vista. Há anos aprendi que, se deseja ocultar algo à estupidez humana, o melhor lugar para isso é onde todo mundo o possa ver. Entende, não é?

Marco assentiu sem muita convicção. O bom humor que o mestre ostentara no dia anterior havia desaparecido por completo.

— Pensei muito no que me disse, mestre. E creio ter compreendido um pouco mais deste lugar.

— É mesmo?

— Apesar de trabalhar em solo sagrado e sob a supervisão de homens de Deus, em sua Ceia não quis pintar a primeira missa de Cristo, não é verdade?

As sobrancelhas louras e fartas do mestre se arquearam de espanto. Marco d'Oggiono prosseguiu:

— Não finja surpresa. Jesus não segura a hóstia na mão, não instaura a eucaristia, e seus discípulos não comem nem bebem. Nem sequer recebem a bênção.

— Ora — exclamou. — Continua, está no caminho certo.

— O que não entendo, mestre, é por que pintou esse nó corrediço na ponta da mesa. O vinho e o pão constam das Escrituras; o peixe, apesar de não ser citado por nenhum evangelista, posso entendê-lo como um símbolo do próprio Cristo. Mas quem jamais falou de um nó na toalha de mesa do banquete pascal?

Leonardo estendeu a mão para d'Oggiono, chamando-o para junto de si.

— Vejo que você tentou entrar no mural. Isso é bom.

— Contudo, continuo longe de seu segredo, não é?

— Você não deveria se preocupar em chegar à meta, Marco. Ocupe-se, só, em percorrer o caminho.

Marco abriu os olhos, atônito.

— O senhor me ouviu, mestre? Não o preocupa que um inquisidor tenha chegado a este convento e que saia por aí perguntando por sua Santa Ceia?

— Não.

— Não? Simples assim?

— E o que quer que lhe diga? Tenho coisas mais importantes com que me ocupar. Como concluir esta Ceia e… seu segredo. — Leonardo cofiou a barba com uma expressão divertida antes de prosseguir. —

Sabe, Marco? Quando, finalmente, você descobrir o segredo que estou pintando e for capaz de lê-lo pela primeira vez, não poderá deixar de vê-lo nunca mais. E se perguntará como pôde estar tão cego. Esses, e não outros, são os segredos mais bem guardados. Os que estão diante de nosso nariz e não somos capazes de ver.

— E como aprenderei a ler sua obra, mestre?

— Seguindo o exemplo dos grandes homens deste tempo. Como Toscanelli, o geógrafo, que acabou de desenhar seu próprio segredo perante os olhos de Florença toda.

O discípulo nunca havia ouvido falar desse velho conhecido de Leonardo. Em Florença, chamavam-no de "O Físico", e embora fazia anos ganhasse a vida com seus mapas, antes havia sido médico e leitor apaixonado pelos escritos de Marco Polo.

— Mas você não deve saber nada disso. — Leonardo balançou a cabeça. — Para que não me acuse mais de não ensiná-lo a como ler um segredo, hoje lhe falarei do que Toscanelli deixou na catedral de Florença.

— É mesmo? — Marco aguçou o ouvido.

— Quando regressar a essa cidade, não deixe de ver a enorme cúpula que Filippo Brunelleschi construiu para o Domo. Passeie tranquilo debaixo dela e repare no pequeno buraco feito em um de seus lados. Nos dias de São João Batista e São João Evangelista, em junho e em dezembro, o sol do meio-dia atravessa esse orifício a mais de 80 metros de altura e ilumina uma linha de mármore que meu amigo Toscanelli dispôs cuidadosamente no chão.

— E para que, mestre?

— Não entende? É um calendário. Os solstícios ali marcados indicam o início do inverno e do verão. Foi Júlio César o primeiro a notar e o primeiro a estabelecer a duração do ano em 365 dias e um quarto. Ele inventou o ano bissexto.[9] E tudo graças à observação do avanço do sol sobre uma linha como aquela. Toscanelli, pois, decidiu dedicar-lhe esse artifício. Sabe como?

Marco deu de ombros.

— Colocando no início de sua meridiana de mármore, nessa ordem atípica, os signos de Capricórnio, Escorpião e Áries.

— E o que têm a ver os signos do zodíaco com a homenagem a César, mestre?

Leonardo sorriu.

— Justamente aí está o segredo. Se você tomar as duas primeiras letras do nome de cada um desses signos, e respeitar sua ordem, assim: ca-es-ar, terá o nome oculto que buscávamos.

— Ca-es-ar… Claro como água! É perfeito!

— Sim, é.

— É algo assim que esconde seu *Cenacolo*, mestre?

— Algo assim. Mas duvido que esse inquisidor a quem você tanto teme chegue a descobrir.

— Mas…

— A propósito — cortou-o —, o nó é um dos muitos símbolos que acompanham Maria Madalena. Um dia desses explicarei a você.

10

DEVO TER ADORMECIDO SOBRE A MESA.

Quando frei Alessandro me chacoalhou, por volta das 3 da madrugada, depois das matinas, uma dolorosa intumescência havia se apoderado de todo meu corpo.

— Padre, padre! — bufou o bibliotecário. — Tudo bem?

Devo ter respondido alguma coisa, porque, entre um chacoalhão e outro, o bibliotecário fez uma observação que me despertou de uma vez:

— O senhor falava dormindo! — riu, como se ainda debochasse de minha incapacidade de resolver enigmas. — Frei Matteo, o sobrinho do prior, ouviu-o balbuciar não sei que frases estranhas em latim e foi me avisar na igreja. Pensava que o senhor estava possuído!

Alessandro me olhava com uma expressão entre divertida e preocupada, encolhendo aquele nariz de gancho com que parecia me ameaçar.

— Não é nada — escusei-me bocejando.

— Padre, está trabalhando há muito tempo. Mal comeu desde que chegou, e de pouco servem meus cuidados com o senhor. Tem certeza de que não posso ajudá-lo em seu trabalho?

— Não. Não é necessário, acredite — a ignorância do bibliotecário com o hieróglifo do anzol não augurava uma grande ajuda.

— E que demônios era isso de *Oculos ėjus d. inumera*? O senhor repetia isso sem parar.

— Dizia isso? — Empalideci.

— Sim. E não sei o que sobre um lugar chamado Betânia. O senhor sonha com frequência com passagens da Bíblia, com Lázaro, o ressuscitado, e coisas assim? Porque Lázaro era de Betânia, não?

Sorri. A ingenuidade de frei Alessandro parecia não ter limites.

— Duvido que possas compreender, irmão.

— Tente — disse, balançando-se de um modo engraçado ao compasso de suas palavras.

O frade estava a um palmo de mim, vigiando-me com crescente interesse, com aquele enorme pomo-de-adão subindo e descendo pela garganta. Prosseguiu:

— Afinal de contas, eu sou o intelectual deste convento.

Prometi satisfazer sua curiosidade em troca de algo para comer. Acabava de notar que nem sequer havia ido cear em minha primeira noite em Santa Maria. Meu estômago rugia debaixo do hábito. Solícito, o bibliotecário me conduziu até as cozinhas e me arranjou uns restos da ceia anterior.

— É *panzanela*, padre — explicou, entregando-me uma vasilha ainda morna, que aliviou minhas mãos geladas.

— *Panzanela?*

— Coma. Sopa de pepino, cebola e pão. Vai lhe fazer bem. Aquele caldo grosso e aromático deslizou como seda em minhas entranhas. Com a noite fechada do lado de fora e iluminados com a parca luz de uma vela, também devorei o que restava de um excelente doce de massa folhada seca que chamavam de *torrone*, bem como um par de figos secos. Depois, com a barriga satisfeita, meus reflexos começaram a responder de novo.

— Você não come, frei Alessandro?

— Oh, não — sorriu o compridão. — O jejum não me permite. Estou assim desde antes de o senhor chegar a esta casa.

— Compreendo.

A verdade é que não lhe dei mais importância.

"Quer dizer, então, que adormeci recordando os primeiros versos da assinatura do Áugure?", censurei-me. Não era de se estranhar. Enquanto agradecia a frei Alessandro por seus cuidados e elogiava a merecida fama de sua cozinha, recordei que em Betânia já haviam tido a oportunidade de comprovar que aqueles versos não procediam de nenhuma citação evangélica. Na realidade, também não correspondiam a texto algum de Platão nem a nenhum outro clássico conhecido, e muito menos faziam parte de epístolas dos pais da Igreja ou de leis do direito canônico. Aquelas sete linhas ignoravam os mais elementares códigos de cifragem empregados por cardeais, bispos, priores e abades, que codificavam já quase todas as suas comunicações com os Estados Pontifícios, por medo de ser espionados. As frases raras vezes eram legíveis: eram convertidas do latim oficial a um jargão de consoantes e

números, graças a uns gabaritos de substituição muito elaborados, cunhados em bronze por meu admirado Leon Battista Alberti. Em geral, os gabaritos eram formados por uma série de rodas sobrepostas, em cujas bordas se colocavam as letras do alfabeto. Com perícia e mínimas instruções, as letras da roda externa eram substituídas pelas da roda interna, codificando, assim, qualquer mensagem.

Tanta precaução tinha sua lógica: para a cúria, o pesadelo de ser descoberta por nobres a quem odiava ou por cortesãos contra os quais fazia intrigas havia multiplicado o trabalho de Betânia por cem, e em muito pouco tempo havia nos transformado em uma ferramenta imprescindível para a administração da Igreja. Mas, como explicar ao bondoso Alessandro tudo aquilo? Como confessar que a chave que me atormentava fugia dos métodos de codificação que eu conhecia, e que por isso me deixava obcecado?

Não. *Oculos ėjus ḋinumera* não era desse tipo de mensagem que se pudesse explicar naturalmente a um leigo em códigos secretos.

— Posso lhe perguntar em que está pensando, padre Leyre? Começo a acreditar que não presta nenhuma atenção em mim.

Frei Alessandro puxou meu hábito, para me reconduzir pelos escuros corredores do convento, até a área dos dormitórios.

— Agora que comeu — disse em tom patriarcal, sem perder aquela expressão divertida com que vinha me obsequiando desde nosso encontro —, é melhor que descanse até os ofícios das *laudes*. Antes do amanhecer, virei acordá-lo e me explicará no que está trabalhando. Estamos de acordo?

Aceitei de má vontade.

Àquela hora, a cela estava gelada, e a simples ideia de me despojar do hábito e me deitar em uma cama úmida e dura me aterrorizava mais que a vigília. Pedi ao bibliotecário que acendesse a vela que descansava sobre minha mesa de cabeceira e combinamos de nos encontrar e passear ao alvorecer, pelo claustro do hospital, para esclarecermos certas coisas. Não é que me seduzisse a ideia de compartilhar detalhes de meu trabalho com alguém. De fato, nem sequer havia apresentado ainda meus respeitos ao prior de Santa Maria; mas algo me dizia que frei Alessandro, a despeito de sua imperícia com os enigmas, ia me ser útil naquele *imbroglio*.

Vestido, deitei-me na cama e me cobri com a única manta de que

dispunha. Ali, contemplando um teto de tábuas caiadas, analisei de novo o problema dos versos codificados. Tinha a sensação de que havia deixado passar algum detalhe. Algum *za* absurdo, mas fundamental. E assim, com os olhos arregalados, repassei tudo o que sabia sobre a origem das frases. Se não estivesse errado em minha apreciação, e a madrugada não enganasse minha inteligência, estava bastante claro que o nome de nosso anônimo informante — ou pelo menos seu número — se escondia nos dois primeiros versos.

Era um jogo curioso. Como ocorre com certas palavras hebraicas, algumas têm, além de seu significado, uma determinante que complementa seu sentido. Os dois lemas dominicanos indicavam, pois, que nosso homem era um pregador. Disso eu tinha quase certeza. Mas, e as frases precedentes?

Conta os olhos,
mas não lhe olhes no rosto.
O número de meu nome
acharás em seu flanco.

Olhos, rosto, número, nome, flanco…

Na penumbra, com a mente extenuada, percebi. Talvez se tratasse de outro beco sem saída, mas, de repente, isso do número do nome não me pareceu tão absurdo. Recordei que os judeus chamavam de *gematria* a disciplina que atribui a cada letra de seu alfabeto um valor numérico. João, em seu *Apocalipse*, empregou-a com grande maestria quando escreveu: "Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu é número 666". E aquele 666 correspondia, de fato, ao mais cruel dos homens de seu tempo: Nero César, cujas letras somadas davam o terrível triplo número. E se o Áugure fosse um judeu convertido? E se, temendo alguma represália, houvesse ocultado sua identidade justamente por esse detalhe de sua vida? Quantos frades de Santa Maria saberiam que São João foi iniciado na *gematria* e indicou Nero em seu livro sem pôr em jogo sua vida?

Teria, o Áugure, feito o mesmo?

Antes de dormir, febril, transferi aquela ideia ao abecedário latino.

Considerando que o A (o *aleph* hebraico) equivale a um 1, o B (*beth*) a 2, e assim sucessivamente, não era difícil transformar em números qualquer palavra. Bastava somar os números obtidos, para que o resultado indicasse o valor numérico definitivo do termo escolhido. O número. Os judeus, por exemplo, calcularam que o nome completo e secreto de Jeová somava 72, e os cabalistas, os magos dos números hebraicos, ainda complicaram mais as coisas ao procurar os 72 nomes de Deus. Em Betânia, debochávamos com frequência disso.

Em nosso caso, desafortunadamente, o assunto era mais obscuro, pois desconhecíamos, inclusive, o valor numérico do nome do autor… se é que tinha algum. A menos que, seguindo ao pé da letra as instruções de seus versos, pudéssemos encontrá-lo no flanco de alguém com olhos, em cujo rosto não podíamos olhar.

E, com esse enigma próprio de uma esfinge, deixei-me embalar pelo sono.

11

POUCO ANTES DAS *LAUDES*, FREI ALESSANDRO CHEGOU PONTUAL A MINHA cela. Risonho e feliz como um noviço recém-admitido. Devia pensar que não era todos os dias que um doutor chegado de Roma compartilharia com ele um enigma importante, e estava decidido a saborear seu dia de glória. Contudo, deu-me a impressão de que queria fazê-lo pouco a pouco, como se temesse que a "revelação" acabasse de repente e o deixasse insatisfeito. Por isso, não sei se por cortesia ou para dilatar mais o prazer que lhe causava ter-me em suas mãos, o fradeco considerou que a madrugada seria um bom momento para a confissão; mas, isso, depois de me apresentar ao resto de sua comunidade.

O relógio da cúpula de Bramante deu as 5h quase no momento em que o bibliotecário me conduzia, entre trevas e arrastado, para a igreja. O templo, situado no extremo oposto das celas, muito perto da biblioteca e do refeitório, constava de uma nave retangular de dimensões modestas, dispunha de uma abóbada de canhão sustentada por colunas de granito arrancadas de algum mausoléu romano, e estava coberto, do chão ao teto, por afrescos com motivos geométricos, rodas radiadas e sóis. O conjunto era meio exagerado para o meu gosto.

Chegamos atrasados. Apinhados contra o altar-mor, os irmãos de Santa Maria já rezavam o *Te deum* sob a tênue luz de dois enormes candelabros. Fazia frio e o hálito que os frades expeliam embaçava os rostos como uma densa e misteriosa névoa. Alessandro e eu nos aproximamos de uma das pilastras do templo e os observamos a uma confortável distância.

— Esse do canto — murmurou o bibliotecário, apontando para um frade pequeno, de olhos amendoados e cabelo branco crespo — é o prior Vicenzo Bandello. É douto entre os doutos. Há anos combate os franciscanos e sua ideia da imaculada concepção de Nossa Senhora. Mas, na verdade, muitos pensam que vai perder.

— É doutor em teologia?

— Exato — assentiu com firmeza. — À sua direita, o moço moreno de pescoço longo é seu sobrinho Matteo.

— Sim, eu o vi.

— Todos acreditam que um dia será um escritor de renome. E, um pouco mais além, junto à porta da sacristia, estão os irmãos Andrea, Giuseppe, Luca e Jacopo. Não são só irmãos no sentido metafórico; também são filhos da mesma mãe.

Olhei aqueles rostos um a um, tentando memorizar seus nomes.

— Você me disse que só uns poucos leem e escrevem com fluência, não é? — inquiri.

Frei Alessandro não pôde captar a intenção que minha pergunta escondia. Se fosse capaz de responder com precisão, permitir-me-ia descartar de uma vez um bom número de suspeitos. O perfil do Áugure correspondia a um homem culto, instruído em diversas disciplinas e bem situado na corte do duque. A essa altura, eu acreditava que eram elevadas as probabilidades de que meus esforços para quebrar o código fracassassem — ainda me doía a proverbial estupidez com que examinara o enigma musical de Leonardo —, e, se tudo desse errado, não me restaria mais remédio que encontrar seu autor pela via da dedução. Ou da sorte.

O bibliotecário passou o olhar pelos congregados, tentando recordar suas habilidades com o alfabeto:

— Vejamos… — conjecturou. — Frei Guglielmo, o cozinheiro, lê e recita poesia. Benedetto, o caolho, trabalhou como copista muitos anos. O bondoso frade perdeu o olho tentando fugir de um assalto a seu convento anterior, em Castelnuovo, enquanto protegia a cópia de um livro de horas. Desde então, está sempre de mau humor. Reclama de tudo, e nada do que façamos por ele parece satisfazê-lo.

— E o menino?

— Matteo, como já disse, escreve como os anjos. Tem apenas 12 anos, mas é um jovem esperto e muito inquieto. E deixe-me ver — o bibliotecário hesitou de novo —, Adriano, Esteban, Nicola e Jorge aprenderam a ler comigo. E Andrea e Giuseppe também.

Em poucos segundos, a lista de candidatos transbordava. Tinha de tentar outra estratégia.

— Diga-me, quem é o frade bonito, esse alto e forte da esquerda? — perguntei curioso.

— Ah! Esse é Mauro Sforza, o coveiro. Sempre se esconde atrás de algum irmão, como se temesse que o reconhecessem.

— Sforza?

— Bem… É um primo distante do Mouro. Há algum tempo, o duque nos pediu o favor de que o admitíssemos no convento e o tratássemos como mais um irmão. Nunca fala. O aspecto de assustado que o senhor vê sempre o acompanha, e dizem as más línguas que é por causa do que aconteceu com seu tio Gian Galeazzo.

— Gian Galeazzo? — dei um pulo. — Você quer dizer Gian Galeazzo Sforza?

— Sim, sim. O legítimo duque de Milão, morto há três anos. O mesmo a quem o Mouro envenenou para ficar com o trono. O pobre frei Mauro era quem cuidava de Gian Galeazzo antes de ser enviado para cá, e certamente foi ele quem lhe administrou a beberagem de leite quente, vinho, cerveja e arsênico que lhe derreteu o estômago e o matou em três dias de agonia.

— Ele o matou?

— Digamos que o usaram para cometer o crime. Mas isso — disse entredentes, satisfeito por poder me surpreender — é segredo de confissão; deve me entender.

Observei Mauro Sforza disfarçadamente, compadecendo-me de seu triste destino. Abandonar a vida palaciana à força e trocá-la por outra na qual só dispunha de um hábito de lã áspera, uma muda de roupa e dois pares de sandálias devia ter sido um duro golpe para o rapaz.

— E escreve?

Alessandro não respondeu. Empurrou-me até o grupo não só para que nos integrássemos às orações, mas para que nos beneficiássemos do calor coletivo. O prior inclinou a cabeça a título de saudação assim que me viu, e prosseguiu com suas orações. Estas se prolongaram até que o primeiro raio de sol atravessou a roseta de tijolo e vidro que se abria sobre a porta principal. Não posso dizer que minha chegada causou sensação na comunidade porque, afora o prior, de perfil aquilino e aspecto vigilante, duvido que qualquer outro frade tenha reparado em mim. Mas notei que o padre Bandello perturbou, com uma expressão, meu atencioso guia, que, incomodado, desviou seus passos para outro lado.

Quando o prior deu sua bênção no altar a todos os presentes, frei

Alessandro me obrigou a nos afastarmos do grupo e o segui até o claustro do hospital.

Àquela hora, os poucos doentes que pernoitavam ali dormiam ainda, conferindo ao pátio de tijolo vermelho um aspecto lúgubre.

— Ontem você disse que conhece bem o mestre Leonardo… — comentei.

Tinha certeza de que a trégua que havia me concedido antes de começar a me bombardear de perguntas estava prestes a expirar.

— E quem não o conhece aqui? Esse homem é um prodígio. Um prodígio estranho, uma criatura de Deus única.

— Estranho?

— Bem, digamos que é anárquico em seus costumes. Nunca se sabe se vem ou vai, se tem intenção de pintar no refeitório ou se só deseja refletir diante de sua obra e rastrear novas falhas no reboco ou erros nos traços de seus personagens. Passa o dia com seus *taccuini*[10], anotando tudo.

— Meticuloso.

— Não, não. É desorganizado e imprevisível, mas tem uma curiosidade insaciável. Enquanto trabalha no refeitório, imagina todo tipo de loucuras para melhorar a vida do convento: pás automáticas para arar a horta, condutos de água até as celas, pombais que se limpem sozinhos…

— O que está pintando é uma última ceia, não é? — interrompi-o.

O bibliotecário avançou até a magnífica moldura de granito que adornava o centro do claustro do hospital e me olhou como se eu fosse um bicho estranho:

— Ainda não a viu, não é? — sorriu, como se já soubesse a resposta; quase como se se apiedasse de minha condição. — O que o mestre Leonardo está terminando no refeitório não é uma última ceia, padre Agustín; é *A última ceia*. Entenderá quando a tiver diante dos olhos.

— Então, é um ser estranho, mas virtuoso.

— O senhor verá — corrigiu-me. — Quando mestre Leonardo chegou a esta casa, há três anos, e começou os preparativos para o *Cenacolo*, o prior desconfiava dele. De fato, como encarregado dos arquivos de Santa Maria e responsável por nosso futuro *scriptorium*, ele me encarregou de escrever a Florença para averiguar se o toscano era um artista de confiança, cumpridor de prazos e perfeccionista em seu

trabalho, ou um desses buscadores de fortunas que deixam tudo pela metade e com quem é preciso pleitear para conseguir que acabem sua obra.

— Mas, se não me engano, vinha recomendado pelo duque em pessoa.

— Isso é verdade. Mas, para nosso prior, isso não era garantia suficiente.

— Está bem, continue. O que você descobriu? Era organizado ou caótico?

— As duas coisas!

Demonstrei não entender.

— As duas coisas?

— Não lhe disse que ele é estranho? Como pintor é, sem dúvida, o mais extraordinário jamais visto, mas é, ao mesmo tempo, o mais rebelde. Custa-lhe um império terminar a tempo uma obra; na realidade, jamais terminou. E, o que é pior, não se importa com as instruções de seus mecenas. Sempre pinta o que lhe dá vontade.

— Não pode ser.

— É, padre. Os monges do mosteiro de San Donato a Scopeto, bem perto de Florença, encomendaram-lhe há quinze anos um quadro sobre a Natividade de Nosso Senhor… que ainda está inacabado! E sabe o pior? Leonardo alterou a cena até o limite do tolerável. Em vez de pintar uma adoração dos pastores ao menino Jesus, o mestre começou um quadro que chamou de *A adoração dos magos*[11], e o encheu de personagens retorcidos, de cavalos e homens fazendo estranhos gestos ao céu, que não aparecem descritos nos evangelhos.

Controlei um calafrio.

— Tem certeza?

— Eu nunca minto — exclamou. — Mas o senhor deve saber que isso não é nada.

Nada? Se o que frei Alessandro insinuava era verdade, o Áugure havia minimizado seus temores: aquele diabo do Da Vinci havia entrado em Milão deixando para trás graves antecedentes de manipulação de obras de arte. Algumas das frases lapidares que eu havia lido nas cartas anônimas começavam a retumbar em minha mente como trovões que ameaçam tempestade. Deixei-o prosseguir:

— Aquela não era uma adoração qualquer. Não tinha nem sequer

uma estrela de Belém! Não lhe parece estranho?

— E o que acha que isso significa?

— Eu?

As bochechas marmóreas de frei Alessandro adquiriram uma morna cor de pêssego. Envergonhava-o o fato de um homem ilustrado chegado de Roma lhe perguntar, com um nada disfarçado interesse, por sua sincera opinião sobre algo.

— Na verdade, não sei o que pensar. Leonardo, já lhe disse, é uma criatura fora do comum. Não estranho que a Inquisição tenha posto os olhos nele.

— A Inquisição?

Outra pontada atravessou meu estômago. No pouco tempo que nos conhecíamos, frei Alessandro havia desenvolvido uma habilidade inata para me sobressaltar. Ou, quem sabe, eu me tornara mais suscetível? Sua menção ao Santo Ofício me fez sentir culpado. Como não pensei antes? Como não havia me ocorrido consultar os arquivos gerais da Sagrada Congregação antes de viajar a Milão?

— Vou lhe contar uma coisa— disse entusiasmado, como se adorasse rebuscar em sua memória esse tipo de coisas. — Depois de deixar inconclusa *A adoração dos magos*, Leonardo se mudou para Milão e foi contratado pela Fraternidade da Imaculada Conceição; são os franciscanos que dirigem San Francesco, o Grande, e com quem nosso prior tem litígios permanentes. E ali o toscano voltou a ter os mesmos problemas que em Florença.

— Outra vez?

— Exato. Mestre Leonardo tinha de elaborar um tríptico para a capela da Fraternidade, com os irmãos Ambrogio e Evangelista de Predis. Os três cobraram duzentos escudos adiantados pelo trabalho, e cada um se entregou a uma parte do altar. O toscano se responsabilizou pela parte central. Sua tarefa era pintar uma Virgem cercada de profetas, ao passo que as laterais mostrariam um coro de anjos.

— Não continue: ele jamais terminou seu trabalho…

— Não, dessa vez, mestre Leonardo concluiu sua parte, mas não entregou o que lhe haviam pedido. Em sua pintura não estavam os profetas, em lugar nenhum. Em troca, apresentou um retrato de Nossa Senhora dentro de uma gruta, ao lado do menino Jesus e de são João.[12] O muito ousado disse aos frades que sua pintura representava o encontro

que os dois meninos tiveram enquanto Jesus e sua família fugiam para o Egito. Mas isso também não está em nenhum evangelho!

— E, claro, denunciaram-no ao Santo Ofício.

— Sim, mas não pelo que o senhor acredita. O Mouro intercedeu para que o processo não prosperasse e o livrou de um julgamento certo.

Hesitei quanto a continuar perguntando. Afinal de contas, era ele quem queria que eu lhe falasse de meus enigmas. Mas não podia negar que suas explicações me intrigavam:

— Então, qual foi a denúncia que interpuseram à Inquisição?

— Que Leonardo havia se inspirado no *Apocalipsis Nova* para pintar sua obra.

— Nunca ouvi falar desse livro.

— Trata-se de um texto herético escrito por um velho amigo dele, um franciscano minorita chamado João Mendes da Silva, também conhecido como Amadeu de Portugal, que morreu em Milão no mesmo ano em que Leonardo terminou sua pintura. O tal Amadeu publicou um libelo no qual insinuava que a Virgem e São João eram os verdadeiros protagonistas do Novo Testamento, não Cristo.

Apocalipsis Nova. Memorizei aquele dado para acrescentá-lo ao eventual sumário que poderia abrir contra Leonardo, por heresia.

— E como os frades notaram essa relação entre o *Apocalipsis Nova* e a pintura de Leonardo?

O bibliotecário sorriu:

— Era muito evidente. O quadro representava Nossa Senhora junto do menino Jesus e o anjo Uriel do lado de João Batista. Em condições normais, Jesus deveria aparecer abençoando seu primo João, mas, nesse quadro, acontecia justamente o contrário! Ademais, a Virgem, em vez de abraçar seu primogênito, estendia seus braços protetores sobre o Batista. Entende? Leonardo havia retratado São João não só legitimado por Nossa Senhora, mas também dando sua bênção ao próprio Cristo, demonstrando, assim, sua superioridade sobre o Messias.

Felicitei com entusiasmo frei Alessandro.

— Você é um observador muito acurado — disse eu. — Iluminou muito a mente deste servo de Deus. Estou em dívida para com você, irmão.

— Se perguntar, responderei. É um voto que sempre cumpro.

— Como o jejum?

— Sim. Como o jejum.

— Eu o admiro, irmão. De verdade.

O bibliotecário se inchou como um pavão, e, enquanto a claridade ia limpando as sombras do claustro, revelando os relevos e ornamentos que ocultava, atreveu-se, finalmente, a quebrar a, suponho, provocadora espera que havia imposto a si mesmo:

— Então, deixará que eu o ajude com seus enigmas?

12

NAQUELE MOMENTO, EU NÃO SOUBE O QUE RESPONDER.

Além de frei Alessandro, o outro frade com quem eu falava com certa frequência era o sobrinho do prior, Matteo. Ainda era um menino, mas mais esperto e curioso que os de sua idade. Talvez por isso o jovem Matteo não houvesse resistido à tentação de se aproximar de mim e me perguntar como era minha vida em Roma. A grande Roma.

Não sei como ele imaginava que seriam os palácios pontifícios e as inacabáveis avenidas de igrejas e conventos, mas, em troca de minhas generosas descrições, obsequiou-me com algumas confidências que me fizeram desconfiar das boas intenções do bibliotecário.

Entre risos, contou-me qual era a única coisa capaz de tirar do sério seu tio, o prior.

— O que é? — perguntei intrigado.

— Encontrar frei Alessandro e Leonardo de mangas arregaçadas, cortando alface na cozinha de frei Guglielmo.

— Leonardo desce às cozinhas? — A surpresa me deixou perplexo.

— Como? Se não faz outra coisa! Quando meu tio deseja encontrá-lo, já sabe que esse é seu esconderijo favorito. Pode não molhar um pincel durante dias, mas é incapaz de nos visitar e não passar horas junto dos fogões. Não sabia que Leonardo teve uma taberna em Florença, na qual ele era o cozinheiro?

— Não.

— Ele me contou. Chamava-se A Taberna das Três Rãs, de Sandro e Leonardo.

— É mesmo?

— Sim! Ele me explicou que a montou com um amigo seu, que também era pintor, Sandro Botticelli.

— E o que aconteceu?

— Nada! A clientela não gostava de seus ensopados de verdura, suas anchovas enroladas em brotos de couve, ou uma coisa que faziam com

pepino em conserva e folhas de alface cortadas em forma de rã.

— E aqui faz o mesmo?

— Bem — Matteo sorriu —, meu tio não deixa. Desde que chegou ao convento, o que mais lhe agrada é ensaiar com nossa despensa. Diz que está procurando o menu para *A última ceia*. Diz que a comida que deve estar sobre essa mesa é tão importante quanto o retrato dos apóstolos… e o desavergonhado está há semanas trazendo seus discípulos e amigos para comer em uma mesa grande, que arrumou no refeitório, enquanto esvazia a despensa do convento.[13]

— E frei Alessandro o ajuda?

— Frei Alessandro? — repetiu. — Ele é dos que se sentam à mesa para comer! Leonardo diz que aproveita, então, para estudar suas silhuetas e como pintará o que comem, mas ninguém o viu fazer outra coisa além de devorar nossas reservas!

Matteo riu divertido.

— A verdade — acrescentou — é que meu tio escreveu várias vezes ao duque protestando por esses abusos do toscano, mas ele não lhe deu ouvidos. Se continuar assim, Leonardo acabará nos deixando sem colheita.

13

As sextas-feiras 13 nunca foram do agrado dos milaneses. Mais permeáveis às superstições francesas que outros latinos, os dias que uniam o quinto dia da semana com o fatídico lugar que ocupava Judas na mesa da última ceia lhes recordavam efemérides traumáticas. Sem ir muito longe, foi em uma sexta-feira 13 de outubro de 1307 que os templários foram detidos na França por ordem de Filipe IV, o Belo. Então, foram acusados de negar Cristo, de cuspir sobre seu crucifixo, de trocar beijos obscenos em lugares de culto e de adorar um extravagante ídolo que chamavam de Bafomet. A desgraça em que caiu a ordem dos cavaleiros dos mantos brancos foi tamanha que, desde aquele dia, todas as sextas-feiras 13 foram tomadas por dias de mau agouro.

O 13º dia de janeiro de 1497 não seria exceção.

Ao meio-dia, uma pequena multidão se aglomerava às portas do convento de Santa Marta. A maioria dos comerciantes havia fechado antes da hora suas lojas de sedas, perfumes ou lãs na praça Verzaro, atrás da catedral, a fim de não perder o sinal. Pareciam impacientes. O anúncio que os havia atraído até ali era singularmente preciso: antes do ocaso, a serva de Deus Verônica de Binasco entregaria sua alma a Deus. Ela mesma havia profetizado isso com a segurança de que se vangloriava antes de pregar tantas outras desgraças. Recebida por príncipes e papas, tida por santa em vida por muitos, sua última façanha havia sido ser expulsa do palácio do Mouro havia apenas dois meses. As más-línguas diziam que pedira para ser recebida por *donna* Beatrice d'Este, para lhe anunciar seu fatal destino, e que esta, fora de si, mandou trancá-la em seu convento para não tornar a vê-la jamais.

Marco d'Oggiono, discípulo predileto de mestre Leonardo, conhecia-a bem. Havia visto o toscano debater com ela muitas vezes. Leonardo gostava de discutir com a religiosa suas estranhas visões da Virgem. Anotava não só o que ela lhe dizia, como também muitas vezes a havia surpreendido esboçando detalhes de seu rosto angelical, de seus gestos

doces e de seu porte dolente, que depois tentava passar para suas pinturas. Infelizmente, se irmã Verônica não estivesse enganada, tais confidências terminariam naquela sexta-feira. Sem almoçar, Marco arrastou o toscano até o leito mortuário da religiosa, ciente de que não lhes restava muito tempo.

— Eu lhe agradeço por ter decidido vir. A irmã Verônica agradecerá poder vê-lo pela última vez — sussurrou o discípulo ao mestre.

Leonardo, impressionado com o cheiro de incenso e óleos daquela pequena cela, contemplou admirado o rosto marmóreo da beata. A pobre mal podia abrir os olhos.

— Não creio que eu possa fazer nada por ela — disse.

— Eu sei, mestre. Foi ela quem insistiu em vê-lo.

— Ela?

Leonardo inclinou a cabeça até perto dos lábios da moribunda. Tremiam havia um bom tempo, como se murmurassem uma ladainha inaudível. O pároco de Santa Marta, que já havia espalhado os santos óleos sobre sóror Verônica e rezava o santo rosário ao lado dela, deixou que o visitante se aproximasse um pouco mais.

— Ainda pinta gêmeos em suas obras?

O mestre estranhou. A freira o havia reconhecido sem sequer se incomodar em abrir os olhos.

— Pinto o que sei, irmã.

— Ah, Leonardo! — murmurou. — Não pense que não percebi quem você é. Eu sei perfeitamente. Mas, a esta altura de minha vida, não vale mais a pena litigar com você.

Irmã Verônica falava muito devagar, com um tom quase imperceptível, difícil de entender para o toscano.

— Eu vi seu altar na igreja de San Francesco, sua *madonna*.

— E lhe agradou?

— A Virgem, sim. Você é um artista com um grande dom. Mas os gêmeos, não… Diga-me, mudou?

— Sim, irmã. Tal como me pediram os irmãos franciscanos.

— Você tem fama de teimoso, Leonardo. Hoje me disseram que voltou a pintar gêmeos no refeitório dos dominicanos. É verdade?

Leonardo se ergueu, atônito.

— Viu o *Cenacolo*, irmã?

— Não. Mas seu trabalho é muito comentado. Deveria saber disso.

— Já lhe disse antes, sóror Verônica: só pinto aquilo de que tenho certeza.

— Então, por que insiste em incluir gêmeos em suas obras para a Igreja?

— Porque existiram. André e Simão foram irmãos. Santo Agostinho e outros grandes teólogos afirmam isso. O apóstolo Tiago com frequência era confundido com Jesus em virtude da enorme semelhança que tinham. E nada disso foi inventado por mim; está escrito.

A freira deixou de sussurrar.

— Ah, Leonardo! — gritou. — Não incorra no mesmo erro que na San Francesco! A missão de um pintor não é confundir o fiel, e sim mostrar-lhe com clareza os personagens que lhe foram encomendados.

— Erro? — Leonardo ergueu a voz sem querer.

Marco, o pároco e as duas irmãs que cuidavam da moribunda se voltaram para ele.

— Que erro?

— Vamos, mestre! — grunhiu a moribunda. — Por acaso não o acusaram de confundir, em seu quadro, São João com Jesus? Por ventura não os retratou como se fossem duas gotas de água? Não tinham o mesmo cabelo cacheado, os mesmos pômulos e quase a mesma expressão? Sua obra não induzia a uma perversa confusão entre João e Cristo?

— Desta vez não acontecerá, irmã. Não no *Cenacolo*.

— Mas me disseram que já pintou Tiago com o mesmo rosto de Jesus!

Todos ouviram o protesto de sóror Verônica. Marco, que ainda sonhava em provar ao mestre que seria capaz de decifrar os segredos de sua obra, prestou atenção:

— Não há confusão possível — replicou Leonardo. — Jesus é o eixo de minha nova obra. É um enorme "A" no centro do mural. Um alfa gigante. A origem de toda minha composição.

D'Oggiono acariciou o queixo, meditativo. Como não havia notado antes? Se analisasse mentalmente *A última ceia*, Jesus, de fato, parecia um enorme "A" maiúsculo.

— Um "A"? — sóror Verônica baixou a voz. Estranhou aquilo. — E pode-se saber o que você escreveu, desta vez, em sua obra, Leonardo?

— Nada que os verdadeiros fiéis não possam ler.

— A maioria dos bons cristãos não sabe ler, mestre.

— Por isso pinto para eles.

— E isso lhe deu o direito de incluir a si mesmo entre os Doze?

— Encarno o mais humilde dos discípulos, irmã. Represento Judas Tadeu, quase no fim da mesa, como o ômega que vai na cauda do alfa.

— Ômega? Você? Vá com cuidado, mestre. É muito pretensioso e o orgulho poderia perder sua alma.

— É uma profecia? — perguntou irônico.

— Não deboche desta anciã e dê ouvidos ao prognóstico que tenho de lhe fazer. Deus me deu uma visão clara do que está por vir. Deve saber, Leonardo, que não serei eu a única que hoje entregará a alma ao Pai Eterno — disse. — Alguns desses que são chamados de verdadeiros fiéis me acompanharão à Sala do Juízo. E receio que não ganharão a misericórdia do Altíssimo.

Marco d'Oggiono, impressionado, viu sóror Verônica arfar por causa do esforço.

— A você, porém, ainda resta vida para se arrepender e salvar sua alma.

14

NUNCA AGRADECEREI O BASTANTE AO IRMÃO ALESSANDRO PELO MUITO que me ajudou nos dias que se seguiram àquele passeio. Afora ele e o jovem Matteo, que às vezes visitava a biblioteca para bisbilhotar o trabalho do frade esquivo vindo da cidade pontifícia, eu mal trocava palavras com ninguém. Os demais religiosos, só via nas horas de comer no improvisado refeitório que haviam montado ao lado do chamado "claustro grande", e às vezes na igreja, nos momentos de oração. Mas em um e outro lugar predominava a regra do silêncio, e não era fácil travar relações com nenhum deles.

Na biblioteca, ao contrário, tudo mudava. Frei Alessandro perdia a rigidez que mostrava entre os seus e soltava a língua tão reprimida em outras áreas da vida monástica. O bibliotecário era de Riccio, junto ao lago Trasimeno, mais perto de Roma que de Milão, o que de certo modo justificava seu isolamento do resto dos frades e fazia que me visse como um conterrâneo necessitado, a quem proteger. Embora jamais o tivesse visto comer, todos os dias me levava água, uns biscoitos de trigo duros como seixos (uma especialidade de frei Guglielmo que ele surrupiava às escondidas para mim), e até me abastecia de óleo novo para o lampião, cada vez que este ameaçava se extinguir. E tudo — compreendi mais tarde — para não se afastar de mim, à espera de que seu inesperado hóspede necessitasse descarregar sobre alguém suas tensões e lhe revelasse novos detalhes de seu "segredo". Imagino que, a cada hora que passava, Alessandro o supunha maior. Eu o censurava dizendo que a imaginação não era um bom aliado para alguém que pretendesse decifrar mistérios, mas ele se limitava a sorrir, certo de que suas habilidades lhe seriam úteis um dia.

Do que jamais tive uma só queixa dele foi quanto à sua extraordinária humanidade. Logo frei Alessandro se transformou em um bom amigo. Estava por perto sempre que necessário. Ele me consolava quando eu jogava a pena no chão, desesperado diante da falta de

resultados, e me estimulava a perseverar naquele diabólico enigma. Mas *Oculos ėjus d. inumera* resistia a tudo. Nem mesmo aplicar valores numéricos a suas letras me oferecia nada além de confusão. No terceiro dia de decepções e desvelos, frei Alessandro já havia visto os versos, sabia-os de cor e brincava com eles impaciente, procurando de cenho franzido por onde quebrar seu código. Cada vez que encontrava algo claro naquela confusão de palavras, seu rosto se iluminava de satisfação. Era como se, de repente, suas feições afiladas conseguissem se suavizar, trocando aquele rosto duro por outro de menino entusiasmado. Em uma daquelas celebrações eu soube, por exemplo, que os enigmas de números e letras eram seus favoritos. Desde que lera Raimundo Lúlio, o criador do *Ars Magna* dos códigos secretos, vivia para eles. E aquele *gufo*[14] era uma fonte inesgotável de surpresas. Parecia conhecer tudo. Cada obra importante da arte da criptografia, cada tratado cabalístico, cada ensaio bíblico. Contudo, tanta preparação teórica não parecia nos servir muito…

— Então — murmurou Alessandro numa daquelas tardes nas quais sua comunidade fervilhava de atividade, preparando os funerais de *donna* Beatrice —, o senhor, realmente, pensa que devemos contar os olhos de alguma imagem do convento para resolver seu problema? Pensa que será simples assim?

Dei um tapinha em suas mãos com afeto, enquanto dava de ombros. O que podia responder? Que aquilo era a única coisa que nos restava experimentar? O bibliotecário me observava com seus olhos de coruja enquanto acariciava seu queixo de sabre. Mas, como eu, ele também desconfiava dessa opção. Tínhamos nossos motivos. Se o número do nome devia ser buscado na quantidade de olhos de uma imagem — tanto fazia que fosse a Virgem, São Domingos ou Santa Ana —, o resultado nos levaria a um beco sem saída. Afinal de contas, não era possível achar um nome próprio de só uma ou duas letras, que seria o resultado evidente que nos daria o número de olhos de qualquer das estátuas de Santa Maria. Além disso, nenhum dos frades da comunidade respondia a nome ou apelido tão curto. Nenhum Io, Eo, Au ou nada parecido se alojava ali. Nem sequer um nome como Jó, de só duas letras, serviria para alguma coisa. Em Santa Maria não havia nenhum, e também nenhum Noé, nenhum Lot; e, mesmo que houvesse, em que rosto íamos encontrar três olhos para lhe atribuir a autoria das cartas anônimas?

De repente, dei-me conta de uma coisa. E se o enigma não se referisse aos olhos de um ser humano? E se se tratasse de um dragão, uma hidra de sete cabeças e catorze olhos, ou algum outro tipo de monstro pintado no "flanco" de alguma sala?

— Mas não há monstros assim em nenhum lugar de Santa Maria — protestou frei Alessandro.

— Nesse caso, talvez estejamos equivocados. Quem sabe a figura à qual devemos contar os olhos não está neste convento, e sim em outro edifício. Em uma torre, um palácio, outra igreja próxima…

— Isso mesmo, padre Agustín! Conseguimos! — Os olhos do bibliotecário cintilaram de emoção. — Não percebe? O texto não está falando de uma pessoa ou de um animal, e sim de um edifício!

— Um edifício?

— Claro! Meu Deus, que ignorância! Está claro como a água! *Oculos*, além de olhos, são também janelas. Janelas redondas. E a igreja de Santa Maria está cheia delas!

O bibliotecário rabiscou algo em um pedaço de papel. Era uma tradução alternativa, rápida, que me entregou nervoso, com a esperança de que eu a referendasse. Se estivesse certo, todo esse tempo havíamos tido a solução diante do nosso nariz. Segundo o *gufo*, nosso "conta os olhos, mas não lhe olhes no rosto" também podia ser entendido como "conta as janelas, mas não lhe olhes a fachada".

Eu tinha de reconhecer: mesmo forçado, o texto tinha um sentido avassalador.

A parte externa da igreja de Santa Maria estava, de fato, cheia de *oculos*, janelas redondas desenhadas por certo Guiniforte Solari no mais puro gosto lombardo promovido pelo Mouro. Estavam por toda parte, inclusive no perímetro da novíssima cúpula bramantina sob a qual eu vinha rezando havia uma semana. Podia ser tão simples? Frei Alessandro não tinha dúvida alguma:

— Vê? É a fachada lateral, padre Agustín! — tornou a insistir. — A segunda frase confirma: *In latere nominis mei notam rinvenies*. Devemos buscar o número de seu nome no flanco! Contar as janelas da única lateral que as tem, sem levar em conta as da fachada! Aí está seu número!

Foi o melhor momento de minha estadia em Milão.

15

NINGUÉM PERCEBEU.

Nenhum dos vendedores, cambistas ou frades que deambulavam naquele fim de tarde pelos arredores da San Francesco, o Grande reparou no sujeito sem graça e mal vestido que entrou apressado na igreja dos franciscanos. Era véspera de feriado, dia de mercado, e os milaneses já tinham trabalho bastante para se abastecer de alimentos e utensílios para os dias de luto oficial que se avizinhavam. Além do mais, a notícia da morte de sóror Verônica de Binasco havia corrido como rastilho de pólvora pela cidade, ocupando boa parte de suas conversas e deflagrando um apaixonado debate sobre os verdadeiros poderes da visionária.

Em tais circunstâncias, era lógico que um vagabundo a mais ou a menos não atraísse sua atenção.

Mas aqueles ignorantes, contudo, enganaram-se mais uma vez. O mendigo que havia entrado na San Francesco não era um qualquer. Seus joelhos estavam roxos por horas de penitência, e sua cabeça tonsurada com esmero como mostra de devoção. Tratava-se, de fato, de um homem temente a Deus, de coração puro, que cruzou o limiar da porta grande da igreja dos franciscanos tremendo, certo de que algum daqueles vizinhos supersticiosos, talvez impressionados pelos augúrios de sóror Verônica, cedo ou tarde o delataria.

Não lhe era difícil imaginar o que estava prestes a se desencadear: alguém, rapidamente, correria a informar o sacristão da presença de outro miserável no templo. Este daria a notícia ao diácono, que, sem demora, avisaria o verdugo. Havia semanas que as coisas estavam ocorrendo assim, e ninguém parecia se importar. Os falsos mendigos que haviam chegado ao templo antes dele haviam desaparecido sem deixar rastro. Por isso tinha certeza de que não ia sair vivo dali. Contudo, era um preço que ia pagar com prazer.

Sem tomar fôlego, o homem de roupa puída deixou para trás a dupla

fila de bancos de madeira que flanqueava a nave principal e apertou o passo rumo ao altar-mor. Na igreja não se via uma viva alma. Tanto melhor. De fato, já quase podia sentir a presença do santo. Jamais havia se sentido tão perto de Deus. Ele estava perto. Senão, como explicar que a essa hora a luz que entrava pelos vitrais fosse a exata para apreciar todos os detalhes do "milagre"? O peregrino havia esperado tanto tempo para chegar até aquele altar e prestar homenagem à *Opus Magnum* que as lágrimas saltavam de emoção. E não em vão. Por fim lhe havia sido permitido ver uma pintura da qual muito poucos, em Milão, conheciam o verdadeiro nome: *La Maestà*.[15]

Era esse o fim do caminho?

O falso vagabundo assim intuía.

Aproximou-se com cautela. Havia ouvido tantas vezes a descrição da obra que as vozes de quem o instruíra sobre seus detalhes ocultos, sobre sua verdadeira chave de leitura, aglomeravam-se agora em sua memória, ofuscando-lhe a razão. A pintura, de 189 × 120 centímetros[16], ajustada como uma luva ao nicho do altar previsto para ela, era inequívoca: nela, duas crianças de pouca idade se olhavam. Uma mulher de rosto sereno protegia ambas com seus braços, enquanto um anjo solene, Uriel, apontava o escolhido pelo Pai com um indicador firme e acusador. "Quando contemplares esse gesto, confirmarás a verdade que lhe foi revelada" — julgava ouvir ainda. — "O olhar do anjo lhe dará a razão."

Seu coração se acelerou. Ali, na solidão absoluta do templo, o peregrino estendeu a mão com certo medo, como se pretendesse se unir para sempre àquela cena divina. Era verdade. Verdade como a bondade de sua fé. Os que haviam peregrinado antes dele, em segredo, até aquele lugar não haviam mentido. Nenhum deles. Aquela obra do mestre Leonardo continha o segredo para culminar a busca milenar da verdadeira religião.

Mas, ao olhar de novo o insigne óleo, algo chamou sua atenção. Que estranho… Quem havia pintado um halo sobre a cabeça dos três personagens evangélicos? Acaso não lhe haviam dito seus irmãos que aquele adorno supérfluo, fruto de mentes retrógradas e ávidas de prodígios, havia sido deliberadamente omitido pelo mestre pintor? Que faziam ali, então? O falso mendigo se assustou. Os halos não eram a única alteração da *Opus Magnum*. Onde estava o dedo de Uriel

apontando o verdadeiro Messias? Por que sua mão descansava sobre o regaço, em vez de apontar para o verdadeiro Filho de Deus? E que razão obrigava o anjo a não mais olhar para o espectador?

Logo uma vertiginosa sensação de horror cresceu dentro dele. Alguém havia alterado *La Maestà*!

— Está duvidando, não é verdade?

O vagabundo não mexeu nem um só músculo. Ficou gelado ao escutar uma voz cavernosa e seca atrás de si. Não havia ouvido os rangidos das dobradiças da porta da igreja, de modo que o intruso devia estar havia um bom tempo observando-o.

— Eu sei que você é como os outros. Por alguma razão obscura, vocês, os hereges, vêm às manadas à casa de Deus. Vêm atraídos por sua luz, mas são incapazes de reconhecê-la.

— Hereges? — sussurrou paralisado.

— Ora, vamos! Achava que não perceberíamos?

A língua do peregrino não conseguiu articular mais uma palavra.

— Pelo menos, desta vez, você não achará o consolo de orar diante de sua desprezível imagem.

Seu pulso estava acelerado. O falso mendigo sabia que havia chegado sua hora. Estava aturdido, furioso. Sentia-se frustrado por ter arriscado sua vida para se prostrar diante de uma fraude. O quadro que estava diante de seus olhos não era a *Opus Magnum*. Não era a *Maestà* prometida.

— Não pode ser… — murmurou.

O desconhecido riu.

— É muito fácil de entender. Eu lhe concederei a graça do conhecimento antes de enviá-lo para o inferno. Leonardo pintou sua *Maestà* em 1483, há catorze anos. Como pode imaginar, os franciscanos não ficaram muito satisfeitos com ela. Esperavam um quadro que reforçasse sua crença na imaculada concepção e que servisse para iluminar este altar. Porém, ele lhes apresentou uma cena que não aparece em nenhum evangelho e que reúne São João e Cristo em algum momento da fuga deste ao Egito.

— A mãe de Deus, João, Jesus e o arcanjo Uriel. O mesmo que avisou Noé do dilúvio. Que mal vê nisso?

— Todos vocês são iguais — replicou a voz em tom amargo. — Leonardo aceitou modificar a pintura e nos entregou esta, que mostra

algumas mudanças em relação à primeira. Havia eliminado os detalhes insolentes.

— Insolentes?

— E como chamar, então, uma obra na qual não se consegue distinguir São João de Jesus Cristo, na qual nem a Virgem nem seu filho estão coroados com a auréola da santidade que lhes cabe por direito próprio? Como se entende que os dois meninos sagrados sejam idênticos um ao outro? Que tipo de blasfêmia é essa que busca confundir os crentes?

Uma sensação de alívio lhe permitiu respirar fundo pela primeira vez. O verdugo — pois tinha certeza de que era ele — não havia compreendido nada. Os irmãos que o haviam precedido e que jamais voltaram deviam ter morrido por suas mãos, sem lhe revelar a razão daquele culto discreto, e ele estava disposto a manter seu voto de silêncio, mesmo ao preço de seu próprio sangue.

— Não serei eu a dissipar suas dúvidas — disse com serenidade, sem se atrever a dar rosto à voz.

— É uma pena. Uma verdadeira pena. Não percebem que Leonardo os traiu pintando esta nova versão da *Maestà*? Se reparar bem na pintura que está à sua frente, os dois meninos já são claramente discerníveis um do outro. O que está junto à Virgem é São João. Leva sua cruz de pé longo e reza enquanto recebe a bênção do outro menino: Cristo. Uriel já não aponta o dedo a ninguém, e fica bem claro, por fim, quem é o aguardado Messias.

Traidor?

Era possível que mestre Leonardo houvesse dado as costas a seus irmãos?

O peregrino tornou a estender a mão para o quadro. Havia chegado ali amparado pela multidão que entrava em Milão para assistir aos funerais de *donna* Beatrice d'Este, sua protetora. Também ela os havia traído? Era possível que tudo aquilo pelo que tanto haviam lutado desmoronaria agora?

— Na realidade, não preciso que me esclareça nada — prosseguiu a voz desafiante. — Sabemos quem inspirou Leonardo a esta maldade, e, graças ao Pai Eterno, esse miserável jaz sob a terra faz tempo. Não duvide: Deus castigará frei Amadeu de Portugal e seu *Apocalipsis Nova* como deve. E, com ele, seu ideal da Virgem entendida não como mãe de

Cristo, e sim como símbolo da sabedoria.

— Contudo, é um lindo símbolo — protestou. — Um ideal compartilhado por muitos. Será que pretende condenar todos aqueles que pintarem a Virgem com o menino Jesus e o menino João?

— Se induzirem a confusão na alma dos crentes, sim.

— E realmente acredita que os deixarão, por acaso, se aproximar de mestre Leonardo, de seus discípulos ou do pintor de Luino?

— Bernardino de Lupino? Aquele a quem também chamam de Lovinus ou Luini?

— Conhece-o?

— Conheço suas obras. É um jovem imitador de Leonardo que, pelo visto, comete os mesmos erros. Não duvide: também ele cairá.

— Que pretende fazer? Matá-lo?

O peregrino notou que alguma coisa estava errada. Um assobio metálico, como o que faria uma espada ao ser tirada de sua bainha, soou atrás de si. Seus votos o impediam de portar armas, de modo que elevou uma prece à falsa *Maestà*, pedindo seu consolo.

— Também vai dar cabo de mim?

— O Áugure acabará com os imprudentes.

— O Áugure?

Mal terminou de formular sua pergunta quando uma estranha convulsão agitou suas entranhas. A afiada lâmina de um enorme sabre de aço perfurou suas costas. O peregrino deixou escapar um estertor terrível. Um palmo de metal partiu em dois seu coração. Foi uma sensação aguda, fugaz como um relâmpago, que o fez abrir os olhos de puro terror. O falso vagabundo não sentiu dor, e sim frio. Um gélido abraço que o fez cambalear sobre o altar e cair sobre seus joelhos roxos.

Foi a única vez que viu seu agressor.

O Áugure era uma sombra corpulenta, de carvão, sem expressão no rosto. Começava a anoitecer na igreja. Tudo se tornava escuro. Até o tempo começou a se tornar lento de um modo estranho. Ao tocar o pavimento do altar, a trouxa que o peregrino levava ao ombro se desmanchou, deixando cair dois pães e um calhamaço de cartas com curiosas efígies estampadas. A primeira correspondia a uma mulher com o hábito de São Francisco, uma coroa tripla na cabeça, uma cruz como a de João na mão direita e um livro fechado na esquerda.

— Maldito herege! — rosnou o Áugure ao ver aquilo.

O peregrino lhe devolveu um sorriso cínico, enquanto via o Áugure tomar aquela carta e molhar uma pluma em seu sangue para anotar algo no verso.

— Jamais… abrirá… o livro da sacerdotisa.

Naquela posição antinatural, com o coração bombeando sangue aos borbotões no piso, chegou a vislumbrar algo que lhe havia passado despercebido até esse momento: embora Uriel não mais apontasse para João Batista como na verdadeira *Opus Magnum*, seus olhos entreabertos diziam tudo. A "chama de Deus", com os olhos estrábicos, continuava apontando o sábio do Jordão como o único salvador do mundo.

Leonardo — consolou-se antes de mergulhar na escuridão eterna — não os havia traído, afinal. O Áugure havia mentido.

16

Aguardamos as primeiras luzes do sábado, 14 de janeiro, para abandonar o interior do convento e percorrer com tranquilidade o frontispício de tijolos de Santa Maria delle Grazie. Frei Alessandro, que havia demonstrado ter certa astúcia natural para os enigmas, estava outra vez exultante. Era como se as geadas que horas antes petrificavam aquela parte da cidade não o afetassem. Às 6h30, depois dos ofícios, o bibliotecário e eu estávamos preparados para sair à rua. Seria uma operação simples, que nos tomaria pouco mais de dois minutos, mas que, contudo, me perturbava profundamente.

Frei Alessandro notou, mas ainda assim decidiu se calar. Não ignorava que, fosse qual fosse o "número do nome" que obtivéssemos contando as janelas da fachada, continuaríamos sem resolver o problema. Teríamos um número; talvez o do valor do nome de nosso anônimo informante, mas não poderíamos ter certeza disso. E se se tratasse do número total das letras de seu sobrenome? Ou o número de sua cela? Ou…

— Esqueci de lhe dizer algo — interrompeu-me por fim.

— De que se trata, irmão?

— É algo que talvez o alivie: quando tivermos esse bendito número, ainda restará muito trabalho a fazer, se quisermos chegar ao fundo de seu enigma.

— É verdade.

— Pois bem, deve saber que Santa Maria acolhe a comunidade de frades mais habituada a resolver enigmas de toda a Itália.

Sorri. O bibliotecário, como tantos outros servos de Deus, jamais havia ouvido falar de Betânia. Era melhor assim. Mas frei Alessandro insistiu em me explicar as razões de sua orgulhosa afirmação: assegurou-me que o passatempo favorito daqueles trinta dominicanos de elite era justamente resolver hieróglifos. Havia muitos deles exímios nessa arte, e não poucos se divertiam criando-os para os outros.

— Os bosques parem filhos que depois os destroem. O que são? — enunciou com voz cantante, diante de minha inapetência para acrescentar jogos à nossa missão. — Os cabos dos machados!

Frei Alessandro não foi parco em detalhes. De tudo o que me disse, o que mais chamou minha atenção foi saber que o uso de enigmas em Santa Maria não era só recreativo. Frequentemente, os frades os empregavam em seus sermões, transformando-os em instrumentos para doutrinar. Se o que aquele frade dizia não era um exagero, seus muros abrigavam o maior campo de adestramento de criadores de enigmas da cristandade, depois de Betânia. Por essa razão, se o Áugure havia saído de algum lugar, esse era o local perfeito.

— Ouça o que digo, padre Leyre — o bibliotecário se antecipou a minhas lucubrações. — Quando tiver o número e não souber o que fazer com ele, consulte qualquer um dos nossos irmãos. Aquele de quem menos esperar terá uma solução para seu enigma.

— Você quer dizer qualquer um?

O bibliotecário franziu o cenho.

— Pois claro! Qualquer um! Certamente, quem trabalha nos estábulos sabe mais de enigmas que um romano como o senhor. Pergunte sem medo ao prior, ao padre cozinheiro, aos responsáveis pela despensa, aos copistas, a todos! Mas tenha cuidado para que não o escutem muito e não o censurem por quebrar o voto de silêncio que todo frade deve respeitar.

E, dizendo isso, retirou a tranca que bloqueava o acesso principal ao convento.

Uma pequena avalanche de neve caiu do telhado, estatelando-se com um estrondo surdo a nossos pés. Para ser sincero, eu não esperava que algo tão banal como percorrer a fachada de uma igreja ao alvorecer fosse um exercício delicado. O intenso frio da madrugada havia transformado a neve em uma perigosa pista de gelo. Tudo estava branco, deserto e envolto em um silêncio que intimidava. A simples ideia de se aproximar do muro de tijolos do mestre Solari e margear a cerca que circundava o terceiro claustro teria assustado o mais valente: um escorregão inoportuno poderia nos quebrar o pescoço ou nos deixar mancos pelo resto de nossos dias. Para não falar de como seria difícil explicar aos frades o que estávamos fazendo a essa hora longe de nossas orações, arriscando a vida extramuros do convento.

Não pensamos mais. Com cautela, tentando molhar as sandálias só o necessário, avançamos devagar entre as placas de gelo rumo ao centro da fachada, em paralelo à rua. Cruzamo-la quase engatinhando, e, quando frei Alessandro e eu nos percebemos a uma distância conveniente, com perspectiva do conjunto do edifício, nós as contemplamos. Uma iluminação tênue procedente do interior as fazia brilhar como os olhos de um dragão. Ali, de fato, abria-se uma pequena série de janelas redondas, de *oculos*, que adornavam a igreja em toda a sua extensão. Sua fachada ficava virando a esquina, uns passos além, com o "rosto" voltado para o outro lado.

— *Mas não lhe olhes no rosto*… — disse batendo os dentes.

Gelado, escondendo as mãos nas mangas do hábito de lã, contei: uma, duas, três… sete.

E aquele sete me desconcertou. Sete versos, sete *oculos*… O número do nome do anônimo remetente era, sem dúvida, esse maldito e recorrente sete.

— Mas, sete o quê? — perguntou o bibliotecário.

Dei de ombros.

17

O QUE ACONTECEU A SEGUIR ILUMINOU MEU CAMINHO.

— Então, o senhor é o padre romano que acaba de se estabelecer em nossa casa?

O prior de Santa Maria delle Grazie, Vicenzo Bandello, escrutou-me com semblante severíssimo antes de me convidar a entrar na sacristia. Finalmente, eu conhecia o homem que havia redigido o informe sobre a morte de Beatrice d'Este para Betânia.

— O irmão Alessandro me falou muito do senhor — prosseguiu. — Ao que parece, é um homem estudioso. Um intelectual atento, com força de vontade, com quem esta comunidade poderá se enriquecer enquanto durar sua estadia entre nós. Como disse que se chama?

— Agustín Leyre, prior.

Bandello havia acabado de concluir os ofícios da hora terça, com aquele sol insuficiente gravitando sobre o vale padano. Estava prestes a se retirar para preparar seu sermão para o funeral de *donna* Beatrice quando o abordei. Foi um impulso irracional só em parte. Frei Alessandro não havia insistido para que eu perguntasse a qualquer irmão da comunidade sobre meu enigma? Não era ele quem me havia afirmado que o frade menos esperado poderia ter uma resposta adequada? E quem podia ser mais inesperado que o prior?

Decidi logo após voltar gelado do exterior e buscar um pouco de calor intramuros do convento. A sorte quis que eu bisbilhotasse na sacristia e que o padre Bandello se encontrasse nela. O bibliotecário me havia deixado sozinho. Havia acabado de se ausentar com o pretexto de descer à cozinha para buscar algumas provisões para nossa nova sessão de trabalho, de modo que foi quando reconheci a oportunidade.

Frei Vicenzo Bandello devia ter pouco mais de 60 anos, o rosto enrugado e dobrado como um velame recolhido em seu mastro, um queixo forte e uma surpreendente capacidade de permitir que seus gestos delatassem cada emoção sua. Era ainda menor do que supus na noite em

que o vi na igreja. Movia-se nervoso de um a outro dos armários de portas pintadas da sacristia, sem saber qual fechar primeiro.

— Diga-me, padre Agustín — disse, enquanto recolhia o cálice e a pátena da última missa —, tenho uma curiosidade: qual é seu trabalho em Roma?

— Meu trabalho é no Santo Ofício.

— Sei, sei. E, segundo entendo, nas horas vagas que sobram de suas obrigações gosta de resolver enigmas. Isso é bom — sorriu —, certamente nos entenderemos.

— Justamente disso que eu gostaria de lhe falar.

— É mesmo?

Assenti. Se o prior era a eminência que o bibliotecário havia descrito, era provável que não lhe houvesse escapado a presença do Áugure em Milão. Contudo, eu devia ser cauto. Talvez ele mesmo fosse o redator das cartas anônimas, mas temesse revelar sua identidade até não ter certeza de minhas verdadeiras intenções. Ainda podia ser pior: talvez não conhecesse sua existência, mas, se eu a revelasse, o que o impediria de alertar o Mouro de nossa operação?

— Diga-me algo mais, padre Leyre. Como amante de desvelar segredos, não teria ouvido falar da arte da memória?

Bandello fez aquela pergunta como sem querer, enquanto eu tentava, em vão, determinar seu grau de implicação no assunto das cartas. Talvez pecasse por excesso de zelo. De fato, cada novo frade que eu conhecia em Santa Maria passava a engrossar minha lista de suspeitos. E frei Vicenzo não seria exceção. Para dizer a verdade, de todas as alternativas possíveis, dos quase trinta irmãos que residiam entre aqueles muros, o prior era o homem que melhor se encaixava no perfil do Áugure. Não sei como não nos demos conta antes em Betânia. Seu nome, inclusive — Vicenzo —, tinha sete letras. Nem uma a mais. Como as sete linhas do endiabrado *Oculos ėjus ḋinumera* ou as sete janelas da fachada sul da igreja. Percebi esse detalhe quando comprovei a desenvoltura com que abria e fechava portas e armários-relicários daquele aposento e guardava um grande molho de chaves sob o hábito. O prior era dos poucos que tinha acesso às contas e projetos do duque para Santa Maria, e talvez o único que utilizaria um meio oficial e seguro para fazer chegar suas cartas a Roma.

— E então? — insistiu, cada vez mais divertido diante de minha

atitude pensativa. — Ouviu ou não falar dessa arte?

Sacudi negativamente a cabeça, enquanto tentava encontrar nele algum traço que confirmasse meu juízo.

— Pois é uma pena! — prosseguiu. — Poucos sabem que nossa ordem deu grandes estudiosos em tão digna disciplina.

— Jamais soube dela.

— E, evidentemente, também não deve saber que o próprio Cícero mencionou essa arte em *De Oratore*, ou que um tratado ainda mais antigo, *Ad Herennium*, detalha-a e nos oferece a fórmula precisa com a qual recordar, no futuro, tudo o que desejarmos.

— Oferece a nós? Aos dominicanos?

— Claro! Há trinta ou quarenta anos, padre Leyre, muitos irmãos se entregaram a seu estudo. O senhor mesmo, que trabalha diariamente com arquivos e documentos complexos, nunca sonhou em arquivar em sua memória um texto, uma imagem, um nome, sem a preocupação de revisá-lo jamais, porque já sabe que vai levá-lo consigo para sempre?

— Claro que sim. Mas só os mais privilegiados podem…

— E por necessidade de seu ofício — cortou-me —, não se preocupou de averiguar qual é a melhor fórmula para obter tamanho prodígio? Os antigos, que não tinham a mesma capacidade para fazer cópias de livros que nós, inventaram um recurso magistral: imaginaram "palácios da memória" onde guardar seus conhecimentos. Também não ouviu falar deles, não é?

Neguei com a cabeça, mudo de perplexidade.

— Os gregos, por exemplo, imaginavam um edifício grande, cheio de aposentos e galerias suntuosas, e atribuíam a cada janela, arcada, colunata, escada ou sala um significado diferente. No vestíbulo "guardavam" seus conhecimentos de gramática, no salão os de retórica, na cozinha a oratória… E, para recordar qualquer coisa previamente armazenada ali, só tinham de ir a esse canto do palácio com sua imaginação e extraí-la em ordem inversa à que foi colocada. Engenhoso, não é mesmo?

Olhei para o prior sem saber o que dizer. Estava me dando abertura para lhe perguntar sobre as cartas que havíamos recebido em Roma, ou não? Devia seguir o conselho de frei Alessandro e consultá-lo sobre meu enigma, sem rodeios? Temeroso de perder sua confiança, fiz uma insinuação:

— Diga-me uma coisa, padre Vicenzo: e se, em vez de um "palácio da memória", utilizássemos uma "igreja da memória"? Poderíamos, por exemplo, disfarçar o nome de uma pessoa em uma igreja de pedra e tijolo?

— Vejo que é perspicaz, frei Agustín — piscou com certo sarcasmo. — E prático. O que os gregos desenharam aplicando a palácios imaginários, os romanos e até os egípcios ensaiaram com edifícios reais. Se quem entrasse neles conhecesse o "código de memória" preciso, poderia caminhar por suas salas e receber uma valiosa informação.

— E em uma igreja? — insisti.

— Sim, em uma igreja também poderia ser feito — concedeu. — Mas, peço permissão para lhe ensinar algo antes de explicar como funcionaria um mecanismo desse tipo. Como eu dizia, nos últimos anos, padres dominicanos de Ravena, Florença, Basileia, Milão ou Friburgo vimos trabalhando em um sistema de memorização que se baseia em imagens ou estruturas arquitetônicas especialmente preparadas para isso.

— Preparadas?

— Sim. Adaptadas, retocadas, adornadas com detalhes decorativos que parecem supérfluos aos profanos, mas que são fundamentais para quem conhece o abecedário secreto que escondem. Compreenderá com um exemplo, padre Agustín.

O prior tirou de baixo do hábito uma folha de papel que alisou sobre a mesa de oferendas. Era uma folha não maior que a palma de sua mão, branca, com manchas de lacre em um canto. Alguém havia estampado nela uma figura feminina, com o pé esquerdo apoiado em uma escada. Estava cercada de pássaros e objetos estranhos que pendiam de seu peito, e uma inscrição em caracteres latinos sob seus pés que a identificava plenamente. A "senhora Gramática", pois dela se tratava, olhava para lugar nenhum com expressão ausente:



— Por estes dias, acabamos de concluir uma dessas imagens, que daqui em diante servirá para recordar as diferentes partes da arte da gramática. É esta — disse, apontando para aquele extravagante desenho. — Quer ver como funciona?

Assenti.

— Preste atenção — incitou o prior. — Se alguém nos perguntasse agora mesmo sobre os termos em que se fundamenta a gramática, e tivéssemos esta gravura diante de nossos olhos, saberíamos o que responder sem hesitar.

— É mesmo?

Bandello apreciou minha incredulidade.

— Nossa resposta seria precisa: *praedicatio, applicatio* e *continentia*. E sabe por quê? Muito fácil: porque foi o que "li" nesta imagem.

O prior se inclinou sobre a folha e começou a traçar círculos imaginários à sua volta, apontando partes diferentes do desenho:

— Olhe bem: *praedicatio* está assinalada pelo pássaro do braço direito. Em latim, essa ave, a gralha, recebe o nome de *pica*, que começa com "P". Ademais, seu bico tem também a forma dessa letra. É o atributo mais importante da figura, por isso é assinalado com duas imagens, além de ser o distintivo de nossa ordem. Afinal de contas, somos pregadores, não é?

Observei a engraçada bandeirola que a "senhora Gramática" segurava, dobrada sobre si mesma, formando o "P" de que Bandello falava.

— O atributo seguinte — prosseguiu—, *applicatio*, está representado pela *Aquila*, a águia que segura a Gramática na mão. *Aquila* e *applicatio* começam com a letra "A", de modo que o cérebro do iniciado na *Ars Memoriae* estabelecerá a relação de imediato. E, quanto à *continentia*, poderá vê-la quase escrita no peito da mulher. Se for capaz de ver esses objetos, um arco, uma roda, um arado e um martelo, como se fossem letras, lerá de imediato c-o-n-t… *Continentia!*

Era impressionante. Em uma imagem de aspecto inocente, alguém havia conseguido encerrar uma teoria completa da gramática. De repente, passou-me pela cabeça que os livros que se imprimiam já às centenas, em oficinas de Veneza, Roma ou Turim, incluíam gravuras em seus frontispícios que poderiam conter mensagens ocultas que, para os leigos, passariam despercebidas. Na Secretaria de Códigos nunca haviam nos ensinado nada parecido.

— E os objetos que pendem dos pássaros ou que estes seguram? Também têm algum significado? — perguntei, ainda atônito por aquela inesperada revelação.

— Meu querido irmão: tudo, absolutamente tudo, tem um significado. Nestes tempos nos quais cada senhor, cada príncipe ou cardeal tem tantas coisas a ocultar dos outros, seus atos, as obras de arte que paga ou os escritos que protege escondem coisas dele.

O prior concluiu aquela frase com um enigmático sorriso. Foi minha oportunidade:

— E o senhor? — murmurei. — Também oculta algo?

Bandello me olhou sem perder sua expressão irônica. Acariciou o cocoruto perfeitamente tonsurado e ajeitou distraidamente os cabelos.

— Um prior também tem seus segredos, de fato.

— E os esconderia em uma igreja já construída? — prossegui com minha aposta.

— Oh! — exclamou. — Isso seria muito fácil. Primeiro, contaria tudo: paredes, janelas, torres, sinos… O número é o mais importante! Depois, com a igreja reduzida a números, buscaria quais deles poderiam se irmanar com letras ou palavras adequadas. E os compararia tanto quanto ao número de caracteres que formam uma palavra, quanto pelo valor dessa palavra quando se reduzisse, por sua vez, a números.

— Isso é gematria, padre! A ciência secreta dos judeus!

— É gematria, de fato. Mas não é um saber desprezível, como você sugere com tanto escândalo. Jesus foi judeu e aprendeu gematria no templo. Senão, como saberíamos que Abraão e Misericórdia são palavras numericamente gêmeas? Ou que a escada de Jacó e o monte Sinai somam, em hebraico, 130, o que nos indica que ambos são dois lugares de ascensão aos céus designados por Deus?

— Ou seja— interrompi —, se tivesse de esconder seu nome, Vicenzo, na igreja de Santa Maria, escolheria alguma particularidade do templo que somasse sete, assim como as sete letras de seu nome.

— Exato.

— Como, por exemplo… sete janelas? Sete *oculos*?

— Seria uma boa opção. Mas eu me inclinaria por algum dos afrescos que adornam a igreja. Permitem acrescentar mais matizes que uma simples sucessão de janelas. Quanto mais elementos somar a um espaço, mais versatilidade concederá à arte da memória. E, na verdade, a fachada de Santa Maria é um pouco simples para isso.

— Acha isso mesmo?

— Sim. Além de tudo, o sete é um número sujeito a muitas interpretações. É o número sagrado por excelência. A Bíblia recorre a ele constantemente. Eu não pensaria em tomar um número tão ambíguo para mascarar meu nome.

Bandello parecia sincero.

— Façamos um trato — acrescentou de surpresa. — Eu lhe confio o enigma no qual esta comunidade trabalha agora, e você me confia o seu. Tenho certeza de que poderemos nos ajudar mutuamente.

Naturalmente, aceitei.

18

O PRIOR, ORGULHOSO, PEDIU-ME QUE O ACOMPANHASSE AO OUTRO LADO do convento. Desejava me mostrar algo. E rápido.

A passo ligeiro, atravessamos o altar-mor, deixamos para trás o coro e a tribuna que estavam acabando de enfeitar para os funerais de *donna* Beatrice, e pegamos o longo corredor que desembocava no claustro dos mortos. O convento era um lugar sóbrio; com paredes de tijolos à vista e colunas de granito ordenadas de forma impecável ao longo de corredores cuidadosamente pavimentados. A caminho de nosso misterioso destino, frei Vicenzo fez um sinal ao padre Benedetto, o copista caolho, que, como de costume, passeava sem rumo entre as arcadas, com o olhar perdido em um breviário que não consegui identificar.

— E então? — grunhiu, ao se sentir reclamado por seu superior. — Outra vez visitando a *Opus Diaboli*? Tiraria mais proveito se a sepultasse sob uma camada de cal!

— Por favor, irmão! Preciso que nos acompanhe — ordenou o prior. — Nosso hóspede precisa de alguém que saiba lhe contar histórias deste lugar, e ninguém melhor que você para isso. É o frade mais antigo da comunidade. Mais ainda que os muros desta casa.

— Histórias, é?

O único olho do ancião brilhou de emoção ao ver meu interesse. Eu estava enfeitiçado por aquele homem, que parecia se divertir mostrando sua deformidade ao mundo, exibindo com orgulho a chaga que o órgão perdido lhe havia deixado no rosto.

— Nesta casa contam-se muitas histórias, é verdade. Aposto que não sabe por que chamamos este pátio de "claustro dos mortos" — afirmou, enquanto se juntava a nosso passo. — É fácil: porque aqui enterramos nossos frades, para que retornem à terra tal como vieram ao mundo: sem honras nem placas que os recordem. Sem vaidades. Só com o hábito de nossa ordem. Chegará um dia em que todo este pátio estará semeado de ossos.

— É seu cemitério?

— É muito mais que isso. É nossa antessala do céu.

Bandello já estava parado à frente de um enorme portão de madeira de folha dupla. Era uma porta de aspecto robusto, que exibia uma resistente fechadura de ferro, na qual o prior não tardou a encaixar uma das chaves que carregava. Benedetto e eu nos olhamos. Meu pulso se acelerou. Ao vê-lo, intuí que era exatamente o que o prior queria me mostrar. Frei Alessandro já me pusera na pista, e, naturalmente, preparei-me para o grande momento. Ali atrás, em uma grande sala situada bem abaixo do piso da biblioteca, devia estar o famoso refeitório de Santa Maria delle Grazie, ao qual Leonardo havia restringido o acesso dos frades. Se não estivesse enganado, aquela era a razão última de minha presença em Milão e o motivo que havia levado o Áugure a escrever suas cartas ameaçadoras à Casa da Verdade.

Uma nova dúvida me assaltou: acaso Bandello e eu compartilhávamos o mesmo enigma sem saber?

— Se este lugar já estivesse abençoado — o rosto do prior se iluminou enquanto empurrava o portão—, lavaríamos antes as mãos e você esperaria aqui fora até que eu o autorizasse a entrar.

— Mas não está! — reclamou o caolho.

— Não. Ainda não. Mas isso não impede que sua atmosfera sacra impregne nossa alma.

— Atmosfera sacra? Bobagem!

E dizendo isso, entramos os três.

Conforme supus, eu estava pondo os pés no futuro refeitório do convento. Era um lugar escuro e frio, coberto com grandes papelões apoiados nas paredes e dominado pelo caos. Cordas e tijolos, tapumes, baldes e — coisa curiosa — uma mesa posta para um almoço, servida e coberta por uma grande toalha de linho branco, completava um ambiente que parecia estar havia muito tempo abandonado. A mesa foi o que mais me chamou a atenção, porque era, com certeza, o único rastro de ordem em meio àquela desordem. Nada indicava que houvesse sido usada. Os pratos estavam limpos e as baixelas, cobertas por uma fina camada de pó, fruto de semanas de abandono.

— Peço-lhe que não se assuste com o lamentável estado de nosso refeitório, irmão Agustín — disse Bandello, enquanto arregaçava o hábito e desviava de parte daquele mar de tábuas. — Este será nosso

refeitório. Estamos há quase três anos assim, pode imaginar? Os frades não podem entrar no recinto por ordem expressa do mestre Leonardo, que o mantém fechado até que termine seu trabalho. Mas, enquanto isso, nosso mobiliário estraga naquele canto, no meio da sujeira e deste detestável cheiro de tinta.

— É um inferno, não lhe disse? Um inferno com diabo e tudo.

— Benedetto, por Deus! — recriminou o prior.

— Não se preocupem — disse eu. — Em Roma estamos sempre em obras; este ambiente me é familiar.

Separada do resto por uns biombos de madeira, em uma das laterais do imenso salão, podia ser vista uma tábua em forma de "U", sobre a qual estavam dispostas grandes banquetas envernizadas de preto. Os restos de um fino baldaquino de madeira descansavam também naquele vão escuro, apodrecendo por causa do mofo. Conforme íamos desviando de móveis, Bandello dizia:

— Não há trabalho de decoração neste convento que não sofra algum atraso. Mas os piores são os desta sala. Parece impossível pôr fim a eles.

— A culpa é de Leonardo — voltou a grunhir Benedetto. — Está há meses brincando conosco. Vamos acabar com ele!

— Cale-se, eu lhe rogo. Deixe que eu explique nosso problema a frei Agustín.

Bandello olhou à direita e à esquerda, como se se assegurasse de que não havia ninguém mais escutando. A precaução era absurda: desde que deixáramos a igreja, não havíamos cruzado com nenhum irmão, à exceção do ciclope, e era pouco provável que algum deles estivesse escondido ali quando deveria estar se preparando para os funerais ou fazendo suas tarefas diárias. Contudo, o prior pareceu inseguro, atemorizado. Quem sabe por isso baixou tanto a voz quando se aproximou de meu ouvido:

— Logo compreenderá minha precaução.

— É mesmo?

Frei Vicenzo assentiu nervoso.

— Mestre Leonardo, o pintor, tem fama de ser um homem muito influente e poderia me tirar do caminho se soubesse que permiti sua entrada aqui sem a autorização dele.

— Está se referindo a mestre Leonardo da Vinci?

— Não grite seu nome! — balbuciou. — Está espantado? O duque em pessoa o chamou, há quatro anos, para que ajudasse a decorar este convento. O Mouro quer que o panteão familiar dos Sforza se situe sob a abside da igreja, e precisa de um entorno magnífico, incontestável, com o qual justificar sua decisão perante sua família. Por isso o contratou. E acredite quando lhe digo que, desde que o duque embarcou nesse projeto, não houve um só dia de descanso nesta casa.

— Nem um só — repetiu Benedetto. — E sabe por quê? Porque esse mestre que sempre se veste de branco, a quem nunca você verá comer carne nem sacrificar um animal, é, na realidade, uma alma perversa. Introduziu uma heresia sinistra em seus trabalhos para esta comunidade e nos desafiou a que a encontremos antes que dê por terminada a obra. E o Mouro o apoia!

— Mas Leonardo não é…

— Um herege? — interrompeu-me. — Não, claro. À primeira vista, não parece. É incapaz de fazer mal a uma mosca, passa o dia todo meditando ou tomando notas em seus cadernos, e dá a impressão de ser um homem sábio. Mas tenho certeza de que o mestre não é um bom cristão.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

O prior assentiu.

— É verdade que o senhor deu ordens para levantarem toda a informação possível sobre o passado de Leonardo? Por que não confia nele? O irmão bibliotecário me disse isso.

— Veja, foi justamente depois que nos desafiou. Como pode compreender, nós nos vimos obrigados a levantar seu passado para saber que tipo de homem enfrentávamos. O senhor teria feito o mesmo se ele houvesse desafiado o Santo Ofício.

— Suponho que sim.

— A verdade é que encarreguei frei Alessandro de traçar um perfil de sua obra que nos pudesse servir para nos anteciparmos a seus passos. Foi assim que descobrimos que os franciscanos de Milão já haviam tido sérios problemas com o mestre Leonardo. Ao que parece, havia utilizado fontes pagãs para documentar seus quadros, induzindo os fiéis a graves equívocos.

— Frei Alessandro me falou disso, e também de certo livro herético de um tal frei Amadeu.

— O *Apocalipsis Nova*.

— Exato.

— Mas esse livro é só uma pequena mostra do que encontrou. Ele não lhe disse nada sobre os escrúpulos de Leonardo a respeito de certas cenas bíblicas?

— Escrúpulos?

— Isso é muito revelador. Até hoje, não fomos capazes de localizar uma só obra de Leonardo que mostre uma crucificação. Nenhuma. Como também nenhuma que reflita alguma cena da Paixão de Nosso Senhor.

— Talvez nunca tenham lhe encomendado algo assim.

— Não, padre Leyre. O toscano evitou pintar esse tipo de episódio bíblico por alguma obscura razão. De início, pensamos que podia ser judeu, mas, mais tarde, descobrimos que não. Não observava as normas do *shabat*, nem respeitava outros costumes judaicos.

— E então?

— Bem… Acho que essa anomalia deve estar relacionada com o problema que nos ocupa.

— Fale-me dele. Frei Alessandro nunca mencionou que Leonardo os houvesse desafiado.

— O bibliotecário não estava presente quando aconteceu. E, na comunidade, só meia dúzia de frades conhecem os fatos.

— Conte-me.

— Foi durante uma das visitas de cortesia que *donna* Beatrice fazia a Leonardo, há uns dois anos. O mestre havia terminado de pintar São Tomé em sua *Última ceia*. Representara-o como um homem barbudo que levanta o dedo indicador para o céu, perto de Jesus.

— Suponho que é o dedo que depois colocaria na chaga de Cristo, uma vez ressuscitado, não?

— Foi o que pensei, e assim disse a sua alteza, a princesa d'Este. Mas Leonardo riu de minha interpretação. Afirmou que nós, frades, não tínhamos nem ideia de simbolismo, e que se quisesse poderia retratar uma cena do próprio Maomé ali mesmo sem que nenhum de nós percebesse.

— Disse isso?

— *Donna* Beatrice e o mestre riram, mas a nós pareceu uma ofensa. Mas, o que podíamos fazer? Indispormo-nos com a esposa do Mouro e com seu pintor favorito? Se fizéssemos isso, com toda certeza Leonardo

nos culparia pelo atraso de seus trabalhos com *A última ceia*.

O prior prosseguiu:

— Na realidade, fui eu quem o desafiou. Quis lhe provar que não era tão ignorante no campo da interpretação de símbolos como ele acreditava, mas pus os pés em um terreno em que jamais devia ter pisado.

— O que está querendo dizer, padre?

— Naquela época, eu costumava visitar o palácio Rochetta. Devia informar ao duque sobre os avanços das obras de Santa Maria. E não eram raras as ocasiões em que surpreendia *donna* Beatrice se entretendo na sala do trono com um jogo de baralho. Suas gravuras eram figuras estranhas, chamativas, pintadas com cores vivas. Representavam enforcados, mulheres segurando estrelas, faunos, papas, anjos com os olhos vendados, diabos… Mais tarde, eu soube que aquelas cartas eram um velho legado da família. Foram desenhadas pelo antigo duque de Milão, Filippo Maria Visconti, com a ajuda do comandante dos soldados mercenários italianos Francesco Sforza, em 1441. Mais tarde, quando este assumiu o controle do ducado, deu de presente aquele baralho a seus filhos, e uma cópia acabou nas mãos de Ludovico Sforza, o Mouro.

— E o que aconteceu?

— Uma daquelas cartas representava uma mulher vestida de franciscana, segurando um livro fechado na mão. Chamou-me muito a atenção porque o hábito que usava era de homem. Ademais, parecia grávida. Pode imaginar? Uma mulher grávida com hábito de franciscano? Parecia um deboche. Pois bem, não sei por que lembrei-me dessa carta durante aquela discussão com Leonardo e afirmei. “Sei o que significa a carta da franciscana”, disse. Lembro que *donna* Beatrice ficou muito séria.

“O que o senhor pode saber?”, bufou. “É um símbolo que fala da senhora, princesa”, disse eu. Aquilo a interessou. “A franciscana é uma donzela coroada, o que significa que tem sua mesma dignidade. E está grávida. O que anuncia a chegada desse estado de graça para a senhora. Essa carta é um anúncio do que o destino lhe reserva.”

— E o livro? — perguntei.

— Isso foi o que mais o ofendeu. Eu disse que a franciscana fechava o livro para esconder que era uma obra proibida. “E que obra julga que é?”, interrogou-me mestre Leonardo. “Talvez o *Apocalipsis Nova*, que o senhor conhece muito bem”, respondi, não sem ironia. Leonardo ergueu-

se arrogante, e foi quando lançou seu desafio. “O senhor não faz ideia”, disse. “Claro que esse livro é importante. Tanto ou mais que a Bíblia, mas seu orgulho de teólogo fará com que nunca o conheça.” E acrescentou: “Quando nascer esse futuro filho da duquesa, eu já terei terminado de incorporar seus segredos a seu *Cenacolo*. E lhe asseguro que, embora venha a tê-los sob seu nariz, jamais poderá desvendá-los. Essa será a grandeza de meu enigma. E a prova de sua estupidez”.

19

— QUANDO PODEREI VER *A ÚLTIMA CEIA*? — PERGUNTEI AO PRIOR.

Benedetto sorriu.

— Agora mesmo, se quiser — disse. — Está na sua frente. Só precisa abrir os olhos.

No início, eu não sabia aonde olhar. A única pintura que eu era capaz de discernir naquele refeitório que cheirava a umidade e pó era uma Maria Madalena agarrada aos pés da cruz de Cristo. Destacava-se na parede sul do salão, e chorava com amargura diante do olhar extático de São Domingos. Aquela Madalena estava com os joelhos apoiados sobre uma pedra retangular na qual se podia ler um nome que eu jamais havia ouvido: "*Io Donatvs Montorfanv P.*".

— Esse é um trabalho do mestre Montorfano — Bandello me esclareceu. — Uma obra piedosa, louvável, concluída há quase dois anos. Mas não é o que você deseja ver.

O prior indicou, então, a parede oposta. A história da carta de baralho e seu livro secreto havia me distraído tanto que eu quase não conseguia decifrar o que meus olhos viam. Uma montanha de tábuas cobria boa parte do canto norte do refeitório. Não obstante a pouca claridade que banhava aquele canto, consegui entrever algo que me paralisou. De fato, para além da barreira de caixas e papelões, entre os vãos deixados pelo grande andaime de madeira que cruzava a parede de lado a lado, divisava-se… outra sala! Tardei algum tempo para compreender que se tratava de uma ilusão. Mas, que ilusão! Sentados ao longo de uma tábua retangular idêntica à mesa de banquete que tanto havia me chamado a atenção ao entrar, treze figuras humanas de expressões e atitudes vivas, frescas, pareciam representar uma obra teatral só para nós. Não eram atores, Deus me perdoe; eram os retratos mais reais e impressionantes que eu jamais vira de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus discípulos. É verdade que faltava definir alguns rostos, entre eles o do próprio Nazareno, mas o conjunto estava quase

terminado e… respirava.

— Então? Já consegue vê-lo? Distingue o que há por trás?

Engoli em seco antes de assentir.

O padre Benedetto, misteriosamente satisfeito, deu-me uma palmadinha suave nas costas, convidando-me a me aproximar mais daquela parede mágica.

— Aproxime-se, não vai mordê-lo. É a *Opus Diaboli*, da qual eu tentava preveni-lo. Sedutora como a serpente do Paraíso, e igualmente venenosa.

Impossível expressar em palavras o que senti naquele momento. Eu tinha a impressão de estar contemplando uma cena proibida, a imagem preservada de algo que acontecera quinze séculos antes e que Leonardo havia conseguido imortalizar com um realismo inacreditável. Na época, eu ignorava por que o caolho a chamava de "obra do Diabo", pois parecia um legado dos próprios anjos. Como embriagado, caminhei absorto a seu encontro sem olhar onde punha os pés. À medida que me aproximava, a parede ia ganhando mais e mais vida. Santo Cristo! De repente, compreendi o que fazia aquela mesa posta debaixo daqueles andaimes: toalha de mesa, talheres, jarras e grandes vasos de cristal e até fontes de louça apareciam dispostos de maneira idêntica dois metros acima, na parede, sem desmerecer em nada os reais. Mas, e os discípulos? De que rostos havia copiado suas expressões? De onde havia tomado suas roupas?

— Se quiser, irmão Agustín, podemos subir no andaime para ver a obra mais de perto. Não creio que mestre Leonardo venha hoje supervisionar seu trabalho.

"Claro que quero", pensei.

— Logo descobrirá que, por mais que se aproxime, não apreciará mais nada. — O prior sorriu com malícia. — Aqui acontece o contrário do que em qualquer quadro: se a pessoa se aproxima muito da obra, perde a sensação do conjunto, fica tonta e é incapaz de encontrar uma só marca de pincel que lhe sirva de guia para interpretar a pintura.

— Mais uma prova de sua heresia! — rugiu o caolho. — Esse homem é um mago!

Eu não sabia o que dizer. Durante alguns instantes, talvez minutos, não sei, fui incapaz de afastar os olhos das figuras mais maravilhosas que jamais havia contemplado em minha vida. Ali, de fato, não havia

marcas, perfis nem raspaduras de espátula ou borrões sobre traços de carvão. E que importância tinha isso? Mesmo inacabado, com dois apóstolos apenas esboçados na parede, com o rosto de Nosso Senhor ainda carente de expressão e as bordas externas de outras três figuras sem colorir, já se podia passear dentro daquele festim sagrado. Bandello, vendo o tempo correr, esforçou-se para me devolver à realidade:

— Diga-me, frei Agustín: com essa sagacidade com que impressionou o irmão Alessandro, ainda não notou nada estranho nesta obra?

— Não… Não sei a que o senhor se refere, prior.

— Vamos, padre. Não nos decepcione. Aceitou nos ajudar em nosso enigma. Se conseguirmos relacionar as anomalias que apresenta esta obra com o conteúdo de algum livro proibido, conseguiremos deter Leonardo e acusá-lo de tornar a se inspirar em fontes apócrifas. Seria seu fim.

O prior aguardou um instante antes de prosseguir:

— Eu lhe darei uma pista. Não notou ainda que nenhum dos apóstolos, nem sequer o próprio Jesus Cristo, ostenta o halo de santidade? Não vai me dizer que isso é normal na arte cristã!

Santo Deus. Vicenzo Bandello tinha razão. Minha estupidez não tinha limites. Eu estava tão surpreso com o extraordinário realismo dos personagens que não havia notado aquela ausência capital.

— E o que me diz da eucaristia? — acrescentou o ciclope, desbocado. — Se esta é, na verdade, *A última ceia*, por que Jesus Cristo não tem diante de si o pão e o vinho para consagrá-los? Onde está o Santo Graal que contém seu precioso sangue redentor? E por que sua vasilha está vazia? Herege! É um herege!

— O que vocês estão insinuando, irmãos? Que o mestre não seguiu o texto bíblico na hora de pintar esta cena?

Parecia-me estar escutando ainda as explicações de frei Alessandro sobre o retrato da Virgem que Leonardo havia pintado para os frades da San Francesco, o Grande. Lá também o toscano havia ignorado tanto as indicações bíblicas quanto as instruções de seus patronos. A pergunta seguinte, pois, deve ter lhes parecido pueril:

— Vocês lhe perguntaram por que o fez assim?

— Pois claro! — respondeu o prior. — E ele continua rindo em nossas barbas chamando-nos de ingênuos. Diz que não é tarefa sua nos ajudar a interpretar sua Ceia. Acredita? O velhaco passa uma tarde ou

outra por aqui, dá um par de pinceladas em algum dos apóstolos, senta-se durante horas a contemplar o que já fez e não se digna a falar com a comunidade para explicar as estranhezas de seu trabalho.

— Ao menos deve se justificar com alguma passagem evangélica, não? — disse eu já intuindo a resposta.

— Algum evangelho? — A pergunta do caolho soou sarcástica. — O senhor os conhece tão bem quanto eu, de modo que diga em que parte deles se descreve Pedro segurando uma adaga na mesa, ou Judas e Cristo colocando a mão no mesmo prato. Não encontrará nenhuma alusão a essas cenas. Não, senhor.

— Pois exija que ele lhes explique!

— Ele se esquiva. Diz que só presta contas ao duque, que é quem paga seu trabalho.

— Quer dizer que ele entra e sai desta casa quando quer?

— E acompanhado por quem deseja. Às vezes, até por mulheres da corte a quem quer impressionar.

— Perdoe minha ousadia, frei Benedetto, mas, mesmo com todo o desconforto que esse tipo de comportamento deve causar a alguém tão zeloso como o senhor, esses não são argumentos para acusar ninguém de heresia.

— Como não? Você já não tem o suficiente? Não lhe basta um Cristo sem o atributo divino, uma última ceia sem eucaristia, e um São Pedro escondendo uma adaga sabe Deus para atacar quem?

Benedetto franziu o nariz roxo de ira, bufando contra o que eu havia acabado de dizer. O prior tentou contemporizar:

— Não compreende, não é?

— Não — respondi.

— O que frei Benedetto está tentando explicar é que, embora para o senhor esta cena só pareça uma reprodução maravilhosa da ceia pascal, talvez não o seja em absoluto. Eu vi trabalhar muitos pintores em encomendas similares, menos ambiciosas, sem dúvida, mas ignoro que diabos Leonardo quer representar em minha casa.

O prior enfatizou o pronome possessivo para demonstrar como estava afetado pelo caso. A seguir, segurando as mangas de meu hábito, prosseguiu em tom sombrio.

— Receamos, irmão, que o pintor do Mouro queira realizar um deboche contra nossa fé e nossa Igreja, e, se não encontrarmos a chave

para ler sua obra, ela ficará aqui para sempre, como escárnio eterno a nossa estupidez. Por isso precisamos de sua ajuda, padre Leyre.

A última frase do padre Bandello retumbou pelo enorme refeitório. Sem soltar minhas mangas, o ciclope me puxou até outro lugar sob os andaimes, de onde era possível distinguir diversos comensais do *Cenacolo*.

— Quer mais provas? Eu lhe darei outra para que queime esse impostor!

Eu o segui.

— Vê? — vociferou. — Observe bem.

— O que há para ver, padre Benedetto?

— Leonardo! Quem mais? Não o reconhece? O bastardo se retratou entre os apóstolos. É o segundo da direita. Não há dúvida: seu mesmo olhar, suas mãos grandes e poderosas, e até sua cabeleira branca. Diz que se trata de Judas Tadeu, mas tem todos os seus traços!

— Na verdade, padre, também não vejo nada de mal nisso — repliquei. — Ghiberti também se retratou nas portas de bronze do Batistério de Florença e não aconteceu nada. É um costume muito toscano.

— Ah, é? E por que Leonardo é o único personagem de toda a mesa, ao lado do apóstolo Mateus, que aparece dando as costas a Nosso Senhor? Acredita, mesmo, que isso não indique nada? Nem o próprio Judas Iscariotes tem uma atitude tão insolente! Aprenda uma coisa — acrescentou em tom ameaçador: — Tudo o que faz esse diabo do Da Vinci obedece a um plano oculto, a um propósito.

— Então, se Leonardo encarna Judas Tadeu, quem é o verdadeiro Mateus, que também dá as costas a Nosso Senhor?

— Isso é o que esperamos do senhor! Que identifique os discípulos, que nos diga o que significa de verdade essa maldita *Ceia*!

Tentei acalmar aquele ancião enérgico e temperamental.

— Mas, padres — disse eu me dirigindo ao prior e a seu excêntrico confessor —, para pôr minha cabeça a serviço desse enigma, preciso que me expliquem em que fundamentam sua acusação contra o mestre Leonardo. Se querem um julgamento contra ele, se buscam interromper os trabalhos com um argumento sólido, temos de trabalhar com provas irrefutáveis, não com meras suspeitas. Não preciso lembrá-los de que Leonardo é um protegido do senhor de Milão.

— Esclareceremos, não se preocupe. Mas, antes, responda a mais uma coisa.

Agradeci tornar a escutar o tom sereno do prior, que retrocedeu dois passos para examinar *A última ceia* em sua totalidade.

— Só de vê-la, o que *exatamente* representa esta cena?

Sua ênfase me fez recear.

— Diga o senhor, padre.

— Está bem. Ao que parece, trata-se do momento descrito pelo Evangelho de João, no qual Jesus anuncia aos discípulos que um deles vai traí-lo. O Mouro e Leonardo escolheram a passagem com extremo cuidado.

— "*Amen dico vobis quia unus vestrum me traditurus est*"[17] — recitei de cor.

— "Na verdade vos digo que um de vós me há de trair." Exato.

— E o que vê de estranho nisso?

— Duas coisas — esclareceu. — Primeiro, diferente das últimas ceias clássicas, o fato de não ter escolhido o momento da instituição da eucaristia para este mural; e segundo — hesitou —, aqui o traidor não parece Judas.

— Ah, não?

— Olhe o mural, Deus do céu — urgiu Benedetto. — Só me resta um olho, mas vejo claramente que quem quer trair Cristo, inclusive quem o quer matar, é São Pedro.

— Pedro? Você diz São Pedro?

— Sim, Simão Pedro. Esse aí — insistiu o caolho, apontando-o entre a dúzia de rostos. — Não vê como esconde uma adaga atrás dele e se prepara para agredir Cristo? Não vê como ameaça João, colocando-lhe a mão no pescoço?

O ancião sussurrava suas acusações com veemência, como se houvesse passado muito tempo examinando em sigilo a disposição daquelas figuras e houvesse chegado a conclusões que escapavam à compreensão dos comuns mortais. O prior, a seu lado, assentia com certo receio:

— E o que me diz, justamente, desse apóstolo João? — Sua ênfase me alertou. — Reparou como o pintou? Imberbe, com mãos finas e bem cuidadas, com rosto de Madonna. Parece uma mulher!

Sacudi a cabeça, incrédulo. O rosto de João não estava terminado.

Só se intuía o esboço de uns traços doces, arredondados, quase de adolescente.

— Uma mulher? Tem certeza? Na ceia dos evangelhos nenhuma mulher se sentou à mesa.

— Vejo que começa a compreender — respondeu Bandello mais sereno. — Por isso urge resolver este enigma. A obra de Leonardo encerra muitos equívocos. Muitas alusões veladas. Sabe Deus quanto me agradam os enigmas, a arte de esconder informação em lugares reais ou pintados, mas este, não consigo descobrir.

Notei que o prior se continha.

— Claro que — acrescentou sem esperar resposta — ainda é cedo para que aprecie todos os matizes do problema. Volte aqui quando quiser. Aproveite as ausências do pintor para isso. Sente-se para admirar seu mural e tente decifrá-lo por partes, tal como fizemos nós. Em poucos dias será tomado pelo mesmo desânimo que nos domina. Este mural o deixará obcecado.

E, dizendo isso, o prior procurou em seu molho de chaves até achar a adequada. Uma grande e pesada, de ferro, com três dentes em forma de cruz latina.

— Fique com ela. Existem só três cópias. Uma fica com Leonardo, e com frequência ele a empresta a seus aprendizes. Outra a guardo eu, e a terceira o senhor a tem agora em suas mãos. E disponha de Benedetto ou de mim se precisar de qualquer esclarecimento.

— Sem dúvida — acrescentou o caolho —, nós lhe seremos de mais ajuda que o bibliotecário.

— Posso lhes perguntar o que esperam deste inquisidor que agora está a seu serviço?

— Que encontre uma interpretação total e convincente para a *Ceia*. Que identifique, se existir, esse livro no qual ele disse ter se baseado. Que determine se é ou não um texto herético como aquele *Apocalipsis Nova*, e, se for, que o detenha.

— Em troca — sorriu o prior —, nós o ajudaremos com seu enigma. Que, a propósito, ainda não nos disse qual é.

— Procuro o homem que escreveu estes versos.

E, dizendo isso, entreguei-lhe uma cópia de "*Oculos ėjus d. inumera*".

20

BERNARDINO QUASE NÃO SE ATREVIA A OLHAR POR CIMA DO CAVALETE. Embora já não fosse um adolescente e já houvesse superado de longe a casa dos 30, esse tipo de trabalho o deixava nervoso. Jamais conhecera mulher; talvez fosse o único do grêmio que não conhecera, e a Deus jurou que nunca o faria. Havia prometido isso também a seu pai assim que completara 14 anos, e ainda antes a seu mestre, ao entrar como aprendiz na oficina mais prestigiosa de Milão. Contudo, agora se arrependia. É que a filha dos Crivelli estava havia duas semanas pondo à prova sua frágil natureza. Nua, com seus cachos de ouro caindo pelos flancos, erguida na beira do sofá e com seu olhar azul cravado no teto, aquela condessinha de 16 anos era a viva imagem do desejo. Cada vez que abandonava sua expressão de anjo e cravava seus olhos nele, Bernardino se sentia morrer.

— Mestre Luini — a voz de *donna* Lucrezia soou em surdina, como se também ela se insinuasse —, quando acha que ficará pronto o retrato da menina?

— Logo, senhora condessa. Muito em breve.

— Lembre-se de que o prazo de nosso contrato expira semana que vem — insistiu.

— Bem sei, senhora. Não existe em minha vida data tão presente como essa.

A mãe da Afrodite vigiava com frequência as sessões de pose. Não que desconfiasse de Bernardino, um homem de reputação inatacável que raras vezes era visto trabalhando fora de um convento; mas havia ouvido tanto falar da voracidade dos cônegos e até do próprio papa, que não julgava demais supervisionar aquelas sessões. Além do mais, Bernardino era um homem muito atraente, talvez um pouco efeminado, e o único gentil-homem que seu marido deixava entrar em casa sem temer por sua honra. O conde tinha razões de sobra para recear: os rumores de uma relação afetiva entre sua belíssima esposa e o duque estavam havia

tempos na boca de todos. Lucrezia era a desejada. A mulher liberal a quem toda novidade excitava. E Elena, sua filha, já se perfilava como sua digna sucessora.

— Ela não é linda? — observou com orgulho a condessa. — Essas maçãs que tem como seios, tão firmes, tão duras… O senhor não imagina, mestre, quantos homens já enlouqueceram por elas.

"Enlouquecer?". O pintor conteve a duras penas o tremor do pincel. Sua tela já continha quase todos os detalhes do corpo de Elena: embora a houvesse imaginado com cabelos mais escuros e longos, uma cascata deles acariciava seu ventre até cobrir aquele maravilhoso canto de prazeres aos quais o artista havia renunciado.

— O que não entendo, mestre, é por que escolheu o tema de Madalena para retratar minha filha, justamente agora. É como se quisesse chamar a atenção do Santo Ofício. Ademais, todas as Madalenas são mulheres aflitas, tétricas. E não sei o que acho dessa horrível caveira em suas mãos.

Bernardino depositou o pincel sobre a paleta e se voltou para *donna* Lucrezia. A luz da tarde iluminava seu divã, dando relevo a formas que lhe pareciam vagamente familiares: as mechas louras e sinuosas eram idênticas às de Elena; os pômulos acentuados, exatos, os mesmos lábios úmidos e carnudos. E outros seios grávidos pulsavam sob um corselete justíssimo de tecido holandês. Vendo-a ali deitada, podia entender o apetite desmedido do Mouro por tamanha beldade. Era até lógico que sua conversa sobre a Inquisição lhe passasse despercebida.

— Condessa — disse —, lembro-lhe de que deu liberdade a mestre Leonardo para que escolhesse o tema e lhe enviasse o discípulo de sua escolha.

— Sim. É uma pena que o mestre esteja tão ocupado com esse bendito *Cenacolo*.

— Que posso lhe dizer? O mestre me pediu que pintasse uma Madalena, e é o que faço. Além do mais, vindo dele, o tema escolhido deveria orgulhar sua família.

— Orgulhar? Maria Madalena não foi uma puta? — exclamou. — Por que não encomendou um retrato ao natural, como o que seu mestre pintou para mim? Por que insistir em estigmatizar minha família com uma sombra que há séculos nos persegue?

Bernardino Luini se calou. A família Crivelli era um clã falido de

origem veneziana, que, agora, confiando na destreza da oficina de Leonardo, acreditava possível encontrar um bom partido para sua filha graças a um retrato que enaltecesse suas virtudes. E, com uma Madalena assim, não ia ser difícil. De fato, havia sido sua parca economia, e não sua opinião, que deixara o caminho livre para que o mestre escolhesse o tema da tela. E ele não desperdiçou sua oportunidade. Bernardino guardou sua ironia ao recordar a astúcia do toscano. *Donna* Lucrezia posava havia anos em sua oficina de Corso Magenta, dando vida a alguns de seus quadros mais notáveis. Se agora havia concordado em pintar sua filha como a favorita de Jesus, era porque pensava em logo iniciá-la em seus mistérios.

Não em vão Lucrezia era a última expoente de uma longa estirpe de mulheres que se julgavam herdeiras da verdadeira Maria de Magdala. Uma saga de fêmeas de traços claros e suaves, que havia gerações inspiravam poetas e pintores e que nem sempre haviam tido consciência da herança que transmitiam.

Luini deu mais duas pinceladas tentando evitar o sorriso contagiante de Elena. A seguir, meditativo, retomou a conversa:

— Acho que se precipita em seu julgamento, senhora. Maria Madalena… Santa Maria Madalena — corrigiu — foi uma mulher valente como poucas. Foi chamada de *casta meretrix,* e, diferente dos demais discípulos, que, salvo João, fugiram de Jerusalém quando crucificaram Nosso Senhor, ela o acompanhou até o pé do Calvário. Aí, senhora, está o porquê da caveira que sua filha segura. E, além do mais, Madalena foi a primeira a quem Jesus Cristo apareceu depois de ressuscitado, demonstrando o profundo carinho que sentia por ela.

— E por que acha que Ele fez algo assim?

Luini sorriu satisfeito:

— Para premiá-la por seu valor, naturalmente. Muitos acreditam que Jesus ressuscitado confiou a Madalena um grande segredo. Maria havia lhe demonstrado que era merecedora dessa distinção, e nós, cada vez que a pintamos, tentamos também nos aproximar daquela revelação.

— Agora que o menciona, também ouvi mestre Leonardo falar desse segredo, embora evite dar muitas explicações sobre ele. Certamente, seu mestre é um homem cheio de enigmas.

— Muitos consideram a inteligência um mistério, senhora. Talvez um dia ele decida lhe contar. Ou talvez escolha sua filha para isso.

— Tudo é possível com esse homem. Eu o conheço desde que chegou a Milão, em 1482, e suas intrigas nunca deixaram de me surpreender. É tão imprevisível…

Lucrezia parou um instante, como se sua mente repassasse velhas lembranças. A seguir, perguntou com vivo interesse:

— O senhor, por acaso, não conhece o segredo de Madalena?

Luini devolveu o olhar à tela.

— Pense nisto, senhora: o verdadeiro ensinamento de Cristo aos homens só pôde chegar depois de o Senhor superar a paixão e ressuscitar com a ajuda do Pai Eterno. Só então teve certeza absoluta da existência do reino dos céus. E, quando voltou dos mortos, quem encontrou primeiro? Maria Madalena, a única que teve coragem de esperá-lo, mesmo contrariando as ordens do sinédrio e dos romanos.

— Nós, mulheres, sempre fomos mais valentes que os homens, mestre Luini.

— Ou mais imprudentes…

Elena continuava muda, ouvindo divertida a conversa. Não fosse pelo calor forte da lareira que tinha atrás de si, teria pegado já um belo resfriado.

— Admiro tanto quanto a senhora a tenacidade das mulheres, condessa — disse Bernardino, voltando a tatear com o pincel. — Por isso é bom que saiba que Maria Madalena desfrutou, a partir daquela revelação, de virtudes ainda mais notáveis.

— É mesmo?

— Se um dia lhe forem reveladas, verá com quanta fidelidade se refletem no retrato de sua Elena. Então, ficará mais que satisfeita com esta tela.

— Mestre Leonardo nunca me falou de tais virtudes.

— Nosso mestre é muito prudente, senhora. As qualidades de Madalena são assunto delicado. Inclusive, assustaram os discípulos nos tempos de Nosso Senhor. Nem os evangelistas quiseram nos contar muitas coisas sobre elas!

O olhar da condessa cintilou malicioso:

— Natural! Porque era uma puta!

— Maria jamais escreveu uma linha. Nenhuma mulher daquele tempo o fez — prosseguiu o mestre Luini, ignorando as provocações. — Por isso, quem quiser saber dela deve seguir os passos de João. Como lhe

disse, o amado foi o único que esteve à altura das circunstâncias quando crucificaram Cristo. Quem admira Madalena também admira João e considera seu evangelho o mais bonito dos quatro.

— Perdoe se insisto: até que ponto Madalena foi alguém especial para Cristo, mestre Luini?

— Até o ponto de beijá-la na boca diante dos demais discípulos.

Donna Lucrezia se sobressaltou. Seu corselete rangeu quando seu peito se encolheu.

— Como?

— Pergunte a Leonardo. Ele conhece os livros que contam esses segredos. Só ele sabe o verdadeiro rosto que teve João, Pedro, Mateus… e até Madalena. Não viu ainda seu maravilhoso trabalho no convento de Santa Maria?

— Sim, claro que vi — respondeu ela com má vontade, recordando outra vez que, por causa do *Cenacolo*, não era Leonardo quem estava agora em sua casa. — Estive lá há uns meses. O duque quis me mostrar os avanços do trabalho de seu pintor favorito e me deslumbrou com a magnífica execução daquela parede. Lembro que ainda faltavam terminar o rosto de alguns apóstolos, e no convento ninguém soube nos dizer quando ficariam prontos.

— Ninguém sabe, é verdade — concordou Luini. — Mestre Leonardo não encontra modelos para alguns apóstolos. Se mesmo havendo muitos rostos sinistros na corte é difícil retratar a perversidade de um Judas, imagine como é complicado encontrar um rosto puro e carismático como o de João. Nem advinha quantos rostos o mestre teve de examinar para encontrar um bom para o discípulo amado! Leonardo sofre muito cada vez que tropeça com esses obstáculos e se atrasa irremediavelmente.

— Leve minha filha a ele, então! — riu ela. — E que coloque Madalena à mesa em vez de João!

A condessa Crivelli, divertida, levantou-se de seu divã espalhando a nuvem de perfume na qual nadava em palácio. Majestosa, aproximou-se das costas do pintor e pousou sua mão delicada nos ombros dele.

— Já chega de conversa por hoje, mestre. Acabe o retrato o quanto antes e receberá o restante do pagamento. Temos pelo menos duas horas de luz antes de cair o sol. Aproveite-as.

— Sim, senhora.

Os sapatos de *donna* Lucrezia repicaram pelo piso até se apagar.

Elena não pestanejava. Continuava ali à frente, magnífica, com a pele corada e limpa e o corpo recém-depilado pelas assistentes do palácio. Quando teve certeza de que sua mãe havia desaparecido em seus aposentos, pulou no divã.

— Sim, sim, mestre! — aplaudiu, soltando a caveira, que rolou até os pés do fogo. — Isso! Apresente-me a Leonardo! Apresente!

Luini a contemplou entrincheirado atrás de sua tela.

— Quer mesmo conhecê-lo? — sussurrou, depois de dar mais duas pinceladas, quando já não pôde mais fingir indiferença.

— Claro que quero! O senhor mesmo disse antes que talvez ele me revelasse seu segredo.

— Pois eu a advirto: talvez não goste do que vai encontrar, Elena. Ele é um homem de caráter forte. Parece distraído, mas, na realidade, é capaz de contemplar tudo com a precisão de um ourives. Distingue o número de folhas de uma flor só de vê-la de soslaio, e se empenha no estudo das minúcias de tudo, levando seus acompanhantes ao desespero.

A condessinha não desanimou:

— Isso me agrada, mestre. Por fim um homem detalhista!

— Sim, sim, Elena. Mas, na verdade, ele não gosta muito de mulheres.

— Oh! — um tom de desilusão inundou sua vozinha. — Essa parece ser a norma entre os pintores, não é mesmo, mestre?

O pintor se escondeu ainda mais atrás do quadro quando a modelo se levantou mostrando toda a sua beleza. Um calor repentino subiu por seu rosto, tingindo-o e secando sua garganta.

— Por… por que diz isso, Elena?

Ela subiu no divã para vê-lo por cima do cavalete. Seu corpo tremeu de satisfação:

— Porque o senhor está há quase dez dias me retratando nua, só nós dois trancados nesta mesma sala, e não fez nenhuma tentativa de aproximação. Minhas damas de companhia dizem que isso não é normal, e até se perguntam, safadas, se não é um *castratus*.

Luini não sabia o que responder. Levantou o olhar para encontrar o de sua interlocutora e a achou a dois palmos dele, cheirando a essência de nardo e com toda a sua pele palpitando. Nunca soube explicar o que aconteceu depois: a sala começou a rodar à sua volta enquanto uma força poderosa, estranha, que nascia de suas vísceras, dominou-o por

completo. Jogou o pincel e a paleta de lado e puxou a condessinha para si. O contato com aquele corpo jovem deu agulhadas em sua virilha.

— Você é… donzela? — hesitou.

Ela riu.

— Não. Não mais.

E, abaixando-se sobre ele, beijou-o com um ímpeto que desconhecia.

21

TAL COMO HAVIA PROGNOSTICADO O PADRE BANDELLO, *A ÚLTIMA CEIA* logo se transformou em uma obsessão para mim. Só naquela tarde de sábado, com a chave na mão, visitei-a quatro vezes antes do pôr do sol. Isso depois de me assegurar de que o lugar continuava vazio. De fato, creio que foi nesse dia que começaram a me chamar, na comunidade, de padre Trottola, que quer dizer "pião". Tinham suas razões. Sempre que algum frade cruzava comigo, me encontrava como maluco, deambulando perto do refeitório com uma idêntica e insistente pergunta nos lábios: "Alguém viu mestre Leonardo?".

Suponho que devo ter chegado ao convento no pior momento para encontrá-lo. A preparação dos funerais havia mudado os hábitos da cidade, mas em especial os de Santa Maria delle Grazie. Enquanto frei Alessandro e eu queimávamos os neurônios para decifrar o enigma do Áugure, os demais irmãos se preparavam para o dia seguinte. Já fazia treze dias que a princesa havia morrido e que seu corpo repousava embalsamado em uma arca de madeira de acácia na capela familiar do castelo. As embaixadas dos reinos convidados ao enterro passeavam impacientes pela fortaleza do Mouro e pelo convento em busca de notícias sobre a cerimônia.

Na realidade, tanto movimento me foi indiferente até a manhã do domingo, 15 de janeiro, festividade de São Mauro. Agradeci ao céu pelos toques do sino terem me acordado cedo. Havia dormido mal, muito inquieto; sonhara com os doze homens do *Cenacolo*, que se moviam e tagarelavam em torno do Messias. Já quase podia adivinhar as obscuras intenções de cada um deles, mas intuía que o tempo para lhes arrancar seus segredos corria contra mim. Naquele domingo, *donna* Beatrice seria enterrada no novíssimo panteão dos Sforza, sob o altar-mor de Santa Maria, e era provável que o misterioso Áugure que nos havia prevenido tantas vezes contra ela decidisse aparecer no convento.

Eu me dirigi ao refeitório após as orações do amanhecer. Com

certeza, aquele seria o único momento que eu teria para me recolher em sua agradável solidão. Tornaria a perder minha vista nos traços de vivas cores de mestre Leonardo e a imaginar que o misterioso trabalho do toscano não consistia em pintar aquele muro, e sim em resgatar dele, pouco a pouco, com precisão de cirurgião, uma cena mágica gravada sob o reboco pelos próprios anjos.

Estava em meio a esses delírios quando, ao virar para o oeste do claustro dos mortos e guiar meus passos até o portão que protegia o refeitório, encontrei-o escancarado. Dois homens que eu nunca havia visto antes conversavam animadamente sob o lintel:

— Já soube do bibliotecário? — ouvi dizer o que estava mais perto.

Vestia calças vermelhas, gibão de botões e listras amarelas e brancas, e tinha rosto de querubim com cachos dourados. Ao ouvi-los falar de frei Alessandro, vesti o capuz e, com ar distraído, decidi prestar atenção a uma confortável distância.

— O mestre comentou alguma coisa — respondeu o outro, um jovem alto, moreno, de aspecto atlético e atraente. — Dizem que está muito nervoso, e todos temem que possa fazer alguma bobagem.

— É lógico. Está há muito tempo com esse bendito jejum. Acho que está perdendo a razão.

— A razão?

— A falta de alimento deve estar lhe provocando alucinações. Está obcecado com que o descubram e o afastem dos livros. Você precisava vê-lo tremendo de medo ontem à noite. Parecia um bambu sacudido pelo vento.

O fortão olhou para onde eu estava parado, obrigando-me a apertar o passo se não quisesse ser descoberto. Ainda consegui ouvi-lo dizer uma última coisa:

— Afastá-lo dos livros? Isso não é possível — sentenciou. — Não creio que se atrevam a fazer algo assim com ele. Fez bem demais seu trabalho para merecer esse castigo.

— Então, concorda comigo?

— É evidente. O jejum acabará matando-o.

Aquilo me preocupou. O fato de algo tão íntimo, tão intramuros como o jejum do padre Alessandro, estar na boca de leigos de fora da comunidade não era normal. Mais tarde, eu soube que o homem de calças vermelhas era Salaino, o discípulo favorito e protegido de

Leonardo, e que o moreno era um fidalgo aprendiz de pintor que atendia pelo nome de Marco d'Oggiono. Eles, como já me havia advertido Bandello, usavam com frequência a chave do refeitório. Quase sempre o abriam para preparar as mesclas de tinta para o mestre ou deixar seus utensílios preparados. Muito bem: o que faziam ali num domingo, com o enterro de *donna* Beatrice batendo à porta, e vestidos de gala? Como falavam de frei Alessandro com essa naturalidade, e, principalmente, com esse conhecimento de seus costumes? E por que afirmavam que o bibliotecário estava nervoso? Intrigado, passei em frente a eles em direção à escada da biblioteca, tentando não chamar muito sua atenção.

Minha mente, incontrolável, continuava bombeando perguntas: onde diabos estivera o bibliotecário na noite anterior? Era verdade que havia se encontrado com mestre Leonardo? E para quê? Não havia criticado abertamente o mestre em nossas conversas? E agora era amigo dele?

Um calafrio percorreu minha espinha. A última vez que falei com frei Alessandro fora no dia anterior, nas vésperas. Ele se esforçava para me mostrar os manuscritos que Leonardo havia consultado na biblioteca do convento, enquanto eu tentava identificar neles o livro fechado que o prior havia visto nas cartas de *donna* Beatrice. A verdade é que, em nenhum momento, percebi mudança alguma em seu humor. De certa maneira, senti pena. O frade que melhor me recebeu, que esteve atento a mim desde o primeiro momento em que pus os pés em Santa Maria, era dos poucos que não sabia o que estava fervilhando naquele lugar.

Naquela tarde, senti remorsos e acabei lhe confessando o que sabia de Leonardo e do desafio do *Cenacolo*. Eu devia isso a ele.

— O que vou lhe contar — adverti — não deve jamais sair de sua boca.

O bibliotecário me observou com estranheza.

— Jura?

— Por Cristo.

Assenti satisfeito.

— Está bem. O prior acredita que mestre Leonardo escondeu uma mensagem secreta no mural do refeitório.

— Uma mensagem secreta? Em *A última ceia*?

— O prior suspeita que seja algo que vulnera a doutrina da Santa Igreja. Uma crença que mestre Leonardo pode ter tomado de um dos livros que o senhor lhe emprestou.

— Qual? — impacientou-se.

— Pensei que o senhor saberia.

— Eu? O mestre solicitou muitos títulos de nossa biblioteca.

— Quais?

— Foram tantos… — hesitou. — Não sei. Talvez tenha lhe interessado o *De secretis artis et naturae operibus*.[18]

— *De secretis artis?*

— É um raro manuscrito franciscano. Se não me engano, deve ter ouvido frei Amadeu de Portugal falar dele. Lembra-se?

— O autor do *Apocalipsis Nova*.

— Esse mesmo. Nesse livro, um frade inglês chamado Roger Bacon, um célebre inventor e escritor acusado de heresia e preso pelo Santo Ofício, falava das doze formas diferentes que existem para esconder uma mensagem em uma obra de arte.

— É um texto religioso?

— Não. É mais técnico.

— E que outro livro pode ter lhe servido de inspiração? — insisti.

Frei Alessandro acariciou o queixo, pensativo. Não me pareceu nervoso nem alterado com minhas perguntas. Estava tão solícito como sempre, quase como se minhas confissões sobre Leonardo não o houvessem afetado em absoluto.

— Deixe-me pensar — murmurou. — Talvez tenha se servido da vida dos santos de frei Jacobo de Voragine… Sim. Aí ele poderia ter encontrado o que o senhor busca.

— Nas obras do famoso bispo de Gênova? — acrescentei espantado.

— Sim, de fato, há mais de duzentos anos.

— E o que Voragine tem a ver com a mensagem oculta do *Cenacolo*?

— Se essa mensagem existe, esses livros poderiam conter a chave para decifrá-la — os olhos do esquálido frei Alessandro se fecharam, como se buscasse concentração. — Frei Jacobo de Voragine, dominicano como nós, reuniu no Oriente toda a informação que pôde da vida dos primeiros santos, bem como da dos discípulos de Nosso Senhor. Suas descobertas entusiasmaram o mestre Leonardo.

Arqueei as sobrancelhas, incrédulo.

— No Oriente?

— Não estranhe, padre Leyre — prosseguiu. — Os detalhes que esse livro contém não são precisamente canônicos.

— Ah, não?

— Não. A Igreja nunca aceitaria os graus de parentesco que frei Jacobo afirma que tiveram os Doze entre si. O senhor sabia, por exemplo, que Simão e André eram irmãos? Talvez isso explique o fato de Leonardo os ter pintado gêmeos no refeitório.

— É mesmo?

— E sabia que De Voragine afirmou que, em vida, muitos confundiam Tiago com o próprio Cristo? E não viu a enorme semelhança que tem com Jesus no *Cenacolo*?

— Então — hesitei—, Leonardo leu essa obra.

— Deve ter sido mais que isso. Ele a estudou a fundo. E, pelo que o senhor sugere, foi com mais interesse que o opúsculo de Roger Bacon. Pode acreditar em mim.

Frei Alessandro suspendeu aí nossa última conversa. Por isso, quando escutei os discípulos do toscano dizerem que o bibliotecário havia estado com Leonardo naquela mesma noite, estremeci. Sua fortuita indiscrição não só confirmava que o bibliotecário havia me ocultado algo tão importante como sua amizade com Leonardo, como também que aquele que eu julgava ser meu único amigo em Santa Maria havia me delatado.

Mas, por quê?

22

Procurei o bibliotecário por todo lado. Em sua mesa ainda descansavam os dois volumes do bispo De Voragine que havia me mostrado na tarde anterior. Grandes letras entalhadas destacavam o nome do autor e o título italiano do livro: *Legendi dei Sancti Vulgari Storiado*. Do outro livro, contudo, o das artes secretas do padre Bacon, não havia nem rastro. Se frei Alessandro o custodiava em sua coleção, devia mantê-lo bem guardado.

Era imaginação minha ou o bibliotecário havia pretendido desviar minha atenção daquele tratado? Por quê?

As perguntas se acumulavam. Precisava que frei Alessandro me explicasse algumas coisas. Contudo, por mais que o tivesse procurado na igreja, na cozinha ou no prédio das celas, ninguém soube me informar seu paradeiro. Também não pude insistir muito. Com a crescente maré de gente que chegava a Santa Maria para ver de perto a comitiva fúnebre, não era difícil perder de vista o bibliotecário. Eu sabia que cedo ou tarde daria de cara com ele, e que então esclareceria que diabos estava acontecendo ali.

Por volta das 10 da manhã, a praça situada em frente à igreja e todo o caminho que separava Santa Maria do castelo estavam ocupados por uma multidão silenciosa. Todos vestiam suas melhores roupas e estavam munidos de velas e palmas secas que agitariam à passagem do féretro da princesa. Não cabia um alfinete no trajeto. Na igreja, porém, a entrada havia sido restringida aos convidados e embaixadas, por expresso desejo do duque. Sob a tribuna haviam erguido um tablado revestido de veludo e cruzado de cordões dourados terminados em borlas, onde o Mouro e seus homens de confiança entoariam suas orações. Toda a área estava sob a proteção da guarda pessoal do duque e só os frades de Santa Maria gozavam de certa liberdade para entrar e sair dela.

Dirigi-me à área nobre da igreja não tanto com a esperança de encontrar frei Alessandro, mas mais com a ideia de ver mestre Leonardo

pela primeira vez. Se seus ajudantes houvessem aberto o refeitório nessa manhã, era provável que seu mentor não andasse muito longe dali.

Meu instinto não falhou.

Ao toque das 11, uma repentina agitação alterou a calma do templo de Santa Maria. A porta principal, situada sob a maior janela redonda de todas, abriu-se com grande estrondo. As trombetas do exterior bramaram anunciando a chegada do Mouro e seu séquito. O aviso arrancou uma muda ovação dos fiéis que tiveram permissão de entrar. Foi quando uma dúzia de homens de rostos severos e olhares vazios, cobertos com longas capas e adornos de couro negro, adentraram com passo marcial rumo à tribuna. Então, eu o vi. Embora fechasse o grupo, mestre Leonardo se destacava como Golias entre os filisteus. Mas não foi sua altura a única coisa que chamou minha atenção. O toscano, diferente dos brocados de pedras preciosas e mantos de seda que vestiam os demais cavaleiros, ia coberto de branco dos pés à cabeça, de barba longa, loura e bem recortada, que caía lisa sobre seu peito, e enquanto caminhava olhava de um lado a outro, como se procurasse rostos conhecidos na multidão. Parecia um fantasma de outra época. E, comparado com o Mouro, que ia três passos adiante, a pele escura e os cabelos feito betume cortados à tigela do duque eram o oposto do perfil solar do gigante. Todo mundo reparava nele. Os gonfaloneiros, os porta-estandartes das diferentes casas reais que haviam ido ao enterro, percebiam antes sua presença que a do próprio Ludovico. Contudo, o toscano parecia viver alheio a tudo isso.

— Sejam bem-vindos à casa do Senhor — recebeu-os no altar o prior Bandello, cercado de frades vestidos para a ocasião.

Ao lado dele se encontravam o arcebispo de Milão, o superior dos franciscanos e uma dúzia de clérigos da corte.

O Mouro e seu séquito se persignaram e se colocaram sobre o tablado reservado para eles, quase ao mesmo tempo em que o grupo de músicos com o escudo dos Sforza penetrava o templo anunciando a chegada do féretro.

Mestre Leonardo, em pé na terceira fila do tablado, olhava com ansiedade para todo lado e anotava depressa sabe Deus o que, em um daqueles *taccuini* que sempre carregava consigo. Pareceu-me que vigiava os rostos na multidão, prestava atenção aos acordes do órgão de Santa Maria e ao flamejar dos pendões das comitivas. Alguém me havia dito que na tarde anterior ele havia ficado extasiado admirando o voo das

quatrocentas pombas que foram soltas na praça do Domo, e até me asseguraram que anotou com deleite as salvas de canhão que o núncio de Sua Santidade mandara disparar sob as muralhas da cidade, em homenagem à falecida. Para ele, tudo merecia ser registrado. Tudo encerrava os traços da ciência secreta da vida.

Evidentemente, não fui o único a observar seus movimentos durante a cerimônia. Ao meu redor, as pessoas murmuravam sobre o toscano. Quanto mais eu me perdia em seu olhar azul e seu porte majestoso, mais necessidade sentia de conhecê-lo. O Áugure primeiro e o padre Bandello depois haviam aumentado em mim essa sede que agora me queimava por dentro.

Os convidados não ajudaram a sufocar meus anseios. Murmuravam como maritacas acerca da última obsessão do toscano: terminar um tratado sobre pintura no qual previa insultar poetas e escultores, para enaltecer a superioridade de seus pincéis. Sua mente privilegiada empregava suas horas tanto em distrair o Mouro de sua dor quanto em desenhar pontes levadiças impossíveis, torres de assalto que se moveriam sem cavalos ou gruas para descarregar barcos de lã dos *navigli*.[19]

Da Vinci, absorto, ignorava as paixões que acendia. Agora parecia rabiscar em seu caderno um esboço do estranho traje que o duque usava para a ocasião: um belíssimo manto de seda preta, navalhado por todo lado, talvez dando a entender que o havia rasgado com suas próprias mãos.

Eu pouco podia imaginar, então, quão perto estava de conversar com o mestre.

Foi o irmão Giberto, sacristão de Santa Maria, quem me propiciou aquele primeiro contato com o pintor, em meio a uma circunstância tão dramática quanto inesperada.

Aconteceu enquanto frei Bandello pronunciava a fórmula da consagração. Aquele rapazote do norte, de bochechas coradas e cabelo cor de abóbora, aproximou-se de mim pelas costas e puxou ferozmente meu hábito.

— Padre Agustín, escuta! — suplicou frei Giberto desesperado.

Seus olhos esbugalhados quase não cabiam em seu rosto; estavam injetados de sangue.

— Acaba de ocorrer algo terrível na cidade! O senhor precisa saber de imediato!

— Algo terrível?

As mãos do germano tremiam.

— É um castigo de Deus — balbuciou. — Um castigo para quem desafia o Altíssimo!

O sacristão não teve oportunidade de terminar. Benedetto, o caolho ranheta confessor do prior, e frei Andrea de Inveruno, com seus gestos desanimados, aproximaram-se de nós com idêntica expressão de urgência:

— Temos de ir imediatamente. E depressa!

— O senhor nos acompanha, padre Agustín? — disse o sacristão quase sem fôlego. — Acho que vamos precisar de reforços.

Tanta urgência me desarmou. Eu não sabia até onde os devia acompanhar, nem para que, mas, quando vi um pajem do duque se aproximar de Leonardo e sussurrar algo em seu ouvido enquanto o puxava com expressão alarmada, aceitei. Acabava de acontecer algo estranho ali. Grave. E eu queria saber o que era.

23

Os dois policiais do duque quase não acreditavam em seus olhos. Diante deles, o corpo sem vida de um frade. Uma corda da espessura de um punho o prendia firme pelo pescoço, fixando-o a uma das vigas da praça do Mercado.

Andrea Rho, chefe da guarda, ainda não havia tomado o café da manhã. De fato, quase não havia acabado de abotoar o uniforme quando aquela notícia interrompeu sua tediosa manhã de domingo. Com os cabelos grisalhos revirados, o estômago vazio e o inconfundível perfume de urso que acaba de acordar, Rho foi de má vontade ver o que estava acontecendo. Pouco pôde fazer. O infeliz tinha a pele azulada e fria; as veias do rosto inchadas e os olhos abertos e secos. O terror desenhado naquelas pupilas sugeria uma morte cruel. O falecido havia agonizado um bom tempo antes de sufocar. Seus braços, agora lânguidos, caíam paralelos ao hábito branco de São Domingos, enquanto as mangas mal deixavam entrever duas mãos bem cuidadas, magras, rígidas. Um tênue cheiro de morte atingiu o nariz do capitão.

— E então?

O olhar de Andrea passou pela multidão de curiosos sedentos de espetáculo. Muitos voltavam para casa frustrados por não ter podido ver a suntuosa carruagem mortuária da duquesa, e aquela agitação na rua prometia compensá-los. Rho desconfiava de todos. Procurava algum rosto cúmplice, alguém que olhasse a cena com orgulho.

— O que temos aqui?

— É um religioso, senhor. Um frade — respondeu marcial seu companheiro, enquanto tentava controlar a multidão nos limites, com os braços abertos e sua lança cravada no chão.

— Isso posso ver, Massimo. Fui acordado com essa notícia.

— Veja, senhor — hesitou o soldado. — Este homem apareceu pendurado esta manhã mesmo. Nenhuma oficina nem loja desta área abriu hoje, de modo que ninguém viu nada.

— Você o revistou?

— Ainda não.

— Não? Ainda não sabe se o roubaram antes de enforcá-lo?

O tal Massimo negou com uma expressão de apreensão. Provavelmente nunca havia tocado em um cadáver. Rho o obsequiou com uma cara de desprezo antes de se dirigir às pessoas.

— Ninguém sabe de nada, é? — questionou aos gritos. — São um bando de covardes. Ratos!

Ninguém se manifestou. Olhavam extasiados o sutil movimento pendular do frade, conjecturando em voz baixa o que teria acontecido. Bem sabe Deus que os religiosos não costumam carregar uma bolsa recheada e que quase nunca compensa aos salteadores agredi-los. Mas, se não se tratava de ladrões, quem havia acabado com aquele frade? E por que o haviam matado e abandonado em plena via pública?

Andrea Rho rodeou mais duas vezes o cadáver antes de formular outra pergunta maliciosa a seu companheiro:

— Está bem, Massimo. Sejamos espertos. O que acha que aconteceu aqui? Foi morto ou se enforcou sozinho?

O moço, de costas curvadas e piscando sem parar, meditou um instante sobre a pergunta como se sua promoção dependesse disso. Ruminou sua resposta com cuidado e quando estava prestes a abrir a boca para dizer algo… não conseguiu. Um vozeirão magnífico se ergueu no meio da multidão:

— Ele se matou! — gritou alguém bem atrás. — Ele se matou, disso não há dúvida, capitão!

Era um timbre varonil, seco, que quase fez tremer os portões do mercado, deixando as pessoas impressionadas.

— E, além do mais — prosseguiu—, também sei seu nome: frei Alessandro Trivulzio, bibliotecário do convento de Santa Maria delle Grazie! Que Deus acolha essa alma em Seu seio!

O desconhecido, então, deu um passo à frente, abrindo caminho entre os curiosos. Massimo, ainda de boca aberta, ficou olhando-o. Tratava-se de um indivíduo extraordinário: alto, robusto, impecavelmente vestido com uma túnica de algodão que lhe caía até os pés e uma longa cabeleira presa sob um gorro de lã. Era acompanhado por um rapazinho de aspecto fugidio que não devia ter mais de 12 ou 13 anos e que parecia muito impressionado com a proximidade do morto.

— Ora, por fim um valente! E o senhor, quem é, podemos saber? — interrogou Rho. — Como pode ter tanta certeza do que diz?

O colosso buscou os olhos de Andrea Rho antes de responder.

— É muito fácil, capitão. Se prestar atenção ao aspecto do corpo, verá que não apresenta outros sinais de violência além do vinco no pescoço. Se houvesse resistido à morte ou houvesse sido atacado, seu hábito estaria sujo, talvez rasgado ou ensanguentado. E não é o caso. Este frade aceitou seu final de bom grado. E se prestar ainda mais atenção, debaixo dele verá ainda o barrilete que lhe serviu de cadafalso para subir à viga e amarrar a corda no pescoço.

— Sabe muito de mortos, senhor — disse Andrea irônico.

— Já vi mais do que imagina, e de perto! Seu estudo é uma de minhas paixões. Inclusive, já os abri de cima a baixo para transformar suas entranhas em ciência. — O gigante enfatizou aquela frase ciente de que um murmúrio de horror se estenderia por toda a praça. — Se o senhor tivesse tido a oportunidade de contemplar tantos enforcados quanto eu, capitão, também haveria notado outra coisa.

— Outra coisa?

— Que este corpo está pendurado aqui há várias horas.

— É mesmo?

— Sem dúvida — afirmou. — Basta notar o exército de moscas que revoam à sua volta. As desse tipo, pequenas e nervosas, levam de duas a três horas para se aproximar de um defunto. E veja como revoam em busca de alimento! Não é extraordinário?

— Ainda não disse quem é o senhor!

— Eu me chamo Leonardo, capitão. E sirvo ao duque assim como vós.

— Nunca o vi antes.

— Os domínios do Mouro são extensos — disse, esboçando uma risada imprópria nas circunstâncias. — Sou artista e trabalho em vários de seus projetos, um deles no convento de Santa Maria delle Grazie; por isso conhecia bem este infeliz. E sabe mais? Era um bom amigo.

Enquanto demonstrava intenção de se persignar, o policial observou os modos daquele estrangeiro. Acabou aceitando que devia se encontrar diante de um prócer da cidade. Como todos em Milão, havia ouvido falar de certo sábio chamado Leonardo e de seus extraordinários poderes. Tentava recordar o que diziam dele: que não só era capaz de capturar a

alma humana em uma tela, ou de fundir a maior estátua equestre que os séculos já viram, para recordar o falecido Francesco Sforza, mas que também tinha conhecimentos médicos que beiravam o milagre. Aquele sujeito se encaixava bastante bem na ideia que se havia formado dele.

— Diga-me, pois, mestre Leonardo. Segundo o senhor, por que um frade do convento de Santa Maria delle Grazie quereria se enforcar aqui?

— Isso eu ignoro, capitão — respondeu Leonardo mais amável. — Posso interpretar com facilidade os sinais externos, mas a vontade dos homens é com frequência impossível de captar. Contudo, talvez a resposta seja muito simples. Assim como eu venho com frequência comprar minhas telas e tintas neste lugar, ele poderia ter vindo em busca de outra mercadoria. Depois, algum pensamento funesto teria cruzado por sua mente e decidiu que era um bom momento para morrer… Não acha possível?

— Num domingo? — O capitão Rho duvidou. — E com o funeral da princesa Beatrice sendo celebrado em seu próprio convento? Não, não acredito.

O gigante deu de ombros:

— Só Deus sabe o que pode passar pela mente de um de seus servos…

— Sim…

— Talvez se o baixar e revistar o corpo com cuidado, encontre alguma pista sobre o que veio buscar na praça. E, se assim julgar oportuno, ponho a vosso serviço a ciência médica que conheço e minha completa disposição para estabelecer a causa e momento da morte. Bastaria que enviasse o corpo a meu estúdio de…

O mestre não terminou a frase. Giberto, Andrea, Benedetto e eu chegamos à roda de curiosos nesse exato momento. O caolho marchava à frente, mudo, com esse olhar que têm as feras antes de atacar. Quando seu único olho distinguiu a túnica branca de Leonardo junto ao corpo do irmão Alessandro, empalideceu.

— Nem se atreva a profanar o corpo de um servo de São Domingos, mestre Leonardo! — gritou antes de alcançá-lo.

O toscano voltou a cabeça para onde estávamos. Um segundo depois, saudava-nos com uma reverência e nos apresentava suas desculpas:

— Desculpe, padre Benedetto. Lamento esta morte tanto quanto o senhor.

O caolho deu uma olhada no rosto inerte de frei Alessandro, reconhecendo-o de imediato. Parecia impressionado. Mas tenho certeza de que não tanto quanto eu. Toquei atônito suas mãos frias e rígidas, incapaz de acreditar que estivesse morto. E o que pensar de Leonardo? Que fazia ali o mestre pintor, mostrando tanta preocupação pelo bibliotecário? Não era essa a confirmação definitiva de que frei Alessandro e ele haviam mantido uma estreita relação? Eu me persignei, jurando a mim mesmo esclarecer o assunto, ao passo que o toscano murmurou seus pêsames:

— Que o Senhor o acolha em Sua glória — disse.

— E que diferença faz? — Frei Benedetto, furioso, repreendeu o gigante com brio. — No fim das contas, ele não foi mais que um tolo útil para o senhor, mestre! Admita agora, quando ainda o tem de corpo presente.

— Sempre o subestimou, padre.

— Não tanto quanto o senhor.

Um calafrio ameaçou a fortaleza do mestre.

— Além do mais — prosseguiu Benedetto —, surpreende-me que emita um juízo tão prematuro sobre sua morte. É impróprio da fama que tem. Nosso bibliotecário amava a vida, por que haveria de tirá-la?

Aguardei a resposta do toscano, mas ele não abriu a boca. Quem sabe se intuiu o jogo do caolho. Os frades de Santa Maria tentariam convencer a polícia de que nosso irmão havia caído em uma emboscada. Aceitar a hipótese do suicídio seria desonrá-lo, e, além de tudo, tornaria inviável sepultá-lo em solo sagrado.

Com cuidado, baixamos o cadáver de seu improvisado cadafalso. O bibliotecário conservava aquela curiosa expressão desenhada no rosto; era uma careta debochada, quase divertida, que contrastava com seu olhar transtornado, cheio de terror. O toscano, em um gesto piedoso que ninguém esperava, aproximou-se dele, baixou-lhe as pálpebras e murmurou algo em seu ouvido.

— Também fala com os mortos, mestre Leonardo?

A cabeça de Andrea Rho, a um palmo da do pintor, riu do comentário.

— Sim, capitão. Já lhe disse eu que éramos bons amigos.

E, dizendo aquilo, segurou a mão do púbere de cachos louros e olhar transparente com quem havia chegado e dirigiu seus passos para o beco

do Gallo.

24

AINDA NÃO ENTENDO POR QUE REAGI ASSIM.

Ao ver se afastar mestre Leonardo por entre a multidão, recordei o conselho de frei Alessandro: “Aquele de quem menos esperar terá uma solução para seu enigma”. E se a solução para a identidade do Áugure estivesse com seu maior inimigo?, pensei. O que eu poderia perder consultando-o? Acaso enfraqueceria minha investigação trocar duas frases com aquele gigante de túnica branca e olhos azuis?

Foi quando decidi tentar.

Deixei frei Benedetto, irmão Giberto e Andrea arregaçando o hábito e recolhendo os restos mortais de frei Alessandro. Escusei-me como pude e apertei o passo para o mesmo beco pelo qual o mestre havia acabado de seguir. Ao virar a esquina e não o ver, decidi correr ladeira acima.

— Está se dando a muito trabalho para deter um pobre artista.

O vozeirão do mestre trovejou de repente atrás de mim. Ele havia parado para bisbilhotar em uma barraca de verduras e eu havia passado reto sem notar sua presença.

Leonardo e seu efebo sorriram ao mesmo tempo, esticando seus lábios da mesma forma e enrugando os olhos igualmente claros juntos.

— Vamos ver se descubro — prosseguiu o gigante enquanto avaliava alguns alhos. — O lacaio do prior, o frade de um só olho, Benedetto, manda-o para me perguntar se sei algo mais sobre a morte de seu irmão. Estou equivocado?

— Sim, mestre — esclareci, enquanto voltava parte do caminho. — Não é o padre Benedetto quem me manda, e sim minha própria curiosidade.

— Sua curiosidade?

Senti um estranho frio no estômago. De perto, Leonardo era muito mais atraente do que me havia parecido na tribuna de autoridades. Suas feições retas delatavam um homem de princípios. Tinha mãos grossas, fortes, capazes de arrancar um dente pela raiz se fosse preciso… ou de

dar vida a uma parede com seus desenhos mágicos. Quando me atravessou com seu olhar, tive a estranha impressão de que não poderia mentir para ele.

— Permita que me apresente — arfei outra vez. — Na realidade, não pertenço à comunidade de Santa Maria. Sou apenas um hóspede. Meu nome é Agustín Leyre. Padre Leyre.

— E então?

— Estou de passagem por Milão, mas não queria perder a oportunidade de lhe manifestar quanto admiro seu trabalho no refeitório. Desejaria vê-lo em circunstâncias mais propícias, contudo, Deus dispõe à Sua vontade.

— O refeitório, sim. — O gigante desviou o olhar para o chão. — É uma pena que nem todos os frades de Santa Maria pensem como o senhor.

— Frei Alessandro também o admirava.

— Eu sei, irmão. Eu sei. O irmão bibliotecário me socorreu em algumas etapas difíceis de meu trabalho.

— Era a isso que se referia o padre Benedetto quando disse que lhe serviu de tolo útil?

Leonardo me observou com atenção, como se estudasse que palavras devia empregar com o homem que estava à sua frente. Talvez não tivesse me relacionado ao inquisidor de quem sem dúvida seus discípulos já lhe teriam falado. Ou, se o tivesse, tentou que eu não notasse.

— Talvez não saiba ainda, padre, mas frei Alessandro me foi de grande ajuda para concluir um dos personagens mais importantes do *Cenacolo*. E foi tão generoso, tão desprendido para comigo, a ponto de posar sem me pedir nada em troca e aceitar as dificuldades que acarretariam seu gesto.

— Dificuldades? — Lamentei não entender. — Que dificuldades?

Leonardo levantou as sobrancelhas ao ver minha expressão de espanto. Suponho que não concebia como eu poderia ignorar um detalhe de tanto alcance. E, com aquele tom sereno e magnífico, dignou-se a me esclarecer:

— O trabalho de um pintor é mais duro do que as pessoas pensam — disse muito sério. — Durante meses, vagamos daqui para lá em busca de uma expressão, um perfil, um rosto que seja adequado a nossas ideias e que nos sirva de modelo. Faltava-me um Judas. Um homem que tivesse o

mal gravado no rosto; mas não um mal qualquer: eu precisava de uma fealdade inteligente e viva, que refletisse a luta interna de Judas por cumprir a missão que o próprio Deus lhe confiara. Concordará comigo que, sem sua traição, Cristo nunca teria consumado seu destino.

— E o senhor encontrou?

— Como? — O gigante se sobressaltou. — Ainda não entendeu? Frei Alessandro foi meu modelo para Judas! Seu rosto tinha todas as características que eu buscava. Era um homem inteligente, mas atormentado, de traços duros, afilados, que quase ofendiam quando nos olhava.

— E ele se deixou retratar como Judas? — perguntei atônito.

— De bom grado, padre. E não foi o único. Outros padres da comunidade posaram para essa obra. Só escolhi aqueles de traços mais puros.

— Mas, Judas… — protestei.

— Compreendo sua estupefação, padre. Contudo, deve saber que frei Alessandro soube o tempo todo a que se expunha. Tinha ciência de que ninguém em sua comunidade tornaria a olhá-lo do mesmo modo depois de se prestar a algo assim.

— É compreensível, não acha?

Leonardo meditou um momento, decidindo se devia continuar falando comigo, e, enquanto tomava de novo a mão do menino, acrescentou algo que pareceu provir das profundezas de seus pensamentos:

— O que eu não podia prever, e muito menos desejar — sussurrou —, é que frei Alessandro terminasse seus dias como o próprio Iscariotes: enforcado e sozinho, longe de seus companheiros e quase repudiado por todos. Ou acaso não reparou também nessa estranha coincidência, padre?

— Na verdade, não até agora.

— Nesta cidade, padre Leyre, logo aprenderá que nada acontece por acaso. Que todas as aparências enganam. E que a verdade está onde menos esperamos encontrá-la.

E, dizendo aquilo, sem me atrever a lhe perguntar o que havia falado com frei Alessandro na noite anterior à sua morte, nem lhe perguntar se já havia ouvido falar de um feroz inimigo seu que alguns conheciam como o Áugure, o mestre se afastou ladeira acima.

25

Luini desejou com todas as suas forças fugir dali, mas sua fraca vontade falhou mais uma vez. Embora sua consciência lhe pedisse aos gritos que fugisse daquela jovem, seu corpo já gozava com os rítmicos embates de *donna* Elena. “E o que importa a consciência?”, pensou, e um instante depois se arrependeu.

O mestre nunca havia passado por nada parecido. Uma das mulheres mais desejáveis do ducado o conduzia pelos caminhos da paixão sem que ele sequer houvesse aberto a boca. A filha dos Crivelli era linda; sem dúvida, a Madalena de rosto mais angelical que jamais havia contemplado. Contudo, Luini não podia evitar se sentir como Adão arrastado para a perdição por uma Eva luxuriosa. Até podia se sentir morder a maçã envenenada, e seus sumos o faziam perder uma inocência guardada com tanto zelo até então. Por mais estranho que parecesse, mestre Bernardino estava entre os poucos que ainda acreditavam que a verdadeira árvore da ciência do bem e do mal foi ocultada por Deus entre as pernas da mulher, e que comer seu fruto, mesmo que só uma vez, equivalia à condenação eterna.

— *Miserere domine*… — desesperou-se.

Se *donna* Elena lhe houvesse dado um segundo de descanso, o pintor teria desabado em prantos. Mas não: vermelho como o capelo de um cardeal, cedeu a cada pedido da condessinha, horrorizando-se quando esta, brincando sobre sua virilidade, lhe perguntava diversas vezes pelas virtudes de Maria Madalena.

— Conta, conta tudo! — arfava, e ria com olhar de desejo. — Explique-me por que Madalena lhe interessa tanto! Antecipe-me o segredo de Leonardo!

Luini, sufocado, com as calças abaixo dos joelhos e sentado sobre o mesmo divã que momentos antes ocupara *donna* Lucrezia Crivelli, fazia verdadeiros esforços para não gaguejar.

— Mas, Elena — respondia sem coragem —, assim não posso.

— Prometa que me contará!

Luini não respondeu.

— Prometa!

E aquele mestre pecador, extenuado, acabou prometendo duas vezes por Cristo. Só Deus sabe por quê.

Quando tudo acabou e conseguiu recuperar o fôlego, o pintor se levantou lentamente e se vestiu. Estava confuso. Agoniado. O titã Leonardo já o havia advertido sobre quão perigosas eram as filhas da serpente e como se entregar a elas era faltar com a suprema obrigação de todo pintor, violando o sagrado preceito da criação solitária. “Só se se mantiver longe de esposa ou amante, poderá se dedicar de corpo e alma à suprema arte da criação — escreveu. — Se, ao contrário, tiver mulher, dividirá seus dons entre dois. Entre três, se tiver um filho, e o perderá se trouxer duas ou mais criaturas ao mundo.” Aquelas censuras começaram a emergir de dentro de sua mente, fazendo-o sentir-se fraco e indigno. Havia pecado. Em apenas alguns minutos, sua reputação de homem perfeito havia se arruinado, dando lugar a uma paródia ruim de si mesmo. E o mal era irreversível.

Donna Elena, ainda nua sobre o divã, olhava para seu pintor sem compreender por que, de repente, ele havia ficado rígido.

— Está bem? — perguntou com doçura.

O mestre se calou.

— Acaso não o satisfiz?

Luini, com os olhos úmidos e uma expressão contida, tentou sufocar o remorso que o angustiava. O que podia dizer àquela criatura? Entenderia ela sua sensação de fracasso, de fraqueza perante a tentação? E o pior: não havia acabado de prometer, com Jesus por testemunha, que lhe revelaria o segredo que ela tanto desejava conhecer? E como faria isso? Não tinha ele tantos desejos de conhecê-lo quanto a própria Elena? Dando as costas à sua amante, amaldiçoou–se por sua fraqueza. Que ia fazer? Pecaria duas vezes em uma mesma tarde, faltando à sua castidade primeiro e à sua palavra depois?

— Está triste, meu amor — sussurrou ela, acariciando-lhe os ombros.

O pintor fechou os olhos, ainda incapaz de articular uma palavra sequer.

— Porém, você me encheu de felicidade. Acaso se sente culpado de ter me dado o que eu lhe pedia aos gritos? Pesa em você ter satisfeito

uma dama?

A condessinha, lendo no silêncio as funestas ideias daquele homem arrasado, tentou aliviar-lhe a consciência:

— Não deve se censurar, mestre Luini. Outros, como frei Filippo Lippi, aproveitaram seus trabalhos em conventos para seduzir jovens noviças. E ele era um clérigo!

— O que está dizendo?

— Oh! — riu ela, ao ver seu amante sobressaltado. — Deveria conhecer a história, mestre. O padre Lippi morreu há menos de trinta anos; com certeza o seu Leonardo o conheceu em Florença. Foi muito famoso.

— E está dizendo que frei Filippo…

— Evidentemente — pulou sobre ele. — No convento de Santa Margarida, enquanto terminava umas pinturas, seduziu uma tal de Lucrezia Buti e até teve um filho com ela. Não sabia? Oh, vamos! Muitos acreditam que a desonrada família Buti foi quem o enviou para o outro mundo com uma boa dose de arsênico. Vê? Você não é culpado de nada! Não atentou contra nenhum voto sagrado! Deu amor a quem lho pedia!

O mestre hesitou. Embora devastado, era capaz de ver que a linda Elena tentava ajudá-lo. Comovido, seus lábios por fim articularam uma frase inteligível:

— Elena… Se ainda desejar, se ainda quiser ter acesso a esse mistério que tanto a intriga e que inspira o retrato que estou pintando para você, eu lhe contarei o que sei do segredo de Maria Madalena.

A condessinha o observou com curiosidade. Luini parecia arrancar com dor cada palavra.

— Você é homem de honra. Cumprirá sua promessa. Eu sei.

— Sim. Mas prometa-me agora que nunca mais tornará a me tocar. Nem falará do que lhe direi com ninguém.

— E esse segredo, mestre, vai me fazer conhecer a razão de sua tristeza?

O pintor buscou o olhar transparente da condessinha, mas não o pôde sustentar. Aquela insistente preocupação de Elena Crivelli por seu bem-estar o desarmou. Recordou, então, o que havia ouvido dizer da estirpe das Madalenas: que seu olhar era capaz de amolecer o coração de qualquer homem, graças a seu poderoso feitiço de amor. Os trovadores não estavam mentindo. Como aquela criatura não ia merecer conhecer a

verdade sobre suas origens? Seria ele tão desalmado a ponto de não lhe indicar onde estava o caminho que devia percorrer para descobrir?

E, assim, Bernardino Luini, forçando seu melhor sorriso, por fim cedeu aos desejos dela.

26

O segredo de Maria Madalena segundo mestre Luini

— Preste atenção, pois — disse o mestre Luini.

"Eu havia acabado de completar 13 anos quando o mestre Leonardo me aceitou em sua oficina de Florença. Meu pai, um mercenário que reuniu certa fortuna graças à família Visconti de Milão, julgou conveniente que eu me instruísse na arte da pintura antes de me consagrar à vida monástica, ou, pelo menos, a uma existência secular regida pelas leis de Deus. Ele, à época, sabia com mais clareza que eu: desejava me afastar do fragor da guerra e me proteger sob o denso manto da Igreja. E como em Milão não existia uma boa oficina de belas-artes, deu-me um dote anual e me enviou à suntuosa Florença, ainda governada por Lorenzo, o Magnífico.

"Ali tudo começou.

"Mestre Leonardo da Vinci me acomodou em um casarão enorme e descuidado. Por fora era preto. Assustava. Por dentro, porém, era luminoso e quase desprovido de paredes. Seus cômodos haviam sido derrubados para dar lugar a uma sucessão de grandes espaços, invadidos pelos artefatos mais estranhos que alguém pudesse imaginar. No térreo, junto ao saguão, encontravam-se coleções inteiras de sementeiras, vasos e gaiolas com sabiás-do-campo, faisões e até falcões de caça. Junto a eles se empilhavam fôrmas para fundir, de bronze, cabeças, patas de cavalo e corpos de moluscos. Havia espelhos por toda parte. E velas também. Para chegar à cozinha, era preciso atravessar um corredor vigiado por esqueletos de madeira e hélices que amedrontavam qualquer um; e só de pensar no que o mestre podia esconder no sótão eu morria de pavor.

"Na casa também viviam outros discípulos do mestre. Todos eram mais velhos que eu, de modo que, após as brincadeiras dos primeiros dias, fiquei em uma situação mais ou menos confortável e pude começar a me aclimatar à nova vida. Acho que Leonardo se apegou a mim. Ensinou-me a ler e a escrever latim e grego clássicos e me explicou que,

sem essa preparação, seria inútil me mostrar outra forma de escrita, que ele chamava de 'ciência das imagens'.

"Pode imaginar, Elena? Minhas matérias a estudar se multiplicaram por três, e incluíram coisas muito peculiares, como a botânica e a astrologia. Naqueles anos, o lema do mestre era *lege, lege, relege, ora, labora et invenies*,[20] e suas leituras favoritas (e, portanto, também as minhas) eram a vida de santos de Jacobo de Voragine.

"Tommaso, Andrea e os outros aprendizes odiavam aqueles escritos, mas, para mim, foram um achado. Aprendi coisas incríveis neles. Suas páginas me fizeram desfrutar de dezenas de notícias curiosas, milagres e aventuras de santos, discípulos e apóstolos que eu jamais teria imaginado que existiam. Por exemplo, ali li que Tiago, o Menor, era chamado de "irmão do Senhor" porque se parecia com ele como um floco de neve a outro. Quando Judas combinou com o sinédrio a deixa de beijar Nosso Senhor no monte das Oliveiras, temia que os sicários confundissem o verdadeiro Jesus com seu quase gêmeo Tiago.

"Naturalmente, disso os Evangelhos jamais disseram uma palavra.

"Também me deleitei com as aventuras do apóstolo Bartolomeu. Aquele discípulo com aspecto de gladiador deixou os Doze aterrorizados, graças à sua incrível capacidade de se antecipar ao futuro. Contudo, tanta ciência lhe serviu de pouco: não soube prever que o esfolariam vivo na Índia.

"Aquelas revelações foram se sedimentando dentro de mim, dotando-me de uma capacidade única para imaginar o rosto e o caráter de pessoas tão importantes para nossa fé. Era o que Leonardo queria: estimular nossa visão das histórias sagradas e nos dotar desse dom especial para transferi-las a nossas telas. Ele me entregou uma lista de virtudes apostólicas tiradas de Jacobo de Voragine, que ainda conservo. Veja: chamou Bartolomeu de *Mirabilis*, o prodigioso, em virtude de sua capacidade de se antecipar ao futuro. O irmão gêmeo de Jesus, de *Venustus*, o cheio de Graça…"

Elena, divertida ao ver a veneração com que Luini desdobrava aquele pedaço de papel guardado em um bolso costurado em sua túnica, arrancou-lho das mãos e o leu sem entendê-lo muito bem:

São Bartolomeu *Mirabilis* O prodigioso

Tiago o Menor	*Venustus*	O cheio de graça
André	*Temperator*	O que previne
Judas Iscariotes	*Nefandus*	O abominável
Pedro	*Exosus*	O que odeia
João	*Mysticus*	O que conhece o mistério
Tomé	*Litator*	O que aplaca os deuses
Tiago o Maior	*Oboediens*	O que obedece
Filipe	*Sapiens*	O amante das coisas elevadas
Mateus	*Navus*	O diligente
Judas Tadeu	*Occultator*	O que oculta
Simão	*Confector*	O que leva a termo

— E você guardou isto por tantos anos? — disse, enquanto brincava com aquele papel engordurado.

— Sim. Recordo-o como uma das lições mais importantes de mestre Leonardo.

— Pois não o verá mais — riu ela.

Luini não quis se mostrar preocupado. A provocante Elena levantava sua lista acima da cabeça esperando que o pintor se jogasse sobre ela. Ele não caiu na armadilha. Havia visto tantas vezes aquela lista, estudara-a com tão intensa devoção, tentando espremer de suas qualidades os perfis dos Doze, que já não precisava dela. Sabia-a de cor.

— E Madalena? — perguntou por fim a condessinha, um pouco decepcionada. — Ela não está entre esses nomes. Quando me falará dela?

Luini, com o olhar perdido no crepitar da lareira, prosseguiu seu relato:

— Como lhe disse, estudar a obra de frei Jacobo de Voragine me marcou. Agora, com o tempo, reconheço que, de todos os seus relatos, o que mais me chamou a atenção foi o de Maria Madalena. Por alguma razão, mestre Leonardo quis que o estudasse com especial atenção. E assim o fiz.

“Naquela época, as revelações com que o mestre completou a lição do bispo de Gênova não me horrorizaram em absoluto. Aos 13 anos, eu ainda não distinguia entre ortodoxia e heterodoxia, entre o aceito pela Igreja e o inaceitável. Talvez por isso, a primeira coisa que me ficou gravada foi o significado de seu nome: Maria Madalena queria dizer ‘mar amargo’, ‘iluminadora’ e também ‘iluminada’. Sobre o primeiro termo, o bispo escreveu que tinha a ver com a torrente de lágrimas que essa mulher derramou em vida. Amou com todo seu coração o filho de Deus, mas ele havia vindo ao mundo com uma missão mais importante que a de constituir uma família com ela, de modo que Madalena teve de aprender a amá-lo de um modo diferente. Leonardo me mostrou que o melhor símbolo para recordar as virtudes dessa mulher era o nó. Já nos tempos dos egípcios, o nó foi associado à magia da deusa Ísis. Em seus mitos, explicou-me, Ísis ajudou a ressuscitar Osíris e se valeu de sua destreza em desfazer nós para atingir seu objetivo. Madalena foi a única que assistiu a Cristo quando ele voltou à vida, e é justo pensar que também devia ter sido douta na ciência dos nós. Uma ciência, disse o mestre, não isenta de amargura, pois quem não se angustia diante de um nó bem amarrado na hora de desatá-lo?

“‘— Quando você vir um nó pintado bem visível em uma tela, lembre que essa obra foi dedicada a Madalena’ —, ensinou-me.

“Quanto às outras duas acepções de seu nome, mais profundas e misteriosas ainda, tinham a ver com um conceito caro a mestre Leonardo, do qual nos falava sempre: a luz. Segundo ele, a luz é o único lugar onde Deus descansa. O Pai é luz. O céu é luz. Tudo, no fundo, é luz. Por isso repetia tantas vezes que, se os homens aprendessem a dominá-la, seriam capazes de convocar o Pai e falar com ele cada vez que necessitassem.

“O que na época eu não sabia era que essa ideia da luz como transmissora de nossos diálogos com Deus havia chegado à Europa graças, justamente, a Madalena.

“Também vou explicar: após a morte de Jesus no Calvário, Maria Madalena, José de Arimateia, João, o discípulo amado, e um pequeno número de fiéis seguidores do Messias fugiram para Alexandria, para se proteger da repressão que se havia abatido sobre eles. Alguns ficaram no Egito e fundaram as primeiras e mais sábias comunidades cristãs de que se recordam, mas Madalena, depositária dos grandes segredos de seu

amado, não se sentia a salvo em uma terra tão próxima a Jerusalém. Por isso, acabou se escondendo na França, cujas costas adentrou buscando um refúgio mais seguro."

— E que segredos eram esses?

A pergunta da condessinha tirou o mestre de seus pensamentos.

— Grandes segredos, Elena. Tão grandes que, desde então, só uns poucos e muito seletos mortais tiveram acesso a eles.

A jovem abriu os olhos.

— São os segredos que Jesus lhe revelou depois de ressuscitar dos mortos?

Luini assentiu.

— Esses mesmos. Mas ainda não me foram revelados.

A seguir, o mestre retomou seu relato.

"Maria Madalena, também chamada Maria de Betânia, foi parar no sul da França, em uma aldeiazinha que dali em diante se chamaria Les Saintes-Maries de la Mer, porque foram várias as Marias que chegaram com ela. Lá, pregou a boa nova de Jesus e iniciou sua gente no "segredo da luz", que hereges como os cátaros ou albigenses aceitariam de imediato, e que, inclusive, acabaria se transformando na nova padroeira da França, Notre-Dame de la Lumière [Nossa Senhora da Luz].

"Mas a época de revelações pacíficas logo acabou. A Igreja percebeu que essas ideias representavam um perigo para a hegemonia de Roma e quis pôr fim à sua expansão. De seu ponto de vista, era lógico: como poderia um papa aceitar a existência de comunidades cristãs que não precisassem de uma cúria regular para se dirigir a Deus? Acaso podia o representante de Cristo na Terra se situar em inferioridade, ou sequer em igualdade de condições, em relação a Madalena? E o que dizer de seus seguidores? Não era idolatria venerar algo como a luz? A Igreja, pois, anatematizou, insultou e degradou de imediato aquela mulher que amou Jesus e que soube de sua condição humana como nenhum outro mortal.

"Permita, querida Elena, que lhe explique algo mais: num dia do início de 1479, quando Florença ainda se recuperava do furioso atentado contra nosso venerado Lorenzo de Medici[21], o mestre Leonardo recebeu uma estranha visita em sua oficina. Um homem que devia beirar os 50 anos chegou à nossa oficina com o sol do meio da manhã no alto. Tinha uma cabeleira loura e cacheada e se vangloriava de sua semelhança com os querubins que então esboçávamos sem muito talento sobre nossas

telas. Aquele estranho era de trato afável e estava impecavelmente vestido de preto. Chegou sem se anunciar e passeou pelos domínios do mestre como se fossem seus. Tomou até a liberdade de observar um por um os trabalhos que estávamos fazendo. O meu, casualmente, era um retrato de uma Madalena que segurava um recipiente de alabastro nas mãos, o que pareceu alegrar o visitante sobremaneira:

"'— Vejo que mestre Leonardo lhe ensina bem! — aplaudiu. — Seu esboço tem grandes possibilidades. Continue assim.'

"Eu me senti lisonjeado.

"'— A propósito — disse depois —, sabe qual é o significado do recipiente que sua Madalena segura?'

"Neguei com a cabeça.

"'— Está no capítulo 14 do Evangelho de São Marcos, rapaz. Essa mulher ungiu Jesus quebrando o frasco com unguentos sobre os cabelos dele, como uma sacerdotisa faria a um verdadeiro rei. Um rei mortal, de carne e osso.'

"O mestre chegou nesse momento. Para surpresa de todos, não só não se ofendeu ao ver um intruso em sua oficina, como também seu rosto se iluminou. Assim que o reconheceu, fundiram-se em um abraço, beijaram-se nas faces e começaram a falar ali mesmo sobre o divino e o humano. Foi quando escutei pela primeira vez algo que jamais teria imaginado sobre a verdadeira Maria Madalena:

"'— Os trabalhos prosseguem a bom ritmo, querido Leonardo — disse orgulhoso o querubim. — Mas, desde a morte de Cosme, o Velho, tenho a impressão de que nossos esforços podem cair no vazio a qualquer momento. A república de Florença, tenho certeza, enfrentará provas terríveis em breve.'

"O mestre tomou as mãos delicadas do visitante e as apertou nas suas, grandes como as de um ferreiro.

"'— No vazio? — Seu vozeirão sacudiu tudo. — Mas sua academia é um templo do saber tão sólido quanto as pirâmides do Egito! Ou não é verdade que em poucos anos se transformou em local de peregrinação favorito para jovens que querem saber mais sobre nossos brilhantes antepassados? Você traduziu com sucesso obras de Plotino, Dionísio, Proclo e até do próprio Hermes Trismegisto, e verteu ao latim os segredos dos antigos faraós. Como toda essa bagagem vai se perder? Você é o mais notável pensador de Florença, velho amigo!'

“O homem de túnica negra corou.

“‘— Suas palavras são muito gentis, amigo Leonardo. Contudo, nossa luta para recuperar o saber que a humanidade perdeu nos lendários tempos da Idade do Ouro está em seu momento mais fraco. Por isso vim ver você.’

“‘— Falando de fracasso? Você?’

“‘— Bem sabe qual é minha obsessão desde que traduzi as obras de Platão para o velho Cosme, não é?’

“‘— Claro. Sua velha ideia da imortalidade da alma! O mundo todo honrará seu nome por esse achado! Quase posso ver esculpido em letras douradas sobre grandes arcos de triunfo: Marsílio Ficino, herói que nos devolveu a dignidade. Até o papa o cumulará de bênçãos!’

“O querubim riu:

“‘— Sempre tão exagerado, Leonardo.’

“‘— Acha mesmo?’

“‘— Na realidade, o mérito é de Pitágoras, de Sócrates, de Platão e até de Aristóteles, não meu. Eu só os traduzi ao latim para que todos possam ter acesso a esse saber.’

“‘— E então, Marsílio, o que o preocupa?’

“‘— O papa me preocupa, mestre. Há muitas razões para acreditar que foi ele quem mandou assassinar Lorenzo de Medici na catedral. E tenho certeza de que não foram só ambições políticas que motivaram seu atentado, e sim religiosas.’

“Leonardo arqueou suas grossas sobrancelhas, sem se atrever a interrompê-lo.

“‘— Estamos há muitos meses com esse maldito *interdicto* na cidade. Desde o atentado contra os Medicis, a situação se tornou insustentável. As igrejas estão proibidas de celebrar sacramentos ou atos de culto, e o pior é que essa pressão continuará até que eu me renda.’

“‘— Você? — O titã teve um sobressalto. — E o que você tem a ver com isso?’

“‘— O papa quer que a academia renuncie à posse de uma série de textos e documentos antigos que afirmam coisas contrárias à doutrina de Roma. A conspiração contra Lorenzo pretendia, dentre outras coisas, apoderar-se deles à força. Roma está especialmente interessada em nos arrebatar os escritos apócrifos do apóstolo João, que estão, como sabe, em nossas mãos já há algum tempo.’

“‘— Entendo…’

“Meu mestre acariciou a barba, como fazia sempre que meditava alguma coisa.

“‘— E que informações você teme perder, Marsílio?’

“‘— Esses escritos, cópias de cópias de linhas inéditas do apóstolo amado, falam-nos do que aconteceu com os Doze após a morte de Jesus. Segundo eles, as rédeas da primeira Igreja, da original, nunca estiveram nas mãos de Pedro, e sim nas de Tiago. Pode imaginar? A legitimidade do papado iria pelos ares!’

“‘— E você acredita que Roma sabe da existência desses papéis e pretende pegá-los a todo custo…’

“O querubim assentiu com a cabeça, acrescentando algo mais:

“‘— Os textos de João não param por aí.’

“‘— Ah, não?’

“‘— Dizem que, além da Igreja de Tiago, no seio dos discípulos nasceu outra cisão encabeçada por Maria Madalena e seguida pelo próprio João.’

“O mestre franziu o cenho enquanto o homem de túnica negra prosseguia:

“‘— Segundo João, Madalena sempre esteve muito perto de Jesus. Tanto que muitos acreditaram que ela daria continuidade aos ensinamentos dele, e não o bando de discípulos covardes que o renegou nos momentos de perigo.’

“‘— E por que me conta tudo isso agora?’

“‘— Porque você, Leonardo, foi escolhido como depositário dessa informação.’

“O querubim de olhar nobre inspirou antes de prosseguir:

“‘— Sei como é perigoso conservar esses textos. Poderiam levar qualquer um à fogueira. Contudo, antes de destruí-los, eu rogo a você que os estude, que aprenda tudo o que puder sobre essa Igreja de Madalena e de João de que falo, e que, sempre que tiver uma boa oportunidade, deixe a essência desses novos evangelhos em tuas obras. Assim se cumprirá o velho mandamento bíblico: quem tiver olhos para ver…’

“‘— …que veja.’

“Leonardo sorriu. Não pensou muito. Naquela mesma tarde prometeu ao querubim cuidar daquele legado. Sei que tornaram a se ver

e que o homem da túnica negra entregou ao mestre livros e papéis que este depois estudou com muita atenção. Mais tarde, diante dos acontecimentos, a ascensão do frade Savonarola ao poder e a derrubada da casa Medici, nós nos mudamos para Milão a serviço do duque e começamos a trabalhar nas tarefas mais diversas. De nosssa dedicação à pintura passamos ao desenho e construção de máquinas de combate ou de engenhos para voar. Mas aquele segredo, aquela estranha revelação que presenciei na oficina de Leonardo, jamais me saiu da memória.

"Quer que a surpreenda com algo mais, Elena?

"Embora o mestre nunca tenha voltado a falar disso com nenhum dos seus aprendizes, creio que ele está, justamente agora, cumprindo a promessa que fez àquele Marsílio Ficino em Florença. E lhe digo com o coração apertado: não há dia em que visite seus trabalhos no refeitório dos dominicanos que não recorde as últimas palavras que o mestre disse ao querubim naquela distante tarde de inverno.

"'— Quando vir em uma mesma pintura o rosto de João e o teu próprio, amigo Marsílio, saberá que é aí, e não em qualquer outro lugar, que decidi esconder o segredo que me confiou.'

"E sabe de uma coisa? Já encontrei o rosto do querubim em *A última ceia*!"

27

Enterramos o irmão bibliotecário no claustro dos mortos pouco antes das vésperas da terça-feira 17 de janeiro. Não queriam que seu corpo começasse a se decompor na capela onde foi velado e decidiram que fosse enterrado com rapidez. Dois noviços o enrolaram em um tecido branco que prenderam com correias, baixaram-no ao fundo de um nicho que não tardou a se cobrir de terra e neve. Foi uma cerimônia veloz, sem protocolo, uma despedida apressada, só justificável por nossa obrigação de cear antes que escurecesse. E, enquanto os frades murmuravam sobre o arroz com legumes que os esperava ou os biscoitos de mel que ainda sobravam do Natal, um estranho desânimo foi se apoderando de mim. Por que motivo o prior e seu séquito — tesoureiro, cozinheiro, Benedetto, o caolho, e o responsável pelo *scriptorium* — haviam presidido o segundo enterro em Santa Maria em menos de uma semana como se nada fosse? Por que pareciam se importar tão pouco com o irmão Alessandro? Ninguém ia derramar uma lágrima por ele?

Só o padre Bandello teve, em última instância, um gesto de humanidade para com o infeliz que jazia sob nossos pés. Em seu breve sermão, havia insinuado que tinha provas de que ele havia sido vítima do complô de algum demente que se estabelecera em Milão por aqueles dias.

— Por isso, ninguém como ele merece sepultura cristã neste lugar. — Bandello, contudo, nos admoestou seriamente. — Não acreditem nas mentiras que já circulam pela cidade — disse, sem levantar a vista da urna funerária, enquanto a via descer pouco a pouco. — O irmão Trivulzio, que Deus já o tenha em sua glória, morreu mártir nas mãos de um criminoso abominável que cedo ou tarde receberá seu castigo. Eu mesmo farei que assim seja.

Crime ou suicídio, por mais que eu tentasse calar minhas suspeitas, não era fácil aceitar que dois enterros em tão curto espaço de tempo fossem coisa normal em Santa Maria. As últimas palavras que o mestre

Leonardo me dirigiu antes de se perder em direção à sua oficina acertaram minha mente como o trovão que pressagia tempestade:

— Nesta cidade — disse antes de se despedir no beco do Gallo —, nada acontece por acaso. Jamais esqueça.

Naquela noite não ceei. Não consegui.

Os demais frades, menos escrupulosos que este pobre servo de Cristo, correram a encher o estômago em um salão próximo, que servia como sala de refeições, acabando com as sobras do banquete oferecido pelo duque no dia do enterro de sua esposa. Com o refeitório inutilizado por andaimes e vernizes, os costumes dos frades estavam havia anos mudados, e já achavam quase normal que a comida fosse levada ao primeiro andar.

Entre tanta condição provisória, não tardei a descobrir algo bom: enquanto durassem as obras, eu sabia que o aposento de *A última ceia* seria o esconderijo perfeito para me retirar e meditar na hora das refeições. Nenhum frade perturbaria meus pensamentos ali; e ninguém de fora do convento bisbilhotaria em um lugar em obras, frio e empoeirado como aquele.

E com a mente nos dias compartilhados com frei Alessandro e no enigma interrompido que nos ocupou, para ali dirigi meus passos, para orar pelo descanso de sua alma.

O aposento estava vazio. As últimas luzes da tarde mal iluminavam a parte inferior da obra do toscano, realçando os pés de Nosso Senhor, cruzados um sobre o outro. Seria aquilo uma profecia do que Cristo estava prestes a viver no Calvário? Ou o mestre havia disposto assim seus pés por outra obscura razão? Persignei-me. A fina claridade filtrada pela colunata irregular do pátio vizinho conferia uma impressão fantasmagórica à cena.

Só então, ao olhar os comensais da Santa Ceia, notei.

Era verdade. Judas tinha o rosto do irmão Alessandro.

Como eu não havia notado antes?

O mau apóstolo estava ali sentado, à direita do galileu, admirando mudo sua serena beleza. De fato, salvo a expressão de espanto de Tiago, o Maior, e a animada discussão que pareciam manter Mateus, Judas Tadeu e Simão do outro lado da mesa, os demais apóstolos selavam seus lábios com o silêncio. Havia algo de irônico em pensar que, naquele exato momento, a alma de frei Alessandro poderia estar contemplando

de verdade o rosto do Pai Eterno.

Se, como Judas, o bibliotecário havia decidido tirar a própria vida e Bandello estivesse enganado presumindo sua inocência, seu destino a essa hora não seria a glória, e sim os tormentos perpétuos do *Sheol*[22].

Ao passar o olhar pelo mural, um novo detalhe captou minha atenção. Judas e Nosso Senhor pareciam competir por um pedaço de pão, talvez uma fruta, que nenhum dos dois conseguia alcançar. O traidor, que segurava na mão direita a bolsa de moedas da infâmia, estendia a mão esquerda para fora da mesa, tentando pegar algo. O Senhor, indiferente àquele gesto, estendia sua mão direita na mesma direção. Que poderia haver ali que interessasse tanto a um quanto a outro? O que Judas poderia roubar do Nazareno nesse instante, quando o Filho de Deus já sabia que ele o havia traído e que sua sorte estava lançada?

Estava nessas lucubrações quando uma visita inesperada interrompeu meus pensamentos:

— Aposto dez contra um que não entende nada, não é?

Tive um sobressalto. Uma figura que não fui capaz de identificar atravessou a penumbra coberta por uma capa grená e parou a poucos passos de mim:

— O senhor é o padre Leyre, por acaso? — inquiriu.

Minhas pupilas se dilataram ao distinguir o rosto de uma mulher, doce e arredondado, sob um emplumado barrete violeta. Aquela donzela estava disfarçada de homem, algo não só ilegal como perigoso, e me olhava com uma indisfarçada curiosidade. Devia ter mais ou menos minha altura, e seus contornos de fêmea estavam bem disfarçados sob suas amplas vestes. Enquanto aguardava minha resposta, uma de suas luvas de couro acariciava a empunhadura reluzente de um florete.

Acho que gaguejei ao responder.

— Não se preocupe, padre. — Sorriu. — A espada é para protegê-lo. Não lhe fará mal. Vim vê-lo porque todas as suas dúvidas merecem resposta. E, para recebê-la, meu senhor acredita que o senhor deve permanecer vivo.

Emudeci.

— Preciso que me acompanhe a um lugar mais discreto — acrescentou. — Um assunto urgente reclama sua presença em outra parte da cidade.

Seu convite não soou a ameaça, e sim a pedido cortês. A mulher de finos modos resplandecia sob sua capa, destilando uma força pouco habitual. Tinha um olhar vivo, felino, e uma atitude firme que não aceitaria um não como resposta. E, embora as trevas já se apossassem do lugar, a intrusa voltou sobre seus passos, arrastando-me pelo corredor que ligava o refeitório à igreja e pelo qual, habitualmente, só os frades transitavam. Como ela podia conhecer tão bem esses aposentos? Quando desembocamos na rua sem ter visto nem a sombra de um dominicano, a travestida me incitou a apertar o passo.

Levamos dez minutos para alcançar a igreja de Santo Estevão, que ficava quatro ou cinco quadras abaixo; já era quase noite. Contornamos o templo pela direita e adentramos por uma ruela difícil de notar sem um bom guia. A fachada de tijolos de um imponente palácio de dois andares, flanqueado por duas tochas recentemente acesas, cintilava ao fundo do estreito corredor. Minha interlocutora, que não voltara a dizer uma palavra desde que abandonamos Santa Maria, indicou o caminho.

— Já chegamos? — perguntei.

Um mordomo de gibão de lã justo na cintura e coberto por uma capucha saiu ao nosso encontro.

— Se vossa paternidade julgar oportuno — disse cerimonioso —, eu vos conduzirei até meu senhor. Ele está impaciente para receber-vos.

— Vosso senhor?

— Sim.

Desmanchou-se em uma exagerada reverência. A espadachim sorriu.

A mansão era decorada com peças de extraordinário valor. Velhas colunas romanas de mármore, estátuas arrancadas da terra não fazia muito tempo, telas e tapeçarias se amontoavam em saguões e paredes de toda a casa. Aquele imóvel soberbo se ordenava em volta de um pátio central, amplo, com um labirinto de arbustos no centro, para o qual nos dirigimos. Estranhei aquele silêncio. E muito mais que, ao sair a céu aberto, as ruas do labirinto estivessem salpicadas de rostos graves, que pareciam esperar alguma fatalidade.

De fato, ao atravessar o pátio, distingui uma roda de criados que não perdiam de vista dois indivíduos que se olhavam com ferocidade. Estavam em mangas de camisa, seguravam dois ferros desembainhados de lâmina estreita e, apesar do frio, suavam copiosamente. Minha anfitriã tirou o capuz e contemplou a cena extasiada.

— Já começou — disse decepcionada. — Meu senhor queria que visse isto.

— Isto? — fiquei alarmado. — Um duelo?

Antes que eu pudesse replicar, o mais velho dos dois, um homem corpulento, alto, de pouco cabelo e costas largas, lançou-se sobre o mais jovem, descarregando contra ele toda a força de sua arma.

— *Domine Jesu Christe!* — gritou o agredido, enquanto detinha a investida cruzando sua arma sobre o peito e abria os olhos de puro terror.

— *Rex Gloriae!* — replicou seu agressor.

Aquilo não era um treinamento. A fúria do calvo crescia enquanto seus metais se chocavam com dureza. Seus golpes eram rápidos, duros. Clang, clang, clang. Cada impacto parecia a nota de uma melodia frenética e mortal.

— Mário Forzetta — tornou a sussurrar a espadachim, apontando para o jovem, que recuava agora para tomar fôlego — é um aprendiz de pintor, de Ferrara. Quis enganar meu senhor em um negócio. O duelo é o primeiro sangue, como na Espanha.

— Como na Espanha?

— Quem ferir primeiro o adversário, ganha.

A luta recrudesceu. Um, dois, três, quatro novos golpes retumbaram no pátio como tiros de canhão. As cintilações metálicas dos gumes se projetavam contra os balcões.

— Não é sua juventude que salvará sua vida — gritou o calvo —, e sim minha clemência!

— Guarda-a onde melhor lhe aprouver, Jacaranda!

O orgulho daquele Forzetta durou pouco. Três violentos golpes minaram sua resistência, deixando-o de joelhos e obrigando-o a apoiar as mãos no chão. Seu adversário sorriu triunfal, enquanto uma ovação percorria o pátio. O inimigo do senhor da casa havia perdido o duelo. Só restava cumprir o ritual: e assim, com precisão de cirurgião, a espada do vencedor rasgou o ar até roçar com sua ponta a bochecha do jovem, que imediatamente liberou um líquido vermelho intenso.

O primeiro sangue.

— Vê? — rugiu satisfeito. — Deus fez justiça com suas mentiras. Nunca mais ousará me enganar com falsas antiguidades. Nunca.

Então, dirigindo-se para onde eu me encontrava, satisfeito de ver

meu hábito branco e minha capucha negra entre os seus, fez uma reverência e acrescentou algo mais para que todos o ouvissem:

— Este velhaco já tem sua justiça — sentenciou. — Mas creio que ainda não foi feita justiça a alguém tão notável como o senhor, não é, padre Leyre?

Fiquei mudo. O diabólico brilho de seus olhos me fez recear. Quem era aquele indivíduo que sabia meu nome? A que injustiça se referia?

— Os pregadores são sempre bem-vindos a esta casa — disse. — Mas mandei chamá-lo porque desejo que, juntos, reabilitemos o nome de um amigo em comum.

— Temos um? — balbuciei.

— Tivemos — precisou. — Ou acaso não se inclui entre aqueles que acreditam que algo estranho se esconde por trás da morte de nosso frei Alessandro Trivulzio?

O vencedor, que depois eu soube se chamar Oliverio Jacaranda, deixou o palco do duelo e se aproximou de mim, golpeando suavemente meu ombro em sinal de amizade. Depois, perdeu-se palácio adentro. Minha acompanhante me pediu que o esperássemos. Pude ver, assim, o pequeno exército de servidores de Jacaranda entrar em ação: em pouco mais de dez minutos haviam desmanchado o pódio sobre o qual havia se realizado o duelo e haviam levado aquele Forzetta, ferido e amarrado, até algum lugar nos porões do palácio. Ao passar junto a mim, pude ver que o infeliz era quase um menino. Um jovem de rosto redondo e olhos de esmeralda que, durante um instante fugaz, se cravaram nos meus implorando socorro.

— Os espanhóis são homens de honra. — A mulher, que havia soltado seus cabelos louros e tirado o cinturão com seu florete, falou com gentileza. — Oliverio é de Valência, como o papa. E, além do mais, é seu fornecedor favorito.

— Seu fornecedor?

— Ele é antiquário, padre. Uma profissão nova, muito rentável, que resgata do passado os tesouros enterrados por quem nos precedeu. O senhor não é capaz de imaginar o que se pode encontrar em Roma só de arranhar o solo das sete colinas!

— E você, donzela, quem é?

— Filha dele. Maria Jacaranda, a seu dispor.

— E por que seu pai queria que eu o visse lutar com esse Forzetta? O

que isso tudo tem a ver com a memória do padre Trivulzio?

— Ele lhe explicará logo — respondeu. — A culpa é do negócio dos livros antigos. Não sei se o senhor sabe que circulam por estas terras volumes que valem mais que o ouro, e não faltam larápios como esse Forzetta, que os traficam, ou, ainda pior, que pretendem fazer passar livros modernos por antigos, cobrando somas desproporcionais por eles.

— E acredita, realmente, que esse assunto seja de minha incumbência?

— Será — prometeu enigmática.

28

O proprietário, de fato, não tardou a voltar ao pátio. Seus criados já haviam feito desaparecer quase todas as marcas do duelo e a mansão recuperava aos poucos seu aspecto confortável e desalinhado.

O pai de Maria não podia disfarçar sua satisfação. Havia se asseado e perfumado, e voltava coberto por uma toga de lã nova que lhe chegava até os pés. Saudou a filha com um elogio e a seguir me convidou a entrar em seu estúdio. Queria falar comigo em particular.

— Sei que meu trabalho não agrada aos homens de fé como o senhor, padre Leyre.

Sua primeira frase me desconcertou. Aquele sujeito falava uma mistura de espanhol e dialeto milanês, que lhe conferia um halo certamente peculiar. Na verdade, era tão estranho quanto seu estúdio; um lugar único, lotado de instrumentos musicais, tecidos e restos de capitéis antigos.

— Está admirado com o que vê? — Sua pergunta interrompeu meu exame do lugar. — Permita que lhe explique, padre: meu trabalho consiste em resgatar do esquecimento coisas que nossos antepassados deixaram sob a terra. Às vezes são moedas; outras, simples ossos e, com frequência, efígies de deuses pagãos que, segundo pessoas como o senhor, jamais deveriam ter voltado à luz. Adoro essas esculturas da Roma imperial. São lindas, proporcionais… perfeitas. E caras. Muito caras. Meu negócio, para que negar, vai melhor que nunca.

Jacaranda serviu vinho nas taças de prata e me ofereceu uma antes de prosseguir, jactancioso:

— Creio que Maria lhe disse que o Santo Padre abençoa minhas atividades. De fato, há anos que se reserva o privilégio de ver minhas peças antes de qualquer um. Ele as escolhe desde que era cardeal, e as paga generosamente.

— Disse, é verdade. Mas — franzi o cenho — duvido que me tenha mandado chamar para me informar de seus negócios. Ou estou

enganado?

O senhor do palácio deixou escapar uma risadinha cínica.

— Sei muito bem quem o senhor é, padre Leyre. Há alguns dias se credenciou como inquisidor perante os funcionários do duque, e pretendeu apresentar-lhe seus respeitos antes dos funerais de *donna* Beatrice. Veio de Roma. Está alojado no convento de Santa Maria e passa a maior parte do tempo resolvendo enigmas em latim. Como vê, quase não tem segredos para mim, padre.

O antiquário bebeu daquele líquido vermelho e encorpado antes de acrescentar:

— Quase…

— Não entendi.

— Permita que vá diretamente ao ponto. Parece ser um homem inteligente e talvez possa me ajudar a resolver um problema que temos em comum. Trata-se de frei Alessandro Trivulzio, padre.

Por fim, tocou no assunto da morte do bibliotecário.

— Muito antes de o senhor chegar a Milão, ele e eu éramos bons amigos. Poderíamos dizer, inclusive, que éramos sócios. Trivulzio atuava como intermediário entre algumas famílias importantes de Milão e meu negócio. Por meio dele eu lhes fazia chegar minhas ofertas de antiguidades sem levantar suspeitas na cúria, e frei Alessandro recebia certas compensações por isso.

Dei um passo para trás.

— Estranha, padre Leyre? Outros frades em Bologna, Ferrara ou Siena me ajudam nesse tipo de trabalho. Não matamos ninguém; só burlamos proibições e escrúpulos absurdos que, tenho certeza, um dia os recordaremos como algo risível, próprios de mentes antiquadas. O que há de mal em recuperar fragmentos de nosso passado e entregá-los aos ricos, para seu desfrute? Não há, por acaso, um obelisco egípcio na praça São Pedro, em Roma?

— Está entrando na boca do lobo, senhor — repliquei muito sério. — Devo lembrá-lo de que faço parte dessa cúria que o senhor evita.

— Sim, sim, mas permita que continue. Infelizmente, não é só sua severa cúria que impõe empecilhos a nosso trabalho. Como pode supor, vendo obras de arte e peças antigas a ricas senhoras da corte, mesmo pelas costas de seus maridos, que também não aprovam esse tipo de negócio. Frei Alessandro foi crucial em algumas das minhas operações

mais importantes. Tinha a habilidade de se convidar a qualquer mansão de Milão com o pretexto de uma confissão, e depois era capaz de fechar um negócio debaixo das barbas dos nobres lombardos.

— E o que ele ganhava em troca? Dinheiro? Permita que duvide.

— Livros, padre Leyre. Ele recebia livros escritos à mão, ou impressos, dependendo do valor da venda. Obras copiadas com delicadeza ou fabricadas com placas modernas na França ou no império germânico. Cobrava em espécie, se é que prefere esta expressão. Toda sua obsessão era reunir volumes e mais volumes para a biblioteca de Santa Maria. Mas, suponho que isso o senhor já sabia.

— O que não entendo é por que me conta isso. Se o irmão Alessandro era seu amigo, por que mancha sua memória com suas confidências?

— Nada mais longe de minha intenção — riu ele nervoso. — Permita que lhe explique algo mais, padre: pouco antes de morrer, seu bibliotecário participou de uma encomenda muito especial. Estava relacionado com uma de minhas melhores clientes, de modo que deixei o assunto em suas mãos sem hesitar um minuto. Na verdade, era a primeira vez que alguém de berço não me pedia a estátua de algum fauno para decorar uma vila. Seu pedido, por ser estranho, entusiasmou a nós dois.

Olhei para Jacaranda intrigado.

— Minha cliente só precisava que eu resolvesse um pequeno enigma, quase doméstico. Como especialista em antiguidades, ela pensou que eu poderia identificar certo objeto precioso do qual possuía uma descrição externa bastante precisa.

— Uma joia, talvez?

— Não, nada disso. Era um livro.

— Um livro? Como os que o senhor utilizava para pagar frei…

— Esse jamais havia sido impresso — interrompeu-me. — Ao que parece, tratava-se de um antigo manuscrito, de raridade e valor excepcionais. Um exemplar único, cuja existência havia chegado a seus ouvidos por fontes bem diversas, e que minha cliente ansiava possuir mais que qualquer outro tesouro no mundo.

— E que livro era esse?

— Eu nunca soube! Ela só me forneceu alguns detalhes de seu aspecto: um volume de poucas páginas, de capas azuis rebitadas por

quatro pregos de ouro e o perfil de suas folhas iluminado com o mesmo metal precioso. Uma pequena joia com aspecto de breviário, sem dúvida importada do Oriente.

— E o senhor teve acesso à obra com a ajuda de frei Alessandro — comentei.

— Tínhamos duas valiosas pistas a seguir. A primeira era a pessoa por quem minha cliente havia ouvido falar pela primeira vez daquele texto: o mestre Leonardo da Vinci. Por sorte, seu bibliotecário o conhecia bem, e não lhe seria difícil se aproximar dele e averiguar se o pintor o tinha ou não em seu poder.

— E a segunda?

— Ela me entregou um desenho exato do livro que eu devia encontrar.

— Sua cliente tinha um desenho do livro?

— Sim. Constava de um jogo de baralho muito querido por ela. Em uma das cartas, a que mostrava o retrato de uma mulher poderosa, essa obra aparecia representada. Não era grande coisa, certo, mas muitas vezes eu havia iniciado negócios com bem menos informação. A carta identificava uma religiosa que segurava esse livro nas mãos. Um livro fechado, sem título na capa nem nenhum outro sinal identificador.

"Um livro em um jogo de cartas?", alarmei-me. "Não havia sido frei Bandello quem me havia falado antes de algo parecido?"

— Posso lhe perguntar quem era sua cliente? — inquiri.

— Claro. Justamente por isso o convoquei a esta reunião: a princesa Beatrice d'Este.

Meus olhos se arregalaram.

— Beatrice d'Este? A esposa do Mouro? Quer dizer que frei Alessandro e *donna* Beatrice se conheciam?

— E muito. E agora, como vê, ambos estão mortos.

— O que o senhor está insinuando?

Jacaranda buscou assento atrás de sua mesa, satisfeito por ter captado toda minha atenção:

— Vejo que está começando a entender minha preocupação, padre Leyre. Diga-me, até que ponto conheces mestre Leonardo?

— Só falei com ele uma vez. Esta manhã.

— Deve saber que se trata de uma pessoa estranha, a mais extravagante e obscura que jamais veio a estas terras. Emprega cada

minuto do dia em trabalhar, ler, desenhar e pensar sobre os assuntos mais absurdos que se possa imaginar. Inventa tanto receitas de cozinha com as quais diverte o duque como modela em maçapão máquinas de guerra de aspecto estrambótico para seus banquetes. Também é um homem desconfiado. Tem um grande zelo por suas coisas, suas propriedades. Nunca deixa que ninguém bisbilhote suas anotações e muito menos que fuce em sua biblioteca, que não é difícil de imaginar que seja grande e valiosa. Inclusive, escreve da direita para a esquerda, como os judeus!

— É mesmo?

— Eu não mentiria sobre algo assim. Se quiser ler algum dos seus cadernos, terá de recorrer a um espelho. Só refletindo nele suas páginas conseguiria compreender o que escreveu nelas. Não é um ardil endiabrado? Quem o senhor conhece capaz de escrever invertido, como se fosse a coisa mais normal? Esse homem, acredite, esconde segredos terríveis.

— Continuo não entendendo por que me conta isso — insisti.

— Porque… — fez uma pausa teatral — tenho certeza de que acabaram com nosso amigo em comum, o padre Alessandro, por ordem de Leonardo da Vinci. E creio que a culpa de tudo está na posse desse maldito livro, o mesmo que a princesa ambicionou e que também acabou lhe custando a vida.

Devo ter empalidecido.

— Essa é uma acusação muito grave!

— Comprove-a — instou-me. — O senhor é o único que pode. Vive em Santa Maria delle Grazie, mas não está vendido ao duque como os outros. O prior deseja que o convento seja acabado com o dinheiro do Mouro, e duvido que se atreva a arremeter contra seu artista favorito e pôr em risco suas subvenções. Eu o convido a resolver este enigma comigo: consiga esse livro, e não só lançará luz sobre a morte da princesa e de frei Alessandro, como também conseguirá provas para acusar Leonardo de assassinato.

— Não gosto de seus métodos, senhor Jacaranda.

— Meus métodos? — riu. — Reparou no homem que derrotei em duelo?

— Forzetta?

— Esse mesmo. Pois lhe direi algo mais sobre meus métodos: ele

trabalhava para mim. Ordenei que pegasse o “livro azul” da oficina de Leonardo. Forzetta havia sido um velho discípulo do toscano e conhecia bem os lugares onde poderia estar escondido.

— Ordenou-lhe que roubasse Leonardo da Vinci?

— Eu queria resolver esse assunto, padre. Mas reconheço meu fracasso. Esse inútil tomou de seu estúdio uma obra diferente: a *Divini Pratonis Opera Omnia*. Um livro impresso há alguns anos em Veneza, de pouquíssimo valor. E pretendeu me enganar com ele, vendendo-o a mim como se fosse o tesouro que eu buscava.

— *Divini Pratonis*… — murmurei. — Conheço essa obra.

— É mesmo?

Assenti:

— É a famosa tradução das obras completas de Platão, feita por Marsílio Ficino para Cosme, o Velho, de Florença.

— Pois o velhaco assegura que Leonardo a tinha em grande apreço. Que a usava havia dias para dar forma a um dos apóstolos do *Cenacolo*. E, a mim, que diabos isso importa? Perdi um amigo por culpa dele e quero saber por quê. Vai me ajudar?

29

Porta romana era o bairro elegante da cidade. Percorrido dia e noite pelas carruagens mais maravilhosas da Lombardia, orgulhava-se de ser o único acesso monumental a Milão. Seus pórticos estavam sempre lotados de gente de boa presença e as damas gostavam de passar sob eles para tomar o pulso diário da cidade. Núncios papais, legações estrangeiras ou cavaleiros, todos procuravam aparecer por ali, aspirando a se sentir admirados. Sua localização, junto ao principal canal da cidade, fazia de Porta Romana uma galeria de vaidades sem igual.

Bem na metade da rua se erguia o Palazzo Vecchio. Era um edifício público querido pelos milaneses, foro habitual de fraternidades, grêmios e inclusive de juízes. Tinha três andares, seis amplos salões e um labirinto de gabinetes que mudavam de dono com facilidade.

Pois bem, na noite em que passei na casa de Oliverio Jacaranda, todos os seus aposentos fervilhavam de expectativa. Mais de trezentas pessoas faziam fila na rua para admirar a última obra de mestre Leonardo; muitos dos próceres da cidade haviam aparecido com tão oportuno pretexto para comentar os últimos acontecimentos da corte. Não havia cidadão ou cidadã que não quisesse convite para aquele evento.

O toscano organizou sua mostra a toda pressa, talvez por insistência do próprio duque, que havia apenas 48 horas do enterro de sua esposa já pensava em reativar a vida pública milanesa.

Mestre Luini chegou acompanhado por uma radiante Elena Crivelli. Ela havia insistido tanto que o jovem mestre concordara em levá-la consigo. Ainda corava ao pensar no que havia acontecido entre ambos apenas dois dias antes, e seu interior continuava agitado como mar em tempestade. Para dificultar ainda mais, a filha de *donna* Lucrezia havia escolhido um impressionante vestido para a ocasião: um vestido azul guarnecido de peles, com um corselete de decote quadrado, bordado com fio de ouro. O cabelo preso com uma redinha de pedrarias e o tom

carmim de seus lábios a elevavam à categoria de deusa. Luini se esforçava para manter distância, para não a roçar sequer.

— Mestre Bernardino! — O vozeirão de Leonardo os deteve assim que subiram ao segundo andar do Palazzo Vecchio. — Que alegria vê-lo. E tão bem acompanhado! Diga-me, quem traz consigo?

Luini inclinou a cabeça cerimonioso, surpreso com a descarada curiosidade do mestre:

— É Elena Crivelli, mestre — respondeu sem demora. — Uma jovem que o admira e que insistiu em me acompanhar à sua apresentação.

— Crivelli? Que surpresa! A senhorita é, acaso, da família do pintor Carlo Crivelli?

— Sou sua sobrinha, senhor.

Os olhos claros de Elena remexeram certas lembranças do toscano. Leonardo parecia embriagado.

— É, portanto, filha de…

— De Lucrezia Crivelli, a quem o senhor conhece bem.

— *Donna* Lucrezia! Claro! — disse, olhando outra vez para Luini. — E veio com mestre Bernardino, a quem sem dúvida conheceu durante suas sessões de pose. É sua nova Madalena!

— Isso mesmo.

— Magnífico! Chegou em um momento mais que oportuno.

Leonardo examinou de novo a jovem em busca dos traços que tanto o haviam impressionado em sua progenitora. Um olhar rápido lhe bastou para identificar uma mesma arquitetura de fronte, idêntico nariz, até pômulos e queixo gêmeos. O prodígio geométrico do rosto de *donna* Lucrezia havia conseguido uma nobre continuação no de sua filha.

— Se dispuserem de tempo, eu gostaria que me acompanhassem ao aposento que preparei para mostrar meu trabalho. Logo estará cheio de convidados, e já não teremos oportunidade de admirá-lo com privacidade.

O mestre lhes indicou uma sala pequena, contígua ao gigantesco saguão da escada. O habitáculo havia sido preparado com mimo. Cada parede estava coberta com enormes tecidos negros, que deixavam visível só uma pequena tábua de nogueira, de 63 × 45 centímetros, emoldurada por uma serifa de madeira clara de pinho, lisa.

— Sabe de uma coisa? — prosseguiu Leonardo. — Pensei que esta era a melhor ocasião para mostrá-la. A morte de *donna* Beatrice nos

entristeceu tanto que precisamos de toda a beleza possível para recuperar o ânimo. Mestre Luini talvez já lhe tenha dito: preciso de alegria à minha volta. Vida. E como sempre que tirei algum trabalho de minha oficina houve tanta aceitação…

— Pensou que mostrar uma nova obra sua poderia devolver as pessoas às ruas — aplaudiu Bernardino.

— Exato. E, apesar do frio, parece que conseguirei. E então? — O toscano mudou de assunto, apontando, então, para sua composição. — Qual é sua opinião?

Os três cravaram seus olhares na parede indicada. O óleo era sensacional. Uma mulher jovem, com um vestido vermelho ao qual Leonardo havia conseguido exprimir não só os tons do veludo, como também os arremates do brocado do pescoço, olhava para eles serena, à mesma altura. Tinha o cabelo preso em um longo rabo de cavalo e um fino diadema envolvia suas têmporas com ternura infinita. Era um retrato incrível. Outra obra-prima do mestre. Se em vez de uma moldura o rodeasse uma janela, ninguém poderia dizer que aquela dama não estava realmente ali, observando-os.[23]

Elena e Bernardino se olharam perplexos, sem saber o que dizer.

— Pensávamos… — balbuciou Luini. — Pensávamos que fosse mostrar um retrato de *donna* Beatrice, mestre.

— E por que haveria de fazer isso? — Sorriu. — A princesa d'Este nunca encontrou tempo para posar para mim.

Os olhos de Elena se umedeceram de emoção.

— Mas ela é… é…

— É *donna* Lucrezia, sua mãe. Sim — disse o toscano, enrugando seu enorme nariz. — Sem dúvida, uma das mulheres mais lindas que já conheci. E beleza, harmonia, é exatamente o que necessitamos nestes momentos de luto, não concorda?

A jovem Elena não podia afastar o olhar do retrato.

— Eu jamais teria mostrado em público este trabalho, se não houvesse sido necessário. Deve acreditar em mim.

— Essa é… — hesitou. — É acaso por conta de sua teoria da luz? Bernardino me explicou quão importante é para o senhor.

— É mesmo?

Um brilho de malícia cintilou nos olhos do toscano.

— Para o senhor, a luz é a essência do divino. Sua presença ou

ausência em um quadro revela tudo sobre o propósito último do artista. Não é verdade?

— Pode ser… Me surpreende, Elena. E diga-me: que tipo de propósito oculto adivinha neste retrato?

A condessinha examinou a tela mais uma vez. O rosto refulgente de sua mãe só faltava começar a falar.

— É como um sinal, mestre.

— Um sinal?

— Oh, sim. Está enviando sinais em meio à escuridão. Como faria um farol na noite. Envia sinais aos homens de fé, aos que preferem a luz às sombras.

O mestre ficou confuso.

De repente, sua surpresa se transformou em preocupação. E Elena notou. Viu o mestre se certificar de que ninguém mais escutava sua conversa e solicitou à condessinha que concedesse a Bernardino e a ele um minuto para conversar a sós. A dama, solícita, afastou-se até uma das janelas com vista para Porta Romana.

— Posso saber o que o senhor fez, mestre Luini?

O sussurro de Leonardo se cravou como uma adaga nos ouvidos de seu discípulo.

— Mestre, eu…

— Falou da luz! A uma menina!

— Mas…

— Nada de mas. Ela sabe também que a luz é um dos atributos de sua família? Que mais lhe revelou, insensato?

Luini estava paralisado de terror. De repente, compreendia o terrível equívoco que representava Elena tê-lo acompanhado àquele evento. Sufocado, baixou a cabeça sem saber o que dizer.

— Estou vendo — prosseguiu Leonardo. — Agora compreendo tudo.

— O que compreende, mestre?

Um nó apertou sua garganta como se fosse estrangulá-lo.

— Você se deitou com ela, não é?

— Como?

— Responde!

— Eu… lamento, mestre.

— Lamenta? Não percebe o que fez?

Leonardo tentou sufocar suas palavras, para não chamar a atenção

da condessinha.

— Você se deitou com uma Madalena! Você! Um fiel à causa de João!

O mestre engoliu em seco. Precisava de tempo para pensar. Sua mente tentava encaixar aquela situação assim como buscava fazer que as peças de suas máquinas se ajustassem umas às outras. Que mais lhe restava? O gigante acabaria entendendo aquilo como mais um sinal da Providência. Outra indicação de que os tempos estavam mudando a grande velocidade, e de que logo seu segredo escaparia de suas mãos.

Como pudera ser tão ingênuo? Como não havia previsto a eventualidade de que o jovem discípulo encarregado de vigiar de perto a filha de *donna* Lucrezia acabasse em seus braços? Leonardo, que repudiava o amor carnal, devia se apressar. Acho que foi nesse dia que o mestre decidiu sobre a conveniência de iniciar Elena nos mistérios de seu apostolado, antes que outros amantes a desviassem de seu caminho.

Sim. Foi quando chamou a condessinha para perto dele e fez algo que ninguém o havia visto fazer antes: falou-lhe de suas preocupações.

— Perdoe este parêntese — desculpou-se. — Quero lhe dizer que sua visita não poderia ser mais oportuna. Eu precisava falar com alguém de confiança. Acho que estou sendo espionado. Que vigiam meus movimentos e os de meus ajudantes.

— O senhor, mestre? — Luini estremeceu.

— Veja — prosseguiu —, há anos suspeito disso. Você sabe, Bernardino, que sempre tive receio das pessoas. Há alguns anos venho codificando toda a minha correspondência, anoto minhas ideias de maneira que muito poucos as possam ler e desconfio daqueles que se aproximam só para bisbilhotar em minhas coisas. Contudo, no domingo, no dia em que enterramos a princesa, esses velhos temores se confirmaram de um modo dramático. Nesse dia, perto daqui, morreram dois homens de Deus em estranhíssimas circunstâncias.

Bernardino e Elena balançaram a cabeça, incrédulos. Não haviam tido notícias disso.

— Um apareceu enforcado na praça do Mercado. Tinha consigo uma carta que o senhor, mestre Luini, conhece tão bem quanto eu. Pertence a um baralho desenhado para os Visconti em meados do século, e que mostra uma irmã de São Francisco com a cruz do Batista em uma mão e o livro de João na outra.

— A Madalena!

— É uma de suas muitas representações, de fato — prosseguiu. — Os nós na corda que contorna seu ventre inchado o evidenciam. Mas são poucos, pouquíssimos, os que conhecem o código.

— Continue, por favor — instou Bernardino.

— Como pode imaginar, mestre Luini, interpretei o achado da carta como um sinal. Um aviso de que alguém estava tentando me cercar. Tentei convencer os soldados do duque de que o frade havia se suicidado. Queria ganhar tempo para fazer minhas averiguações, mas a segunda morte confirmou meus temores.

— Que temores? — Elena não pestanejou.

— Veja, Elena, o outro também era um velho amigo meu.

A condessinha sentiu um calafrio.

— O senhor o conhecia?

— Sim, os dois. Giulio, a segunda vítima, morreu esvaindo-se em sangue diante da *Maestà*. Alguém atravessou seu coração com uma espada. Não lhe roubou dinheiro nem nenhum pertence, salvo…

— Salvo…

— Salvo a carta da franciscana que depois encontrariam junto ao frade. Tenho a desagradável impressão de que o assassino queria que eu soubesse de seus crimes. Afinal de contas, a *Maestà* é obra minha, e o frade enforcado pertencia ao convento de Santa Maria.

Mesmo temendo importunar, Elena tomou de novo a palavra.

— Mestre, e isso está relacionado com seu desejo de mostrar agora o retrato de minha mãe? Tem algo a ver com essas horríveis notícias?

— Logo compreenderá, Elena — respondeu o mestre. — Sua mãe não posou para mim só por ocasião deste retrato. Quando era mais jovem, serviu de modelo para a Virgem da *Maestà*. Recorri a ela outra vez, quando a pintei de novo, há poucos meses. Quando entreguei essa encomenda, há dez dias, os franciscanos a substituíram pela velha versão. Foi tudo tão rápido que não tive tempo de advertir os irmãos acerca de sua substituição.

“Os irmãos?” Dessa vez Elena não o interrompeu.

— Vejo que o mestre Luini não lhe contou tudo ainda — sussurrou Leonardo. — Esse quadro é como um evangelho para eles. Era seu alívio espiritual, especialmente depois de a Inquisição os ter desapossado de seus livros sagrados. Vinham venerá-la às dezenas. Contudo, quando os

franciscanos se deram conta e começaram a litigar contra mim, fui forçado a lhes apresentar uma nova versão, desprovida dos símbolos que a tornavam tão especial. Levei dez anos para cumprir a encomenda, mas não pude retardá-la mais. Desafortunadamente, não avisei os irmãos para que deixassem de ir à igreja de San Francesco buscar iluminação, e o último deles, meu querido Giulio, pagou o erro com a vida. Alguém o estava esperando.

— Tem ideia de quem pode ter sido?

— Não, Bernardino. Mas seu motivo foi o de sempre; o mesmo que levou São Domingos a fundar a Inquisição: acabar com os últimos cristãos puros. Pretendem sufocar à força o que não conseguiram sufocar em Montségur, esmagando os cátaros.

— Então, mestre, aonde irão agora os irmãos saciar sua fé?

— Ao *Cenacolo*, naturalmente. Mas isso quando estiver acabado. Por que acha que o pinto na parede, e não sobre tela? Acaso pensa que é pelo tamanho? Nada disso. — Levantou o dedo indicador em sinal de negação. — É para que ninguém o possa arrancar nem me obrigar a refazê-lo. Só assim os irmãos encontrarão um lugar para seu consolo definitivo. Ninguém pensará em procurá-las sob as próprias barbas dos inquisidores.

— É engenhoso, mestre, mas muito arriscado.

Leonardo sorriu de novo:

— Entre os cristãos de Roma e nós, há uma grande diferença, Bernardino. Eles precisam de sacramentos tangíveis para se sentir abençoados por Deus. Ingerem pão, ungem-se com óleos ou mergulham em águas bentas. Contudo, nossos sacramentos são invisíveis. Sua força está em sua abstração. Quem os percebe dentro de si sente um golpe no peito e uma alegria que inunda tudo. A pessoa sabe que está salva quando sente essa corrente. Minha *Última ceia* lhes dispensará tamanho privilégio. Por que acha que Cristo não ostenta ali a hóstia dos romanos? Porque seu sacramento é outro.

— Mestre — Luini o interrompeu. — Fala diante de Elena como se ela já soubesse de sua fé. E o certo é que ainda não conhece o alcance do que diz.

— E daí?

— Espero que me conceda uma graça: que me dê permissão para levá-la ao *Cenacolo* e iniciá-la ali em sua linguagem. Em seus símbolos.

Talvez assim… — Bernardino hesitou, como se medisse suas palavras —, talvez possamos ambos nos purificar e merecer um novo lugar junto ao senhor. Ela assim o deseja.

O toscano não pareceu muito surpreso.

— Isso é verdade, Elena?

A jovem assentiu.

— Pois deve saber que o único modo de conhecer minha obra é participando dela. E você sabe melhor que ninguém, Bernardino — falou entredentes. — Eu sou o único ômega para o qual deverá, daqui em diante, se dirigir.

— Se sua intenção é guiá-la para vós, mestre, então, por que não a toma como modelo? Sua mãe o serviu para seu evangelho da *Maestà*. Por que não haveria de lhe servir a filha para o mural que está concluindo?

Leonardo hesitou.

— Para o *Cenacolo*?

— E por que não? — respondeu Luini. — Acaso não precisa de um modelo para o apóstolo amado? Acredita que vai achar um rosto mais angelical que este para terminar João?

Elena baixou o olhar, satisfeita. Aquele santarrão de hábito branco acariciou, pensativo, sua barba grossa enquanto escrutava de novo a jovem Crivelli. Depois, soltou uma gargalhada que retumbou por toda a sala.

— Sim — trovejou. — E por que não? Afinal de contas, não imagino ninguém melhor que ela para esse destino.

30

— Oliverio Jacaranda?

Uma expressão de desprezo se desenhou no rosto do prior ao pronunciar aquele nome. Frei Vicenzo mandou me chamar quando soube que eu havia voltado ao convento. Ao que parecia, a comunidade estava, havia horas, em alerta, razão de minha inesperada ausência. Alguns padres, armados com paus e tochas, haviam saído à minha procura logo depois do cair da noite. Por isso, quando Maria Jacaranda me devolveu às portas do convento, ileso embora com a mente um tanto perturbada, o prior se apressou a me chamar.

— O senhor está dizendo, irmão Leyre, que passou a noite em companhia de Oliverio Jacaranda, em sua casa?

Seu tom era de franca preocupação.

— Vejo que o conhece, prior.

— Evidente que sim — replicou. — Milão inteira sabe quem é esse verme. Comercializa objetos litúrgicos, tanto compra e vende retratos de santos quanto de Vênus nuas, e maneja mais dinheiro e recursos que muitos nobres da casa do duque. O que não entendo — acrescentou, semicerrando os olhos com expressão astuta — é o que poderia querer do senhor.

— Desejava me falar de frei Alessandro, prior.

— Do padre Trivulzio?

Assenti. Bandello parecia desconcertado.

— Ao que parece, ambos mantinham uma espécie de relação comercial. Estavam, digamos assim, associados.

— Isso é uma estupidez! O que poderia interessar ao padre Trivulzio, que em glória esteja, em um homem imoral e depravado como esse?

— Se o que o senhor Jacaranda me disse for verdade, frei Alessandro levava uma vida dupla. Para o senhor, era um homem temente a Deus, amante das letras e do estudo; mas, longe de seu olhar protetor, havia se transformado em um traficante de antiguidades.

A mente de Bandello fervia como uma panela de sopa.

— Difícil acreditar — murmurou. — Mas, pensando bem, talvez isso explique certas coisas…

— Certas coisas? — A que se refere, prior?

— Falei com a polícia do Mouro sobre as circunstâncias que cercam a morte de frei Alessandro. Há um ponto obscuro nela que nenhum de nós soube interpretar. Uma contradição suprema que nos mantém desconcertados.

— Explique, por favor.

— Veja, a polícia não encontrou sinais de violência nem de resistência no corpo do padre Trivulzio. Contudo, parece que não se enforcou sozinho. Alguém mais esteve com ele naquele exato momento. Alguém que deixou um estranho cartão de visita preso em um dos pés descalços do bibliotecário.

O prior procurou nos bolsos, estendendo-me um pedaço de pergaminho cheio de rabiscos e linhas de aspecto incompreensível. Haviam sido traçados sobre uma espécie de papelão retangular, de bordas finas, muito deteriorado pelo uso.

— Veja — disse, entregando-me aquilo.

Devo ter feito cara de espanto, porque o prior me observou satisfeito por ter captado toda minha atenção. Como não captaria? Parte daqueles traços correspondia ao enigma que havia me levado até ali. De fato: *Oculos ėjus ḋinumera*, a estranha assinatura do Áugure, ocupava o centro do cartão. Seus sete versos haviam sido escritos com letra trêmula e davam a impressão de ter passado por um intenso escrutínio, como se as anotações que os cercavam fossem parte dos esforços de um erudito para encontrar-lhes sentido.

— É meu enigma! — admiti.

— "*Conta os olhos / mas não lhe olhes no rosto. / O número de meu nome / acharás em seu flanco.*" Sim, eu sei. O senhor me contou antes de o frei Alessandro morrer, lembra? Mas essas anotações — disse, desenhando um círculo com o dedo em volta do escrito — não são minhas, padre Leyre.

A malícia brilhou em seus olhos.

— E isso não é tudo. Veja.

Padre Bandello virou o cartão. A inconfundível estampa de uma franciscana segurando na mão direita uma cruz e na esquerda um livro

me paralisou.

— Santo Cristo! — exclamei. — A carta… Sua carta!

— Não. A carta de Leonardo — corrigiu-me. — Ninguém sabe quem colocou esta carta no corpo de frei Alessandro depois de morto, mas é óbvio que significa alguma coisa. Lembre-se de que o toscano nos desafiou com esse mesmo desenho. E agora aparece junto com seu enigma, nos pés do bibliotecário. O que acha disso?

Respirei fundo.

— Há algo que não lhe contei ainda, prior.

Bandello franziu a testa.

— Não sei como interpretar isso à luz de suas revelações, mas o senhor Jacaranda e eu estivemos falando *justamente* dessa carta. Ou, para ser mais exato, do livro que essa mulher segura.

— O livro?

— Não é um livro qualquer, prior. Jacaranda quis consegui-lo para atender a uma importante encomenda, e confiou esse trabalho a frei Alessandro. Segundo parece, quem possui tão importante livro é o mestre Leonardo, de modo que pensou que para nosso bibliotecário seria mais fácil que para nenhum outro chegar até ele e fazer-lhe uma oferta. Uma simples operação comercial que custou a vida de duas pessoas já.

— Duas pessoas?

— Ainda não lhe disse, prior, mas a cliente que desejava esse livro era Beatrice d'Este, que em paz descanse.

— Deus do céu!

O prior me incitou a prosseguir:



— Jacaranda não sabe por que razão a duquesa contratou seus serviços para conseguir o livro em vez de pedi-lo diretamente a mestre Leonardo. Mas está convencido de que, de um modo ou de outro, Leonardo está envolvido nessas mortes.

— E o senhor, o que pensa, padre Leyre?

— Resisto a acreditar. Leonardo é um artista, não um soldado.

Frei Vicenzo baixou a vista, preocupado.

— Também sou da mesma opinião, mas, pelo que vejo, as mortes se acumulam de forma insólita em volta do mestre.

— O que o senhor quer dizer?

— Ontem mesmo aconteceu algo estranho não muito longe daqui. A igreja de San Francesco foi profanada com o assassinato de um peregrino.

— Um crime? — A notícia me impressionou. — Em solo sagrado?

— Exato. O infeliz teve o coração atravessado bem diante do altar-mor, debaixo do novo retábulo de Leonardo. Deve ter ocorrido algumas horas antes da morte de frei Alessandro. E quer saber algo mais?

O prior inspirou fundo antes de prosseguir:

— A polícia encontrou entre seus objetos o baralho ao qual pertence esta carta. Quem matou esse homem roubou-lhe essa carta, anotou seu enigma no verso e depois a depositou junto ao corpo de nosso bibliotecário. O senhor deve me ajudar a encontrá-lo. Ou muito me engano, ou nosso assassino, seja quem for, também está atrás desse maldito livro de Leonardo.

31

— Preciso que me entregue seu prisioneiro.

Maria Jacaranda me olhou estupefata. Já não vestia as roupas de homem da noite anterior, e sim um vestido pouco acinturado, de mangas brancas e azuis e corselete listrado. Seu cabelo louro estava preso em uma simpática redinha e seu aspecto era radiante.

Era evidente que a jovem Jacaranda não esperava tornar a me ver tão cedo, e muito menos que eu regressasse a seu palácio por um motivo tão… peculiar. O que ela ignorava era que, no fundo, a este inquisidor não restava outra escolha. Mário Forzetta, o espadachim a quem seu pai havia derrotado em duelo, era, que eu soubesse, a última pessoa que havia tentado conseguir o "livro azul" da carta de Leonardo. E a única que ainda continuava viva. Como não ia querer falar com ele?

— Não creio que essa ideia agrade muito a meu pai, na verdade — disse, ao escutar minhas estúpidas explicações.

— Nisso você se equivoca, Maria. Estava presente quando o senhor Oliverio me pediu que o ajudasse a conseguir o livro de Leonardo. E é a isso justamente que vim.

— E o que pretende fazer com Mário?

— Primeiro, pô-lo sob minha custódia, que é a do Santo Ofício. E depois, levá-lo para interrogá-lo.

A menção à Santa Inquisição foi o que minou as poucas reticências da jovem. A bela Maria, impressionada com minha seriedade, trocou seus receios por felicitações e concordou em me acompanhar até os porões do palácio, para evitar um conflito com os dominicanos na ausência de seu pai. Ela me explicou que ele havia partido em viagem depois de nossa conversa, e que era previsto que não retornasse a Milão antes de uma semana. Enquanto estivesse fora, ela era responsável por velar pelo bom funcionamento da casa e custodiar todas as suas posses; dentre elas, naturalmente, o jovem Forzetta.

— É violento? — perguntei.

— Oh, não. Nada disso. Acho que seria incapaz de matar uma mosca. Mas é astuto. Tenha cuidado com ele.

— Astuto?

— É uma qualidade que aprendeu com Leonardo — acrescentou Maria. — Todos os seus discípulos são.

O rapaz havia sido preso em uma parte do palácio que outrora havia servido de cárcere. Paredes grossas e profundas escadas davam passagem a um estranho mundo subterrâneo, impossível de imaginar para quem só tinha acesso aos jardins da superfície. A benevolência de Jacaranda havia jogado seu ousado colaborador em uma das prisões *murus strictus*, isto é, uma cela de dimensões justas para que pudesse se deitar, ficar em pé e dar dois passos de uma parede a outra. Sem janelas, nem outra visão além da mais impenetrável escuridão, Mário Forzetta podia se sentir afortunado. A poucos metros dali, Maria me mostrou as celas *murus strictissimus*, onde não poderia se levantar nem se deitar, e da qual todos saíam loucos ou mortos.

Quando me deixou em frente à porta da cela, uma sensação de sufocação se apoderou de mim. Eu não queria que a filha de Jacaranda me visse vacilar. Detestava visitar prisões; lugares fechados me deixavam doente. De fato, o único trabalho de inquisidor que eu jamais rejeitava era o administrativo. Preferia a imensa carga dos documentos àquele cheiro de umidade e ao barulho das goteiras sobre a pedra. Foi esse ambiente que cortou minha respiração. Quando fiquei a sós, segurando nas mãos o candeeiro e um molho de pesadas chaves de ferro, ainda demorei um pouco até poder articular palavra.

— Mário Forzetta?

Ninguém respondeu.

Do outro lado daquele ferrolho roído pela ferrugem, parecia só haver a morte. Introduzi uma das chaves na fechadura e abri caminho até seu interior. Forzetta, de fato, estava lá dentro, em pé, apoiado em uma das paredes com o olhar perdido. O pobre até cobriu os olhos quando sentiu a luminosidade de minha luminária. Ainda vestia a camisa cheia de manchas de sangue. A ferida de seu rosto havia adquirido um tom cerúleo preocupante. Seus cabelos estavam cobertos de pó e seu aspecto, apesar do pouco tempo de reclusão transcorrido, era deplorável.

— Quer dizer que você é de Ferrara, como *donna* Beatrice — disse eu, enquanto me sentava em seu catre e lhe dava tempo para se

acostumar à luz.

Ele assentiu confuso. Nunca havia ouvido minha voz, nem sabia exatamente quem eu era.

— Que idade tem, filho?

— Dezessete anos.

"Dezessete anos!" — pensei. — "Nem sequer é um homem." Mário não parava de olhar para meu hábito branco e preto, e de se maravilhar com tão estranha visita. Para ser sincero, uma corrente de simpatia logo se estabeleceu entre nós. Decidi me aproveitar disso:

— Está bem, Mário Forzetta, eu lhe direi a que vim. Tenho permissão para tirar você daqui e deixá-lo em liberdade, desde que cheguemos a um acordo — menti. — Só terá de responder a algumas perguntas. Se responder com a verdade, eu o deixarei ir.

— Eu sempre digo a verdade, padre.

O jovem desencostou-se da parede onde estava e se sentou a meu lado. Visto de perto, não parecia, de fato, um rapaz perigoso. Meio doentio, de ombros caídos, era evidente que era pouco dotado para trabalhos físicos. Não estranhei que Jacaranda o houvesse abatido tão facilmente.

— Sei que você foi discípulo do mestre Leonardo, não é? — perguntei.

— Sim, isso mesmo.

— O que aconteceu? Por que deixou sua oficina?

— Não fui digno dele. O mestre é muito exigente com os seus.

— O que você quer dizer?

— Que não passei nas provas às quais me submeteu. Só isso.

— Provas? Que tipo de provas?

Mário respirou fundo enquanto contemplava suas mãos presas com grilhões. À luz de meu candeeiro, descobriu que seus punhos estavam roxos.

— Eram provas de inteligência. Para o mestre, não basta que seus discípulos saibam misturar as cores ou esboçar um perfil em um papelão. Ele exige mentes vivas.

— E as provas? — insisti.

— Um dia, ele me levou para ver algumas de suas obras e me pediu que as interpretasse. Estivemos no *Cenacolo*, quando quase não havia começado a pintá-lo, e também no castelo do duque, admirando alguns

dos seus retratos. Suponho que devo ter feito algo errado, porque logo me pediu que abandonasse sua oficina.

— Entendo. E por isso decidiu se vingar e roubá-lo, não é?

— Não! Nada disso — agitou-se. — Eu nunca roubaria o mestre. Ele foi como um pai para mim. Ele nos levava a todo lado para nos ensinar a trabalhar e, inclusive, nos alimentava. Quando o dinheiro não era suficiente, lembro que nos reunia em seu refeitório, o dos dominicanos de Santa Maria; sentava-nos como os apóstolos, em volta de uma grande mesa, e nos contemplava a certa distância enquanto comíamos.

— Então, você foi testemunha da evolução do *Cenacolo*.

— Claro! É a grande obra do mestre. Há anos estuda para poder completá-la.

— Estuda em livros como o que lhe roubou, não é?

Mário tornou a protestar:

— Eu não roubei nada, padre! Foi o senhor Oliverio quem me pediu que fosse à oficina do mestre e que conseguisse de sua biblioteca um livro antigo de capas azuis.

— Isso é roubar.

— Não, não é. Da última vez que estive na oficina, eu o pedi ao mestre. Quando lhe expliquei para que o queria e lhe disse que era para contentar meu novo senhor, ele me entregou o livro, que mais tarde depositei nas mãos de senhor Oliverio. Foi como um presente. Algo que ele me entregou em nome dos velhos tempos. Ele disse que já não o necessitaria mais.

— E você quis vendê-lo ao senhor Jacaranda.

— Foi mestre Leonardo quem me ensinou que, aos que vivem do ouro, ouro há que lhes pedir. Por isso lhe pus um preço. Só isso. Mas o senhor Oliverio não escutou minhas súplicas. Fora de si, entregou-me uma espada e me obrigou a defender a honra em um duelo. Depois, trancou-me aqui.

Aquele rapaz me pareceu sincero. Inclusive, muito mais que Jacaranda, um ser mesquinho, capaz de traficar com frades e adolescentes a fim de conseguir uma antiguidade com a qual ganhar um bom punhado de moedas. E se eu pusesse Mário a meu serviço? E se aproveitasse os conhecimentos daquele antigo aluno de Leonardo, mestre em enigmas, e o testasse com meus problemas?

Decidi tentar a sorte:

— O que você sabe sobre um baralho no qual aparece uma mulher vestida de franciscana, com um livro no colo?

Mário me olhou surpreso.

— Sabe do que estou falando? — insisti.

— O senhor Oliverio me apresentou essa carta antes de me mandar buscar o livro do mestre.

— Prossiga.

— Quando fui pedi-lo a mestre Leonardo, mostrei-lhe a carta e ele riu. Disse que encerrava um grande enigma, e que, a menos que eu fosse capaz de decifrá-lo por mim mesmo, jamais me falaria dela. Ele sempre age assim. Nunca revela nada, a menos que a pessoa descubra antes.

— E ele lhe disse como poderia fazê-lo?

— O mestre forma todos os seus discípulos na arte da leitura oculta das coisas. Foi ele quem nos doutrinou no *Ars Memoriae* dos gregos, nos códigos numéricos dos judeus, nas letras que desenham figuras dos árabes, na matemática oculta de Pitágoras… Mas, como lhe disse, fui um aluno torpe, que não tirou muitos ensinamentos daquilo.

— Trabalharia em um enigma para mim, se eu lhe pedisse?

Mário hesitou um segundo antes de assentir com a cabeça.

— É um enigma digno de seu antigo mestre — expliquei, enquanto procurava um pedaço de papel para poder me fazer entender. — Encerra o nome de uma pessoa que procuro. Olhe o texto com cuidado e estude-o — disse eu, passando-lhe o texto. — Faça isso por mim. Em gratidão pelo que hoje lhe concederei.

O rapaz se aproximou da luz da luminária para ver melhor.

— "*Oculos ėjus dinumera*"… Está em latim.

— Sim.

— Então, vai me libertar?

— Depois de lhe perguntar uma última coisa, Mário. Soube que você disse ao senhor Oliverio que Leonardo havia utilizado o livro que lhe entregou para dar forma a um dos discípulos do *Cenacolo*.

— É verdade.

— Que discípulo era esse, Mário?

— O apóstolo Mateus.

— E sabe por que ele usou essa obra para lhe dar forma?

— Acho que sim… Mateus foi o redator do evangelho mais popular do Novo Testamento, e ele queria que o homem que emprestasse o rosto

para esse apóstolo alcançasse ao menos a mesma dignidade.

— E que homem é esse? Platão?

— Não. Platão, não — sorriu. — É alguém vivo. Talvez nunca tenha ouvido falar dele. Ele traduziu a *Divini Pratonis Opera Omnia* e o chamam de Marsílio Ficino. Uma vez, ouvi o mestre dizer que, quando o pintasse em uma de suas obras, seria o sinal.

— Sinal? Que sinal?

Forzetta hesitou um instante antes de responder.

— Faz muito tempo que não falo com o mestre, padre. Mas, se cumprir sua promessa e me libertar, averiguarei para o senhor. Eu lhe dou minha palavra. Assim como esse enigma que me confiou. Não falharei com o senhor.

— Deve saber que está se comprometendo diante de um inquisidor.

— E reitero minha palavra. Dê-me a liberdade e serei fiel a ela.

O que eu podia perder? Naquela mesma tarde, antes da hora nona, Mário e eu abandonamos o palácio dos Jacaranda, diante do olhar desconfiado de Maria. Fora, na rua, o rapaz de cabelos negros e cicatriz no rosto beijou minha mão, acariciou seus punhos livres e saiu correndo para o centro da cidade. Foi curioso: nunca me perguntei se tornaria a vê-lo. No fundo, pouco me importava. Já sabia mais do *Cenacolo* que muitos dos frades que compartilhavam seu mesmo teto.

32

BEM CEDO, NA QUINTA-FEIRA 19 DE JANEIRO, MATTEO BANDELLO, O SOBRINHO adolescente do prior, irrompeu no refeitório de Santa Maria delle Grazie. Tinha o olhar aterrorizado e os olhos úmidos. Chegou arfando, com a alma inquieta e o medo desenhado no rosto. Precisava falar com seu tio. Encontrá-lo ali, em frente ao enigmático mural de Leonardo, reconfortou-o e o fez estremecer na mesma intensidade. Se o que lhe haviam dito perto da praça do Mercado fosse verdade, permanecer muito tempo naquele lugar observando os progressos daquela obra diabólica poderia levar todos ao túmulo.

Matteo se aproximou com cautela, tentando não interromper a conversa que o prior mantinha com seu inseparável secretário, padre Benedetto.

— Diga-me uma coisa, prior — escutou —, quando mestre Leonardo pintou os retratos de São Simão e São Judas Tadeu no refeitório, notou algo estranho em seu comportamento?

— Estranho? O que entende por estranho, padre?

— Ora, prior! Sabe exatamente o que quero dizer! O senhor viu se ele consultou alguma anotação ou esboço para dotar esses discípulos de seus traços característicos? Ou talvez possa lembrar se recebeu a visita de alguma pessoa da qual pudesse receber instruções para terminar esses retratos.

— É uma pergunta estranha, padre Benedetto. Ignoro aonde quer chegar.

— Bom… — o caolho pigarreou. — O senhor me pediu que averiguasse tudo o que pudesse sobre o enigma no qual frei Alessandro e o padre Leyre estavam trabalhando. E, na verdade, à falta de informações, eu me distraí averiguando o que fizeram ambos durante os dias anteriores à morte do bibliotecário.

Matteo tremeu apavorado. O prior e seu secretário estavam falando do mesmo assunto que o havia levado até ali.

— E então? — insistiu seu tio, alheio a seu espanto.

— O padre Leyre passava aqui suas horas mortas, graças à chave que o senhor lhe deu. O normal.

— E frei Alessandro?

— Aí está a questão, prior Bandello. O sacristão o surpreendeu várias vezes falando com Marco d'Oggiono e Andrea Salaino, os discípulos prediletos de Leonardo. Reuniam-se no claustro dos mortos e conversavam ali durante um longo tempo. Quem cruzava com eles confirma tê-los ouvido falar da enorme preocupação do toscano pelo retrato de São Simão.

— E você achou isso estranho? — Matteo viu seu tio grunhir, encolhendo o nariz e enrugando a fronte, como tantas vezes fazia. — O mestre é obcecado por detalhes, por dados, pelo minúsculo… Você deveria saber disso. Não conheço nenhum artista que revise tantas vezes o que faz.

— Tem razão, prior. Contudo, naqueles dias, frei Alessandro atendeu mais que de costume aos caprichos de Leonardo. Procurou livros e gravuras para ele. Trabalhou fora de suas horas de biblioteca. Até visitou a fortaleza do duque, para garantir o transporte de um volume muito pesado do qual nada pude descobrir ainda.

O prior deu de ombros:

— Talvez não seja tão estranho como parece, padre. Frei Alessandro não posou para ele? Leonardo não o escolheu, dentre muitos outros, para dar rosto a Judas? Está claro que devem ter feito amizade, e que Leonardo pode ter lhe pedido que o ajudasse nos dias que precederam sua morte.

— Acredita que foi uma coincidência? Acho que o padre Leyre já lhe falou de suas suspeitas, não?

— O padre Leyre, o padre Leyre — resmungou. — Esse homem esconde algum segredo de nós. Posso ver isso em seu rosto cada vez que conversamos.

Matteo não sabia se os interrompia ou não. Quanto mais os ouvia divagar sobre o *Cenacolo* e seus segredos, mais se impacientava. Ele sabia algo importante sobre aquele mural!

— Mas ele acredita que Leonardo pode ter participado do assassinato de frei Alessandro, não é verdade?

— Você está equivocado. Isso foi o que lhe disse Oliverio Jacaranda,

um velho inimigo do mestre. O fato de Leonardo ser um homem extravagante, de gostos insólitos, de não ser visto muito na missa e de que diga ter encerrado um mistério neste mural não o transforma em um assassino.

— Hummm… — o caolho hesitou —, isso é verdade. Transforma-o em um herege. Porque quem mais, senão um homem com a vaidade dele, pensaria em se pintar em *A última ceia*? E nada menos que como Judas Tadeu!

— É uma ambiguidade interessante. Ele pinta a si mesmo como o Judas "bom", e usa frei Alessandro como o Judas "mau".

— Com todo o respeito, prior, o senhor notou como se posicionou Leonardo em *A última ceia*?

— Sim — respondeu, enquanto o localizava na pintura. — Está de costas para Nosso Senhor.

— Exato! Leonardo, ou o Tadeu, como preferir, conversa com São Simão em vez de prestar atenção ao anúncio da traição que Cristo acaba de lhes fazer. Por quê? Por que, para o mestre, São Simão é mais importante que Nosso Senhor? E levando a dúvida ainda mais longe: sabendo que cada discípulo representa uma pessoa significativa para o mestre, quem é esse apóstolo em específico?

— Não vejo aonde quer chegar.

— Muito fácil — replicou Benedetto. — Se os personagens de *A última ceia* não são quem parecem ser, e o próprio mestre Leonardo mostra mais sua predileção por São Simão que pelo Messias, esse São Simão tem, obrigatoriamente, de ser alguém fundamental para ele. E isso frei Alessandro sabia.

— São Simão… São Simão Cananeu…

O prior acariciou suas têmporas como se tentasse encaixar no mural a peça que frei Benedetto havia acabado de lhe fornecer. Matteo, em silêncio, estava impaciente. Sua mensagem era urgente!

— Agora que insiste, irmão, recordo que algo estranho aconteceu quando Leonardo completou essa parte do *Cenacolo*— disse por fim seu tio, que continuava ignorando sua presença no refeitório.

— É mesmo?

O olho único de Benedetto se iluminou.

— Foi bastante peculiar. Leonardo estava havia três anos entrevistando candidatos para encarnar os apóstolos. Fez que todos nós

posássemos, lembra? Depois, chamou a guarda do duque, os jardineiros, os ourives, seus pajens… De todos tirava algum proveito: uma expressão, um perfil, o contorno de uma mão, um braço. Mas, quando chegou a hora de pintar o canto direito, Leonardo interrompeu suas entrevistas e deixou de se guiar por modelos humanos.

O caolho deu de ombros.

— O que quero lhe explicar, padre Benedetto, é que, para pintar São Simão, mestre Leonardo não utilizou a nenhum daqueles sujeitos.

— Inventou-o, então?

— Não. Utilizou um busto. Uma escultura que mandou trazer do castelo do Mouro.

— É isso! A caixa de frei Alessandro!

— Lembro bem o dia em que trouxeram aquela peça de mármore ao convento — prosseguiu sem se alterar. — Fazia um sol inclemente e a carroça de dois cavalos fez um esforço memorável para subir até aqui a caixa que protegia a peça. Na verdade, não sei por que se empenhou tanto naquela manobra, mas, quando já a estavam desembarcando, chegou *donna* Beatrice.

— *Donna* Beatrice?

— Oh, sim! Estava radiante, com um daqueles vestidos cheio de redinhas de que tanto gostava e as bochechas rubras de calor. Chegou escoltada, como sempre, mas quebrou o protocolo para se aproximar dos operários que carregavam o busto. E sabe de uma coisa? Gritou com eles.

— Gritou? A princesa deu uma ordem direta aos carregadores?

— Foi mais que isso, irmão. Perdeu sua régia compostura. Insultou-os, humilhou-os com palavras desprezíveis e ameaçou enforcá-los se causassem algum dano a seu filósofo.

— A seu… filósofo? Mas não era um busto de São Simão?

— O senhor me perguntou se recordava algo estranho, não? Pois isso é o mais estranho que recordo.

— Desculpe, prior. Continue, por favor.

— Leonardo instalou aquele busto perto da entrada do refeitório, sobre uma pilha de sacos de terra. Era um busto velho, uma antiguidade. Virava-o de tanto em tanto para estudar a influência das diferentes luzes do dia sobre ele, e, quando o decorou, apressou-se a desenhar seus traços na parede. Sua técnica era prodigiosa.

— E de onde havia tirado esse busto?

— Isso é o mais curioso: segundo eu soube depois, *donna* Beatrice o havia mandado trazer de Florença só para agradar o mestre.

Matteo já não aguentava mais. Precisava interrompê-los, mas continuava sem se atrever.

— *Donna* Beatrice sempre foi tão complacente com o mestre? — perguntou o caolho.

— Sim. Leonardo era seu artista favorito.

— E pode me explicar por que esse interesse de Leonardo por um São Simão de Florença?

— Também estranhei. Que fossem a Florença para trazer um Batista, que, afinal de contas, é o patrono da cidade, faria certo sentido. Mas um Simão…

— Esse não é Simão, tio! Não é!

Matteo, vermelho de desespero, surpreendeu os frades. Sabia que não devia interromper a conversa dos mais velhos, mas não conseguiu morder a língua por mais tempo.

— Matteo!

O prior estava atônito. Seu sobrinho de 12 anos estava ali plantado, balançando-se de um lado para o outro, com o rosto manchado de lágrimas e o olhar aterrorizado.

— O que aconteceu com você?

— Eu sei quem é esse apóstolo, tio — murmurou, enquanto tentava disfarçar seus tremores.

A seguir, desmaiou.

33

Frei Benedetto e o prior Bandello demoraram um bom tempo para reanimar Matteo. Ele despertou nervoso. Não conseguia articular as palavras, e, quando o fazia, seu corpo estremecia de frio e de medo. Toda sua obsessão era que saíssem do refeitório o mais depressa possível. “É uma obra de Satanás”, balbuciava entre soluços, para espanto do caolho e de seu tio. Como era impossível acalmá-lo, atenderam a suas súplicas, buscando refúgio na biblioteca. Ali, ao calor da calefação, o menino foi voltando a si aos poucos.

De início, não quis falar. Segurava o braço do prior com todas as suas forças e negava com a cabeça cada vez que lhe dirigiam a palavra. O menino não tinha feridas nem hematomas visíveis; embora sujo e com o hábito manchado de barro, não parecia ter sido agredido. Mas, então? Benedetto desceu à cozinha para buscar um pouco de leite quente e de maçapão de Siena, que guardavam para as ocasiões especiais. Com o estômago reconfortado e o corpo aquecido, Matteo foi soltando a língua.

O que lhes contou deixou-os mudos de espanto.

Como era seu costume, o noviço havia ido aquele dia à praça do Mercado comprar algumas coisas para a despensa do convento. As quintas-feiras eram o melhor dia para se abastecer de grãos e verduras, de modo que pegou algumas moedas da bolsa de frei Guglielmo e se dispôs a resolver sua missão o mais depressa possível. Ao passar em frente ao Palazzo della Ragione, o solene imóvel de pedra e tijolos, de três andares, que preside a praça do Mercado, encontrou uma roda enorme de gente. Pareciam extasiados. Escutavam sem pestanejar as arengas de um orador que havia improvisado um palco bem abaixo dos portais do palácio. No início, a cena não lhe chamou muito a atenção. Contudo, quando já estava prestes a dar as costas ao gentio, alguma coisa o atraiu. Matteo conhecia aquele pregador.

— Aqui mesmo, nestes corredores, deu a vida por Deus um verdadeiro crente! — ouviu-o vociferar. — Um gentil-homem que se

sacrificou por sua fé e por vocês! Como Cristo! E para quê? Para nada! Nem sequer se alteram quando falo isso! Não percebem que cada vez nos parecemos mais aos animais? Não veem que, com sua atitude passiva, estão dando as costas a Deus?

O prior e o caolho sufocaram seu espanto. Sob aquele ático que Matteo estava descrevendo, haviam encontrado frei Alessandro enforcado. Entre um gole e outro de leite, o noviço prosseguiu com seu relato. Quando lhes revelou a identidade daquele orador, ficaram ainda mais perplexos. Matteo hesitou. O homem que acusava os passantes de ter perdido a alma por não reconhecer os enviados do Altíssimo era frei Giberto. O sacristão germano, de cabelo cor de abóbora, o homem que guardava as portas de Santa Maria, havia abandonado naquela mesma manhã suas funções para pregar bem onde o bibliotecário havia posto fim a seus dias. Por quê?

Mas, o mais estranho de sua descrição, estava ainda por vir:

— Vai condenar a todos se não renunciarem à Igreja de Satanás e retornar à verdadeira religião! — clamava o sacristão fora de si. — Não comam nada que proceda do coito! Rejeitem a carne de animais! Abominem os ovos e o leite! Protejam-se dos falsos sacramentos! Não comunguem nem se batizem em falso! Desobedeçam a Roma e revisem sua fé se ainda quiserem se salvar!

O caolho balançou a cabeça. “Frei Giberto disse isso?” O prior incitou-o a prosseguir. Matteo, mais sereno, contou-lhes que, quando o sacristão o viu entre a multidão, desceu correndo de seu altar improvisado e o pegou pelo pescoço, mostrando-o a todo mundo.

— Veem bem este? — disse, chacoalhando-o como um saco. — É o sobrinho do prior de Santa Maria delle Grazie. Se agora, que é um menino, ninguém o educar na verdadeira fé, que será dele? Eu lhes direi! — bufou. — Transformar-se-á em um servidor de Satanás, como seu tio! Em um maldito renegado de Deus! E arrastará centenas de cordeiros como vocês à condenação eterna!

O rosto do prior se fechou, severo.

— Ele disse isso? Tem certeza, filho?

O noviço assentiu.

— A seguir, despiu-me.

— Despiu-o?

— E me levantou, para que todo mundo pudesse me ver.

— E por que, Matteo? Por quê?

Os olhos do menino se umedeceram ao recordar aquela parte.

— Não sei, tio. Eu… eu só o ouvi gritar à multidão que não acreditasse que um menino é puro só porque não perdeu sua inocência. Que todos vimos a este mundo para purgar nossos pecados, e que, se não o fizermos nesta existência, voltaremos a este vale de lágrimas de matéria vil para uma vida ainda pior que a primeira.

— A reencarnação não é uma doutrina cristã! — protestou o caolho.

— É cátara — interrompeu o prior. — Deixa-o continuar, irmão.

Matteo enxugou os olhos e prosseguiu:

— Depois… depois disse que, embora os frades deste convento professem na Igreja de Satanás e sigam um papa que adora deuses antigos, prometeu que esta casa não tardaria a se transformar em farol que guiaria o mundo até a salvação.

— Ele disse isso? — O caolho franziu o cenho. — E explicou por quê?

— Não o pressione, irmão.

O noviço se agarrou outra vez ao tio.

— Não é verdade, não? — choramingou Matteo. — Não é verdade que somos a Igreja de Satanás.

— Claro que não, Matteo. — Bandello acariciou-lhe a cabeça. — Por que diz isso?

— É que… é que frei Giberto ficou muito irritado quando eu disse que isso não era verdade. Esbofeteou-me e gritou que só quando o expulsassem do *Cenacolo*, e este se abrisse para a contemplação de todos, a verdadeira Igreja poderia voltar a brilhar.

Uma sensação crescente de raiva invadiu o prior.

— Ele bateu em você? — perguntou, indignado.

Matteo não lhe respondeu.

— Frei Giberto dizia que, quanto mais olhássemos o *Cenacolo*, mais nos aproximaríamos de sua Igreja. Que o mural de mestre Leonardo escondia o segredo da salvação eterna. Que, por isso, tanto ele quanto frei Alessandro aceitaram que os retratasse junto a Cristo.

— Ele disse isso?

— Sim… — sufocou um soluço. — Ali pintados, já haviam ganhado a glória.

O menino observou os semblantes sérios de seus dois superiores. Foi

o caolho quem esclareceu suas dúvidas: não havia sido só o bibliotecário o que posara para Judas. Outros frades, como Giberto, haviam se deixado retratar por ele, fazendo as vezes de apóstolos. O germano encarnara Filipe, mas também Bartolomeu, os dois Tiagos ou André tinham rostos cedidos pelos frades. Até o próprio Benedetto se prestara a ser retratado como Tomé. “Estou de perfil, para que não se veja o olho perdido”, explicou.

O caolho acariciou o assustado Matteo.

— Você é um jovem valente — disse. — Fez bem em querer nos tirar dali de dentro. O mal pode nos fazer perder a razão, como a serpente fez com Eva.

Havia algo a desconfiar relativo às verdadeiras identidades dos apóstolos, porque, quase sem que viesse ao caso, Benedetto interpelou Matteo com uma pergunta que surpreendeu até o prior:

— Há pouco disse que sabia quem era, de verdade, o apóstolo Simão. Ouviu o sacristão dizer?

O noviço desviou a vista para as mesas vazias do *scriptorium* e assentiu.

— Enquanto ele me mantinha ali nu, pendurado, para que todos me vissem, contou a história de um homem que viveu antes de Cristo e que pregou sobre a imortalidade da alma.

— É mesmo?

— Disse que esse homem aprendeu com os sábios mais antigos do mundo. Também pregou coisas sobre o jejum, a oração e o frio.

— O que foi que ele disse, exatamente? — insistiu Benedetto.

— Que essas três coisas nos ajudam a abandonar o corpo, que é onde vivem todos os pecados e ruindades, e a nos identificarmos com a alma, apenas. E também disse que, no *Cenacolo,* esse homem continua oferecendo seus ensinamentos vestido de branco imaculado.

— Só um dos treze se veste assim no mural — observou Bandello. — E esse é Simão.

— E ele deu o nome de tão grande sábio? — insistiu o caolho.

— Sim. Chamou-o de Platão.

— Platão! — Benedetto deu um pulo. — Claro! O filósofo de *donna* Beatrice! O busto que mandou trazer de Florença era de Platão![24]

O prior coçou as têmporas, perplexo:

— E por que Leonardo haveria de se pintar segundo Platão, em vez

de Cristo?

— Como? Ainda não vê, padre? Está claríssimo! Leonardo está nos indicando em seu mural de onde vêm seus conhecimentos. Prior, como frei Giberto e frei Alessandro, Leonardo é cátaro. O senhor afirmou isso antes. E tem razão. Platão, como os cátaros depois, defendeu que o verdadeiro conhecimento humano é obtido diretamente do mundo espiritual, sem mediadores; sem igrejas nem missas. Chamava isso de *gnose*, prior, a pior das heresias possíveis.

— Como pode ter tanta certeza? Um testemunho assim não bastará para acusá-lo de heresia.

— Ah, não? Não vê que Leonardo sempre se veste de branco, como Simão no *Cenacolo*? Não sabe que se recusa a comer carne e pratica o celibato? Por acaso já conheceu alguma mulher dele?

— Nós também vestimos hábitos claros e jejuamos, padre Benedetto. Ademais, dizem que Leonardo gosta de homens, que não é tão celibatário como o senhor afirma — disse frei Vicenzo, diante do olhar desconcertado do jovem Matteo.

— Dizem? E quem diz, prior? Não são mais que falações. Leonardo é uma pessoa solitária. Repudia a ideia de se casar como se fosse a peste. Aposto que é celibatário como os *parfaits* do catarismo. Tudo se encaixa!

O prior não escondeu seu desânimo.

— Suponhamos que você esteja certo. Nesse caso, o que devemos fazer?

— Primeiro — prosseguiu Benedetto —, convencer o padre Leyre de sua heresia. Ele é inquisidor, está aqui quase por milagre de Deus, e certamente saberá de catarismo mais que nós.

— E depois?

— Deter frei Giberto e interrogá-lo, evidentemente — respondeu.

— Isso não vai ser possível.

Matteo sussurrou aquela frase temendo importunar. Embora já se sentisse mais reconfortado, ainda não havia acabado de contar o que havia visto na praça.

— Por quê?

— Não poderá mais detê-lo.

— E por quê, Matteo?

— Porque… — hesitou —, depois de terminar o sermão, o irmão Giberto pôs fogo em seu hábito e se queimou à vista de todos.

— Santo Deus! — O caolho cobriu a boca horrorizado. — Vê, prior? Já não há dúvida. O sacristão preferiu se submeter à *endura* antes que a nosso juízo.

— *Endura*?

A dúvida do jovem Matteo ficou sem resposta, pairando na rarefeita atmosfera da biblioteca. Benedetto pediu permissão para se retirar para pensar naquilo e abandonou, apressado, o recinto. Naquela manhã, impressionado pelas revelações de Matteo, não tardou a ir me contar que, em Santa Maria delle Grazie, haviam vivido pelo menos dois *bonhommes*, que era como os antigos cátaros chamavam a si mesmos. Um inquisidor devia saber disso. Mas o caolho enfatizou uma segunda descoberta, que julgou mais de minha incumbência: por fim, havia conseguido identificar o interlocutor de mestre Leonardo na mesa pascal do *Cenacolo*. Já sabia quem era realmente o homem de manto branco e mãos ofertantes, que distraía a atenção de pelo menos dois discípulos de Cristo: Platão.

Sua oportuna confidência preencheu uma lacuna que eu não conseguia compreender desde que me encontrara com Oliverio Jacaranda. A presença do filósofo no refeitório esclarecia por que o mestre Da Vinci custodiava em sua biblioteca as obras completas do ateniense. Livros que, aliás, a essa altura, deviam estar em algum canto do palácio de Jacaranda sem que ninguém lhes prestasse a atenção que mereciam.

O círculo, pois, estava se fechando.

34

Roma, três dias depois

O GUARDA PONTIFÍCIO APONTOU À FRENTE, TENSO COMO UMA BALESTRA, indicando ao prior geral dos dominicanos o caminho que devia seguir. As medidas de segurança pareceram extremas até mesmo ao padre Torriani, a quem os homens do papa conheciam de sobra. Mas suas ordens eram estritas: em apenas seis meses, acabava de morrer de indigestão o terceiro cardeal, e o pontífice, a quem muitos incriminavam por aquelas repentinas mortes, havia ordenado um simulacro de investigação que incluía o rigoroso controle dos acessos ao palácio pontifício. O ambiente não era bom. Roma tinha razões suficientes para tremer quando Alexandre vi nomeava cardeal algum prócer de sua comunidade. Todos sabiam que, se o Santo Padre ambicionasse suas posses, tudo o que tinha a fazer era nomeá-lo cardeal primeiro e assassiná-lo discretamente depois. As leis o assistiam: o papa era o único e legítimo herdeiro dos bens de sua cúria. E com Sua Eminência o cardeal Michieli, riquíssimo patriarca de Veneza cujo corpo já esfriava no depósito pontifício, a lei havia sido executada de novo com absoluta precisão.

Torriani se submeteu às novas normas de acesso aos aposentos Bórgia sem reclamar. Depois de alguns minutos, ao deixar para trás a porta de ouro da capela do Santo Sacramento, distinguiu-os claramente: estavam na terceira sala, com os olhos cravados no teto e uma estranha expressão de triunfo desenhada no rosto. Ali, junto às janelas da ala este, a resguardo dos rigores do inverno romano, mestre Annio de Viterbo e Sua Santidade debatiam animadamente sob uns afrescos que pareciam recentemente acabados. De fato, ainda cheiravam a verniz e resina.

O pontífice, de barba feita e cabelo meio castanho e meio grisalho, dissimulava sua barriga sob uma batina cor de vinho que o cobria dos pés à cabeça. Ao contrário, Annio tinha o aspecto de uma doninha, nariz afilado, do qual saía um bosque de pelinhos negros e hirsutos, e mãos

longas e ossudas, quase de espantalho, com as quais fazia amplos movimentos em direção às pinturas.

O discurso acalorado de Nanni, que era como todos chamavam aquele sábio, retumbava como os trovões de uma tempestade de verão:

— A arte é a mais necessária de suas armas, Santo Padre! Tenha-a sempre a vosso serviço, e dominará a cristandade! Perca-a, e fracassará em sua tarefa pastoral!

Torriani viu Alexandre VI assentir sem articular uma palavra, enquanto notava que seu estômago ia se azedando aos poucos. Havia escutado aquele discurso muitas vezes. Essa ideia estranha havia invadido Roma, e, com ela, a nata das artes florentinas. O papa em pessoa havia arrebatado um verdadeiro exército de artistas de Lorenzo de Medici, o Magnífico, só para satisfazer os desejos ocultos de Annio. E isso para não falar dos sofrimentos de Torriani diante da incontrolável ascensão dos privilégios de pintores e escultores, sempre em detrimento de frades e cardeais. Incomodado, enciumado pela influência que aquele pernicioso frade de Viterbo exercia sobre o Santo Padre, o prior geral dos dominicanos se fez de distraído e se dirigiu ao chefe da guarda para que anunciasse sua chegada. O máximo responsável pela Ordem de São Domingos estava ali, tal como Alexandre VI havia solicitado.

O papa sorriu:

— Finalmente, fico feliz em vê-lo, querido Gioacchino! — exclamou, estendendo seu anel ao visitante, que o beijou com respeito. — Chega no momento certo. Agora mesmo Nanni e eu falávamos desse assunto que tanto o preocupa.

O dominicano levantou a vista do anel pontifício.

— Como… o que sabe sobre isso?

— Ora, vamos, mestre Torriani! Não é necessário que guarde tanta discrição comigo. Eu sei praticamente de tudo; inclusive que enviou um espião em meu nome a Milão, para comprovar certos rumores que falam de uma heresia que está tomando corpo na corte do Mouro.

— Eu… — o ancião pregador hesitou. — Justamente, venho para lhe informar sobre o que nosso homem descobriu.

— Alegro-me — riu. — Sou todo ouvidos.

Annio de Viterbo e o Santo Padre abandonaram a contemplação dos afrescos para se sentar em duas grandes cadeiras de tiras de couro, que os camareiros haviam acabado de preparar para eles. Torriani, nervoso,

preferiu permanecer em pé. Levava uma pasta debaixo do braço, onde guardava uma extensa carta que eu mesmo havia escrito para ele ao descobrir uma cepa cátara no coração de Milão.

— Há meses — começou a explicar Torriani, ainda impressionado por minhas averiguações — vimos recebendo informes que insinuam que o duque de Milão utiliza um célebre mestre florentino, Leonardo da Vinci, para difundir ideias heréticas em uma obra majestosa que este prepara sobre a última ceia de Cristo.

— Leonardo, dizes?

O papa olhou para Nanni, aguardando algum de seus sábios comentários:

— Leonardo, Santidade — repetiu este. — Lembra-se dele?

— Vagamente.

— É natural — a doninha o escusou. — Seu nome não consta da lista de artistas que lhe foram recomendados pela casa Medici para embelezar Roma, quando o senhor ainda era cardeal. Pelo que sabemos dele, trata-se de um homem orgulhoso, irascível e, certamente, pouco amigo de nossa Santa Madre Igreja. Os Medicis sabiam disso, e com bom juízo evitaram recomendá-lo ao senhor.

O papa suspirou:

— Outro homem problemático, não?

— Sem dúvida, Santidade. Leonardo se sentiu ofendido por não ter sido recomendado para trabalhar em Roma, de modo que, em 1482, abandonou Florença, deu as costas aos Medici e se estabeleceu em Milão para trabalhar como inventor, cozinheiro e, se possível, não como pintor.

— Em Milão? E como acolheram um homem assim? — O rosto do papa se tomou burlesco antes de prosseguir. — Ah, entendo… Por isso o senhor diz que o duque não me é fiel, não é mesmo, Nanni?

— Pergunte isso ao mestre dominicano, Santidade — respondeu secamente. — Ao que parece, ele lhe traz as provas disso.

Torriani, ainda em pé, protestou:

— Ainda não são provas; só indícios, Santidade. Leonardo, guiado e protegido pelo Mouro, envolveu-se na criação de uma obra de proporções colossais e tema cristão, mas cheia de irregularidades que preocupam o prior de nosso convento de Santa Maria delle Grazie.

— Irregularidades?

— Sim, Santidade. Trata-se de uma última ceia.

— E o que tem de estranha uma obra assim?

— Veja, Santidade: sabemos que seus doze apóstolos não são os reais, mas retratos de personagens pagãos ou de duvidosa fé, cuja secreta disposição parece querer transmitir uma informação que não é cristã.

O papa e Nanni se olharam. Quando o sábio de Viterbo requereu mais detalhes, o dominicano lançou mão de sua pasta:

— Acabamos de receber o primeiro informe de nosso homem na cidade — disse, esgrimindo minha carta. — É um erudito de Betânia, um especialista em linguagens cifradas e códigos secretos que neste momento está estudando tanto mestre Leonardo quanto sua obra. Examinou imagem por imagem desse *A última ceia* e procurou relações entre elas. Nosso especialista tentou quase tudo: desde comparar cada apóstolo com um signo do zodíaco até buscar equivalências entre a posição das mãos e as notas musicais. As conclusões não tardarão a chegar a nós, e o que hoje são indícios amanhã talvez sejam provas.

Nanni se exasperou.

— Mas descobriu algo concreto ou não?

— Sim, padre Annio. A verdadeira identidade de três apóstolos foi totalmente desvelada. Sabemos que o rosto de Judas Iscariotes, por exemplo, corresponde ao de certo frei Alessandro Trivulzio, um dominicano que morreu pouco depois do dia de Reis, enforcado no centro de Milão.

— Ora! Como o verdadeiro Judas — sussurrou o pontífice.

— Isso mesmo, Santidade. Ainda não pudemos determinar se foi suicídio ou assassinato, mas nosso informante acredita que pertencia a uma comunidade de cátaros infiltrada em nosso convento.

— Cátaros?

As pupilas do Santo Padre se dilataram de espanto.

— Cátaros, Santidade. Acreditam-se a verdadeira Igreja de Deus. Só aceitam o Pai-Nosso como oração e repudiam o sacerdócio ou a figura do vigário de Cristo como único representante de Deus na Terra.

— Conheço os cátaros, mestre Torriani! — disse o papa colérico. — Mas acreditávamos que os últimos tinham sido queimados em Carcasona e Tolosa em 1325. O bispo de Pamiers não acabou com eles?

Torriani conhecia aquela história. Nem todos pereceram. Depois do triunfo da cruzada contra os cátaros do sul de França e da queda de Montségur em 1244, houve uma debandada de famílias hereges para

Aragão, Lombardia e Germânia. Os que cruzaram os Alpes se assentaram nas imediações de Milão, onde forças políticas mais frouxas, como a dos Visconti, os deixaria viver em paz. Contudo, suas ideias extremistas foram caindo em desuso e muitos acabaram desaparecendo sem perpetuar seus ritos e ideias heterodoxas.

— A situação pode ser grave, Santidade — prosseguiu Torriani muito sério. — Frei Alessandro Trivulzio não era o único suspeito de professar o catarismo em nosso convento milanês. Há três dias, outro frade declarou abertamente sua heresia e depois tirou a própria vida.

— *Endura?*— Os olhos da doninha cintilaram.

— Isso mesmo.

— Por todos os santos! — rugiu. — A *endura* foi uma das práticas mais extremas dos cátaros. Faz duzentos anos que ninguém recorre a ela.

O assistente do papa olhou para o pontífice, que parecia não ter entendido muito bem o que era *endura*. Annio lhe explicou de imediato:

— Em sua versão passiva — disse —, consistia no voto solene de não ingerir alimentos nem nada que contaminasse o corpo do cátaro que aspirava à perfeição. Se morresse puro, o infeliz acreditava que salvava sua alma e se integrava a Deus. Mas também existiu uma versão ativa, a do suicídio por fogo, que só se consumou durante o sítio de Montségur. Os habitantes daquele último bastião militar cátaro preferiram se jogar em uma grande pira de troncos a se entregar às tropas pontifícias.

— Esse frade de quem lhes falo se imolou com fogo, padre.

Nanni estava impressionado.

— É difícil acreditar que alguém tenha ressuscitado essa velha fórmula, mestre Torriani. Suponho que disponha de outras notícias sobre as quais fundamentar seu alarme.

— Infelizmente, sim. De fato, temos razões para pensar que as provas da existência de uma comunidade cátara ativa em Milão se escondem no mural de *A última ceia*, que neste momento Leonardo da Vinci tenta concluir. Ele mesmo se retratou em sua obra, conversando com um apóstolo que, na realidade, mascara Platão. Como o senhor sabe, o antigo referencial desses malditos hereges.

A doninha deu um salto em sua cadeira dobrável.

— Platão? Tem certeza do que diz?

— Totalmente. O pior, padre Annio, é que esse vínculo não está isento de uma lógica perversa. Como sabe, Leonardo se formou em

Florença sob as ordens de Andrea del Verocchio, um artista poderoso, bem considerado entre os Medici e muito próximo da academia que Cosme, o Velho, pôs sob a direção de certo Marsílio Ficino. E, como sabe também, essa academia foi criada para imitar a de Platão em Atenas.

— E então?

O assistente de Alexandre vi franziu o cenho, receando tanta erudição.

— Nossa conclusão não pode ser mais óbvia, padre: se os cátaros compartilharam com Platão muitas de suas doutrinas mais duvidosas, e a academia de Ficino ainda pratica costumes cátaros, como não ingerir carne de animal, o que nos impede de pensar que Leonardo esteja utilizando sua obra para transmitir doutrinas contrárias a Roma?

— E o que está nos pedindo? Que o excomunguemos?

— Ainda não. Precisamos provar, sem sombra de dúvidas, que Leonardo introduziu suas ideias nesse mural. Nosso homem em Milão trabalha para reunir essas evidências. Depois, agiremos.

— Mas, mestre Torriani — interrompeu De Viterbo, antes que seu discurso se inflamasse —, muitos artistas como Botticelli ou Pinturicchio se formaram na academia, e no entanto são excelentes cristãos.

— Só parecem, mestre Annio. Deve desconfiar.

— Vocês, dominicanos, sempre tão desconfiados! Olhe à sua volta. Pinturicchio pintou esses afrescos maravilhosos para Sua Santidade — replicou apontando para o teto. — Acaso vê neles sombra de heresia? Vamos! Vê?

O dominicano conhecia bem aquela decoração. Betânia havia aberto, em sigilo, uma investigação sobre ela que nunca chegou a prosperar.

— Não convém que se exalte, mestre Annio. Especialmente porque, sem querer, está me dando razão. Observe a obra desse Pinturicchio: deuses pagãos, ninfas, animais exóticos e cenas que jamais encontrará na Bíblia. Só um seguidor de Platão, imbuído em velhas doutrinas pagãs, pensaria em pintar algo assim.

— É a história de Ísis e Osíris! — protestou a doninha, quase fora de si. — Osíris, se acaso não sabe, ressuscitou dos mortos como Nosso Senhor. E sua recordação, embora pagã na forma, renova nossa esperança na salvação da carne. Osíris aparece aqui como um touro, como touro é nosso Santo Padre. Ou nunca havia visto o brasão dos Bórgia? Não é óbvia a relação entre essa figura mitológica, símbolo de

força e valor, e os chifres que ostentam em seu escudo de armas? Os símbolos não são heresias, mestre!

Quando frei Gioacchino Torriani ia responder, a voz aveludada e cansada do pontífice interrompeu a discussão:

— O que não entendo muito bem — disse, arrastando as palavras, como se aquela discussão o entediasse — é onde vê o pecado do Mouro em tudo isso.

— Isso é porque o senhor não examinou a obra de Leonardo, Santidade! — explodiu Torriani. — O duque de Milão a está financiando em sua totalidade e protege o artista das recomendações de nossos frades. O prior de Santa Maria está há meses tentando reconduzir o esquema do mural para uma estética mais piedosa, mas é impossível. Foi o Mouro quem permitiu a Leonardo que retratasse a si mesmo de costas para Cristo, entregue a uma conversa com Platão.

— Sim, sim — bocejou o pontífice. — O senhor mencionou Ficino também, não?

Torriani assentiu com a cabeça.

— E não é esse o homem de quem tantas vezes você me falou, querido Nanni?

— Isso mesmo, Santidade — assentiu este com um sorriso falso. — Trata-se de um personagem extraordinário. Único. Não creio que seja um herege como pretende fazer crer mestre Torriani. É cônego da catedral de Florença, que agora deve rondar os 64 ou 65 anos. Seu espírito iluminado o impressionaria.

— Espírito iluminado? — O pontífice tossiu. — Não será outro como esse Savonarola, não é? Acaso ambos não são cônegos da mesma catedral?

O papa piscou para Torriani, que tremeu ao escutar o nome do exaltado dominicano que pregava a chegada do fim da “Igreja rica”.

— É verdade que dividem o templo, Santidade — escusou-se a doninha, perturbada —, mas são homens de personalidades opostas. Ficino é um estudioso que merece todo o nosso respeito. Um sábio que traduziu para o latim incontáveis textos antigos, como os tratados egípcios que serviram a Pinturicchio para decorar estes tetos.

— É mesmo?

— Antes de trabalhar em seus afrescos, Pinturicchio leu as obras de Hermes que Ficino havia acabado de traduzir do grego. Elas narram

estas lindas cenas de amor entre Ísis e Osíris.

— E Leonardo? — grunhiu o pontífice para Nanni. — Também leu Ficino?

— E se relacionou com ele, Santidade. Pinturicchio sabe. Ambos foram discípulos dele na oficina de Verocchio, e ambos acompanharam suas explicações sobre Platão e sua crença na imortalidade da alma. Pode haver algo mais profundamente cristão que essa ideia?

Nanni pronunciou aquela última frase desafiando as críticas do mestre Torriani. Sabia de sobra que os dominicanos, em sua maioria, eram tomistas, defensores da teologia de Tomás de Aquino inspirada em Aristóteles, e inimigos de tudo o que significasse resgatar Platão do esquecimento. Meu prior geral entendeu que ia perder contra aquele interlocutor, porque logo baixou o olhar e anunciou, submisso, sua despedida:

— Santidade. Venerável Annio — saudou-os cortês. — É inútil continuarmos especulando sobre as fontes de inspiração desse *A última ceia* de Milão enquanto não se concluírem nossas averiguações. Se der sua bênção, a investigação prosseguirá como até agora e determinará o tipo de pecado que Leonardo está cometendo contra nossa doutrina.

— Se houver algum — especificou De Viterbo.

O papa devolveu o cumprimento a Torriani e, traçando o sinal da cruz no ar, acrescentou:

— Eu lhe darei um conselho antes que se retire, padre Torriani: daqui em diante, vigie bem o terreno em que pisa.

35

Nunca vi rostos tão longos como os dos frades de Santa Maria naquela manhã de domingo. Antes de tocar as matinas, o prior em pessoa havia percorrido o convento, cela por cela, acordando a todos. Aos gritos, ordenou que nos asseássemos o quanto antes e que preparássemos nossa consciência para um capítulo extraordinário da comunidade. Evidentemente, ninguém reclamou. Não havia frade que não soubesse que a morte de seu sacristão traria consequências cedo ou tarde. Talvez isso explicasse por que todos haviam começado a recear de todos quase de um dia para o outro. Aos olhos de um estranho como eu, a situação havia se tornado insustentável. Os frades se juntavam em pequenos grupos segundo sua origem. Os do sul de Milão não falavam com os do norte, que, por sua vez, evitavam se relacionar com os dos lagos, como se estes houvessem tido algo a ver com o desventurado fim de frei Giberto. Santa Maria estava dividida, e eu ignorava por quê.

Nessa madrugada, depois de me lavar e me vestir na penumbra, compreendi quão profunda era a crise. Embora fosse certo que não havia frade que não murmurasse contra outro, todos pareciam estar de acordo em algo: tinham de me manter o mais afastado possível de suas aflições. Isso porque, se havia algo que os aterrorizava, era que, em virtude de meus poderes como inquisidor, eu pudesse abrir um processo contra sua comunidade. O rumor de que frei Giberto havia morrido pregando como um cátaro os aterrorizava. Nenhum deles, evidentemente, atreveu-se a manifestar isso abertamente. Olhavam-me como se eu houvesse obrigado frei Alessandro a se enforcar e feito que seu sacristão perdesse o juízo. Tal era o diabólico poder que me conferiam.

Mas o que mais chamou minha atenção foi ver o modo como Vicenzo Bandello tirou proveito daqueles medos.

Após nos acordar, o prior nos conduziu a uma grande mesa vazia que ele mesmo havia preparado em um salão perto das cavalariças. Estava frio, e o aposento era ainda mais mal iluminado que nossas celas.

Mas foi assim, quase às cegas, que Bandello nos comunicou o intenso programa que havia preparado para nós. Das matinas às completas, disse, nós nos entregaríamos à oração, revisão dos pecados, atos de contrição e confissão pública. E, quando acabasse o dia, um grupo de irmãos designado por ele mesmo iria ao claustro dos mortos e exumaria os restos de frei Alessandro Trivulzio. Não só arrancariam seus pobres despojos do abraço da terra, como também os levariam para além dos muros da cidade, para exorcizá-los, queimá-los e jogá-los ao vento. E com eles também os ossos do irmão Giberto.

Bandello queria que seu convento ficasse limpo de heresia antes do anoitecer. Ele, que havia acreditado na inocência do irmão bibliotecário e, inclusive, defendera a existência de um complô contra a vida de Alessandro, já sabia que o frei havia vivido de costas para Cristo, pondo em sério perigo a integridade moral de seu priorado.

Vi Mauro Sforza, o coveiro, persignar-se nervoso em um canto da mesa.

Achamos o padre Vicenzo mais sério e taciturno que nunca. Não havia dormido bem. As bolsas sob seus olhos caíam sobre suas bochechas, conferindo-lhe um aspecto desolador. E, em parte, a culpa daquele deplorável estado era minha. Na tarde anterior, enquanto o mestre Torriani e o papa Alexandre se encontravam em Roma pelas minhas minhas costas, Bandello e este humilde servo de Deus conversamos sobre o que implicava ter havido dois cátaros infiltrados na comunidade. Milão — expliquei— estava sendo atacada pelas forças do mal como nunca nos últimos cem anos. Todas as minhas fontes confirmavam. De início, o prior me olhou incrédulo, como se duvidasse que um recém-chegado pudesse compreender os problemas de sua diocese, mas, à medida que fui expondo meus argumentos, foi mudando de atitude.

Argumentei por que eu acreditava que a estranha série de mortes que havíamos sofrido não se devia a simples casualidades. Expliquei como estavam vinculadas às dos peregrinos assassinados na igreja de San Francesco. A própria polícia do Mouro me dava razão. Seus oficiais concluíram que esses desventurados também morreram sem opor resistência, assim como frei Alessandro. E que o lugar exato dos crimes na San Francesco havia sido o altar-mor, bem abaixo de uma pintura do mestre Leonardo que chamavam de *Maestà*. Esse detalhe, unido ao de

que entre seus pertences, só encontraram um pão e um maço de cartas ilustradas, fez-me recear. Todos os mortos carregavam a mesma bagagem. Como se aquilo fizesse parte de algum obscuro ritual. Talvez, admiti, de um cerimonial cátaro até então desconhecido.

Era estranho. Leonardo, como sugeri ao prior, era uma singular fonte de problemas. Frei Alessandro havia morrido depois de posar para ele como Judas Iscariotes, e me constava que o sacristão também estava entre os frades que mais simpatizavam com o toscano. E isso para não falar de *donna* Beatrice: desapossada da vida depois de ter lhe dado toda sua proteção. Como era possível não ver o fio sutil que unia aqueles acontecimentos? Não era evidente que Leonardo da Vinci estava cercado de poderosos inimigos, talvez tão zelosos de sua heterodoxia quanto nós mesmos, mas capazes de chegar às armas para acabar com ele e os seus?

Foram as vítimas, e a ameaça de que pudesse haver mais algumas, que me obrigaram a falar com Bandello sobre o Áugure. E acho que fiz bem.

No início ele me olhou incrédulo, quando expliquei que Roma já havia sido alertada sobre esse cúmulo de desgraças. De fato, altas instâncias pontifícias recebiam havia tempo notícias de um misterioso informante que anunciara que tudo aquilo aconteceria se os trabalhos do *Cenacolo* não fossem interrompidos. O perfil daquele emissário — expliquei — era o de um indivíduo sagaz, inteligente, de provável formação dominicana, que escondia sua identidade por medo de sofrer represálias do duque. Um homem que, sem dúvida, agia por despeito contra o mestre e cuja única obsessão parecia ser levá-lo à ruína e ao descrédito. Um homem, em suma, que precisávamos localizar imediatamente se quiséssemos deter aquele incessante gotejamento de mortes e chegar às claríssimas provas incriminadoras contra Leonardo, que ele assegurava possuir.

— Se não estiver enganado, padre, a passividade de Roma perante suas ameaças obrigou-o a fazer justiça com as próprias mãos.

— E por que, padre Leyre? O que esse homem pode ter contra nosso pintor? — perguntou o prior atônito.

— Pensei muito nisso e, veja, só encontro uma explicação possível. — Bandello me olhou intrigado, incitando-me a prosseguir. — Minha hipótese é que, em algum momento do passado recente, o Áugure foi cúmplice de Leonardo da Vinci, e até chegou a comungar profundamente

com suas crenças heterodoxas. Pode ter ocorrido que, por alguma obscura razão, que deveremos determinar, nosso homem tenha se sentido decepcionado com o pintor e decidido delatá-lo. Primeiro escreveu obsessivas cartas a Roma, informando-nos de seus delitos contra a fé e das maldades que estava escondendo no *Cenacolo*, mas, diante de nosso ceticismo, desesperou-se e decidiu passar à ação.

— À ação? Não entendi.

— Não posso censurá-lo, prior. Eu também não tenho todas as respostas. Contudo, minha hipótese ganha sentido se concluirmos que o Áugure foi tão cátaro quanto Alessandro ou Giberto. Durante um tempo, ele também deve ter se julgado herdeiro dos verdadeiros apóstolos de Cristo, e, como eles, deve ter aguardado com paciência a chegada do dia do Segundo Advento do Messias. É o sonho de todo *bonhomme*. Eles acreditam que, nesse dia, se confirmará sua "verdadeira religião" aos olhos da cristandade. — Aproveitei a atenção do padre Vicenzo para concluir minha ideia em tom solene. — O que penso é que, após uma longa e vã espera, abalado por algum sério contratempo, o Áugure perdeu o controle, renegou seus votos de não violência e se dispôs a cobrar em sangue o tempo que havia perdido com os "homens puros".

— É uma acusação horrível, padre.

— Vamos estudar os fatos, prior — propus. — Os cátaros conhecem muito bem o Novo Testamento, de modo que, quando o Áugure matou frei Alessandro, preparou tudo para que parecesse um suicídio. Leonardo, porém, percebeu de imediato, e, embora tenha tentado desviar a atenção da polícia, naquele dia, sem querer, proporcionou-me uma pista fundamental: Alessandro havia morrido da mesma maneira que Judas Iscariotes depois de delatar Jesus.

— E que importância pode ter isso?

— Muita, prior. O universo cátaro se move graças ao poder dos símbolos. Se o Áugure conseguisse fazer a comunidade de perfeitos acreditar que os eventos que precederam a morte de Jesus estavam se reproduzindo, poderia fazê-la ver que o Segundo Advento estava próximo. Entende? O "suicídio" do bibliotecário estava anunciando que os tempos proféticos estavam prestes a se cumprir: que Cristo ia voltar à Terra em breve, e que sua fé ressurgiria triunfante das sombras.

— A parúsia…

— De fato. Por isso, Giberto, impressionado com a revelação, deixou

para trás seus receios e saiu pregando como cátaro, dando sua vida sem medo, na certeza de que quando o Senhor regressasse, o ressuscitaria salvo dos mortos. O Áugure está consumando sua vingança com uma inteligência diabólica.

— O senhor parece muito seguro de sua hipótese.

— E estou — concordei. — Já lhe disse antes que nosso informante tem uma personalidade complexa; é brilhante e não deixou nada ao acaso, nem mesmo o lugar que escolheu para enforcar Alessandro.

— Ah, não?

— Julguei que o senhor tivesse percebido — sorri cínico. — Quando visitei os portais do Palazzo della Ragione e inspecionei a viga onde nosso bibliotecário se pendurou, vi um baixo-relevo curioso. Pertence a certo Orlando da Tressano, com um antigo martelo de hereges que a inscrição descreve como "*Spada e Tutore della fede per aver fatto bruciare come si doveva i Catari*".[25] Curioso deboche, não acha?

Vicenzo Bandello estava surpreso. A peste da heresia havia infectado seu convento além do imaginável.

— Diga-me, padre Leyre — perguntou consternado —, até que ponto calcula que o Áugure tenha enganado os seus?

— O suficiente para ter obrigado esses peregrinos da San Francesco a abandonar seus esconderijos nas montanhas e ir à cidade em busca da salvação. Deram a vida docilmente diante da proximidade da parúsia. Assim, o Áugure conseguiu que a comunidade cátara se delate sozinha. E deve acreditar que é só questão de tempo até que o mestre Leonardo dê um passo em falso.

— Então… — hesitou o prior —, acredita que o Áugure vive ainda entre nós.

— Tenho certeza — sorri. — E se esconde porque sabe que é tarde para obter seu perdão. Não só pecou contra a doutrina da Igreja, como também infringiu o quinto mandamento: não matarás.

— Como o identificaremos?

— Por sorte, ele cometeu um pequeno erro.

— Um erro?

— Em suas primeiras cartas, quando ainda tinha esperanças na intervenção de Roma, ele nos entregou uma pista para que pudéssemos localizá-lo.

A testa enrugada do prior se alisou por conta da surpresa. Sua mente

bem treinada em relacionar informações díspares e em resolver enigmas deu-lhe a solução à velocidade de um raio:

— Claro! — exclamou, levando as mãos à cabeça. — Esse é seu enigma! A assinatura do Áugure! Por isso estava escrita na carta que encontramos junto ao bibliotecário!

— Frei Alessandro quis decifrar o mistério por sua conta. Incauto, eu mesmo lhe dei o texto, e talvez tenha sido sua curiosidade o que acelerou sua morte.

— Nesse caso, padre Leyre, conseguimos. Bastará decifrar seu hieróglifo para encontrá-lo.

— Quem dera fosse tão fácil.

36

O BONDOSO PRIOR NÃO DEVE TER DORMIDO A NOITE TODA. ASSIM QUE O vi em pé diante de seus frades, com os olhos vermelhos e com olheiras, supus que havia passado a noite remoendo o bendito *Oculos ėjus ḋinumera*. Quase senti pena de tê-lo sobrecarregado com aquela nova responsabilidade. É que, além de sua obrigação de desmascarar quem dentre seus religiosos professava crenças heréticas, ou de determinar que tipo de mensagem provocadora estava sendo escondida na decoração de seu próprio refeitório, nesse momento tinha de localizar o frade que já havia instigado várias mortes, convencido de obrar por uma justa causa.

Seus irmãos o olharam desconcertados. O capítulo ia começar.

— Irmãos — o prior começou solene, em pé, com a voz dura e os punhos apertados sobre a mesa. — Faz quase trinta anos que vivemos entre estes muros e nunca até agora havíamos enfrentado uma situação como esta. Deus Nosso Senhor pôs à prova nossa temperança, permitindonos ser testemunhas da morte de dois de nossos irmãos mais queridos e revelando-nos que sua alma estava enegrecida pelo fedor da heresia. Como acreditam que se sente o Pai Eterno ao ver nossa fraqueza? Com que disposição vamos lhe rogar se nós, com nossa atitude, não fomos capazes de ver os erros de nossos padres e permitimos que morressem em pecado? Os falecidos que hoje repudiamos comiam de nosso pão e bebiam de nosso vinho. Isso não nos faz cúmplices de suas faltas?

Bandello tomou fôlego:

— Mas Deus, queridos irmãos, não nos abandonou neste momento terrível. Em sua infinita misericórdia, quis que estivesse entre nós um de seus mais sapientíssimos doutores.

Um murmúrio se espalhou entre os presentes, enquanto o prior apontava para mim com o dedo indicador.

— Por isso ele está aqui — disse. — Pedi a nosso ilustre padre Agustín Leyre, do Santo Ofício romano, que nos ajude a compreender os

tortuosos caminhos pelos quais discorremos neste momento de dor.

Levantei-me para que pudessem me ver e saudei com uma leve reverência. Em tom conciliador, o prior prosseguiu com seu sermão, fazendo verdadeiros esforços para não intimidar seus frades:

— Todos vocês conviveram com frei Giberto e frei Alessandro — disse. — Vocês os conheciam bem. Contudo, nenhum de vocês denunciou irregularidades em seus comportamentos, nem soube ver sua funesta adesão ao catarismo. Dormíamos tranquilos, acreditando que essa doutrina havia se apagado há mais de cinquenta anos, e pecamos por soberba, ao acreditar que nunca mais tornaríamos a enfrentá-la. E não foi assim. O mal, queridos irmãos, é reticente a se dissolver. Aproveita-se de nossa ignorância; nutre-se de nossa estupidez. Por isso, para nos prevenir de novos ataques, pedi ao padre Leyre que nos ilumine sobre o mais pérfido dos desvios cristãos. É provável que em suas palavras vocês identifiquem hábitos e costumes que talvez já tenham praticado, sem conhecer a origem. Não tenham receio: muitos de vocês provêm de famílias lombardas cujos antepassados tiveram algum contato com os hereges. Meu firme propósito é que, antes de o sol se pôr, antes que abandonem esta sala, reneguem tudo isso e se reconciliem com a Santa Igreja de Roma. Escutem nosso irmão, meditem sobre suas palavras, arrependam-se e peçam confissão. Quero saber se nossos falecidos irmãos não foram os únicos infectados pela peste cátara, e tomar as medidas oportunas.

O prior me cedeu a palavra, fazendo-me um gesto para que me aproximasse da cabeceira da mesa. Ninguém pestanejou. Os frades mais velhos, Luca, Jorge e Esteban, já muito idosos para assumir qualquer tarefa ativa no convento, esticaram o pescoço para me escutar. Os demais, eu sei, seguiram meus passos com verdadeiro pavor. Só precisei olhá-los nos olhos.

— Estimados irmãos, *laudetur Jesus Christus*.

— Amém — responderam em coro.

— Ignoro, irmãos, até que ponto conhecem a vida de São Domingos de Gusmão. — Um murmúrio se espalhou pela assembleia. — Não importa. Hoje será um dia excelente para que, juntos, reavivemos sua memória e sua obra.

Um suspiro de alívio percorreu a mesa.

— Peço permissão para lhes contar uma coisa. No início do ano

1200, os primeiros cátaros haviam se espalhado por boa parte do Mediterrâneo ocidental. Pregavam a pobreza, a volta aos costumes dos cristãos primitivos e advogavam por uma religião simples, que não requeria igrejas, nem dízimos ou privilégios para os ministros do Senhor. Seus seguidores rejeitavam o culto aos santos e à Virgem, como se fossem selvagens, ou, pior ainda, muçulmanos. Renegavam o batismo. E esses vermes não titubeavam ao afirmar que o criador deste mundo não havia sido Deus, e sim Satanás. Que perversão da doutrina! Podem imaginar? Para eles, Jeová, o Deus Pai do Antigo Testamento, foi, na realidade, um espírito diabólico que tanto expulsava a Adão e Eva do Paraíso quanto destruía exércitos à passagem de Moisés. Em suas mãos, os homens eram apenas marionetes incapazes de discernir o bem do mal. O povo simples acolheu aquelas calúnias com entusiasmo. Via nelas uma fé que os escusava do pecado e tornava fácil entender que houvesse tanto sofrimento em um mundo criado pelo Maligno. Que anátema! Situavam Deus e o Diabo, o bem e o mal, no mesmo patamar, com competências e poderes idênticos!

"A Igreja — prossegui — quis corrigir aqueles bastardos dos púlpitos, mas o remédio não funcionou. Seus cada vez mais numerosos simpatizantes notaram como era desproporcional sua luta, e a maioria acabou se apiedando dos hereges, aos quais muitos consideravam pessoas exemplares. Argumentavam que os cátaros pregavam com o exemplo, dando mostras de humildade e pobreza, ao passo que os clérigos se revestiam de finas casulas e ouropéis, para condená-los em altares cobertos de caros adornos. Assim, longe de desterrar a heresia, o que a Igreja conseguiu foi fazê-la se espalhar como a peste. São Domingos foi o único que compreendeu o erro e decidiu descer ao terreno dos "puros", pois é isso que significa *katharos* em grego, para pregar a eles na mesma pobreza apostólica que admiravam. O Espírito Santo o fez forte, deu-lhe coragem para adentrar os bastiões hereges da França, lá onde os cátaros eram multidão, onde os abordou um por um. Domingos desmontou suas teses absurdas e proclamou Deus como único Senhor da Criação. Mas também tamanho esforço foi inútil. O mal estava muito difundido."

Bandello me interrompeu. Ele também havia estudado essa história durante seus anos de preparação teológica e sabia que o catarismo não só havia ganhado adeptos entre camponeses e artesãos, como também

entre reis e nobres, que o consideraram a fórmula perfeita para evitar o pagamento de impostos e as cessões de privilégios aos eclesiásticos.

— Isso é verdade — admiti. — Não cumprir os dízimos que a Bíblia[26] estabeleceu para os sacerdotes era desprezar as leis de Deus. Roma não podia ficar de braços cruzados. Nosso amado Domingos se preocupou tanto com aquele desvio que decidiu arregaçar as mangas. Por isso, fundou um grupo de pregadores para com eles voltar a evangelizar amplos territórios, como o Languedoc francês. Hoje, somos os herdeiros dessa ordem e de sua divina missão. Contudo, quando Domingos morreu, vendo que era impossível combater o mal só com a palavra, o papa e as realezas fiéis a Roma decidiram pôr em ação uma repressão militar em grande escala, que acabasse com os malditos. Sangue, morte, cidades inteiras passadas a fogo e faca, perseguição e dor abalaram durante anos os alicerces do povo de Deus. Quando as tropas do papa entravam em uma cidade onde havia se instalado a heresia, matavam a todos sem discernir entre cátaros ou cristãos. Deus, diziam, distinguiria os seus quando chegassem ao céu.

Ergui a vista para a mesa antes de continuar. Meu silêncio deve tê-los surpreendido.

— Irmãos — prossegui —, aquela foi nossa primeira cruzada. Parece incrível que tenha ocorrido há menos de duzentos anos, e tão perto daqui. Na época, não hesitamos em erguer as espadas contra nossas próprias famílias. Os exércitos administraram a justiça das armas, dividiram os "puros", acabaram com muitos de seus líderes e obrigaram centenas de hereges a se exilar longe das terras que um dia dominaram.

— E foi assim, fugindo das tropas do Santo Padre, que os últimos cátaros chegaram à Lombardia — acrescentou Bandello. — Chegaram a estas terras muito debilitados. E, embora tudo apontasse para sua extinção, tiveram sorte: a situação política favoreceu a reorganização dos hereges. Importante lembrar que essa foi a época de lutas entre guelfos e gibelinos. Os primeiros defendiam que o papa estava investido de uma autoridade superior à de qualquer rei. Para eles, o Santo Padre era o representante de Deus na Terra, e, portanto, tinha direito a um exército próprio e a grandes recursos materiais. Os gibelinos, porém, com o capitão Matteo Visconti à frente, repudiavam essa ideia e defendiam a separação do poder temporal e divino. Roma, diziam, devia cuidar só do espírito. O resto era tarefa de reis. Por isso ninguém estranhou que os

gibelinos acolhessem os últimos cátaros na Lombardia. Era outra forma de desafiar o papa. Os Visconti os apoiaram em segredo, e mais tarde os Sforza continuaram com essa política. É quase certo que Ludovico Sforza, o Mouro, ainda segue essas diretrizes, e por isso esta casa que hoje descansa sob sua proteção se transformou em refúgio desses malditos.

Nicola di Piadena se levantou para pedir a palavra.

— Então, padre Leyre, o senhor acusa nosso duque de ser gibelino?

— Não posso fazer isso formalmente, irmão — respondi me esquivando de sua pergunta venenosa. — Não sem provas. Mas, se eu suspeitar que algum de vocês as oculta, não hesitarei em recorrer a um tribunal de ofício, ou ao tormento, se for necessário, para obtê-las. Estou decidido a chegar às últimas consequências.

— E como pretende demonstrar que existem "homens puros" nesta comunidade? — exclamou frei Jorge, o esmoleiro, escudado em seus invejáveis 80 anos. — Pretende o senhor mesmo torturar todos esses irmãos, padre Leyre?

— Eu lhes explicarei como farei.

Fiz um gesto para que Matteo, sobrinho do prior, trouxesse à mesa uma gaiola de vime onde estava presa uma galinha. Eu a havia pedido a ele minutos antes de começar minha exposição. O animal, desconcertado, olhava para todo lado.

— Como sabem, os cátaros não comem carne e se recusam a matar qualquer ser vivo. Se vocês fossem um *bonhomme* e eu lhes desse uma galinha como esta e lhes pedisse que a sacrificassem diante de mim, se negariam a tal.

Frei Jorge corou ao me ver pegar uma faca e levantá-la sobre a ave.

— Se um de vocês se negasse a matá-la, saberia que eu o teria reconhecido. Os cátaros acreditam que nos animais habitam as almas de humanos que morreram em pecado e que retornam à vida assim para purgarem. Temem que, ao sacrificá-los, estejam tirando a vida de um dos seus.

Segurei a galinha com força em cima da mesa, estiquei seu pescoço para que todos pudessem vê-lo e cedi a faca a Giuseppe Boltraffio, o frade que estava mais perto. A um gesto meu, fez a lâmina cortar ao meio o pescoço do animal, salpicando sangue em nossos hábitos.

— Como veem, frei Giuseppe — sorri com ironia — está livre de

suspeita.

— Não conhece um método mais sutil de detectar um cátaro, padre Leyre? — protestou frei Jorge, horrorizado com o espetáculo.

— Claro que sim, irmão. Há muitas formas de identificá-los, mas todas são menos conclusivas. Por exemplo, se lhes mostrar uma cruz, não a beijarão. Acreditam que só uma Igreja satânica como a nossa é capaz de adorar o instrumento de tortura no qual pereceu Nosso Senhor. Também não os verão venerar relíquias, nem mentir, nem temer a morte. Mas, claro, isso só no caso dos *parfaits*.

—*Parfaits*? — alguns frades repetiram o termo francês com estranheza.

— Os perfeitos — esclareci. — São aqueles que dirigem a vida espiritual dos cátaros. Acreditam que observam a vida dos apóstolos como nenhum de nós sabe fazer; repudiam qualquer tipo de propriedade, porque nem Cristo nem seus discípulos as tiveram. São os encarregados de iniciar os aspirantes no *melioramentum*, uma genuflexão que deverão realizar cada vez que encontrarem um *parfait*. Só eles dirigem os *apparelamentum*, confissões gerais nas quais os pecados de cada herege são expostos, debatidos e perdoados publicamente. E, como se não bastasse, só eles podem administrar o único sacramento que os cátaros reconhecem: o *consolamentum*.

— *Consolamentum?*— tornaram a murmurar.

— Servia ao mesmo tempo de batismo, comunhão e extrema-unção — expliquei. — Era administrado mediante a colocação de um livro sagrado sobre a cabeça do neófito. Nunca era a Bíblia. Consideravam esse ato um "batismo do espírito", e, aquele que merecia recebê-lo, dizem, tornava-se um "verdadeiro" cristão. Um consolado.

— E o que o fez pensar que o sacristão e o bibliotecário foram consolados? — perguntou frei Stefano Petri, o risonho tesoureiro da comunidade, sempre satisfeito por cuidar com sucesso dos assuntos materiais de Santa Maria. — Se me permite a observação, jamais os vi abjurar a cruz, nem creio que fossem batizados mediante a imposição de um livro sobre a cabeça.

Alguns frades assentiram à sua volta.

— Porém, irmão Stefano, o senhor os viu fazer jejuns extremos, não é verdade?

— Todos vimos. O jejum eleva o espírito.

— Não no caso deles. Para um cátaro, os jejuns extremos são um meio para ganhar o *consolamentum*. Quanto à cruz, convém não se confundir. Para os cátaros, basta limar as pontas de qualquer crucifixo latino, deixando-o mais rombo, para poder usá-lo no pescoço sem problemas. Se a cruz for grega, ou até de malta, toleram-na. Certamente, irmão Petri, também os viu rezar o *Pater Noster* com vocês. Pois bem: essa é a única oração que admitem.

— O senhor só apresenta argumentos circunstanciais, padre Leyre — replicou Stefano antes de se sentar.

— É possível. Estou disposto a admitir que frei Alessandro e frei Giberto eram só simpatizantes à espera do batismo. Contudo, isso não os exime do pecado. Não esqueço, também, que o irmão bibliotecário se prestou a colaborar com o mestre Leonardo em *A Última ceia*. Quis ser retratado como Judas no centro de uma obra suspeita, e julgo saber por quê.

— Diga — murmuraram.

— Porque, para os cátaros, Judas Iscariotes foi um servo do plano de Deus. Acreditam que agiu bem. Que delatou Jesus para que assim se cumprissem as profecias e Ele pudesse dar sua vida por nós.

— Então, está sugerindo, acaso, que Leonardo também é um herege?

A nova pergunta de frei Nicola de Piadena fez sorrir de satisfação o padre Benedetto, que pouco depois se ausentou da mesa para esvaziar sua bexiga no pátio.

— Julgue você mesmo, irmão: Leonardo se veste de branco, não come carne, é certo que jamais mataria um animal, não se sabe de relação carnal alguma e, como se não bastasse, em seu *Cenacolo*, omitiu o pão da comunhão e colocou uma adaga, uma arma, na mão de São Pedro, indicando onde ele acredita que está a Igreja de Satanás. Para um cátaro, só um servo do Maligno empunharia um aço na mesa pascal.

— Contudo, o mestre Da Vinci respeitou o vinho — observou o prior.

— Porque os cátaros bebem vinho! Mas, note bem, padre Bandello: em lugar do cordeiro pascal, que, segundo os evangelhos foi o alimento consumido naquela noite, o mestre pintou peixe. E sabe por quê?

O prior negou com a cabeça. A ele me dirigi:

— Recorde o que seu sobrinho escutou da boca do sacristão antes de morrer: os cátaros não aceitam nenhum alimento que proceda do coito.

Para eles, os peixes não copulam, de modo que podem comê-los.

Um murmúrio de admiração se espalhou pela sala. Os frades acompanhavam boquiabertos minhas explicações, atônitos por não terem detectado antes aquelas heresias no mural de seu futuro refeitório.

— Agora, irmãos, preciso que, um a um, respondam à minha pergunta — disse eu, trocando meu tom descritivo por outro mais severo. — Façam um exame de consciência e respondam diante de sua comunidade: algum de vocês seguiu, por vontade própria ou alheia, alguma das pautas de comportamento que descrevi?

Vi os frades prenderem a respiração.

— A Santa Madre Igreja será misericordiosa com quem abjurar suas práticas antes de abandonar esta assembleia. Depois, o peso da justiça cairá sobre ele.

37

O Áugure agiu com uma precisão impressionante.

Se alguém houvesse tido o azar de cruzar com ele, teria concluído que se movia como se conhecesse até o último recanto do convento. Coberto por uma capa negra dos pés à cabeça, atravessou as filas vazias de bancos da igreja, virou à esquerda rumo à capela da Madonna delle Grazie e seguiu sacristia adentro. Ninguém cruzou seu caminho. A essa hora, os frades estavam reunidos em capítulo extraordinário, alheios à chegada do intruso.

Satisfeito, sua sombra abandonou o oratório atravessando o arco que dá para o pequeno claustro do prior; contornou-o a passo ligeiro, e, uma vez no claustro dos mortos, deixou para trás o refeitório para subir de três em três os degraus que levavam à biblioteca.

O Áugure — homem ou espírito; anjo ou demônio, tanto fazia — movia-se com aprumo. E assim, após inspecionar com olho profissional a sala do *scriptorium*, dirigiu seus passos à mesa de frei Alessandro. Não tinha tempo a perder. Sabia que Marco d'Oggiono e um pintor cúmplice do toscano a quem chamavam de Bernardino Luini haviam acabado de sair da casa de Leonardo, bem em frente ao convento de Santa Maria delle Grazie, e que não tardariam a chegar ao refeitório. Ignorava o que os levava ali, e especialmente que os acompanhava uma mocinha, por expresso desejo do toscano.

Com cuidado, o Áugure depositou sua capa sobre a mesa do bibliotecário e, tomando precauções para não fazer muito barulho, pisou às cegas no piso de lajotas. Encaixadas umas nas outras, só duas lajotas dançaram ao serem pisadas. Era exatamente o que procurava. A sombra se agachou para examiná-las e viu que não estavam unidas com argamassa, que tinham as bordas polidas e o verso limpo, sinal inequívoco de um uso frequente. Foi ao erguê-las que reconheceu a tubulação da calefação de vapor. Observou-a satisfeito. O Áugure sabia que esse minúsculo leito de alvenaria percorria de lado a lado o teto do

refeitório e que, dali, um ouvido bem treinado não perderia nenhum detalhe de qualquer coisa que se falasse sob ele.

Com precaução, deitou-se para poder colar o ouvido no piso e fechou os olhos em busca de concentração.

Um minuto depois, ouviu-se um forte estalo. Era a lingueta da maçaneta do refeitório. Os convidados de Leonardo estavam prestes a entrar na sala de *A última ceia*.

— O que o mestre quis dizer com isso, de que é o ômega?

A pergunta da linda Elena subiu diáfana pela tubulação até o andar de cima. O Áugure se surpreendeu ao escutar o timbre de uma mulher.

— A primeira vez que o ouvi falar disso foi na presença de sóror Verônica, no dia de sua morte — respondeu Marco d'Oggiono, cuja voz reconheceu de imediato.

— Você esteve com sóror Verônica da Binasco no dia em que se cumpriu sua profecia?

Elena não cabia em si de admiração.

Havia passado a última noite acordada, boquiaberta diante das explicações de Leonardo e das brincadeiras de seus discípulos, preparando-se para posar. Leonardo havia concordado em retratá-la como o discípulo João se antes provasse, com a ajuda de seus acompanhantes, que era capaz de compreender a importância daquele mural.

O mestre, seduzido pela beleza da primogênita dos Crivelli, não conseguira tirá-la da cabeça desde que a conhecera no Palazzo Vecchio. Era um "João" perfeito. Mas não queria se precipitar. Ele a havia convidado em duas ocasiões, sempre com mestre Luini ao lado, a suas célebres noites de música, poesia e trovadores, com as quais obsequiava seus hóspedes. Queria vigiar de perto a evolução daquele inesperado casal. A jovem se sentia embriagada. Ver-se frequentando um círculo que só conhecia por sua mãe era como entrar no mundo dos sonhos. E não queria acordar. Desde que Lucrezia Crivelli iluminara suas noites infantis com histórias de príncipes e jograis, de cerimônias cavalheirescas e de reuniões de magos, Elena queria estar ali.

— Sóror Verônica? Ui! Essa freira se zangava com muita facilidade — recordou Marco, soprando suas mãos para aquecê-las.

O refeitório estava gelado. A hora de aguçar a mente havia chegado.

— É mesmo?

— Oh, sim. Sempre censurava o mestre por seus gostos excêntricos e o criticava por conhecer melhor as obras dos filósofos gregos que as Sagradas Escrituras. A verdade é que não costumavam falar de arte, e muito menos dos trabalhos do mestre, mas, no dia em que morreu, a irmã Verônica lhe perguntou por este refeitório.

— E o que isso tem a ver com o ômega? — protestou Elena.

— Permita que lhe conte. Naquele dia, Leonardo se sentiu ofendido. Sóror Verônica o acusou de ter minimizado a importância de Cristo no *Cenacolo*. E o mestre se aborreceu. Replicou que Jesus era o único alfa desta composição.

— Ele disse isso? Que Jesus era o alfa do mural?

— Jesus é o início, disse o mestre. O centro. O eixo deste trabalho.

— De fato — observou Luini, esforçando-se para intuir a silhueta de Cristo na penumbra —, é verdade que Jesus ocupa o lugar dominante. E sabemos que o ponto de fuga da perspectiva de toda a composição encontra-se exatamente sobre sua orelha esquerda, debaixo dos cabelos. Aí Leonardo cravou seu compasso no primeiro dia. Eu mesmo o vi. E, desse ponto sagrado, traçou o resto.

O Áugure se surpreendeu ao escutar Luini. Era a primeira vez que o ouvia. Sabia que compartilhava a trama herética de Leonardo pelos temas de suas obras. Ele também pintava obsessivamente cenas da vida de João. Seu encontro quando menino com Jesus, a caminho do Egito, seu batismo no Jordão ou sua cabeça servida em bandeja de prata a Salomé se repetiam em suas telas e pinturas sem parar. Todos os peregrinos que veneravam a *Maestà* de Leonardo o conheciam bem. "Os lobos — deduziu inquieto, ao confirmar sua presença no *sancta sanctorum* do toscano — sempre andam em manada."

— Sua observação é correta, mestre Bernardino — disse Marco, sem perder de vista sua bela acompanhante, que já começava a distinguir as silhuetas dos apóstolos iluminadas pela claridade do amanhecer. — Se reparar em seu corpo, assim, com os braços estendidos para frente, verá que tem a forma de um "A" enorme. Trata-se de um enorme alfa, que nasce no centro exato dos Doze. Pode vê-lo?

— Claro que o vejo; mas, e o ômega? — insistiu Elena.

— Bem, acho que o mestre disse isso porque se considera o último de seus discípulos.

— Quem? Leonardo?

— Sim, Elena. Alfa e ômega, início e fim. Faz sentido, não?

Luini e a condessinha deram de ombros. Seu avantajado aluno intuía, como Marco, que aquele mural escondia uma mensagem iniciática de grande envergadura. Era evidente que se o mestre os havia deixado chegar até lá sem lhes dar a chave para a leitura era porque, de algum modo, estava testando-os. Estavam, pois, sozinhos diante do maior hieróglifo jamais desenhado pelo toscano, e de sua habilidade de perceber seu significado dependeria seu acesso a segredos maiores. E, especialmente, à salvação de sua alma.

— Talvez Marco esteja certo e o *Cenacolo* esconda uma espécie de alfabeto visual.

Aquilo sobressaltou o Áugure.

— Um alfabeto visual?

— Sei que o mestre estudou com os dominicanos de Florença a "arte da memória". Seu mestre, Verocchio, também a praticou e a ensinou a Leonardo quando este era apenas um menino.

— Ele nunca nos falou disso — disse Marco, um tanto decepcionado.

— Talvez não o tenha considerado importante para sua formação. Afinal de contas, trata-se apenas de artifícios mentais para recordar grande quantidade de informação ou encerrá-la em determinadas características de edifícios ou obras de arte. Essa informação fica à vista de todos, mas é invisível aos olhos dos não iniciados em sua leitura.

— E onde vê aqui esse alfabeto? — insistiu, intrigado, d'Oggiono.

— Você disse que o corpo de Jesus tem o aspecto de um "A" e que para Leonardo é o alfa da composição. Se ele disse de si mesmo que é o ômega, deve convir que não é absurdo buscar no retrato de Judas Tadeu algo que recorde um "O".

Os três se olharam com cumplicidade, e, sem uma palavra, aproximaram-se dos pés da mesa pascal. A figura de Tadeu era inconfundível. Olhava para o lado oposto àquele em que se desenrolava a ação. Inclinado para a frente, tinha os braços cruzados, com as duas palmas levantadas para o céu. Vestia uma túnica vermelha, sem fecho, e não havia nada em sua figura que permitisse imaginar um ômega.

— Alfa e ômega também podem ter a ver com São João e Madalena — murmurou Bernardino, mascarando sua decepção.

— O que você quer dizer?

— É fácil, Marco. Você e eu sabemos que o mural está secretamente

consagrado a Maria Madalena.

— O nó! — recordou. — É verdade! O nó corrediço na ponta da toalha da mesa!

— Acho que Leonardo quis nos despistar. Há tempos o mestre vem fazendo correr o rumor de que o nó é seu modo particular de assinar a obra. Em língua românica, Vinci procede da palavra latina *vincoli*, isto é, laço ou corrente. Contudo, seu significado oculto não pode ser tão tosco. Forçosamente, está relacionado com a favorita de Jesus.

O Áugure se remexeu em seu esconderijo, incomodado.

— Um momento! — protestou Elena. — E o que isso tem a ver com o alfa e o ômega?

— Está nas Escrituras. Se ler os evangelhos, verá que João Batista desempenhou um papel fundamental no início da vida pública do Messias. João batizou Jesus no Jordão. De fato, de algum modo serviu de ponto de partida, de alfa, para sua missão na Terra. Madalena, porém, foi determinante em seu ocaso. Esteve presente quando ressuscitou em seu túmulo. E, a seu modo, também ela o batizou, ungindo-o poucos dias antes desta última ceia na presença dos discípulos. Ou não se lembra de Maria de Betânia no episódio em que lhe lava os pés?[27] Ela agiu, nesse momento, como um verdadeiro ômega.

— Madalena, ômega…

A explicação não convenceu a garota. A princípio, João e Tadeu não estavam relacionados, salvo pelo fato de que nenhum dos dois olhava para Cristo. Elena passou um tempo meditando uma interpretação alternativa para aquele "O" tão fora de lugar. Olhava de um lado para o outro da parede de estuque, tentando encontrar sentido naquele enigma. Logo amanheceria, e teriam de se apressar se quisessem completar sua prova antes que chegassem os frades. Se havia no *Cenacolo* algo para "ler", tinham de encontrá-lo rápido.

— Acho que você está propondo interpretações muito rebuscadas — disse ela por fim. — E o mestre, pelo pouco que o conheço, é um grande amante da simplicidade.

Marco e Bernardino se voltaram para a condessinha.

— Se ele amarrou de uma forma tão evidente uma das pontas da toalha da mesa, deixando a outra lisa, é porque quer chamar a atenção do espectador para esse canto da mesa. Há alguma coisa aí, onde ele mesmo se representou, que ele quer que vejamos.

Luini levantou o braço para o nó, acariciando-o com as pontas dos dedos. Aquele nó estava desenhado com grande maestria. Cada dobra do tecido lhe conferia uma maravilhosa sensação de realidade.

— Acho que Elena tem razão — admitiu.

— Razão? Que razão?

— Note bem, Marco: a parte que o nó marca é a área na qual a luz da composição é mais intensa. Observe aqui as sombras no rosto dos apóstolos. Vê? São mais duras. Mais fortes que as do resto.

O perfil grego de d'Oggiono explorou longitudinalmente a parede, comparando o amplo leque de claros-escuros nas roupas e rosto dos Doze.

— Talvez faça sentido — prosseguiu Luini, como se pensasse em voz alta. — Essa área está mais iluminada que as demais porque, para Leonardo, o conhecimento parte de Platão. Ele é como o Sol que ilumina a razão. E o discípulo mais brilhante de todo o conjunto é São Simão, o que tem o rosto do grego e o único manto branco da cena.

Aquele detalhe devolveu a Luini uma recordação importante:

— E Mateus, o discípulo que está ao lado do mestre, não é outro senão Marsílio Ficino… Claro! — exclamou em voz alta de repente. — Ficino confiou ao mestre os textos de João, antes de sairmos de Florença. Aí está a chave!

Elena o olhou perplexa.

— A chave? Que chave?

— Agora entendo. Os antigos iniciavam seus adeptos colocando um evangelho inédito de João sobre a cabeça deles. Acreditavam que, ao fazer isso, transmitia-se por contato a essência espiritual da obra para a mente e o coração do candidato a verdadeiro cristão. Esse livro de João continha grandes revelações sobre a missão de Cristo na Terra e mostrava o caminho que devíamos seguir para alcançar um lugar no céu. Leonardo… — Luini tomou fôlego — … Leonardo substituiu esse texto por uma obra pictórica que contivesse seus símbolos fundamentais. Por isso nos mandou aqui para iniciá-la, Elena! Porque acredita que sua obra a investirá com o segredo místico de João!

— E podem me iniciar sem saber *exatamente* o que o mestre inscreveu aqui?

O tom da jovem soou incrédulo.

— Na falta de mais pistas, sim. Antigamente, os noviços não

chegavam sequer a abrir o livro perdido de João. É verdade que muitos não sabiam nem ler. Por que este mural não haveria de servir da mesma maneira para nós? Além do mais, veja Cristo. Está a uma altura suficiente na parede para que você possa ficar abaixo dele e receber sua mística imposição de mãos, com uma palma protegendo sua cabeça e a outra invocando o céu.

A condessinha olhou de novo para o alfa. Bernardino tinha razão. A cena do banquete estava colocada a uma altura suficiente para receber uma pessoa de certa envergadura sob a toalha da mesa. Era um bom lugar para se situar e receber o espírito da obra, porém, a mente pragmática de Elena a forçava a buscar uma interpretação mais racional. Leonardo era um homem prático, pouco dado a velhas lucubrações místicas.

— Pois creio que sei como podemos ler a mensagem do *Cenacolo*.

Elena hesitou. Uma intuição súbita a iluminou quando se pôs sob a proteção do alfa.

— Lembra as atribuições que o mestre o fez memorizar para quando chegasse o momento de retratar os Doze?

Bernardino assentiu perplexo. As imagens do dia em que a condessinha lhe arrebatara aquela lista ainda continuavam vivas em sua memória. Corou.

— E saberia me dizer que virtude atribuía a Judas Tadeu? — insistiu.

— Ao Tadeu?

— Sim, ao Tadeu — exortou Elena, enquanto Luini procurava o dado entre suas lembranças.

— É *Occultator*. O que oculta.

— Exato — sorriu. — Um "O". Vê? Aí temos outra vez nosso ômega. E isso não pode ser casual.

38

— POR TODOS OS DIABOS!

O júbilo de Bernardino Luini ecoou nas quatro paredes do refeitório.

— Não pode ser tão fácil!

Absorto após a descoberta da condessinha, o mestre começou a repassar a disposição dos apóstolos. Teve de retroceder três passos para garantir uma visão panorâmica. Só se situando a alguns metros da parede setentrional era possível distingui-los por completo, de Bartolomeu a João e de Tomé a Simão. Estavam agrupados de três em três, todos com o rosto voltado para Cristo, menos o discípulo amado, Mateus, e Tadeu, que fechavam os olhos ou olhavam para outro lugar.

Luini rasgou um dos papelões que Leonardo havia espalhado pelo chão e, com um carvão, começou a rabiscar os perfis da cena no verso. Marco e Elena acompanharam seus movimentos com curiosidade. Enquanto isso, o Áugure, um andar acima, impacientava-se por não os escutar pronunciar uma palavra.

— Já sei como ler a mensagem do *Cenacolo*— anunciou por fim. — Esteve todo esse tempo diante de nosso nariz e não soubemos ver.

O pintor se situou, então, em uma das pontas do mural. Bartolomeu — recordou-lhes sob sua efígie encurvada e absorta — era *Mira-bilis*, o prodigioso. Leonardo o havia retratado com o cabelo cacheado e vermelho, confirmando o que Jacobo de Voragine havia escrito sobre ele em *Legenda áurea*: que era sírio e de caráter inflamado, como corresponde aos ruivos. Luini anotou um "M" no papelão junto da sua silhueta. Depois fez o mesmo com Tiago, o Menor, o cheio de graça ou *Venustus*, aquele que com frequência era confundido com o próprio Cristo e que por suas obras mereceu esse apelido. Um "V" se somou ao papel. André, *Temperator*, o que previne, retratado com as mãos à frente como corresponde a tal atributo, logo ficou reduzido a um simples "T".

— Vê?

Marco, Elena e o jovem mestre sorriram. Aquilo estava começando a

fazer sentido. “M-V-T” parecia o início de uma palavra. O frenesi disparou ao comprovar que o grupo de apóstolos seguinte formava outra sílaba pronunciável. Judas Iscariotes se transformou em “N”, de *Nefandus*, o abominável traidor de Cristo. Sua posição, contudo, era meio ambígua: embora Judas fosse a quarta cabeça a partir da esquerda, a peculiar posição de São Pedro — com o braço armado às costas do traidor — poderia dar margem a um erro de cálculo. De qualquer maneira, Luini explicou que o “N” continuaria sendo válido, já que Simão Pedro foi o único dos Doze que negou Cristo três vezes. “N”, pois, de *Negatio*.

Elena protestou. O mais lógico era se guiar pela ordem das cabeças dos personagens e pelos atributos da lição de Leonardo. Nada mais.

Seguindo essa ordem, o seguinte era Pedro. Curvado para o centro da cena, merecia tanto o “E” de *Ecclesia* quanto o de *Exosus* que o toscano lhe atribuiu. O primeiro teria deixado Roma satisfeita; o segundo, que significa “o que odeia”, refletia o caráter daquele sujeito de cabelo grisalho e olhar ameaçador, disposto a executar sua vingança armado com uma faca de lâmina grossa. E João, dormindo, com a cabeça inclinada e as mãos recolhidas como as damas que retratava Leonardo, fazia honra a seu “M”, de *Mysticus*. “N-E-M”, pois, era o desconcertante resultado do trio.

— Jesus é o “A” — recordou Elena ao chegar ao centro do mural. — Prossigamos.

Tomé, com o dedo no alto como se apontasse qual dos ali presentes seria o primeiro a merecer o privilégio da vida eterna, passou para o esboço de Luini como o “L”, de *Litator*: aquele que aplaca os deuses. Seu atributo provocou uma breve discussão. No Evangelho de João, foi Tomé quem colocou o dedo no golpe de lança de Cristo. E também quem caiu de joelhos gritando “Meu Senhor e meu Deus!”[28], aplacando, assim, a possível ira do ressuscitado por não ter sido reconhecido de imediato.

— Ademais — insistiu Bernardino, enfatizando sua teoria —, estamos diante do único retrato que confirma sua letra no perfil do apóstolo.

— Esqueça o alfa de Jesus — pontuou a condessinha.

— Só que, dessa vez, a letra não se esconde no corpo de Tomé, e sim nesse dedo que ele ergue ao céu. Vê? O dedo indicador esticado forma, junto com a base do punho e o polegar saliente, um claro “L” maiúsculo.

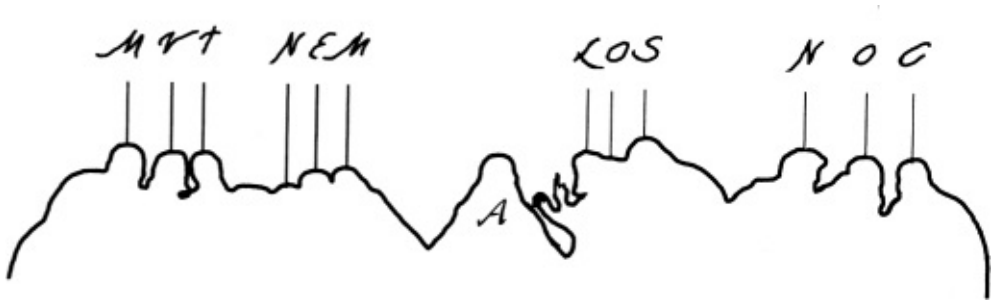
Os acompanhantes de Luini assentiram maravilhados. Contemplaram atentamente Tiago, o Maior, mas foram incapazes de encontrar nele qualquer traço que reproduzisse o “O” que o representava.

— Contudo — esclareceu Bernardino —, quem estudou a vida deste apóstolo concluirá que seu “O”, de *Oboediens*, o obediente, se ajusta a ele como uma luva.

De fato. Jacobo de Voragine escreveu que o Zebedeu foi irmão carnal de João e que “ambos pretenderam ocupar no reino dos céus os postos mais imediatos ao Senhor, e sentar-se um à sua direita e outro à sua esquerda”. Leonardo, portanto, havia recriado no *Cenacolo* uma mesa divina, extraída do mundo da perfeição que as almas puras habitam. E João e Tiago ocupavam nela os lugares que Cristo lhes prometeu.

Assim, ao lado de Filipe, *Sapiens* entre os Doze, o único que apontava a si mesmo, indicando onde devemos buscar nossa salvação, Luini conseguiu formar uma terceira e desconcertante sílaba: “L-O-S”.

O grupo restante de apóstolos foi resolvido com idêntica rapidez. Mateus, o discípulo cujo nome, segundo o bispo de Voragine, significava “dom da prontidão”, já augurava tão veloz desenlace. Luini sorriu ao recordar que Leonardo o batizara como *Navus*, o diligente. Sua letra secreta, somada ao ômega de Tadeu, formava uma sílaba legível, “N-O”. Ao acrescentar o “C” de Simão, por *Confector* (o que leva a termo), o panorama resultante lhes pareceu evocador: quatro grupos de três letras com uma vogal sempre no centro e um enorme “A” presidindo a cena, deixavam-se ler como se fossem uma estranha fórmula mágica esquecida.



MVT NEM A LOS NOC

São Bartolomeu	*Mirabilis*	O prodigioso
Tiago o Menor	*Venustus*	O cheio de graça
André	*Temperator*	O que previne
Judas Iscariotes	*Nefandus*	O abominável
Pedro	*Exosus*	O que odeia
João	*Mysticus*	O que conhece o mistério
Tomé	*Litator*	O que aplaca os deuses
Tiago o Maior	*Oboediens*	O que obedece
Filipe	*Sapiens*	O amante das coisas elevadas
Mateus	*Navus*	O diligente
Judas Tadeu	*Occultator*	O que oculta
Simão	*Confector*	O que leva a termo

— E agora? — Elena deu de ombros. — Significa alguma coisa?

Os dois homens repassaram de novo a frase sem encontrar outro sentido que o de uma sucessão de monossílabos pronunciáveis com aspecto de velha ladainha. Também não estranharam. Era próprio do mestre que um enigma conduzisse a outro maior. Leonardo se divertia criando esse tipo de passatempos.

— Mvt, Nem, A, Los, Noc…

Alguns metros acima da cabeça deles, aqueles sons percorreram a garganta do Áugure. Murmurou-os várias vezes antes de abandonar, eufórico, seu observatório clandestino. “Que enigma astuto”, pensou.

E, satisfeito, conjecturou como faria seu achado chegar a Roma.

39

Roma, dias depois

— Temos de nos apressar. Logo será meio-dia.

Giovanni Annio de Viterbo jamais abandonava seu palacete da margem oeste do Tibre sem seu coche de cavalos e seu fiel secretário Fábio Ponte. Era mais um dos privilégios que a doninha havia merecido de Sua Santidade Alexandre vi. Contudo, tanta ostentação obnubilava sua razão. Annio de Viterbo era incapaz de suspeitar que o jovem Fábio, além de culto e refinado, era sobrinho do padre Torriani. E, muito menos, que seriam seus olhos que iluminariam Betânia sobre as atividades de um dos personagens mais ambíguos e ardilosos em séculos.

— Meio-dia! — repetiu. — Ouviu? Meio-dia!

— Não tem com o que se preocupar — respondeu Fábio, cortês. — Chegaremos a tempo. Seu cocheiro é muito rápido.

Ele nunca havia visto a doninha tão nervosa. A pressa era rara em alguém como ele. Desde que se estabelecera nas imediações das residências Bórgia por expresso desejo de Sua Santidade, Annio andava por Roma como se a cidade fosse sua. Não devia explicações a ninguém. Suas horas de entrada e saída não violavam nenhum protocolo; tudo o que ele fazia era dado por certo. As más-línguas diziam que ganhara suas prerrogativas graças aos anseios do pontífice de ilustrar sua antiquíssima, nobilíssima e diviníssima estirpe familiar com histórias que justificassem sua grandeza. E era verdade que Annio soubera contá-las como ninguém. Chegou a pregar coisas incríveis sobre o papa valenciano. Inventou que era descendente do Deus Osíris, que visitou a Itália na noite dos tempos para ensinar seus habitantes a arar suas terras, a fabricar cerveja e até a podar as árvores. Sempre apoiava suas mentiras em textos clássicos, e com frequência recitava passagens inteiras de Diodoro Síciulo para justificar sua estranha obsessão pela mitologia dos faraós.

Nem Betânia nem o Santo Ofício jamais puderam impedir tais fantasias. O papa adorava aquele charlatão. Inclusive, compartilhava com ele seu ódio visceral pelo esplendor das cultas cortes de Florença ou Milão, em cujas bibliotecas a doninha via uma séria ameaça a suas ideias absurdas. Sabia que as traduções de Marsílio Ficino de textos atribuídos ao grande deus egípcio Hermes Trismegisto, também conhecido como Toth, o deus da Sabedoria, jogavam por terra a maior parte de suas invenções. Nem falavam da visita de Osíris à Itália, nem vinculavam os montes Apeninos a Ápis, nem a cidade de Osiricela a uma remotíssima visita desse deus aos arredores de Treviso.

Até aquele dia, Fábio imaginava que só a lembrança de Ficino era capaz de tirar do sério mestre Annio. Mas era evidente que estava equivocado.

— Viu a decoração dos apartamentos do papa?

Fábio negou com a cabeça. Estava havia um bom tempo absorto no repicar dos cascos dos cavalos nos paralelepípedos, tentando imaginar aonde ia a doninha tão depressa.

— Eu a mostrarei a você — disse entusiasta. — Hoje, Fábio, você conhecerá o grande artífice dessas pinturas.

— É mesmo?

— Acaso menti para você alguma vez? Se houvesse visto as cenas de que falo, entenderia como são importantes. Mostram o deus Ápis, o boi sagrado dos egípcios, como o ícone profético dos tempos que vivemos. Ou não notou que, no escudo de nosso papa, também há um boi?

— Um touro, melhor dizendo.

— Que diferença faz? O importante é o símbolo, Fábio! Junto a Ápis também está representada a deusa Ísis. É solene como a rainha católica de Espanha, e está sentada em seu trono celeste com um livro aberto no colo, ensinando a Hermes e a Moisés as leis e as ciências. Consegue imaginar?

Fábio fechou os olhos, como se se concentrasse nas palavras de seu mestre.

— O que esses afrescos querem dizer, meu querido, é que Moisés recebeu do Egito todo o seu saber, e que dele nós, os cristãos, o herdamos. Compreende a genialidade da arte? Entende agora o sublime ensinamento de que estou falando? Nossa fé, querido Fábio, procede de lá, do remoto Egito. Assim como a família de nosso papa. Inclusive, os

evangelhos dizem que Jesus fugiu para esse país para se livrar de Herodes. Não entende? Tudo procede do Nilo!

— Também a pessoa que vai encontrar agora, mestre?

— Não. Ela não. Mas sabe muito desse lugar. Conseguiu-me muitas coisas desse paraíso de sabedoria.

Annio emudeceu. Falar das origens egípcias do cristianismo provocava-lhe sensações contraditórias. Por um lado, reconfortava-o saber que, a cada dia, havia mais sábios que, como aquele Leonardo de Milão, conheciam o segredo e o plasmavam em obras como a *Maestà*, que narrava um encontro plausível entre João e Jesus durante sua fuga ao país dos faraós; por outro, uma divulgação imprudente dessas verdades poderia pôr em perigo a estabilidade moral da Igreja e fazê-la perder alguns de seus privilégios. Como ia reagir o povo quando soubesse que Cristo não foi o único homem-Deus que voltou dos mortos? Acaso não formulariam perguntas constrangedoras ao conhecer os enormes paralelismos entre sua vida e a de Osíris? Não interrogariam o papa com acusações desagradáveis, apontando os pais da Igreja como vulgares copistas de uma história sagrada que não lhes pertencia?

Nanni se remexeu em seu assento.

— Sabe de uma coisa, Fábio? Toda a sabedoria oculta nos afrescos do palácio não é nada comparada com a que hoje espero receber.

O assistente baixou o olhar, temendo que seu mestre descobrisse a curiosidade que suas palavras lhe causavam.

— Se me entregar o que espero dele, terei a chave de tudo o que lhe contei. Saberei de tudo.

Annio se calou ao notar que a carruagem perdia velocidade. Deu uma olhada através das cortinas e viu que estavam fora de Roma, muito perto de seu destino.

— Acho que estamos chegando, padre Annio — anunciou seu assistente.

— Magnífico. Vê alguém que esteja nos esperando?

Fábio pôs a cabeça para fora da carruagem para olhar a enorme fachada caiada da Gigante Verde, uma pousada na periferia, famosa por ser ponto de encontro tanto de peregrinos quanto de fugitivos da justiça. De fato, um cavaleiro solitário com uma capa marrom os saudava da porta do estabelecimento.

— Há um homem que parece que o reconheceu — disse.

— Então, deve ser ele. Oliverio Jacaranda. Já se passou muito tempo desde a última vez que nos vimos.

— Jacaranda? — O jovem assistente hesitou. — O senhor o conhece, mestre?

— Oh, sim. É um velho amigo. Não se preocupe.

— Com o devido respeito, mestre, este não é um lugar especialmente seguro para alguém como o senhor. Se o reconhecerem, poderemos ser assaltados, ou talvez sequestrados.

Annio sorriu divertido. Fábio ignorava quantas vezes o mestre havia estado nesse mesmo lugar fechando negócios. É que, desde muito antes de ocupar seu cargo protocolar junto a Alexandre vi, a Gigante Verde havia sido um de seus "gabinetes" favoritos. Os donos o conheciam bem e o respeitavam. Não tinha nada a temer. Em torno de suas mesas, estátuas, quadros, monumentos antigos, escritos, roupas, perfumes e até peças funerárias completas haviam sido trocadas por recheadas bolsas de ouro dos tesouros pontifícios. Jacaranda era um de seus melhores fornecedores. As peças que havia comprado dele o tinham feito escalar mais de um degrau em sua carreira. Por isso, se o espanhol havia voltado a Roma e pedira para vê-lo com urgência, era porque tinha algo importante a lhe oferecer.

Ao pôr o pé em terra, Annio tremeu de emoção: teria por fim conseguido o velho tesouro? Traria a peça final que tanto havia ambicionado?

A fértil imaginação do mestre fugiu do controle. Enquanto Fábio fechava atrás de si a porta da carruagem, a doninha se regozijava pensando em quão perto estava o maior de seus êxitos. Senão, para que seu fiel "fornecedor" o teria feito ir até ali?

Jacaranda chegava em um momento mais que oportuno. Na tarde anterior, Nanni havia voltado a se reunir com o líder dos dominicanos, o rabugento Gioacchino Torriani, para escutar de seus lábios as últimas novidades sobre aquele assunto da *Última ceia*. Em audiência privada com Sua Santidade Alexandre vi, admitiu ter encontrado a mensagem oculta naquele impressionante mural. "Leonardo — disse — escondeu entre seus personagens uma frase, uma invocação escrita em uma língua estranha, que agora pretendemos decifrar. Uma carta recebida de Milão resolveu o mistério."

Torriani entoou aquela sentença diante do papa e da doninha.

Ninguém entendeu uma palavra. Contudo, para Nanni, a oração escondida no *Cenacolo* pareceu inequivocamente egípcia.

— *Mvt-nem-a-los-noc*— sussurrou.

Acaso não estava clara sua origem? Por ventura não citava a deusa Mut, esposa de Amon, rainha de Tebas? Não era providencial que Oliverio Jacaranda, um verdadeiro especialista em hieróglifos, chegasse quase junto com aquela mensagem? Acaso o próprio Deus não o havia mandado para ajudá-lo a resolver aquele enigma e ganhar, assim, o respeito eterno do papa?

Sim. A Providência, pensou, estava do seu lado.

Em frente às cavalariças da Gigante Verde, Jacaranda beijou o anel de Annio e o convidou a entrar no estabelecimento. Falariam do velho tesouro e do hieróglifo.

Guiado até o ventre da pousada, a doninha se sentou em um de seus pequenos reservados. Foi uma sorte inesperada para Betânia que Fábio tivesse acesso ao que se falou lá dentro.

— Meu querido Nanni — disse o espanhol já acomodado em seu assento, enquanto se servia de uma generosa jarra de cerveja —, espero não tê-lo assustado com esta repentina visita.

— Ao contrário. Sabe que sempre as aguardo com impaciência. É uma pena que não venha mais por esta corte, que tanto o valoriza.

— É melhor assim.

— Melhor?

Oliverio decidiu não fazer mais rodeios:

— Desta vez trago notícias que não lhe agradarão — disse.

— Sua simples visita me agrada. Que mais posso pedir?

— O velho tesouro, naturalmente.

— E então?

— Resiste a cair em minhas mãos.

Annio franziu o cenho. Sabia que conseguir aquela peça não ia ser fácil. Afinal de contas, seu tesouro havia chegado à Itália fazia mais de duzentos anos e passava havia muito tempo de mão em mão, desaparecendo nos momentos mais inesperados. Não era uma joia, nem uma relíquia venerável, nem nada que satisfizesse os caros gostos de um rei. Seu tesouro era um livro. Um velho tratado oriental encadernado em couro marroquino e amarrado com correias de couro, no qual esperava encontrar a verdade sobre a ressurreição do Messias e seu vínculo com a

poderosa magia egípcia ancestral.[29] E Leonardo era, que ambos soubessem, seu último possuidor. De fato, a melhor prova estava na misteriosa frase que o padre Torriani havia encontrado em seu *Cenacolo*. Uma invocação egípcia que não podia proceder de outra fonte.

— Você me decepciona, Oliverio — bufou a doninha. — Se não o traz consigo, para que me chamou?

— Eu explicarei: não é o único que ambiciona esse tesouro, mestre Annio. A duquesa d'Este também o desejou antes de perder a vida.

— Isso são águas passadas! — protestou. — Sei que aquela ingênua recorreu a você, mas agora está morta. O que o detém, então?

— Há alguém mais, mestre.

— Outro concorrente? — A doninha se inflamou; o mercador parecia amedrontado. — O que você quer, Jacaranda? Mais dinheiro? É isso? Já lhe ofereceram mais dinheiro e veio aumentar seus honorários?

O espanhol balançou a cabeça. Seu rosto redondo e seus olhos roxos denotavam uma gravidade raras vezes vista nele.

— Não. Não se trata de dinheiro.

— Então, o que é?

— Preciso saber quem estou enfrentando. Quem busca seu tesouro está disposto a matar para consegui-lo.

— A matar, você diz?

— Há quase dez dias, acabou com a vida de um de meus intermediários: o bibliotecário do convento de Santa Maria delle Grazie. E sabe o que mais? O bastardo continuou eliminando todos os que mostraram interesse por sua obra. Por isso vim vê-lo: para que me explique quem estou enfrentando.

— Um assassino… — A doninha teve um calafrio.

— Não é um criminoso qualquer. É um homem que assina seus crimes; debocha de nós. Na igreja de San Francesco, acabou com a vida de vários peregrinos e sempre deixou com os cadáveres um baralho do tarô Visconti-Sforza com uma só carta faltando.

— Uma carta?

— A sacerdotisa. Já entendeu?

Annio emudeceu.

— Isso mesmo, Nanni. A mesma carta que tanto *donna* Beatrice quanto você me entregaram para chegar até seu tesouro.

Oliverio deu um novo trago em sua cerveja, que desceu veloz por

sua garganta, umedecendo-a. A seguir, prosseguiu:

— Sabe o que acho? Que o assassino sabe de nosso interesse pelo livro da sacerdotisa. Acho que a escolha dessa carta não é casual. Ele nos conhece, e nos eliminará também se estorvarmos seu caminho.

— Está bem, está bem — a doninha parecia perturbada. — Diga-me, Oliverio, esses peregrinos assassinados na San Francesco também buscavam meu tesouro?

— Fiz algumas averiguações com a polícia do Mouro e posso lhe assegurar que não eram quaisquer peregrinos.

— Ah, não?

— O último foi identificado como o irmão Giulio, um velho perfeito cátaro. Eu soube disso pouco antes de partir para vir encontrá-lo. A polícia de Milão está desconcertada. Ao que parece, esse Giulio foi reabilitado pelo Santo Ofício há alguns anos, depois de ter dirigido uma importante comunidade de perfeitos em Concorezzo.

— Concorezzo? Tem certeza?

Jacaranda assentiu.

O antiquário não percebeu o calafrio que percorreu a espinha dorsal do velho mestre. O mercador ignorava que aquela aldeia situada na periferia de Milão, no nordeste da capital, havia sido um dos principais redutos cátaros da Lombardia e o lugar onde, segundo todas as fontes, havia sido guardado durante mais de duzentos anos o livro que Annio ambicionava conseguir. Tudo se encaixava: as suspeitas de Torriani sobre a filiação cátara de Leonardo, os perfeitos assassinados em Milão, a frase egípcia no *Cenacolo*. Se não estivesse enganado, a origem de tudo devia ser buscada naquele tesouro: um texto de enorme valor teológico e mágico, rico em referências ocultas aos ensinamentos que Cristo entregou a Madalena após sua ressurreição. Um documento que evidenciava os impressionantes paralelismos entre Jesus e Osíris, que ressuscitou graças à magia de sua consorte Ísis, a única que esteve perto dele no momento de seu retorno à vida.

O Santo Ofício havia investido décadas para conseguir esse tratado. O máximo que conseguiram definir foi que uma cópia, talvez a única existente, devia ter saído de Concorezzo e ido parar nas mãos de Cosme, o Velho, durante o Concílio de Florença de 1439. E que jamais voltou. De fato, só uma oportuna indiscrição de Isabela d'Este, irmã de *donna* Beatrice, durante as pompas de coroação do papa Alexandre em 1492,

permitiu-lhe saber que o livro havia estado em Florença em poder de Marsílio Ficino, o tradutor oficial dos Medicis, e que este o havia dado de presente a Leonardo da Vinci pouco antes de que este partisse para Milão. Não era, pois, improvável que o pessoal de Concorezzo também soubesse dessas notícias e quisesse recuperar sua obra.

— Diga-me então, padre Annio — perguntou Jacaranda, tirando o prelado de suas reflexões —, por que não me explica o que torna esse livro tão perigoso?

Annio viu o desespero impresso nas rugas de seu velho amigo e compreendeu que não tinha escolha.

— É uma obra extraordinária — disse por fim. — Registra o diálogo entre João e Cristo no céu, acerca da origem do mundo, a queda dos anjos, a criação do homem e os meios que os mortais têm para obter a salvação da alma. Foi escrito depois da última visão que o discípulo amado teve antes de morrer. Dizem que é uma narração lúcida, intensa, que mostra detalhes da vida ultraterrena e a ordem da Criação, coisa a que nenhum outro mortal jamais teve acesso.

— E por que acha que uma obra assim interessou a Leonardo? Esse homem é muito pouco amigo da teologia.

A doninha levantou seu dedo indicador para calar Jacaranda:

— O verdadeiro título do "livro azul", querido Oliverio, lhe dirá tudo. Só precisa me escutar. Há duzentos anos, Anselmo de Alexandria o revelou em seus escritos. Chamou-o de *Interrogatio Johannis,* ou *A ceia secreta*. E, pela informação de que disponho, Leonardo utilizou os mistérios contidos em suas primeiras páginas para ilustrar a parede do refeitório dos dominicanos. Nem mais, nem menos.

— E esse é o livro que aparece na carta da sacerdotisa?

Nanni assentiu.

— E seu segredo foi reduzido por Leonardo a uma só frase, que quero que traduza para mim.

— Uma frase?

— Em egípcio antigo. Diz: *Mvt-nem-a-los-noc*. Conhece?

Oliverio balançou a cabeça.

— Não. Mas vou traduzi-la, fique tranquilo.

40

DE SOL A SOL.

Assim foram os interrogatórios do 22º dia de janeiro.

Lembro que o prior Bandello, frei Benedetto e eu nos reunimos com os frades de Santa Maria delle Grazie um por um, esforçando-nos para encontrar em suas palavras pistas que resolvessem nossos enigmas. Vivemos momentos surpreendentes. Todos tinham algo a confessar. Tremendo, suplicavam a absolvição de suas faltas e juravam que jamais tornariam a duvidar da natureza divina de Cristo. Pobrezinhos. Quase todas as suas revelações eram fruto de sua paupérrima educação teológica; confundiam fatos insubstanciais com pecados gravíssimos, e vice-versa. Contudo, foi assim, aos poucos, com pacientes interrogatórios, que os *frates* Alessandro e Giberto foram despontando como a ponta de lança de uma peculiar tentativa de controlar, internamente, o lugar onde ia descansar o *Cenacolo*. Os quatro religiosos mais implicados nos confessaram, separadamente, a poderosa razão que os movia: aquela gigantesca obra do toscano encerrava o que definiram como uma "imagem talismânica". Isto é, um traçado geométrico sutil, desenhado para seduzir as mentes desprevenidas e gravar em sua memória uma informação que, desafortunadamente, nenhum deles pôde precisar com palavras. "É a terceira revelação de Deus", atreveu-se um a dizer.

Aquilo me chamou a atenção.

Nossos quatro hereges procediam de pequenos povoados do norte de Milão, da região dos lagos, e ainda mais para cima, que haviam se juntado aos dominicanos logo após a fundação do novo convento. Fizeram isso quando souberam das intenções do Mouro de transformá-lo em seu mausoléu familiar. É que, diferente do resto, eram homens de formação, admiradores da célebre máxima de São Bernardo que diz: "Deus é comprimento, largura, altura e profundidade". Conheciam Pitágoras, haviam lido Platão e o tinham em mais alta estima que a

Aristóteles, o inspirador de nosso sistema teológico. Logo frei Guglielmo Amo, o cozinheiro, se destacou entre eles. Não apenas foi o único que se negou a confessar seus pecados diante de nosso tribunal, como também nos tratou com displicência por militarmos na "Igreja falsa".

O pouco que até então se sabia dele era a grande amizade que o unia a Leonardo. Frei Alessandro foi o primeiro a me falar disso. É que ambos eram tentados pelos mesmos prazeres; desprezavam em meio a risos as refeições excessivas do Mouro, opondo à carne grelhada os brotos de couve, as ameixas, as rodelas de cenoura crua ou os biscoitos fermentados. Soube também que Guglielmo e ele atingiram seu momento de glória no Natal de 1495, quando inventaram um bolo com o formato da cúpula bramantina de Santa Maria e o apresentaram no banquete ducal de 25 de dezembro.[30] Foi tamanho acontecimento que até *donna* Beatrice implorou a eles que revelassem o segredo que haviam aplicado à massa para fazê-la crescer daquele modo. Frei Guglielmo não lhe deu ouvidos. A duquesa insistiu. E muitos ainda recordam o grosseiro desplante do frade, que lhe valeu cinco semanas de prisão entre seus próprios cozidos e uma severa admoestação da casa Sforza.

Frei Guglielmo não havia mudado nada desde então. Seus amplos gestos e seu rancor para conosco demonstravam que preferiria morrer a se retratar de seus atos. Bandello ordenou que o prendessem enquanto murmurava entredentes o que pensava de seu cozinheiro:

— É incapaz de controlar seu gênio — disse. — Não tem remédio. Quando posou como Tiago, o Maior, para o *Cenacolo*, até Leonardo era incapaz de moderá-lo.

Balancei a cabeça, incrédulo.

— Oh! — exclamou. — Ninguém lhe contou? Talvez a longa cabeleira do apóstolo o tenha distraído, padre Leyre, mas se reparar bem nos traços do cozinheiro, o reconhecerá. Eu o autorizei a isso. Leonardo me pediu que lhe fornecesse um homem de caráter que gesticulasse como Tiago à mesa, e pensei nele.

— E por que o mestre ia querer incluir alguém assim entre os Doze?

— Eu perguntei o mesmo ao mestre, e sabe o que me respondeu? Geometria, disse, tudo é geometria! Explicou que em um nu media a beleza igualando a distância que existe entre os mamilos com a que separa o peito do umbigo, e, por sua vez, entre este e as pernas. Quanto à ira, ele me assegurou que era capaz de plasmá-la apenas esboçando um

olhar. Quando voltar ao *Cenacolo*, contemple o olhar de Tiago. Ele evita o rosto de Cristo, baixando-o com horror para a mesa, como se ali houvesse descoberto algo terrível.

— Que um de seus companheiros ia trair o Messias — disse eu.

— Não! — O caolho quebrou seu silêncio, como se eu houvesse dito algo inadequado. — Isso é o que quis nos fazer acreditar. Nossos frades não lhe disseram que estamos diante de um talismã? Em uma peça assim, os símbolos, ou a ausência deles, são fundamentais para seu funcionamento. E, neste caso, o que Tiago olha horrorizado é a expressão de Judas e Jesus competindo para pegar um mesmo pedaço de pão. Ou, talvez, a ausência do cálice de Cristo. O Graal.

Sua observação era acurada.

— E observe mais uma coisa: Tiago, o iracundo, está no lado do *Cenacolo* onde a luz é mais brilhante. Está ao lado dos justos.

Frei Benedetto nos explicou que havia tido oportunidade de assistir a algumas aulas sobre a distribuição do espaço e da luz, que o mestre deu no claustro do hospital. Seus discursos eram ao mesmo tempo estranhos e inebriantes. Ensinava como a matéria inerte, se fosse distribuída de modo harmonioso, podia ganhar vida própria. Frequentemente, comparava esse prodígio com o que acontecia com as notas de uma partitura: escritas no papel não eram mais que uma sucessão de borrões estáticos, sem mais valor que o ideográfico. Contudo, passadas pela mente de um músico e transferidas a seus dedos ou pulmões, seus traços vibravam, enchiam o ar de sensações novas e podiam alterar nosso ânimo. Podia existir algo mais vivo que a música? Para Leonardo, não.

O *magister pictorum* via suas obras de um modo parecido. Aparentemente, eram natureza-morta, pouco mais que paredes ou tábuas cobertas de pigmentos e cola. Contudo, se fossem interpretadas por um observador iniciado, ganhavam uma força desmedida.

— E como acredita que Leonardo pôde dar vida a algo que não a tem? — perguntei.

— Mediante magia astral. Acho que já sabe que esse herege estudou os textos de Ficino, não é?

A pergunta de frei Benedetto soou a armadilha. O caolho devia conhecer minhas suspeitas graças ao padre Bandello, de modo que, prudente, inclinei a cabeça em sinal de aprovação.

— Pois bem — prosseguiu —, Ficino traduziu do grego antigo o

Asclepios, uma obra atribuída a Hermes Trismegisto, que ensinava como os sacerdotes dos faraós davam vida às estátuas de seus templos.

— É mesmo?

— Dominavam o *spiritus*, uma ciência obscura mediante a qual desenhavam, sobre as imagens, signos cósmicos que as conectavam com as estrelas. Signos astrológicos, para esclarecer. E o mestre aplicou essas técnicas ao *Cenacolo*.[31]

O prior e eu nos olhamos desconcertados.

— Será que não veem, irmãos? Doze apóstolos, doze signos do zodíaco. Cada discípulo corresponde a uma constelação, e Jesus, no centro, encarna o ideal de Sol. É uma obra talismânica!

— Calma, padre Benedetto. Isso não passa de suposições.

— Nada disso! Repare bem no *Cenacolo* porque o fato de ser um mural vivo não é o pior. Visto através de nosso conhecimento das ideias cátaras, essa obra registra com perfeição a mais profunda tese dos hereges. É uma espécie de "Bíblia negra". E em nosso refeitório!

— A que ideias você se refere, Benedetto? — interpelei-o.

— Ao dualismo, padre. Se bem o entendi esta manhã, todo o sistema de crenças dos *bonhommes* se baseia na existência de um enfrentamento permanente entre um Deus bom e um mau.

— Isso mesmo.

— Então, quando voltar ao refeitório, repare se a luta entre o bem e o mal está ou não no *Cenacolo*. Cristo está no centro, como o fiel de uma balança a meio caminho entre o mundo do espírito e o da carne. À sua direita — que é nossa esquerda — está a área de sombras, do mal. Olhe a parede de sua esquerda: está na sombra, sem luz. Não é coincidência que nesse lado se encontre Judas Iscariotes, mas também Pedro com a adaga. Com a arma que, segundo o senhor, confere a ele um caráter satânico.

O velho rabugento tomou fôlego antes de concluir seu discurso:

— Por outro lado — acrescentou —, no lado oposto estão aqueles a quem Leonardo considera a luz. É a área iluminada da mesa, e nela não só ele retratou a si mesmo como também a Platão, o antigo inspirador de muitas doutrinas heréticas dos cátaros.

De repente, recordei uma coisa:

— E também os irmãos Guglielmo e Giberto, os dois cátaros confessos — acrescentei. — Ou não foi você quem me disseste que

Giberto posou para o perfil do apóstolo Filipe?

O caolho assentiu.

— A propósito — argumentei, recordando a disposição geométrica dos apóstolos —, também você está aí. Dando vida a São Tomé, não é?

Benedetto resmungou alguma coisa, contrariado, e protestou com energia depois.

— Vamos deixar de histórias. Tudo bem nos esforçarmos para interpretar o mural de Leonardo, mas o que realmente deveria importar é decidir o que vamos fazer com essa obra. Eu lhes direi só uma vez, irmãos: ou cortamos pela raiz este assunto e vedamos essa pintura, ou o conteúdo desse mural vai ser um farol para os hereges que só nos trará problemas.

41

— NÃO ENTENDO. VAI FICAR AÍ PARADO ESPERANDO QUE O CONDENEM?

O espanto de Bernardino Luini não comoveu em absoluto mestre Leonardo. Estava havia um bom tempo exposto à intempérie, em sua horta, concentrado no desenvolvimento de sua próxima máquina, e mal havia prestado atenção ao retorno de seus discípulos. Para quê? No fundo, abrigava poucas esperanças de que Elena, Marco e Luini voltassem do *Cenacolo* iluminados pela sabedoria que tão cuidadosamente havia imprimido no local. O mestre estava cansado de esperar. Entediava-o contemplar aquele ir e vir de seguidores seus incapazes de entender seu modo particular de escrever na arte.

Além do mais, como de costume, seus pupilos só traziam notícias desoladoras do convento. Diziam que Santa Maria estava em pé de guerra. Que o padre Bandello havia decidido interrogar seus frades em busca de hereges, e que havia mandado isolar seu querido frei Guglielmo, o cozinheiro, acusando-o de conspiração contra a Igreja.

O mestre escutou aquelas explicações contrariado, sem saber o que dizer.

— Eu também não entendo o senhor, mestre — disse d'Oggiono. — Acaso fica satisfeito com o que aconteceu? Não teme pela sorte de seu amigo? O senhor está se tornando assim tão insensível, mestre?

Leonardo ergueu seu olhar azul da caixa de ferramentas, cravando-o em seu querido Marco:

— Frei Guglielmo aguentará — disse por fim. — Ninguém poderá quebrar o círculo que representa.

— Deixe de história! Não vê o perigo? Não se dá conta de que não tardarão a vir atrás do senhor?

— A única coisa que sei, Marco, é que você não me escuta — replicou com secura. — Ninguém me escuta.

— Um momento! — A jovem Elena, que até então havia permanecido calada atrás de Luini e d'Oggiono, deu um passo à frente,

interpondo-se aos três homens. — Eu sei o que quer nos ensinar, mestre! Agora entendi! Está tudo no *Cenacolo*!

As sobrancelhas grossas de Leonardo se arquearam diante daquela inesperada reação. A condessinha prosseguiu:

— O senhor utilizou frei Guglielmo para representar Tiago, o Maior, disso não há dúvida. E no *Cenacolo* ele encarna a letra "O". O ômega. Igual ao senhor.

Luini deu de ombros, olhando para o mestre com o rosto corado. Afinal de contas, ele mesmo havia ensinado aquilo à mocinha dos Crivelli.

— Isso só pode querer dizer uma coisa — acrescentou. — Que frei Guglielmo e o senhor são os únicos que possuem o segredo que quer que encontremos. E, também, que o senhor tem tanta certeza da discrição dele quanto ele da sua. Afinal de contas, representam o mesmo plano.

— Admirável — aplaudiu Leonardo. — Vejo que é tão sagaz quanto sua mãe. E sabe, também, por que escolhi a letra "O"?

— Sim… acho que — hesitou.

O toscano a olhou intrigado. Seus companheiros, ainda mais.

— Porque o ômega é o fim, o oposto ao alfa, que é o início — disse ela. — Desse modo, o senhor se situa no extremo final de um projeto que começou com Cristo, que é o único "A" do mural.

— Admirável — repetiu o mestre. — Admirável.

— Claro! Frei Guglielmo e o senhor são aqueles que haverão de nos trazer a Igreja de João! — exclamou Luini. — Esse é o segredo!

O sábio se inclinou de novo sobre a estranha máquina que acabava de desenhar para sua horta, negando com a cabeça.

— Há mais, Bernardino. Há mais.

O que Leonardo tinha diante de si era uma imensa geringonça. Havia se concentrado nela após o fracasso de sua tentativa de automatizar a cozinha da fortaleza dos Sforza. Suas grelhas automáticas, a picadora de carne, aqueles enormes foles que avivavam uma caçarola ciclópica cheia de água fervendo e a fatiadora de pão acionada por ar haviam ocasionado vários feridos e se mostrado totalmente ineficazes para satisfazer os bárbaros gostos gastronômicos do Mouro. Mas sua nova máquina seria diferente. Se tudo desse certo, o duque não tornaria a debochar de sua colheitadeira de rabanete gigante e a propô-la como sua futura arma de guerra contra os franceses. Era verdade que seu primeiro

ensaio nas fazendas de Porta Vercellina fizera três vítimas, mas depois de oportunos ajustes a máquina deixaria de ser letal.

— Mestre… — protestou Luini, diante da dispersão do toscano —, demos um passo enorme na compreensão de seu *Cenacolo*, e veja, não parece se interessar em absoluto por isso. Não vê que chegou já a hora de transmitir seu segredo? A Inquisição está fechando o cerco em torno do senhor. Pode ser que amanhã queiram detê-lo e interrogá-lo. Se fizerem isso, todo o seu projeto se perderá.

— Eu ouvi, Bernardino. E com atenção — disse Leonardo, sem tirar os olhos de sua máquina. — E, embora valorize o fato de terem encontrado as letras que escondi no *Cenacolo*, também vejo que não são capazes de interpretá-las. E se vocês, que sabem onde buscar, parecem crianças que não sabem ler, quanto mais perdidos não estarão esses frades que você diz que me perseguem?

— Um livro. Toda a solução está aí, não é, mestre? Em um livro onde o senhor aprendeu tudo.

O novo comentário de Luini soou a desafio.

— O que você está querendo dizer?

— Vamos, mestre. O tempo dos enigmas já passou, e o senhor sabe disso. Vi nesse *Cenacolo* o rosto de seu velho amigo Ficino, o tradutor. Não foi com ele que combinou que um retrato assim marcaria a chegada da Igreja de João? Ele não lhe entregou um livro destinado a ser a nova Bíblia dessa Igreja?

Leonardo deixou cair suas ferramentas ao lado da colheitadeira de rabanete, levantando uma poeirada na horta.

— O que você sabe a respeito disso? — protestou.

— O que o senhor me ensinou: que, desde os tempos de Jesus, duas Igrejas lutam pelo controle de nossa alma. Uma, a de Pedro, foi pensada como Igreja temporal. Útil para ensinar aos homens o caminho do despertar da consciência, mas é só a precursora de outra construção mais gloriosa, que alimentará nosso espírito quando estivermos abertos a recebê-la. Pedro é a Igreja do passado, a que aplainou o caminho para a que há de vir: a Igreja de João. A sua.

O toscano quis intervir, mas seu antigo discípulo ainda não havia terminado de falar:

— Esse homem que o senhor pintou como Mateus no *Cenacolo*, Ficino, confiou-lhe um livro com textos de João para que o estudasse. Eu

me recordo bem. Estive presente no dia em que ele o entregou ao senhor. Eu era só um menino. E se agora se esforça para retratá-lo, até para dar a outros como nós o acesso a sua obra, é porque acredita que chegou o momento da substituição, não é? É isso que significa seu *Cenacolo*. Admita. O anúncio da nova Igreja.

Marco e Elena não se atreveram a sequer pestanejar. Leonardo pediu silêncio a Luini com um gesto que usava com frequência. Gostava de apontar o céu com o indicador levantado, como se pedisse a vênia a Deus para falar.

— Meu querido Bernardino — disse, tentando aplacar a ira que estava se desatando dentro de si. — É verdade que Ficino me fez depositário de uns textos valiosíssimos antes que eu decidisse me mudar para Milão. E também são exatas suas apreciações sobre as duas Igrejas. Nada disso vou negar. Há anos pinto João Batista em minhas obras, esperando a chegada de um momento como este. E creio que, de fato, chegou.

— O que o faz acreditar nisso, mestre?

— O quê? — respondeu a Elena, muito mais tranquilo. — Mas será que ninguém vê? O papa conduziu a Igreja temporal a um grau de depravação difícil de igualar. Até seus próprios clérigos, como esse Savonarola, de Florença, se voltaram contra ele. Chegou o momento de a Igreja do espírito, a do Batista, substituir a de Pedro e nos conduzir à salvação verdadeira.

— Mas o Batista não está no *Cenacolo*, mestre.

— O Batista, não. — Sorriu para Marco d'Oggiono, sempre atento aos pequenos detalhes. — Mas João está.

— Não entendi…

— Quase tudo está nas Escrituras. Se relerem os evangelhos com atenção, verão que Jesus não começou sua vida pública senão quando Batista o banhou nas águas do Jordão. Os quatro evangelistas precisaram justificar a missão de Jesus referindo-se a ele como parte de sua preparação como Messias. Por isso eu o pinto sempre com o dedo levantado para o céu; é meu modo de dizer que ele, o Batista, chegou primeiro.

— Então, por que adoramos a Jesus e não a João?

— Tudo foi parte de um plano cuidadosamente calculado. João foi incapaz de transmitir àquele punhado de homens ignorantes seus

ensinamentos espirituais. Como fazer pescadores entenderem que Deus está dentro de nós e não em um templo? Jesus o ajudaria a doutrinar esses selvagens. Projetaram uma Igreja temporal à imitação da judaica, e outra espiritual, secreta, como jamais se havia visto na Terra. E esses ensinamentos foram confiados a uma mulher inteligente, Maria Madalena, e a um jovem esperto, que também se chamava João. E esse João, querido Marco, está no *Cenacolo*.

— E Madalena também!

O toscano não pôde disfarçar sua admiração por aquela jovem impetuosa. Luini, corado, foi forçado a esclarecer sua reação: fora ele quem ensinara a ela que, onde visse pintado um nó grande e visível, saberia que acharia uma obra vinculada a Madalena. *A última ceia* tinha o nó.

— Permita que lhes explique algo mais — acrescentou o mestre, já um pouco cansado. — João é muito mais que um nome. Assim foi conhecido, em seu tempo, tanto o Batista quanto o Evangelista. Contudo, João é um título. Trata-se do *nomen mysticum* que usam todos os depositários da Igreja espiritual. Como a papisa Joana, a das cartas dos Visconti.

— A papisa Joana? Isso não era um mito? Uma fábula para incautos?

— E que fábula não mascara fatos reais, Bernardino?

— Então…

— Devem saber que o homem que desenhou essas cartas foi Bonifácio Bembo, de Cremona. Um perfeito. E ele, vendo em risco o destino de nossos irmãos, decidiu esconder para os Visconti, nesse maço de cartas, alguns símbolos fundamentais de nossa fé. Como a crença em que somos descendência mística de Jesus Cristo. E que melhor símbolo dessa certeza do que pintar uma papisa grávida, segurando na mão a cruz do Batista, indicando a quem saiba ler que, da velha Igreja logo nascerá a nova? Essa carta — acrescentou o mestre em tom reverencial — é a profecia precisa do que está por vir.

42

Não sei por que estranha razão o padre Bandello decidiu me enviar para uma missão como essa. Se ele houvesse tido o dom da profecia e visto o que estava prestes a me acontecer, decerto teria me retido a seu lado. Mas o destino é imprevisível, e Deus, naquele dia de janeiro, jogou os dados de meu devir fiel a seu inescrutável proceder.

No início, confesso, senti nojo.

Desenterrar o fardo funerário do padre Trivulzio junto com Benedetto, o caolho, Mauro, o coveiro, e frei Jorge, revirou minhas entranhas. Já fazia mais de cinquenta anos que o Santo Ofício não exumava o cadáver de um réu para queimá-lo, e, embora eu tivesse rogado ao prior que deixasse os mortos em paz, não pude evitar que frei Alessandro voltasse a ver a luz do dia. Seu cadáver, saponáceo e pálido, exalava um fedor insuportável. Por mais que meus companheiros e eu houvéssemos tido a precaução de envolvê-lo em um novo sudário e de amarrá-lo como uma salsicha, seu fedor não deixou de nos acompanhar durante toda a viagem. Por sorte, nem tudo foi tão terrível. Chamou minha atenção o fato de que, embora fosse impossível respirar perto do corpo de frei Alessandro, não ocorria o mesmo com o do sacristão. Frei Giberto não cheirava a nada. A nada em absoluto. O coveiro atribuiu o fenômeno ao fato de que o fogo que o consumira na praça do Mercado havia acabado com suas partes perecíveis, conferindo-lhe esse estranho dom. Contudo, o caolho defendeu com veemência outra teoria. Para ele, o fato de o corpo ter permanecido à intempérie em um pátio do hospital da ordem, suportando temperaturas de vários graus abaixo de zero, fez com que os piores eflúvios do sacristão tivessem evaporado. Eu nunca soube em qual dos dois acreditar.

— Se reparar bem, com os animais acontece o mesmo — o caolho tentou me convencer. — Por acaso o corpo de um cavalo abandonado em um caminho nevado cheira a algo?

Chegamos ao campo de Santo Estevão sem ter concluído nossa

discussão e faltando apenas uma hora e meia para as vésperas. Havíamos atravessado o controle militar da Porta da Corte do Arcebispado e deixado para trás a sede da Capitania da Justiça sem ter tido de dar muitas explicações à guarda. A polícia sabia de nossos problemas e aprovava que houvéssemos decidido levar os hereges para bem longe da cidade. A carroça que conduzíamos, cheia de instrumentos e cordas, passou por todas as inspeções sem problemas. E assim chegamos a Santo Estevão, uma clareira no meio do bosque, solitária e silenciosa, com solo de rocha firme, sobre o qual não seria difícil empilhar os fardos de lenha que havíamos carregado e com eles incendiar nossos falecidos.

Frei Jorge, solícito, dirigiu os trabalhos.

Foi ele quem arrumou a montanha de troncos que os reduziria a cinzas, e quem nos ensinou a melhor maneira de erguer uma pira sólida e calorífera. Para alguém como eu, que havia presenciado tantos autos de fé sem sequer levantar um lenho, aquela foi uma sensação nova. Jorge nos mostrou como colocá-los, seguindo uma ordem inversa a seu tamanho. Eu já havia visto muitas vezes como se fazia. Foi ele quem nos ensinou que a lenha mais fina devia ser colocada na base, para que, ao arder, as peças mais grossas se acendessem com eficácia. E, uma vez terminada a tarefa, obrigou-nos a estender uma grande corda em volta da montanha, firmá-la e içar com uma das pontas os corpos de nossos irmãos até o topo. Cumpriríamos assim as ordens de nosso prior e voltaríamos antes que fosse noite fechada e os soldados do Mouro trancassem as portas de entrada ao burgo.

— Sabem o que é melhor neste trabalho? — arfou frei Benedetto ao terminar de colocar o corpo de Giberto no cume de troncos.

O caolho havia subido junto com o coveiro até o topo, para assim poder puxar com força o fardo de frei Alessandro e depositá-lo em seu lugar.

— Ah, e tem algo de bom?

— O bom, irmão Mauro — ouvi Benedetto grunhir —, é que, com um pouco de sorte, as cinzas desses desventurados cairão sobre os cátaros que se escondem nestas montanhas.

— Cátaros, aqui? — protestou. — Você os vê por toda parte, irmão.

— E, além do mais, atribui a eles muita perspicácia — emendei no chão, enquanto ajustava a corda em volta de frei Alessandro. — Realmente, os julga capazes de distinguir essas cinzas e as de suas

próprias fogueiras? Permita que eu duvide.

Dessa vez o caolho não replicou. Aguardei um instante até que a corda ficasse tensa e começasse a içar o bibliotecário, mas também não falei nada. Mauro Sforza não aproveitou a ocasião para concluir os sempre amargos comentários do assistente do prior, e um prolongado silêncio constrangedor se instalou de repente na clareira.

Com estranheza, dei um passo para trás para ver o que estava acontecendo lá em cima. Frei Benedetto estava imóvel como uma estátua de sal, o rosto voltado para trás e o olhar perdido em algum lugar no limite do bosque; havia soltado a corda. Não conseguia ver Mauro; o máximo que consegui discernir foi o leve tremor de sua barbicha grisalha. Respirava com angústia, como o faria um desses místicos diante de suas visões extáticas do céu. Não pestanejava, nem parecia capaz de articular nenhum movimento. Logo compreendi: o caolho, paralisado por alguma impressão, parecia querer me indicar algo com o queixo, levantando-o com espasmos irregulares e dando batidinhas no ar com seu nariz. Por isso, quando me voltei e segui a direção para onde ele olhava, quase caí de costas.

Não estou exagerando.

Bem na entrada do bosque, a uns vinte metros de onde estávamos, um grupo de quinze homens encapuzados observava em silêncio nossos movimentos. Ninguém os havia visto antes. Vestiam-se de preto dos pés à cabeça, mantinham as mãos dentro de suas mangas e pareciam estar havia um bom tempo ali, vigiando a clareira de Santo Estevão. Não é que nos tenham parecido hostis — de fato, não portavam armas, nem paus, nem nada com que nos pudessem agredir —, mas hei de reconhecer que sua atitude também não nos tranquilizou muito. Olhavam-nos pelo vão de seus capuzes, sem articular uma palavra ou fazer gesto algum de aproximação. De onde haviam saído? Que soubéssemos, não existia nenhum convento ou eremitério nos arredores, nem aquele era um dia litúrgico que justificasse a presença de monges em campo aberto.

E então? O que queriam? Teriam ido presenciar a execução *post mortem* de nossos hereges?

Mauro Sforza foi o primeiro a descer da pira e se dirigir aos encapuzados, com os braços abertos, mas seu gesto só recebeu indiferença como resposta. Nenhum dos visitantes mexeu um músculo.

— Santo Deus — exclamou por fim o caolho —, são revestidos!

— Revestidos?

— Não está vendo, padre Leyre? — balbuciou, entre a perplexidade e a ira. — Eu estava lhe dizendo. Usam hábitos pretos, sem cordas nem ornamentos, como os cátaros que aspiram à perfeição.

— Cátaros?

— Não estão armados — acrescentou. — Sua fé os proíbe.

Mauro, que havia escutado aquilo, deu mais um passo para os desconhecidos.

— Avante, irmão — estimulou o caolho. — Não perderá nada se os tocar. Se não são capazes de matar uma galinha, como vão pensar em lhe fazer mal?

— *Laudetur Iesus Christus*. Estão aqui por seus mortos! — exclamou frei Jorge, que havia segurado meu hábito tremendo de medo, assim que se dera conta do que estava acontecendo. — Querem que os devolvamos a eles!

— E isso o atemoriza? Não escutou frei Benedetto? — sussurrei, rogando-lhe que se acalmasse. — Essa gente é incapaz de utilizar violência contra nós.

Eu nunca soube se o irmão Jorge chegou a me responder porque, quando devia fazê-lo, os intrusos entoaram um sentido *Pater Noster*, que estremeceu toda a clareira. Seus timbres varonis encheram Santo Estevão, deixando-nos sem palavras. Frei Jorge estava, portanto, equivocado. Os *bonhommes* não estavam lá para recuperar o corpo de seus correligionários. Jamais fariam algo assim. Eles odiavam os corpos. Consideravam-nos a prisão da alma, um obstáculo diabólico que os afastava da pureza do espírito. Se haviam ido até ali, arriscando-se a ser detidos e levados para a prisão, era porque haviam decidido orar pela alma de seus correligionários mortos.

— Malditos sejam todos! — imprecou frei Benedetto, erguendo seus punhos no alto da pira. — Mil vezes malditos!

A reação do caolho surpreendeu a todos nós. Frei Jorge e o irmão Mauro ficaram embasbacados ao vê-lo pular ao chão e sair correndo para os revestidos, como se estivesse fora de si. Estava vermelho de ira, com o rosto prestes a explodir e as veias do pescoço inchadas. Benedetto investiu com violência contra o primeiro encapuzado que viu pela frente. O homem caiu de bruços no chão. E o caolho, enlouquecido, fincou seus

joelhos sobre ele, empunhando uma faca que havia tirado sabe Deus de onde.

— Deveriam estar mortos! Todos! Não têm o direito de estar aqui! — gritou.

Antes que pudéssemos detê-lo, nosso irmão havia afundado sua arma até o cabo nas costas do revestido. Um grito de dor estremeceu o lugar.

— Vão todos para o inferno! — rugiu.

O que aconteceu a seguir ainda é confuso para mim.

Os encapuzados se entreolharam antes de se jogar sobre Benedetto. Afastaram-no das costas feridas de seu irmão, que jorrava sangue aos borbotões, e o encurralaram contra um dos pinheiros. O caolho, que continuava proferindo maldições contra seus captores, tinha seu único olho injetado de ira.

Quanto aos demais, é o que menos lembro. Jorge, o octogenário, fugiu correndo para a cidade. Nunca pensei que pudesse correr com tanta agilidade. Mauro, porém, perdi de vista quando um daqueles homens colocou um saco em minha cabeça e o prendeu no pescoço com uma correia. Alguma coisa devia haver naquele saco, porque logo notei que ia perdendo os sentidos lentamente. Em questão de segundos, deixei de ouvir os uivos do ferido e uma extraordinária sensação de leveza foi se apoderando de minhas extremidades de forma inexorável.

Antes de desfalecer, contudo, ainda tive tempo de escutar uma voz que murmurou algo que não consegui compreender:

— Agora, padre, finalmente, poderei esclarecer suas dúvidas.

Depois, atordoado e perplexo, desmaiei.

43

Acordei com náuseas e uma forte dor de cabeça, sem saber quanto tempo havia permanecido inconsciente. Tudo dava voltas ao meu redor e minha mente estava mais confusa que nunca. A culpa era daquela pressão constante nas têmporas. Era uma dor cíclica, circular, que a cada certo tempo percorria meu crânio da esquerda para a direita, perturbando meus sentidos. Tão fortes eram as pontadas que durante um bom tempo nem sequer tentei abrir os olhos. Lembro, inclusive, que apalpei minha cabeça buscando alguma ferida, mas não encontrei nada. O dano era interno.

— Não se preocupe, padre. Está inteiro. Descanse. Logo se recuperará.

Uma voz gentil, a mesma que falou comigo antes de eu perder os sentidos, sobressaltou-me antes que eu pudesse me levantar. Tornou a se dirigir a mim em um tom sereno, familiar, como se me conhecesse havia muito tempo.

— O efeito de nosso óleo durará só mais algumas horas. Depois, voltará a se sentir bem.

— Seu… óleo?

Desorientado, fraco, com os braços e as pernas garrotados e deitado sobre um piso irregular, consegui reunir forças para começar a falar. Deduzi que haviam me levado a algum lugar protegido, porque sentia a roupa seca e o frio não era tão intenso como na clareira de Santo Estevão.

— O pano que colocamos em sua cabeça estava impregnado com um óleo que provoca o sono, padre. É uma velha fórmula. Um segredo dos bruxos destas paragens.

— Veneno… — murmurei.

— Não exatamente — respondeu. — Trata-se de um unguento extraído do joio, do meimendro, da cicuta e da dormideira. Nunca falha. Basta absorvê-lo em pequenas doses através da pele para que seu efeito

letárgico seja imediato. Mas passará logo, fique tranquilo.

— Onde estou?

— A salvo.

— Dê-me de beber, eu lhe peço.

— Agora mesmo, padre.

Às cegas, peguei a jarra que o desconhecido colocou em minhas mãos. Era vinho quente. Um caldo amargo que ajudou meu corpo fraco a se recuperar. Agarrei o recipiente, reunindo forças antes de girar os olhos e olhar em volta.

Meu instinto não havia errado. Não estava em Santo Estevão. E fossem quem fossem meus captores, haviam me separado de Jorge, Mauro e Benedetto e me isolado em um aposento fechado, sem janelas, que devia ser uma espécie de cela improvisada em alguma remota casa de campo. Supus que havia passado uma eternidade deitado naquela esteira de palha. Minha barba havia crescido, e alguém havia se atrevido a me despojar dos hábitos de São Domingos; em seu lugar, vestia uma grosseira túnica de lã. Mas, havia quanto tempo estava ali? Impossível calcular. E onde haviam ido parar meus irmãos? Quem era o responsável por ter me trazido a esse lugar? E para quê?

Uma sensação de angústia se apoderou de minha garganta.

— Onde… estou? — repeti.

— A salvo. Este lugar se chama Concorezzo, padre Leyre. E fico feliz de vê-lo recuperado. Temos muito, muito que falar. Acaso se lembra de mim?

— Co… como? — titubeei.

Quis me voltar para buscar meu interlocutor, mas uma nova pontada me obrigou a parar.

— Vamos, padre! Nosso óleo o fez adormecer, mas não apagou sua memória. Sou o homem que sempre diz a verdade, não se lembra? Aquele que jurou resolver certo enigma que o atribulava.

Uma chicotada sacudiu meu cérebro. Era verdade… Por Deus! Eu havia escutado aquele timbre de voz em algum lugar, mas onde? Tive de fazer um grande esforço para me levantar e buscar o rosto de quem falava. E, santo Cristo, por fim o vi. Estava atrás de mim. Rosto redondo e corado como sempre. Com aqueles olhos de esmeralda, claros e vivos. Era Mário Forzetta. Não havia dúvida.

— Lembra?

Assenti.

— Lamento ter recorrido a esses métodos para trazê-lo aqui, padre, mas, acredite, era a única opção que tínhamos. Não teria nos acompanhado por bem — sorriu.

Aquele plural me desconcertou.

— Acompanhado a vocês? Quem, Mário?

O rosto de Forzetta se iluminou ao me ouvir pronunciar seu nome.

— Os homens puros de Concorezzo, padre. Nossa fé nos impede de utilizar a violência, mas não a inteligência.

— *Bonhommes*… Você?

— Está horrorizado, eu sei. Libertou um herege da prisão merecida. Mas, antes que faça seu juízo sobre esse assunto, peço que me escute. Tenho muito a lhe contar.

— E meus irmãos?

— Ficaram adormecidos em Santo Estevão, como o senhor. A esta altura, se não houverem congelado, já devem ter voltado a Milão e estarão com a mesma dor de cabeça que o senhor.

A aparência de Mário era razoavelmente boa. Ainda se notava a cicatriz que havia dividido sua face ao meio dias atrás, mas havia deixado crescer barba e sua tez estava morena de sol. Distava muito já do espectro que havia conversado comigo na prisão do palácio dos Jacaranda. Havia ganhado peso e seu rosto irradiava felicidade. Saber-se fora do alcance de Oliverio lhe havia feito bem. O que eu não compreendia era por que havia decidido me capturar. E por que justamente eu, que lhe dera a liberdade.

— Meus irmãos e eu hesitamos muito antes de dar este passo — explicou Mário sentando-se a meu lado no chão. — Sei que o senhor, padre, é inquisidor e que sua ordem há mais de duzentos anos persegue famílias que, como nós, têm uma maneira diferente de se aproximar de Deus.

— Mas…

— Mas, ao vê-lo ontem em Santo Estevão, compreendi que o senhor é um sinal enviado por Deus. Apareceu ali bem quando eu já tinha as respostas que jurei lhe dar; lembra? Isso não é um milagre? Convenci nosso perfeito a trazê-lo aqui para que eu pudesse saldar minha dívida para consigo.

— Não existe dívida alguma.

— Existe, padre. Deus cruzou nossos caminhos por alguma razão que só Ele sabe. Talvez não seja para que eu o ajude a resolver seus enigmas, mas para que, juntos, enfrentemos o inimigo que temos em comum.

Aquela afirmação me desconcertou.

— Como assim?

— Lembra do enigma que me confiou no dia em que me colocou em liberdade?

Assenti. *Oculos ėjus ḋinumera* continuava desafiando minha inteligência. Já quase havia esquecido que Forzetta também o tinha em seu poder.

— Depois de me despedir do senhor, refugiei-me na oficina de Leonardo. Eu sabia que sua casa era o único lugar de Milão que me daria abrigo, como sucedeu. E, naturalmente, falei com o mestre. Contei-lhe sobre meu encontro com o senhor, falei de sua infinita generosidade e lhe pedi que me ajudasse. Não só queria que me protegesse da ira do senhor Jacaranda, como também desejava lhe agradecer pelo muito que havia feito por mim ao me tirar de suas celas.

— Mas você já não era discípulo do mestre, não é?

— Não. Mas, na realidade, nunca se deixa de ser. Leonardo sempre trata seus pupilos como filhos, e, a despeito de que alguns de nós demonstrem não ter competência para seguir na pintura, sempre nos reserva seu afeto. Afinal de contas, seus ensinamentos transcendem o mero ofício de artista.

— Entendo. De modo que foi se refugiar sob a asa protetora de mestre Leonardo. E o que ele disse?

— Eu lhe entreguei seu enigma. Disse que encerrava o nome de uma pessoa a quem o senhor buscava e o mestre o resolveu para mim.

Aquilo me pareceu irônico. Leonardo havia decifrado a assinatura de quem havia escrito para Betânia para tentar sua ruína? Cheio de curiosidade, procurei me impor à náusea e segurei as mãos de Mário para enfatizar minha pergunta:

— Ele conseguiu?

— De fato, padre. Até posso confirmar que nome encerra.

Mário depositou a carta da sacerdotisa no chão, entre nossas pernas.

— O mestre estranhou muito quando lhe perguntei por seu enigma — prosseguiu. — De fato, ele disse que o conhecia muito bem. Que um irmão de Santa Maria já o havia levado a ele um tempo atrás, e que já o

havia resolvido para ele.

— Frei Alessandro!

A lembrança de *Oculos ėjus ḋinumera* escrito no verso de uma carta como a encontrada com o cadáver do bibliotecário me fez sentir um calafrio. De repente, tudo ganhava sentido: o Áugure devia ter matado frei Alessandro ao se saber desmascarado por ele, e teve de urdir então um plano para desacreditar Leonardo. Assassinar um obscuro religioso devia ter sido fácil para ele, mas acabar com o pintor favorito da corte, não. De modo que optou por tentar incriminá-lo como herege. Por isso suas cartas a Betânia.

Antes que minha imaginação disparasse, Mário prosseguiu.

— Sim, padre. Frei Alessandro. Recordo muito bem as palavras do mestre: ambos os enigmas, carta e versos, estavam intimamente ligados. Seus versos eram incompreensíveis sem a carta da sacerdotisa, e sem ela não era possível encontrar a chave do nome que busca. São como a cara e a coroa de uma mesma moeda.

Pedi a Mário que se explicasse melhor. O jovem pegou a frase latina que estava anotada no mesmo papel que eu lhe havia entregado em Milão e a colocou ao lado do arcano do jogo dos Visconti-Sforza. Mais uma vez, eu tinha aquelas benditas sete linhas diante de mim:

Oculos ėjus ḋinumera,
ṡed noli voltum ȧdspicere.
In latere nominis
mei notam rinvenies.
Contemplari et contemplata
aliis ṫradere.
Veritas

— Na realidade, é um simples enigma em três níveis — disse. — O primeiro busca a identificação da carta que o ajudará a resolver o enigma. “Conta os olhos, mas não lhe olhes no rosto” tem um significado muito simples. Se prestar atenção, nesta carta só existe um olho possível fora do rosto da mulher.

— Um olho? Onde?

Mário parecia se divertir.

— Está no cinturão, padre. Não vê? É o olho do nó pelo qual passa a corda que amarra a cintura da mulher. Trata-se de uma metáfora utilizada com grande habilidade por seu homem.



Detalhe do "olho" no cinturão.

— Mas isso não é tudo — prosseguiu. — Se reparar melhor, não sabemos em que flanco procurar o número do nome que o senhor busca. "O número de meu nome acharás em seu flanco" deixa aberta uma grande incógnita. É no lado direito ou no esquerdo que devemos procurar esse número? Eu lhe direi: deve olhar na mão direita da mulher.

— Como pode ter tanta certeza?

— O mestre encontrou a resposta graças a um detalhe esteganográfico.

— Esteganográfico?

— Os gregos, padre, foram mestres na arte de ocultar mensagens secretas em escritos ou obras que estavam à vista de todo o mundo. Em seu idioma, *steganos* significa "escrita oculta", e aqui salta aos olhos que há uma. Um erro nos dá a chave: *rinvenies* se escreve sem "r". Um homem tão meticuloso como o codificador desta mensagem não pode ter deixado passar esse detalhe, de modo que revisei com cuidado seus versos e descobri que, além do "r", existiam outras cinco letras marcadas. Dessa vez, com um ponto. Isso pode ter passado despercebido

ao senhor, mas aí estão: *ėjus ḋinumera, ṡed ȧdspicere e ṫradere*. E me parece estranho que ninguém tenha reparado antes nisso.

Eu me inclinei, incrédulo, sobre a assinatura do Áugure para ver o que Mário estava me mostrando e descobri, de fato, que as letras "e", "d", "s", "a" e "t" tinham esse ponto fora de lugar.

— Viu? — insistiu. — Com elas, mais o "r" fora de lugar, pode compor a palavra "*destra*". Direita. É o esclarecimento que nos faltava.

Era admirável. Leonardo havia feito o que a nenhum de nós havia ocorrido antes: relacionar a carta da sacerdotisa com o enigma das cartas enviadas a Roma. Intuição ou visão genial, a verdade é que senti vertigem ao me ver tão perto da solução.

— O resto é muito simples, padre. Segundo as lições do *Ars Memoriae*, são as mãos que sempre dão os números em qualquer composição. E, nesta carta, como pode ver, há duas mãos, que mostram um número diferente de dedos. Se seu homem nos diz que devemos escolher a mão direita, é porque o número de seu nome é um cinco.

— *Ars Memoriae?* Você também conhece?

— É um dos temas favoritos de Leonardo.

— De modo que, suponho, que eu deveria buscar um frade cujas letras somem esse número, não é verdade?

— Não é necessário — disse Mário mais orgulhoso que nunca. — Mestre Leonardo já o encontrou. Chama-se Benedetto.[32] É o único em toda Santa Maria cujo nome tem esse valor.

Benedetto? Suponho que a revelação mudou minha expressão, porque Mário ficou me olhando absorto. Benedetto? O homem de um olho só, como o *oculo* do cinturão da sacerdotisa?

A ironia me desarmou.

Como eu não havia sido capaz de ver antes? Como não havia percebido que o caolho, como homem de confiança do prior, havia tido acesso a todos os segredos do convento e era o único suficientemente violento para arremeter contra Leonardo? Acaso essa revelação não se encaixava como uma luva ao perfil que eu tinha do Áugure, que intuía ser um discípulo renegado do toscano? Ou não estava seu rosto desenhado no *Cenacolo* encarnando o apóstolo Tomé, como prova irrefutável de sua antiga filiação à organização do mestre?

Abracei Mário sem saber muito bem a quem perseguiria primeiro: se ao assassino de frei Alessandro ou àquele reduto de cristãos desviados.

44

Frei Benedetto espirrou outra vez sobre a vasilha, cuspindo um novo grumo de sangue.

Seu aspecto estava péssimo. Muito ruim.

Desde que permanecera seis horas à intempérie na clareira de Santo Estevão, deitado, sem sentidos e descalço na neve, o caolho não voltara a respirar com normalidade. Tossia. Seus pulmões estavam encharcados e lhe era cada vez mais difícil se mexer.

Foi o prior que determinou que o levassem ao hospital. Ali o internaram e o isolaram dos demais doentes, receitaram-lhe vapores aromáticos, sangrias diárias e rezaram fervorosamente por sua recuperação. Mas Benedetto dormia mal. A febre subia de modo inexorável e fazia que todos temessem por sua vida.

No último dia de janeiro, exausto, o mais antipático dos frades de Santa Maria rogou que lhe administrassem a extrema-unção. Havia passado a tarde delirando, proferindo frases ininteligíveis em línguas estranhas e incitando seus irmãos a pôr fogo no refeitório se ainda quisessem salvar sua alma.

Frei Nicola Zessatti, deão com cinquenta anos de serviço à comunidade, velho amigo de Benedetto, foi quem lhe impôs os santos óleos. Antes havia pedido que se confessasse, mas o caolho se negou. Não queria dizer nem uma palavra sobre o que havia acontecido em Santo Estevão. Todas as tentativas foram inúteis. Nem ele nem o prior puderam lhe arrancar uma só palavra sobre meu paradeiro, e menos ainda sobre os homens que nos atacaram.

Sei que foram dias de incerteza. Por mais estranho que pareça, frei Jorge também não lhes serviu de grande ajuda. O esmoleiro mal recordava aqueles estranhos monges de preto que cruzaram nosso caminho. Enxergava mal e a idade o traía. Por isso, quando narrou que o caolho havia atacado a facadas um deles, tomaram-no por louco. Jorge foi internado no hospital de Santa Maria, na mesma ala que Benedetto,

com as mãos queimadas de gelo e um resfriado do qual, por milagre, levou pouco tempo para se recuperar.

Quanto a meu terceiro irmão, frei Mauro, estava mudo havia dias. Sua juventude suportou bem o embate do frio, mas desde sua volta a Santa Maria ninguém o havia visto fora de sua cela. Quem o visitou se horrorizou com seu olhar perdido. O frade não ingeria alimento algum e era incapaz de manter a atenção quando falavam com ele. Havia perdido o juízo.

Foi, pois, frei Jorge quem alertou o prior sobre a piora do padre Benedetto. Aconteceu no dia 31 de janeiro, terça-feira. O esmoleiro encontrou Bandello no refeitório, revisando com Leonardo os últimos avanços no *Cenacolo*.

Depois do enterro de *donna* Beatrice e de meu desaparecimento, o toscano havia retomado com um ímpeto incomum seus trabalhos. De repente, parecia ter pressa de terminar a obra. Naquele dia, havia acabado de dar as pinceladas finais no rosto adolescente de São João, e o mostrava orgulhoso a um prior que olhava tudo com desconfiança.

O apóstolo havia ficado magnífico. Tinha uma longa cabeleira loura que caía sobre seus ombros, um olhar lânguido, olhos semicerrados e cabeça caída para a direita, em atitude de submissão. Seu rosto emitia luz. Um brilho sobrenatural, mágico, que convidava à contemplação e à vida mística.

— Disseram-me que utilizou uma garota como modelo para esse rosto.

A recriminação do prior foi a primeira coisa que Jorge ouviu ao entrar no refeitório. De onde estava, não viu o mestre sorrir.

— Os rumores voam — ironizou.

— E chegam mais longe que seus pássaros de madeira.

— Está bem, prior, não negarei. Mas, antes que se zangue comigo, deve saber que só utilizei a garota para dar certos retoques ao discípulo amado.

Jorge reconheceu imediatamente o humor ácido do mestre.

— E por isso é certo…

— João foi uma criatura doce, padre Bandello — prosseguiu. — O senhor sabe que era o mais novo dos discípulos, e Jesus o amava como a um irmão. Ou, ainda mais: como a um filho. E também deve saber que não consegui encontrar entre seus frades nenhum que me inspirasse essa

candura com que é descrito nos evangelhos. Que importância tem o fato de eu ter recorrido a uma mocinha inocente para completar seu retrato? Que vê de mal nisso, à vista do resultado que lhe apresento?

— E quem é essa donzela, posso saber?

— Claro que pode saber. — Leonardo se inclinou, cortês, para seu patrão. — Mas duvido que a conheça. Chama-se Elena Crivelli. É de nobre família lombarda. Visitou minha oficina acompanhada do mestre Luini não faz muitos dias. Quando a vi pela primeira vez, soube que havia sido enviada por Deus para me ajudar a concluir o *Cenacolo*.

O prior o olhou de soslaio.

— Ah, se a visse! — prosseguiu. — Sua beleza é cativante, pura, perfeita para o rosto de João. Ela me presenteou essa aura de beatitude que agora nosso João exala.

— Mas não houve donzelas na ceia pascal, mestre.

— E quem pode ter certeza disso, padre? Além do mais, de Elena só tomei as mãos, o olhar, a expressão entregue de seus lábios e seus pômulos. Seus atributos mais inocentes.

— Reverendo padre…

A irrupção de frei Jorge, que esperava impaciente uma pausa na conversa, não deu possibilidade de réplica a Bandello. Após uma genuflexão apressada, o frade se aproximou do ouvido do prior e lhe transmitiu as más novas sobre a saúde do caolho.

— Precisa me acompanhar — sussurrou. — Os médicos dizem que não lhe resta muito tempo de vida.

— O que está acontecendo?

— Mal consegue respirar, e sua pele está perdendo a cor, prior.

Leonardo observou com curiosidade as mãos enfaixadas de Jorge e deduziu que devia se tratar de um dos frades assaltados dias atrás extramuros de Milão.

— Se lhe interessa minha opinião — intercedeu Leonardo —, creio que o que aflige seu irmão é tuberculose. Uma doença mortal, sem cura.

— Como assim?

— Os sintomas que descreveu são de tuberculose. Se lhes parecer oportuno, irmãos, podem dispor de meus conhecimentos médicos para aliviar seu sofrimento. Conheço o corpo humano o suficiente para lhe propor um tratamento eficaz.

— O senhor? — disse Bandello. — Pensei que odiasse o…

— Ora, prior. Como vou desejar mal a alguém com quem estou em dívida? Lembre-se de que frei Benedetto posou como São Tomé no *Cenacolo*. Odiaria eu Elena, que me iluminou ao pintar João? O bibliotecário que emprestou seu rosto a Judas? Não. Devo a seu irmão o rosto de um dos apóstolos mais importantes do *Cenacolo*.

O prior agradeceu sua cortesia inclinando a cabeça, sem notar a ironia que encerravam aquelas palavras. Era certo que São Tomé reunia todas as características de um frei Benedetto rejuvenescido. O toscano, inclusive, havia se dado o trabalho de pintá-lo de perfil para mascarar sua grave deformidade. Mas não era menos certo que fazia tempo que Benedetto e o mestre não se davam bem.

Com a bênção de Bandello, Leonardo recolheu a toda pressa seus pincéis, fechou os frascos com as últimas mesclas de cores e saiu a passo ligeiro para o hospital vizinho. No caminho, pegaram frei Nicola, já levava embrulhados o recipiente com água benta, um pote com os santos óleos e um hissope de prata.

Encontraram frei Benedetto deitado em um catre no 2º andar, em um dos poucos aposentos independentes do recinto, sozinho, com o leito protegido por um grande pano de linho que pendia do teto. Ao chegar à porta, o mestre pediu aos frades que o aguardassem no jardim. Explicou que a primeira fase do tratamento requeria certa privacidade, e que eram poucos os homens que, como ele, estavam a salvo dos mortais eflúvios da tuberculose.

Quando Leonardo ficou a sós diante do leito do caolho, afastou o pano que os separava e contemplou o velho ranzinza. “Por que não inventei ainda uma máquina que me livrasse de meus inimigos?”, pensou. Fazendo das tripas coração, o gigante Da Vinci o sacudiu, para acordá-lo.

— O senhor?

Frei Benedetto se sentou por conta do susto.

— Mas que diabos está fazendo aqui?

Leonardo observou o moribundo com curiosidade. Seu aspecto estava pior do que esperava. A sombra azulada que se instalara em suas faces não pressagiava coisa boa.

— Disseram-me que foi atacado no monte, irmão. Lamento de

verdade.

— Não seja fariseu, mestre Leonardo! — Tossiu expulsando um novo escarro. — Sabe tão bem quanto eu o que aconteceu.

— Se é o que acha…

— Foram seus irmãos de Concorezzo, não é? Esses bastardos que negam Deus e repudiam a natureza divina do Filho do Homem… Saia daqui! Deixe-me morrer em paz!

— Eu vim aqui somente para saber de sua saúde, Benedetto. Acho que está sendo precipitado em seu juízo. Sempre agiu assim. Essa gente a quem se refere não nega Deus. São cristãos puros, que veneram o Salvador do mesmo modo que o fizeram os primeiros apóstolos.

— Basta! Não quero escutar! Não me fale disso! Vá embora!

O caolho estava vermelho de ira.

— Se pensar por um momento, padre, poupando-lhe a vida, esses "bastardos" demonstraram uma infinita misericórdia para consigo. Especialmente sabendo que o senhor matou a sangue-frio vários dos seus.

A ira do frade se transformou em espanto em um abrir e fechar de olhos.

— Como se atreve, Leonardo?

— Eu sei no que os transformou. E sei também que fez todo o possível para me arrancar deste lugar e deixar no escuro a fé de toda essa gente. Primeiro, matou frei Alessandro. Depois, atravessou o coração de irmão Giulio. Perturbou com suas histórias os irmãos que estavam no caminho da pureza.

— Da heresia, melhor — pontuou, com seu único olho arregalado.

— E mandou mensagens apocalípticas a Roma, anônimas, assinadas como "*Augur dixit*", somente para provocar uma investigação secreta contra mim sem se implicar. Não é verdade?

— Maldito seja, Leonardo! — O peito do frade estalou em um novo estertor. — Maldito para sempre.

O pintor, impassível, tirou do cinto sua inseparável bolsa de lona branca e a depositou em cima da cama. Parecia mais cheia que de costume. O mestre a abriu cerimonioso e tirou dela um pequeno livro de capa azul, que deixou sobre o colchão.

— Reconhece este livro? — sorriu ladino. — Embora agora me amaldiçoe, padre, vim perdoá-lo. E lhe oferecer a salvação. Somos todos

almas de Deus e a merecemos.

A pupila do caolho se arregalou de excitação ao ver aquele livro a dois palmos de si.

— Era isto que buscava, não é?

— *Inter… rogatio Johan… nis*— Benedetto decifrou o título gravado na lombada. — O testamento final de João! O livro com as respostas que o Senhor deu a seu discípulo amado em sua ceia secreta, já no reino dos céus.

— *A ceia secreta*, isso mesmo. Exatamente o livro que eu decidi abrir ao mundo.

Benedetto estendeu um de seus fracos braços para tocar a capa.

— Vai acabar com a cristandade se fizer isso — disse o frei, parando para respirar fundo. — Esse livro está amaldiçoado. Ninguém neste mundo merece lê-lo. E no outro, ao lado do Pai Eterno, ninguém precisa dele. Queime-o!

— Contudo, houve um tempo em que quis tê-lo.

— Houve, sim — grunhiu. — Mas me dei conta do pecado de soberba que isso representava. Por isso abandonei sua empreitada. Por isso deixei de trabalhar para o senhor. Encheu minha cabeça de ideias, como aos irmãos Alessandro e Giberto, mas me dei conta a tempo de seu estratagema… — engasgou, agoniado — …e consegui me safar do senhor.

O caolho, pálido, levou a mão ao peito antes de prosseguir com voz rouca:

— Sei o que quer, Leonardo. Você veio à católica Milão cheio de ideias extravagantes. Seus amigos Botticelli, Rafael, Ficino, encheram sua cabeça de ideias vãs sobre Deus. E agora quer dar ao mundo a fórmula para se comunicar diretamente com Deus, sem necessidade de intermediários nem de Igreja.

— Como fez João.

— Se o povo acreditasse nesse livro, se soubesse que João falou com o Senhor no reino dos céus e voltou dele para escrevê-lo, para que alguém precisaria dos ministros de Pedro?

— Vejo que compreendeu.

— E entendo que o Mouro o apoiou todo este tempo porque… — tossiu —, porque, enfraquecendo Roma, ele se tornará mais forte. Quer mudar a fé dos bons cristãos com sua obra. É um demônio. Um filho de

Lúcifer.

O mestre sorriu. Aquele frade moribundo mal conseguia imaginar a meticulosidade de seu plano: Leonardo estava, havia meses, permitindo que artistas da França e da Itália fossem ver o *Cenacolo*, para copiá-lo. Maravilhados com sua técnica e a disposição inédita das figuras, mestres como Andrea Solario, Giampietrino, Bonsignori, Buganza e tantos outros haviam copiado seu desenho e começavam a difundi-lo por metade da Europa. Além do mais, sua discutível técnica de pintura *a secco*, perecível, transformava o projeto de copiar sua obra em algo urgente. A maravilha do *Cenacolo* estava destinada a desaparecer por expresso desejo do mestre, e só um esforço continuado, meticuloso e planejado para reproduzi-lo e difundi-lo por todo lugar conseguiria salvar seu verdadeiro projeto. E, de quebra, disseminar seu segredo além do conseguido por qualquer outra obra de arte na História.

Leonardo não replicou. Para quê?

Suas mãos ainda cheiravam a verniz e a solvente, o mesmo que acabava de aplicar aos pincéis com os quais havia concluído o rosto de João; o homem que havia escrito o evangelho que agora jazia aberto sobre o leito do caolho. O mesmo texto que os Visconti-Sforza, duques de Milão, haviam representado fechado nas mãos da sacerdotisa de seu baralho, ou que aparece no colo de Santa Maria dei Fiore, bem acima da entrada da catedral de Florença. Em suma, um livro hermético que agora Leonardo pretendia revelar ao mundo.

Sem uma palavra, Leonardo pegou aquele livro e o abriu na primeira página. Pediu a Benedetto que recordasse a cena da ceia do Senhor no refeitório e que se dispusesse a compreender seu plano. Depois, solene, colocou o livro sob suas barbas e leu:

"Eu, João, que sou seu irmão e que tenho parte na aflição para ter acesso ao reino dos céus, enquanto repousava sobre o peito de nosso Senhor Jesus Cristo, disse-lhe: 'Senhor, quem te trairá?'. E ele me respondeu: 'O que põe comigo a mão no prato' e, então, entrou nele Satanás, e ele já buscava a maneira de me entregar".

Benedetto se impressionou:

— Foi isso que você pintou no *Cenacolo*… Deus bendito…

Leonardo assentiu.

— Maldita víbora! — tossiu Benedetto.

— Não se engane, padre. Minha obra é muito mais que uma cena

deste evangelho. João formulou nove perguntas ao Senhor. Duas eram sobre Satanás, três sobre a criação da matéria e o espírito, três sobre o batismo de João e uma última sobre os sinais que precederão a volta de Cristo. Perguntas de luz e de sombras, do bem e do mal, dos polos opostos que movem o mundo…

— E tudo isso encerra um mistério, eu sei.

— Sabe?

A surpresa brilhou no rosto do mestre. Aquele ancião que resistia a morrer ainda tinha a inteligência viva.

— Sim… — arfou. — *Mvt-nem-a-los-noc*… E em Roma também sabem. Eu lhes transmiti. Logo, Leonardo, cairão sobre você e destruirão o que montou com tanta paciência. Nesse dia, mestre, morrerei satisfeito.

45

Doze dias depois,
Milão, 22 de fevereiro de 1497

— *MVT-NEM-A-LOS-NOC…*

Escutei pela primeira vez aquela estranha frase no dia da Cátedra de São Pedro. Haviam se passado quase duas semanas desde que frei Benedetto entregara sua alma a Deus no hospital de Santa Maria, em meio a um daqueles terríveis ataques de tosse. Deus castigou sua soberba. O Áugure não teve tempo de ver Roma descarregando sua ira contra o mestre Leonardo e demolindo seu projeto. Seu declínio foi rápido. Os médicos que o atendiam dia e noite renderam-se quando o ancião perdeu a voz e as pústulas se apoderaram de seu corpo.

Benedetto faleceu ao entardecer da Quarta-feira de Cinzas, sozinho, febril e murmurando obsessivamente meu nome, em uma desesperada tentativa de me atrair para seu lado e me jogar contra o toscano. Infelizmente para ele, eu ainda levaria muitos dias para voltar de minha reclusão entre os "homens puros".

Agora acredito que Mário Forzetta esperou aquele exato momento para me devolver a Milão. Nunca, nas semanas que permaneci em Concorezzo, Mário me falou da doença do caolho; nem sequer me predispôs a que atuasse contra ele ou que informasse o Santo Ofício de seus pecados contra o quinto mandamento, e muito menos atiçou o fogo do ódio contra ele. Sua atitude me surpreendeu. Sua instrução nos segredos da escrita oculta havia conseguido desmascarar o padre Benedetto e sua complexa assinatura, mas sua estranha moral o impedia de se vingar pelo assassinato de seus correligionários. Que estranha fé era essa…

Cheguei a acreditar que o pessoal de Concorezzo me reteria ali para sempre. Compreendi que seu respeito extremo pela vida os impedia de acabar comigo, mas não ignorava que todos naquele povoado sabiam

que, se me libertassem, a vida de todos corria perigo.

Esse debate se prolongou durante dias inteiros. Um tempo que aproveitei para me misturar a eles e aprender seus hábitos de vida. Fiquei surpreso ao saber que jamais pisavam uma igreja para fazer orações. Preferiam uma gruta ou o campo aberto. Confirmei muitas das coisas que já sabia sobre eles, como o fato de que renegavam a cruz ou repudiavam as relíquias, por considerá-las lembranças impuras do corpo material, satânico, portanto, que um dia abrigou a alma de grandes santos. Mas descobri coisas que me maravilharam. Por exemplo, sua alegria diante da morte. Cada dia que passava, celebravam o fato de já estarem mais perto do momento em que se desprenderiam de seu envoltório carnal e se aproximariam do espírito luminoso de Deus. Eles, que entre si se chamavam de "verdadeiros cristãos", olhavam-me misericordiosos e faziam grandes esforços para me integrar a seus ritos.

Um belo dia, Mário foi a meu aposento e me acordou muito agitado; pediu-me que me vestisse depressa e me conduziu montanha abaixo, até o caminho empedrado que levava à Porta Vercellina. Eu estava atônito. O jovem perfeito havia tomado uma decisão que comprometia toda a sua comunidade: ia devolver ao mundo um inquisidor que havia visto uma comunidade de cátaros por dentro, que havia presenciado suas orações e que conhecia com perfeição os pontos fracos dos últimos "homens puros" da cristandade. E, a despeito de tudo, arriscava-se a me libertar. Por quê? E por que nesse dia, e tão depressa?

Eu não tardaria muito a descobrir.

Ao nos aproximarmos da via que me levaria aos domínios do duque, Mário mudou o tom da conversa pela primeira e última vez. Estava vestido de branco imaculado, com uma túnica que o cobria até os joelhos e uma faixa na cabeça que prendia seu cabelo desgrenhado. Parecia que estava me levando a um último e estranho ritual.

— Padre Leyre — disse solene —, já conheceu os verdadeiros discípulos de Cristo. Viu com seus próprios olhos que não empunhamos armas nem ofendemos a natureza. Por essa mesma razão, e porque os seguidores originais de Jesus jamais teriam aceitado que o privássemos de liberdade, não podemos retê-lo por mais tempo. Pertence a um mundo diferente deste. Um lugar de ferro e ouro, onde os homens vivem de costas para Deus.

Eu quis replicar, mas Mário não me deixou. Olhava-me com tristeza,

como se estivesse se despedindo de um amigo.

— A partir de agora — prosseguiu—, nosso destino está em suas mãos. Seus cruzados não teriam dito melhor: *Deus lo volt!*, "assim dispôs o Pai". Ou nos indulta e se junta a nossas fileiras, convertendo-se em um *parfait*, ou nos delata e pede nossa morte e a ruína de nossos filhos. Mas será o senhor, em liberdade, quem escolherá o caminho. Nós, infelizmente, estamos acostumados a ser perseguidos. É nosso destino.

— Vai me libertar?

— Na realidade, padre, nunca foi um prisioneiro.

Olhei para ele sem saber o que dizer.

— Só lhe peço que reflita sobre uma coisa antes de nos entregar ao Santo Ofício: recorde que Jesus também foi um fugitivo da justiça.

Então, Mário se lançou em meus braços e me apertou contra si. Depois, observando a suave claridade que pressagiava o amanhecer, entregou-me um saquinho com pão e um pouco de fruta e me deixou sozinho no caminho de Milão.

— Vá ao refeitório — ordenou, antes de se perder bosque acima. — Ao seu refeitório. No tempo em que esteve fora, aconteceram muitas coisas que o afetarão. Medite e decida seu caminho, então. Tomara que tornemos a nos ver um dia e possamos nos olhar nos olhos, como irmãos da única fé.

Caminhei durante quatro horas antes de distinguir no horizonte a silhueta fortificada de Milão. Que estranha prova era aquela à qual me submetia a Divina Providência? Mário me devolvia à corte do duque para que eu eliminasse seu inimigo, frei Benedetto, ou por outra obscura razão?

Foi ao me aproximar do posto da guarda que me dei conta de quanto a estadia em Concorezzo havia me feito mudar. Já na entrada, a guarda do duque nem sequer me saudou. A seus olhos, eu já não era o respeitável dominicano que o bosque de Santo Estevão havia engolido quase um mês atrás. Não a pude censurar. A cidade acreditava que esse homem havia morrido em uma emboscada. Ninguém me esperava. Meu aspecto era vulgar, sujo, e eu me vestia como um camponês. Usava calças pretas e uma tosca pele de ovelha que me fazia parecer um pastor. Meu rosto estava coberto por uma barba densa e negra. E até minha

tonsura havia se povoado de novo, apagando definitivamente minha filiação sacerdotal.

Cruzei o posto da guarda sem olhar para ninguém e tomei as ruelas que haveriam de me levar até o convento de Santa Maria. A despeito de não ser um dia de sol e ser sábado, respirava-se certo ambiente festivo. O entorno havia sido adornado com bandeirolas, vasos de flores e fitas, e havia muita gente na rua conversando. Ao que parecia, o duque havia acabado de passar por ali a caminho de alguma celebração importante.

Foi quando escutei dos lábios de uma mulher a razão de tanto alvoroço: Leonardo havia terminado o *Cenacolo* e Sua Excelência Ludovico Sforza, o Mouro, havia corrido para visitá-lo, para admirá-lo em todo o seu esplendor.

— O *Cenacolo*?

A mulher me olhou divertida.

— Em que mundo vive? — riu. — Toda a cidade vai desfilar para vê-lo! Toda! Dizem que é um milagre. Que parece real. Os frades abrirão seu convento durante um mês, para que todos possam admirá-lo.

Um estranho mal-estar se apoderou de meu estômago. O toscano havia concluído uma empreitada na qual trabalhava havia mais de três anos, mas teria completado também o terrível programa iconográfico que o Áugure pretendia deter a todo custo? E o prior? Havia sucumbido também ao feitiço daquela obra? Não deveria eu adverti-lo de imediato sobre a verdadeira identidade de seu secretário pessoal? E como apareceria diante dele? O que lhe diria sobre meus captores?

Quando terminei a subida até o corso Magenta e consegui evitar a enorme fila que cercava o convento, fiquei petrificado. A casa do duque havia preparado um enorme tablado, onde um maravilhoso duque de Milão, usando uma sobreveste negra de veludo e um chapéu de aba baixa com fita de ouro, conversava com alguns próceres da cidade. Entre eles distingui Luca Pacioli, o matemático, que ostentava uma expressão descontraída. Alguém disse que fazia apenas alguns dias que havia entregado ao Mouro seu livro *De divina proportione*, no qual revelava os mistérios matemáticos da Criação. E Antonio Billi, cronista da corte, que parecia deslumbrado com a beleza que seus olhos acabavam de ver.

Localizei também mestre Leonardo, retirado em segundo plano, comentando algo com um pequeno grupo de admiradores. Todos estavam elegantemente vestidos, mas pareciam meio nervosos. Olhavam

para todos os lados, como se esperassem a chegada de alguém ou soubessem que alguma coisa naquela cerimônia não corria conforme o previsto.

Tão distraído estava eu, tentando ler nos lábios daquela comitiva o que estava acontecendo, que não notei que alguém fora abrindo caminho por entre as pessoas e se dirigia diretamente para mim.

— Valha-me Deus! — exclamou, quando chegou a mim e conseguiu tocar meu ombro. — Todos o davam por morto, padre Leyre!

Aquele homem robusto, coberto por um barrete violeta com pena de ganso, espada na cintura e botas de montaria, era Oliverio Jacaranda. Seu sotaque estrangeiro o delatava entre tantos lombardos.

— Nunca esqueço um rosto. E muito menos o seu!

— Senhor Oliverio…

O espanhol me olhou de cima a baixo sem compreender por que eu não usava o hábito branco e preto de são Domingos. A julgar por sua aparência, havia ido à praça de Santa Maria visitar a obra de Leonardo. Sua condição de mercador de objetos preciosos lhe garantia um acesso privilegiado ao recinto e lhe permitia estar no centro do maior evento social da cidade desde o enterro de *donna* Beatrice.

— Padre — hesitou —, pode me explicar o que aconteceu com o senhor? Está muito abatido. Que faz vestido assim?

Tentei compor uma desculpa crível que não delatasse minha singular situação. Não podia lhe dizer que passara mais de duas semanas sob o teto daquele que havia sido seu prisioneiro. Ele teria considerado isso uma deslealdade, e só Deus sabia como reagiria o espanhol perante uma revelação dessas.

— Recorda minha afeição por resolver enigmas em latim?

Jacaranda assentiu.

— Vim a Milão para resolver um deles, a mando de meu superior da ordem. E, para isso, fui obrigado a desaparecer durante um tempo. Agora, volto incógnito para prosseguir com minhas indagações. Por isso lhe rogo discrição.

— Ah, os frades! Sempre com segredos! — sorriu. — Então, fingiu evaporar para continuar investigando os crimes da igreja de San Francesco, o Grande, não foi?

— E o que o faz pensar uma coisa dessas? — disse eu espantado.

— Seu aspecto, naturalmente. Já lhe disse, um dia, que são poucas

as coisas que me escapam nesta cidade. Essa sua indumentária me recorda a dos desventurados que apareceram mortos sob a *Maestà* dos franciscanos.

— Mas…

— Nada de mas! — interrompeu. — Admiro esse seu método, padre. Nunca me teria ocorrido me fazer passar por vítima para chegar ao assassino.

Fiquei calado.

Havia imaginado tantas vezes que, se alguma vez o reencontrasse, não íamos ter uma conversa agradável, que me surpreendeu vê-lo, de repente, preocupado comigo. Afinal de contas, eu havia me imiscuído em seus negócios, havia libertado um prisioneiro seu e não havia prestado a devida atenção a suas tentativas de culpar Leonardo da Vinci pelo assassinato de frei Alessandro. Era óbvio que o senhor Oliverio tinha coisas mais importantes em que pensar. O antiquário me pareceu preocupado. Quase nem comentou a fuga de Forzetta, que se apressou a desculpar, julgando-a parte de minha estratégia para investigar as mortes de frei Alessandro e dos peregrinos da San Francesco. Era como se minhas vestes de *parfait* houvessem lhe chamado mais a atenção que todo o resto.

— Regressou a Milão há muito tempo? — Eu quis mudar o rumo de nossa conversa.

— Deve fazer uns dez dias. E, na verdade, estive procurando pelo senhor desde então. Disseram-me que havia morrido em uma emboscada.

— Alegra-me que não seja verdade.

— A mim também, padre.

— Diga-me, então, para que precisava de mim?

— Preciso de sua ajuda — deixou escapar lastimoso. — Lembra-se do que eu lhe disse sobre o mestre Leonardo, no dia em que nos conhecemos?

— Sobre Leonardo?

Dei uma olhada às minhas costas, onde havia visto o toscano pela última vez. Eu não teria gostado que ele escutasse uma falsa acusação de assassinato como a que Jacaranda estava prestes a pronunciar. A seguir, assenti.

— Muito bem. Já sabe que estive em Roma e, ali, um confidente

próximo ao papa me entregou o segredo final que mestre Da Vinci quis esconder em seu *Cenacolo*.

— O segredo final?

A fronte limpa do espanhol se enrugou diante de minha desconfiança.

— O mesmo que seu bibliotecário levou ao túmulo, padre Leyre. Esse que deve ter extraído do "livro azul" que *donna* Beatrice d'Este me encomendou e que eu nunca pude depositar em suas mãos. Lembra-se?

— Sim.

— Esse segredo, padre, está em meu poder. E é outro desses benditos enigmas do toscano. Como o senhor é especialista em resolver enigmas, e como, devido à sua posição, não é suspeito de ser cúmplice de ninguém, pensei que me ajudaria a decifrá-lo.

Oliverio disse aquilo com raiva contida. Eu ainda podia notar em sua voz o desejo de vingar seu amigo Alessandro. E, embora errasse o alvo, não deixava de me intrigar que revelação ele teria recebido de seu confidente. Eu não podia imaginar que Betânia também dispunha daquele segredo e que também estava havia dias fazendo o impossível para me encontrar e fazê-lo chegar a mim.

— Vai me mostrar o segredo, então?

— Só diante do *Cenacolo*, padre.

46

QUE ESTRANHA SENSAÇÃO!

Vestindo os andrajos que Mário Forzetta me havia entregado antes de me devolver a Milão, atravessei o umbral da igreja de Santa Maria sem que nenhum dos frades que encontramos me reconhecesse. O cheiro a incenso me fez hesitar. Eu me senti como se pusesse pela primeira vez os pés em uma igreja. Aquela profusão de motivos florais, losangos vermelhos e azuis e desenhos geométricos que adornavam o teto me pareceu um excesso impróprio da casa de Deus. Jamais até esse dia eu havia reparado neles, mas agora, de repente, incomodavam-me.

Oliverio não notou meu desconforto e me puxou para a abside, obrigando-me a depois virar à esquerda e avançar para a enorme fileira de fiéis que rezavam e cantavam à espera de que lhes permitissem o acesso ao refeitório.

Frei Adriano de Treviglio, com quem eu não havia cruzado mais de duas vezes durante minha estadia no convento, cumprimentou o espanhol e guardou satisfeito a moeda que este depositou em sua mão. Embora tenha me lançado um olhar prepotente, também não me reconheceu. Melhor assim. Aquele refeitório, que eu recordava frio e inerte, fervilhava agora de atividade. Continuava tão desprovido de móveis como sempre, mas os frades o haviam arrumado, ventilado e limpado em profundidade. Já não restava nem rastro de cheiro de tinta, e a pintura mural recentemente concluída pelo mestre brilhava em todo seu esplendor.

— *A ceia secreta*… — murmurei.

Oliverio não me escutou. Empurrou-me até o centro da sala e, após abrir um espaço no meio da multidão, disse algo meio em espanhol, meio em lombardo, que naquele momento eu não soube avaliar:

— O mistério deste lugar tem a ver com os antigos egípcios. Os discípulos se distribuem de três em três, como as tríades de deuses do Nilo. Vê? Mas seu verdadeiro segredo é que cada personagem desta cena

representa uma letra.

— Uma letra? — As velhas lições do *Ars Memoriae* voltaram a minha mente. — Que tipo de letras?

— Só uma delas é clara, padre. Repara bem no grande "A" que forma a figura de Nosso Senhor. Essa é a primeira pista. Junto com as outras, ocultas em atributos dos Doze recolhidos por frei Jacobo de Voragine, formam uma antífona estranha, escrita em egípcio antigo, que espero que saiba decifrar.

— Uma antífona?

Oliverio assentiu satisfeito com meu espanto.

— Isso mesmo. Juntando as letras que Leonardo atribuiu a cada discípulo, e que me mostraram em Roma, forma-se uma frase: *Mvt-nem-a-los-noc*.

Mvt.

Nem.

A.

Los.

Noc.

Repeti uma por uma aquelas sílabas, tentando memorizá-las.

— E disse que é um texto egípcio?

— Só pode ser. Mut é uma divindade dessa civilização, esposa de Amon, o Oculto, o grande deus dos faraós. Certamente, Leonardo ouviu falar dela por meio de Marsílio Ficino. Ou não se lembra que o mestre tinha os livros de Ficino em sua oficina?

Como ia esquecer? Ficino, Platão, frei Alessandro, o caolho, todos estavam ali! Diante de meus olhos! Olhando uns para os outros, como se confabulassem para preservar seu mistério daqueles que não merecessem penetrá-lo. Todos haviam sido representados como verdadeiros discípulos de Cristo. *Bonhommes*, em suma.

— E se não for egípcio o idioma dessa frase?

Minha dúvida exasperou o espanhol. Ele se aproximou de meu ouvido e, tentando se fazer entender no meio da multidão de curiosos e o rumor das orações, fez um esforço para me explicar tudo o que havia aprendido com Annio de Viterbo sobre aqueles homens reduzidos a letras. Contemplei um por um aqueles discípulos tão vivos. Bartolomeu, com as mãos apoiadas na mesa, observava a cena como uma sentinela. Tiago, o Menor, tentava acalmar os ânimos de Pedro. André,

impressionado pela revelação de que um traidor se escondia entre eles, mostrava suas palmas em sinal de inocência. E Judas. João. Tomé apontando o céu. O maior dos Tiagos, com os braços em cruz anunciando o futuro suplício do Messias. Filipe. Mateus. O Tadeu dando as costas a Cristo. E Simão, com as mãos estendidas em seu canto na mesa, como se convidasse a contemplar a cena mais uma vez.

Contemplá-la mais uma vez.

Cristo!

Foi como um relâmpago na noite.

Como se, de repente, uma daquelas línguas de fogo que iluminaram os discípulos no dia de Pentecostes houvesse caído sobre mim.

Santo Deus! Não havia enigma algum ali. Leonardo não havia codificado nada no *Cenacolo*. Nada em absoluto. Uma emoção singular, como a que poucas vezes eu havia sentido em meus anos em Betânia, atingiu com força minhas entranhas.

— Lembra-se do que me disse um dia sobre os peculiares hábitos de escrita de Leonardo?

Oliverio me olhou sem saber o que minha pergunta tinha a ver com sua revelação.

— Está se referindo à sua mania de escrever tudo ao contrário? É outra excentricidade dele. Seus discípulos precisam de um espelho para poder ler o que seu mestre escreve para eles. Faz assim com tudo: suas anotações, os inventários, os recibos, as cartas pessoais, até as listas de compra! É um demente.

— Talvez.

A ingenuidade de Oliverio me fez sorrir. Nem ele nem Annio de Viterbo haviam percebido nada, a despeito de terem tido a resposta tão perto.

— Diga-me, Oliverio, por onde começou a ler sua antífona egípcia?

— Pela esquerda. O "M" é Bartolomeu, o "U", Tiago, o Menor, o "T"…

De repente emudeceu.

Virou a cabeça o máximo que pôde para a ponta direita do quadro e encontrou Simão, que, com os braços esticados, parecia convidá-lo a adentrar a cena. Como se não bastasse, ali também estava o nó da toalha, apontando qual era o lado da mesa pelo qual se devia começar a "ler".

— Santo Deus. É lido ao contrário!

— E o que você lê, Oliverio?

O espanhol, duvidando do que estava vendo e sem conseguir compreender, pronunciou pela primeira vez o verdadeiro segredo do *Cenacolo*. Bastou-lhe silabar sua antífona, aquele misterioso *Mvt-nem-a-los-noc*, tal como havia três anos fazia o mestre Da Vinci:

Con-sol-a-men-tvm.

POST SCRIPTUM

NOTA FINAL DO PADRE LEYRE

AQUELA REVELAÇÃO MUDOU MINHA VIDA.

Não foi algo brusco, e sim uma alteração pausada e incontrolável, como a que experimenta um bosque quando se aproxima a primavera. No início não me dei conta, e, quando quis reagir, já era tarde demais. Suponho que minhas conversas sossegadas em Concorezzo e a confusão na qual naveguei durante esses primeiros dias em Milão obraram o milagre...

Esperei que passassem aqueles dias de portas abertas em Santa Maria delle Grazie para voltar ao *Cenacolo* e me colocar sob as mãos de Cristo. Desejava receber a bênção daquela obra viva, que palpitava, e que eu havia visto crescer quase imperceptivelmente. Ainda não sei muito bem por que fiz isso. Nem por que não me apresentei ao prior e lhe contei onde estivera e o que havia descoberto durante meu cativeiro. Mas, como disse, algo havia mudado muito dentro de mim. Algo que acabaria enterrando para sempre aquele Agustín Leyre, pregador e irmão da Secretaria de Códigos dos Estados Pontifícios, oficial do Santo Ofício e teólogo.

Iluminação? Chamado divino? Ou talvez loucura? É provável que eu morra neste penhasco de Yabal al-Tarif sem saber que nome dar àquela atitude.

Mas já pouco importa...

A verdade é que o achado do sacramento dos cátaros exposto à contemplação e veneração no centro da casa dos dominicanos, patrões da Inquisição e guardiões da ortodoxia da fé, teve um efeito deslumbrante sobre minha alma. Descobri que a verdade evangélica havia aberto caminho por entre as trevas de nossa ordem, ancorando-se no refeitório como um poderoso farol na noite. Era uma verdade bem

diferente daquela em que eu havia acreditado durante 45 anos: Jesus nunca, jamais, instaurou a eucaristia como único meio para nos comunicarmos com Ele. Ao contrário. Seu ensinamento a João e a Maria Madalena foi de nos mostrar como encontrar Deus dentro de nós, sem necessidade de recorrer a artifícios externos. Ele era judeu. Vivenciou o controle que os sacerdotes do templo faziam de Deus ao encerrá-lo no tabernáculo. E lutou contra isso. Quinze séculos depois, Leonardo havia se transformado no secreto responsável por essa revelação, e a havia confiado a seu *Cenacolo*.

Talvez eu tenha enlouquecido nesse instante, admito. Mas tudo aconteceu conforme aqui relatei.

Já se passaram três décadas desde aqueles fatos, e Abdul, que trouxe a ceia até minha gruta, como de costume, trouxe-me também uma estranha notícia: um grupo de ermitãos seguidores de Santo Antonio chegou à sua aldeia com a intenção de se estabelecer perto daqui. Escrutei as margens do Nilo tentando localizá-los, mas meus castigados olhos não conseguiram distinguir seu acampamento. Eles poderiam ser minha última esperança, eu sei. Se algum deles merecesse minhas confidências nesta reta final da vida, eu depositaria em suas mãos estas folhas e o faria compreender a importância de conservá-las em lugar adequado até que chegasse o tempo de revelá-las. Mas minhas forças fraquejam e não sei se serei sequer capaz de descer este penhasco e ir até eles.

Além do mais, mesmo que o fizesse, também não seria fácil que me entendessem.

Oliverio Jacaranda, por exemplo, jamais compreendeu o segredo do *Cenacolo*, a despeito de tê-lo tido debaixo de seu nariz. O fato de que seus treze protagonistas encarnassem as treze letras do *Consolamentum*, o único sacramento admitido pelos homens puros de Concorezzo — um sacramento espiritual, invisível, íntimo —, não lhe disse grande coisa. Ele ignorava quão ligado estava aquele símbolo com seu ansiado “livro azul”, que ele jamais chegaria a ter nas mãos. E, evidentemente, nunca suspeitou que seu criado Mário Forzetta o traíra por causa daquele livro. Um livro que, durante gerações, havia sido utilizado em cerimônias cátaras para mergulhar os neófitos na Igreja do espírito, a de João, e iniciá-los na busca do Pai por sua própria conta.

Sei que Oliverio voltou à Espanha, que se estabeleceu perto das

ruínas de Tarraco e que continuou explorando seus negócios com o papa Alexandre. Nessa época, Leonardo confiou *A ceia secreta* a seu discípulo Bernardino Luini, que, por sua vez, entregou-a a um artista do Languedoc, que acabou levando-a a Carcasona, onde foi interceptada pelo Santo Ofício gaulês, que nunca soube interpretá-la. Luini jamais pintou uma hóstia. Como também não o faria Marco d'Oggiono, nem nenhum de seus queridos discípulos.

Outro destino curioso foi o de Elena, a quem nunca conheci pessoalmente. Depois de posar para o mestre, a inteligente condessinha compreendeu que talvez a Igreja de João nunca chegasse a ser instaurada. Por isso se afastou da oficina, deixou de perseguir o desafortunado Bernardino e entrou para um convento de irmãs clarissas, perto da fronteira com a França. Leonardo, surpreso com sua inteligência, acabou por lhe revelar o grande segredo ao qual sua estirpe estava vinculada: Maria Madalena, sua distante antepassada, viu Jesus ressuscitado, feito luz, fora do túmulo que José de Arimateia havia preparado para ele. Durante séculos, a Igreja se negou a considerar seu relato completo, coisa que Leonardo o fez. Afinal de contas, naquele remoto dia de quinze séculos atrás, Madalena viu Jesus vivo, mas não em corpo mortal. Seu cadáver — inerte e frio — descansava ainda em seu túmulo quando ela encontrou seu "corpo de luz". Impressionada, decidiu roubar os restos do galileu, escondeu-os em sua casa, onde os embalsamou com esmero, e os levou para a França quando começaram as perseguições do sinédrio.

Esse, e não outro, era o segredo: Cristo não ressuscitou em corpo mortal. Foi em luz, mostrando-nos o caminho para nossa própria transmutação, quando chegar nosso dia.

Soube que Elena, impressionada com essa revelação, permaneceu com as clarissas só mais cinco anos, até que um belo dia desapareceu de sua cela sem que ninguém tornasse a vê-la. Dizem que acompanhou Leonardo a seu exílio na França, que se estabeleceu na corte de Francisco I como dama de companhia da rainha e que, ocasionalmente, continuou posando para o mestre. Parece que o toscano a quis ter a seu lado até o dia de sua morte e que lhe pediu emprestados seu rosto e suas mãos para retocar o retrato inacabado de uma donzela que todos conheciam por Gioconda. De fato, quem a viu diz que as similaridades entre o João do *Cenacolo* e a mulher dessa pequena tela são mais que

eloquentes. Eu, infelizmente, não posso julgar.

Mas se Elena teve acesso ou não a mais segredos dessa Igreja de João e Madalena, que Leonardo planejou restaurar, a verdade é que os levou ao túmulo. Pois, antes que eu decidisse vir ao Egito viver meus últimos dias neste lugar, Elena faleceu de febres.

Só me resta explicar por que vim para cá, o Egito, para escrever estas linhas. E por que jamais denunciei a existência de uma comunidade de perfeitos em Concorezzo, vinculada ao mestre Leonardo.

A culpa, mais uma vez, foi desse gigante de olhos azuis e hábito branco.

Não tornei a vê-lo depois da apresentação do *Cenacolo*. Após descobrir seu significado oculto, voltei a Roma e bati às portas da Casa da Verdade, em Betânia, onde retomei meu trabalho sem que ninguém fizesse muitas perguntas. Foi assim que eu soube que Leonardo fugira de Milão no ano seguinte, quando as tropas francesas atravessaram as defesas do duque e tomaram o controle da cidade. Refugiou-se em Mântua, depois em Veneza e, finalmente, em Roma, onde trabalhou a serviço de César Bórgia, o filho do papa Alexandre vi. Para Bórgia, foi *architecto e ingegnere generale*, desperdiçando suas outras virtudes. Esse destino também não durou muito tempo, mas o suficiente para acabar encontrando o responsável pelo Palazzo Sacro, Annio de Viterbo.

Annio foi muito afetado por aquele encontro. Seu secretário, Fábio Ponte, informou pontualmente Betânia sobre a reunião que mantiveram na primavera de 1502. Falaram da função suprema da arte, de suas aplicações para preservar a memória e de sua todo-poderosa influência na mente do povo. Mas foram duas frases do toscano que, segundo Fábio, mais o impressionaram:

— Tudo o que descobri sobre a verdadeira mensagem de Jesus não é nada em comparação com o que falta ser revelado — respondeu, muito solene, a uma pergunta da doninha. — E assim como, para minha arte, bebi de fontes egípcias e tive acesso aos segredos geométricos traduzidos por Ficino ou Pacioli, eu lhes afirmo que ainda resta à Igreja muito que beber dos evangelhos que ainda repousam nas margens do Nilo.

Giovanni Annio de Viterbo morreu cinco dias depois, provavelmente envenenado por César Bórgia.

Um mês depois, abalado e suspeitando que logo sofreria represálias daqueles que temiam a volta dessa Igreja de João, abandonei Betânia

para sempre, em busca desses evangelhos.

Sei que estão perto, mas ainda não os encontrei. Juro que os buscarei até o fim de meus dias.

Em 1945, em uma paragem próxima à aldeia egípcia de Nag Hammadi, no Alto Nilo, apareceram treze evangelhos perdidos, encadernados em couro. Estavam escritos em copta e mostravam ensinamentos de Jesus inéditos para o Ocidente. Sua descoberta, muito mais importante que a dos célebres Manuscritos do mar Morto, em Qumran, prova a existência de uma importante corrente de primitivos cristãos que esperavam o advento de uma Igreja baseada na comunicação direta com Deus e nos valores do espírito. Hoje são conhecidos como “evangelhos gnósticos”, e é certo que cópias deles chegaram à Europa no final da Alta Idade Média, influenciando certos ambientes intelectuais.

A gruta de Yabal el-Tarif, onde morreu o padre Leyre em agosto de 1526, ficava a apenas trinta metros do nicho onde foram encontrados esses livros.

AGRADECIMENTOS

DESCOBRIR O "X" DESSE ENIGMA E FAZÊ-LO CHEGAR A TANTOS LEITORES NÃO ME teria sido possível sem a ajuda de um bom número de pessoas de vários lugares do mundo. Os três anos de pesquisas que precederam a redação de *A ceia secreta* me permitiram travar relações com especialistas em arte, literatura e história, que hoje são bons amigos. Mas também estreitar laços com gente maravilhosa do mundo do livro que, em mais de trinta países, acreditou ter em suas mãos uma história que valia a pena ser contada.

Minha primeira gratidão é para Antonia Kerrigan, minha agente literária. Ela acreditou em meu projeto desde o primeiro dia e o incentivou com dedicação absoluta. Sua incrível equipe — em especial Lola Gulias, Hilde Gersten e Bernat Fiol — apoiou essa fé e trabalhou duro para levar meu segredo às pessoas-chaves. Como Deborah Blackman, de Plaza & Janés, e o caloroso pessoal da Random House Mondadori. Deborah foi a primeira editora deste livro na Europa; recebeu-o com carinho após o veredito do júri do III Premio de Novela Ciudad de Torrevieja, que o selecionou como obra finalista, e o impulsionou com um admirável entusiasmo. Desde aquela bênção mediterrânea, tudo foi mágico: meus novos agentes nos Estados Unidos, Elaine e Tom Colchie, sussurraram este segredo às equipes da Atria Books e Simon & Schuster em Nova York, Londres e Sidney. Na cidade dos arranha-céus, Carolyn Reidy, Judith Curr e Johanna Castillo cuidaram do *The Secret Supper* com um zelo extraordinário e me ajudaram a melhorar o livro. Em Londres, Ian Chapman e Suzanne Baboneau vibraram com sua trama quando o leram, e apostaram nele com certeza visionária. Sei que foi a convicção deles que seduziu John Attenborough, meu editor na Austrália, fechando assim um círculo de milagres com o qual estarei sempre em dívida.

Evidentemente, não posso deixar de citar agora meus primeiros leitores espanhóis, que tanto contribuíram para melhorar o manuscrito

original: primeiro Eva, minha mulher, a quem merecidamente é dedicado este romance. Ela o leu todo, inclusive aquelas páginas que nunca verão a luz do dia. Também João Eslava Galán, um clássico vivo das letras espanholas que tanto me ensinou do ofício de escrever. E Antonio Piñero, catedrático de filologia do Novo Testamento, da Universidade Complutense de Madri, que me leu e corrigiu, esbanjando sabedoria. E Juan Sol, Gloria Abad, Ángeles Carmona, Roser Castellví e frei Juan José de León O.P., que me obsequiaram com suas certeiras observações.

Nesta lista deve constar ainda David Gombau, que, desde o início, tutelou meu *site*, animado por uma generosidade que admiro. E María Ángeles Puche, minha advogada, por sua sempre inestimável ajuda.

Mas ainda há mais.

Durante meu trabalho de documentação em Milão, foi decisiva a hospitalidade do irmão Venturino Alce, do convento dominicano de Santa Maria delle Grazie. Foi ele quem me permitiu consultar tanto o arquivo quanto a biblioteca de um recinto que cinco séculos atrás o próprio Leonardo da Vinci percorreu. Isso sem falar das facilidades — e dos obstáculos — com que me brindou a Superintendência dos Bens Culturais, que, por sorte, jamais suspeitou do que eu sabia sobre o *Cenacolo* antes de entrar nele. Um conhecimento, é bom reconhecer, que deve muito aos trabalhos da doutora Pinin Brambilla e do professor Pietro Marani, que durante vinte anos restauraram a maior obra de Leonardo.

Por último, é difícil esquecer aquele café compartilhado com Marco Tropea, meu editor italiano, após minha primeira visita ao *Cenacolo*. Eu havia acabado de receber a bênção do lugar e o brilho de meus olhos o convenceu a apoiar meu trabalho até onde fosse preciso. E o escritor Robert Bauval, através do qual ouvi falar pela primeira vez do *Ars Memoriae*, no Cairo, em pleno equinócio de primavera do ano 2000. Mas, especialmente, não quero deixar de mencionar meus pais, que não só perdoaram minhas ausências durante três longos anos, como também me fizeram sentir seu amor mais que nunca quando o leram.

O sorriso de todos eles ao receber meu segredo fez que este projeto valesse a pena.

Quem é quem em A ceia secreta

Para facilitar a tarefa do leitor, descrevemos a seguir os personagens mais interessantes que aparecem em *A ceia secreta*. Aqueles cujo nome vai seguido de suas datas de nascimento e morte existiram, realmente, e fazem parte da história por direito próprio.

Alberti, padre Leon Battista (1404-1472). Além de sacerdote, foi pintor, arquiteto, poeta, antiquário, filósofo e inventor. Mas destacou-se também na arte de codificar mensagens, projetando a primeira máquina criptográfica da história: um "disco de cifras", que permitia codificar e decifrar mensagens secretas.

Alexandre VI, papa (1431-1503). De origem espanhola, foi um dos homens mais complexos de seu tempo. Comprou seu acesso ao trono de Pedro e sua vida dissoluta e corrupta granjeou-lhe numerosos inimigos. Teve cinco filhos. E, surpreendentemente, julgava-se descendente do deus egípcio Osíris.

Arno, irmão Guglielmo. Responsável pelas cozinhas do convento de Santa Maria delle Grazie, "infectado" pela heresia cátara.

Bacon, irmão Roger (1214-1294). Religioso franciscano, inventor, teólogo e filósofo. Autor do tratado *De secretis artis et naturae operibus*, que explica doze formas diferentes de esconder uma mensagem em uma obra de arte. De fato, esse foi o primeiro livro europeu que descreveu o uso da criptografia. Muitos consideram Bacon uma espécie de "Leonardo" do século xiii.

Bandello, Matteo (1484-1561). Quando Leonardo pintou *A última ceia*, ele tinha apenas 12 anos de idade. Foi sobrinho do prior Bandello e se tornou o mais célebre romancista do Renascimento italiano. Em seus escritos, falou de sua infância perto de Leonardo.

Bandello, padre Vicenzo (1435-1506). Prior do convento de Santa Maria delle Grazie, de Milão, entre 1495 e 1501. Após sua passagem por esse lugar e a morte do padre Gioacchino Torriani, seria nomeado prior geral da Ordem de São Domingos.

Benedetto, irmão. Dominicano de Santa Maria delle Grazie, confessor e secretário do prior Bandello. Perdeu o olho esquerdo aos 17 anos, durante uma briga em sua Castelnuovo natal. Após a destruição de seu primeiro convento, foi transferido para Santa Maria delle Grazie.

Botticelli, Sandro (1444-1510). Foi, como Leonardo, discípulo de Verocchio e de frei Filippo Lippi. É considerado um dos grandes gênios do Renascimento italiano. Graças aos Medicis, adentrou temas pagãos e aplicou seu conhecimento a obras como *A primavera* ou *O nascimento de Vênus*. Por certo tempo, usou sua pintura como uma ferramenta de magia, a serviço de seus mecenas. Parou de pintar por influência do frade herege Savonarola.

Crivelli, Elena. Filha da condessa Lucrezia Crivelli e sobrinha do célebre pintor italiano do século XV Carlo Crivelli. *A ceia secreta* a apresenta como a herdeira de uma estirpe de mulheres iniciadas nos segredos de Maria Madalena.

Crivelli, Lucrezia (1452-1519). Foi a modelo utilizada por Leonardo para *La belle Ferronière* (hoje no Museu do Louvre, Paris). Foi uma das amantes de Ludovico Sforza, a quem deu pelo menos uma filha natural.

De Binasco, sóror Verônica (1445-1497). Beata agostiniana do convento milanês de Santa Marta. Sua vida esteve cercada de visões e êxtases, e seus vaticínios causaram sensação em sua época. Chegou a admoestar o próprio papa Alexandre VI por sua vida licenciosa. E profetizou sua própria morte para a sexta-feira 13 de janeiro de 1497.

Da Vinci, Leonardo (1452-1519). Encarna o ideal de homem do Renascimento. Pintor, escultor, cientista, engenheiro, cozinheiro e músico, legou à posteridade mais de 13 mil páginas de anotações, alguns quadros e um mural completo e enigmático conhecido como *A*

última ceia. Seus contemporâneos já o consideravam um mau cristão, e o papa jamais o chamou para decorar nenhum aposento vaticano. Contudo, até a publicação de *A ceia secreta*, nunca se soube muito bem em que Leonardo realmente acreditava.

De la Voragine, padre Jacobo (1230-1298). Escritor e religioso dominicano, que foi provincial da Lombardia e arcebispo de Gênova. Seu livro *Legenda áurea* (*Legendi dei Sancti Vulgari Storiado*) reúne vidas de santos e apóstolos. Seu texto influenciou pintores de todas as épocas, que recorreram a suas minuciosas descrições para pintar os grandes virtuosos do cristianismo.

Della Mirandola, Pico (1463-1494). É um dos mais fervorosos seguidores de Platão do Renascimento. Seu mestre foi Marsílio Ficino e com ele aprendeu hebraico e se introduziu na Cabala. Embora o papa tivesse proibido a leitura de seus livros, foi absolvido em 1493.

De Medici, Cosme (1389-1464), também conhecido como Cosme, o Velho. Governante de Florença e notável comerciante, foi o grande protetor de sábios e artistas de seu tempo. Após o Concílio de Florença de 1431, que quis unir cristãos do Oriente e Ocidente, fundou a academia platônica, que depois confiaria a um ainda jovem Marsílio Ficino.

De Medici, Lorenzo (1449-1492), também conhecido como Lorenzo, o Magnífico. Neto de Cosme, o Velho, foi outro apaixonado protetor das artes. Manteve Marsílio Ficino à frente da academia e foi mecenas de Michelangelo. Sua obsessão foram os manuscritos antigos, as pedras gravadas e a numismática.

De Portugal, Amadeu (1430-1482). De nome secular João Mendes da Silva, esse franciscano nascido em Ceuta (Espanha) foi irmão de Santa Beatriz de Silva e morreu sob suspeita de heresia. Escreveu *Apocalipsis Nova*, um tratado que inspirou a Leonardo sua célebre *A virgem dos rochedos*. Nesse texto também profetizava a chegada de um papa angelical.

D'este, Beatrice (1475-1497). Duquesa de Milão, filha do duque de

Ferrara e esposa de Ludovico Sforza de Milão. Sua obsessão foi sempre transformar Milão em uma nova Atenas, que devolvesse a humanidade à Idade do Ouro de que falavam os antigos filósofos. Viveu cercada de luxo e moda até sua morte, de parto, em janeiro de 1497. Encarnou o ideal italiano da princesa renascentista.

De Viterbo, mestre Giovanni Annio (1432-1502). Frade dominicano, professor de teologia e especialista em línguas orientais. Foi nomeado, por Alexandre VI, mestre do Santo Palácio e morreu provavelmente envenenado. Autor de vários livros, foi o primeiro "arqueólogo" da história e também um dos grandes falsificadores de seu tempo. Fabricou peças "egípcias" às quais acrescentou inscrições espúrias, para justificar suas teorias. Hoje, é um personagem histórico quase esquecido.

D'Oggiono, Marco (1470-1549). Chegou a ser um dos discípulos prediletos de Leonardo da Vinci, destacando-se por sua perícia em pintar afrescos. Após acompanhar a execução de *A última ceia* em Santa Maria delle Grazie, foi um dos artistas que mais vezes a copiou.

Ficino, Marsílio (1433-1499). Destacado intelectual, doutor, músico e pregador de seu tempo. Traduziu para o latim, pela primeira vez, os textos de Platão e os tratados mágicos egípcios conhecidos como *Corpus hermeticum*. Fundou a academia de Florença, na qual "nasceu" o Renascimento.

Forzetta, Mário. Aprendiz de pintor, nascido, como Beatrice d'Este, em Ferrara. Ao completar 17 anos, foi para Milão trabalhar na oficina de Leonardo. Contudo, acabou comercializando manuscritos antigos a serviço de Oliverio Jacaranda. Foi em sua Ferrara natal que entrou em contato com a heresia cátara.

Giberto, irmão. Sacristão de Santa Maria delle Grazie. Nasceu na fronteira com o Império germânico. Seu cabelo cor de abóbora o fez merecedor de não poucos deboches em sua comunidade.

Jacaranda, Oliverio. Antiquário oriundo de Valência (Espanha), como o papa Alexandre vi. De fato, foi um dos primeiros antiquários que

forneceu peças antigas tanto aos palácios pontifícios quanto à família Sforza. Especialista em textos antigos, é também pai de uma filha, Maria.

Leyre, padre Agustín. Inquisidor romano e membro destacado da Secretaria de Códigos dos Estados Pontifícios. Especialista em criptografia e teólogo. É sua a voz que narra a intriga de *A ceia secreta*. Narra-a já idoso, em seu retiro no Egito, país para onde fugiu após as descobertas que fez em Milão, durante sua missão de espionagem a Leonardo da Vinci, no inverno de 1497.

Luini, Bernardino (1470-1532). Destacado discípulo de Leonardo da Vinci, do qual se conservam obras em vários importantes museus europeus. De biografia obscura, parece que nunca saiu da região da Lombardia italiana.

Pinturicchio (1454-1513). De nome real Bernardino dei Betto, formou-se intelectualmente na academia de Marsílio Ficino. Em 1493, foi chamado a Roma para decorar os aposentos Bórgias, por ordem do papa Alexandre vi. Sob as ordens de Giovanni Annio de Viterbo, Pinturicchio recriou o mito dos deuses egípcios Osíris, Ísis e Ápis, representando pela primeira vez bois sagrados, pirâmides e divindades pagãs no coração do papado.

Platão (428-347 a.C.). Esse pai da filosofia ocidental permaneceu quase no esquecimento até o século xv, quando suas obras foram traduzidas por Marsílio Ficino e impressas pela primeira vez na Itália em 1483. Sabe-se que Platão fundou uma academia para transmitir seu saber, uma instituição que Ficino tentaria copiar dezenove séculos depois, com o apoio da família Medici.

Ponte, Fábio. Secretário pessoal de Giovanni Annio de Viterbo e sobrinho do prior geral dos dominicanos, Gioacchino Torriani.

Savonarola, Girolamo (1452-1498). Este dominicano nascido em Ferrara é um dos personagens mais polêmicos de seu tempo. Pregou contra as riquezas do papado e chegou até a convencer artistas como Botticelli a queimar seus quadros com motivos pagãos. Seus

importantes inimigos acabariam enforcando-o e queimando-o como herege.

Sforza, Ludovico (1452-1508), também conhecido como Ludovico Sforza, o Mouro, por conta de sua pele escura. Duque de Milão, protetor de Leonardo e responsável pelo projeto de *A última ceia* no convento de Santa Maria delle Grazie. Encomendou essa pintura como parte de seu projeto de transformar o convento em seu mausoléu familiar.

Sforza, irmão Mauro. Primo do duque de Milão, entrou no convento de Santa Maria delle Grazie após a morte de seu outro tio, Gian Galeazzo Sforza, em 1494. Trabalhou como coveiro.

Torriani, prior geral Gioacchino (1417-1500). Máxima autoridade da Ordem de São Domingos, foi um homem de grande cultura e um dos primeiros humanistas do Renascimento. Falava cinco idiomas.

Toscanelli, Paolo (1398-1482). Cientista, cartógrafo e geógrafo italiano que inspirou as viagens de Colombo à América. Seus estudos contribuíram para melhorar os conhecimentos astronômicos de sua época, e construiu um gnômon na catedral de Florença descrito em *A ceia secreta*.

Trivulzio, padre Alessandro. Natural de Riccio, foi bibliotecário de Santa Maria delle Grazie. Amante dos manuscritos antigos, reuniu uma importante coleção para seu convento.

[1] Quem teve acesso a esses segredos antes de Cosme, o Velho, foram os construtores de catedrais góticas, que receberam sua informação do Oriente muito antes de ela ser exportada para Florença. Em um romance anterior, *Las puertas templarias*, explico como se deu essa transferência de sabedoria ancestral. (N. do A.)

[2] Em 1208, o papa Inocêncio III ordenou a erradicação da heresia cátara, criando uma força militar para exterminar os heterodoxos do Languedoc francês. Embora se aceite que, em 1244, já houvessem sido exterminados os últimos hereges na região de Montségur, muitos historiadores advertem que famílias inteiras de "homens bons" se refugiaram na Lombardia, perto da atual Milão, onde permaneceram durante muito tempo a salvo da perseguição de Roma e perseverando em sua fé original. (N. do A.)

[3] Do latim: "Conta os olhos, mas não lhe olhes no rosto. / O número de meu nome / acharás em seu flanco. / Contemplar e dar aos outros / o resultado de nossa contemplação. / Verdade". (N. do A.)

[4] Centros de formação dominicanos onde se faziam estudos de teologia, ou os célebres *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e *Quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). (N. do A.)

[5] O amor me causa prazer. (N. do A.)

[6] Zacarias 4,10. (N. do A.)

[7] Apocalipse 5,6. (N. do A.)

[8] Termo coloquial pelo qual se conhece em Milão *A última ceia*. (N. do A.)

[9] Em 1582, nos tempos do papa Gregório XIII, o calendário juliano sofreu um severo ajuste, que deu lugar ao atual calendário gregoriano. (N. do A.)

[10] Pequenos cadernos de anotações. (N. do A.)

[11] Hoje nos *Uffizi* de Florença. (N. do A.)

[12] *A virgem dos rochedos*, hoje no Louvre. (N. do A.)

[13] Existe registro histórico dessa prática de Leonardo. Uma carta de frei Vicenzo Bandello a Ludovico Sforza, o Mouro, escrita na Semana Santa de 1496, diz: "Meu senhor, já se passaram mais de doze meses desde que me enviastes mestre Leonardo para realizar este encargo, e em todo esse tempo não fez uma única marca sobre nossa parede. E nesse tempo, meu senhor, as despensas do priorado sofreram uma grande baixa, e agora estão secas quase por completo, pois o mestre Leonardo insiste em provar todos os vinhos até encontrar o adequado para sua obra-prima; e não aceitará nenhum outro. E durante todo esse tempo, meus frades passam fome, pois o mestre Leonardo dispõe a seu bel prazer de nossas cozinhas dia e noite, confeccionando o que ele afirma serem as comidas que necessita para sua mesa; mas nunca se dá por satisfeito; e depois, duas vezes ao dia, faz que seus discípulos e criados se sentem para comer de todas elas. Meu senhor, eu vos rogo que apresseis mestre Leonardo para que execute sua obra, porque sua

presença e também a de sua quadrilha ameaçam nos deixar na miséria.”. (N. do A.)
[14] “Coruja”. Assim eram chamados os frades que tresnoitavam ou que não pareciam se importar em se levantar nas matinas. (N. do A.)
[15] “Majestade” era o nome original da composição de Leonardo, *A virgem dos rochedos*. (N. do A.)
[16] Todas as medidas do texto do padre Leyre foram traduzidas para o sistema métrico decimal para facilitar a leitura. (N. do E.)
[17] João 13,21. (N. do A.)
[18] Na realidade, essa obra só foi impressa em 1542, quando o parisiense Claudio Celestino decidiu passá-la a letras de fôrma. Antes, circulou em âmbitos muito reduzidos, sempre de forma manuscrita. Uma cópia foi guardada na biblioteca de Santa Maria delle Grazie. (N. do A.)
[19] Canais artificiais que atravessam Milão e que na época do Mouro serviam para o transporte de mercadorias. (N. do E.)
[20] “Lê, lê, relê, reza, trabalha e encontrarás.” (N. do A.)
[21] Luini se refere à célebre “Conspiração dos Pazzi”, que tentou acabar com a vida de Lorenzo, o Magnífico, na catedral de Florença. Lorenzo conseguiu escapar, mas não seu irmão Giuliano, que levou 27 punhaladas. A repressão posterior a esse crime foi uma das mais intensas do século xv. (N. do E.)
[22] Palavra hebraica que significa cova, túmulo, e representa o local de punição para os mortos, o mais distante do céu. (N. da T.)
[23] Trata-se do quadro conhecido como *La belle Ferronière*, atualmente no Louvre. (N. do A.)
[24] Existe, nos Uffizi de Florença, um busto de Platão atribuído ao escultor grego Silanion, que foi — ao que se saiba — o único que retratou o filósofo em vida, por ordem do rei Mitrídates, no século IV a.C. É provável que o busto florentino ao qual se alude nestas linhas seja esse ou uma cópia, visto que, de fato, apresenta uma impressionante semelhança com o apóstolo Simão de *A última ceia*. (N. do A.)
[25] “Espada e mestre da fé, por haver queimado os cátaros como mereciam.” (N. do A.)
[26] Gênesis 14,20; Amós 4,4; I Macabeus 3,49. (N. do A.)
[27] Marcos 14,3-9. Até o século XIX, a Igreja deu por certa a interpretação que identificava Maria de Betânia como Madalena e que, portanto, a fazia parente de Marta e Lázaro, protagonista do episódio da ressurreição que João narra em seu evangelho. (N. do A.)
[28] João 20,28. (N. do A.)
[29] Javier Sierra há anos investiga essa peculiar conexão entre a ressurreição de Jesus e a de Osíris. Parte de seus achados foi exposta em seu romance anterior, *El secreto egipcio de Napoleón*. (N. do E.)
[30] Hoje é o mundialmente célebre *panettone*, que alguns acreditam foi inventado por Leonardo da Vinci na época referida. (N. do E.)
[31] O estudo mais recente e profundo sobre a correspondência entre os signos do zodíaco e as figuras dos doze apóstolos é obra de Nicola Sementovsky-Kurilo. Ele afirma que os discípulos do *Cenacolo* estão distribuídos em quatro grupos de três para representar os quatro elementos da natureza, e atribui a cada um deles um signo zodiacal específico. Assim, a Simão — que está na ponta direita da mesa — corresponde o primeiro signo zodiacal, Áries. A Tadeu, Touro. A Mateus, Gêmeos. O signo de Câncer é para Filipe. Leão, para Tiago, o Maior. Virgem, para Tomé. E a balança de Libra, para João, o que, segundo Sementovsky, tem uma leitura simbólica importante, considerando o jovem João como o elemento equilibrador da futura Igreja. Os

demais signos são Escorpião, para Judas, Sagitário, para Pedro, Capricórnio, para André, Aquário, para Tiago, o Menor; e Peixes, para Bartolomeu. (N. do A.)

[32] A numerologia desse nome é obtida ao se somar os valores numéricos correspondentes às letras do alfabeto latino das quais se compõe. Deve-se levar em conta a peculiaridade de que o alfabeto latino carece de certas letras, como J, U, W ou Z, de modo que a tabela de correspondência fica assim:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	V	X
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21

Dessa forma, Benedetto soma 86, número que, por sua vez, é reduzido somando os dois algarismos: 8 + 6 = 14. E, por sua vez, 1 + 4 = 5. Como se fosse pouco, existe outro 14 (outro 5, portanto) na carta da papisa. Está nas catorze voltas dos quatro nós de seu cinturão. Um número atípico, pois, nesses casos, o lógico teria sido 13, em justa correspondência com as treze feridas que, segundo a tradição, o Salvador recebeu na cruz. (N. do A.)

— Não compreendeis, não é?
— Não — respondi.
— O que frei Benedetto está tentando explicar é que, embora para vós esta cena só pareça uma reprodução maravilhosa da ceia pascoal, talvez não o seja em absoluto. Eu vi trabalhar muitos pintores em encomendas similares, menos ambiciosas, sem dúvida, mas ignoro que diabos Leonardo quer representar em minha casa.
O prior enfatizou o pronome possessivo para demonstrar como estava afetado pelo caso. A seguir, segurando as mangas de meu hábito, prosseguiu em tom sombrio.
— Receamos, irmão, que o pintor do Mouro queira realizar um deboche contra nossa fé e nossa Igreja, e se não encontrarmos a chave para ler sua obra, ela ficará aqui para sempre, como escárnio eterno a nossa estupidez. Por isso precisamos de vossa ajuda, padre Leyre.



Javier Sierra (Teruel, 1971) é o único autor espanhol contemporâneo que conseguiu ter seus romances incluídos na lista dos dez mais vendidos nos Estados Unidos. Suas obras já foram traduzidas para mais de quarenta idiomas. Além de *A ceia secreta*, é autor de *La ruta prohibida*; *En busca de la Edad de Oro*; *Las puertas templarias*; *Roswell: Secreto de Estado*; *La España extraña*; *El secreto egipcio de Napoleón. No Brasil, já foram publicados A dama azul e O anjo perdido*, este último acolhido com enorme entusiasmo pelos leitores.
A ceia secreta foi finalista do Prêmio de Romance Cidade de Torrevieja, e, desde sua publicação, tornou-se um fenômeno editorial sem precedentes, lido hoje em 43 países.

"Javier Sierra possui um talento especial para combinar ciência e ocultismo, enigmas teológicos e conspirações mundanas, decifração de documentos antigos e interpretação de obras de arte. Consegue prender a atenção do leitor até a última página."

Il Messagero

Janeiro de 1497. Durante semanas, uma série de cartas anônimas enviadas à corte do papa Alexandre VI adverte que em Milão o controvertido Leonardo da Vinci está executando uma obra diabólica: um mural da *Última Ceia*, no qual não só pintou os apóstolos sem seu preceptivo halo de santidade, como também o próprio artista se retratou entre eles, dando as costas a Jesus Cristo. Frei Agustín Leyre, inquisidor dominicano especialista na interpretação de mensagens cifradas, é enviado à corte dos Sforza para supervisionar essa pintura e tentar decifrar o segredo que protege a identidade do remetente das cartas. Será que a revelação deste mistério conseguirá mudar nossa forma de ver a pintura do gênio do Renascimento?

“Bateu recordes de venda com *A ceia secreta*, um relato de mistério em torno ao significado do famoso quadro de Leonardo.”

El País

"Para apaixonados por conspirações religiosas e reinterpretações da história da fé."

The Washington Post

"Um relato frenético de intriga e mistério.”

The Times